

Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares

**A SÉRIE TELEVISIVA O SAGRADO E A PRÁTICA DE
PUBLICIDADE INSTITUCIONAL INDIRETA DA REDE
GLOBO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do grau de
Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Adair Bonini

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferretti Soares, Vanessa Arlésia de Souza

A série televisiva O Sagrado e prática de publicidade institucional indireta da Rede Globo : uma análise crítica de gênero / Vanessa Arlésia de Souza Ferretti Soares ; orientador, Adair Bonini - Florianópolis, SC, 2013. 278 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Linguística Aplicada. 3. Análise Crítica de Gêneros. 4. Rede Globo. I. Bonini, Adair. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Vanessa Arlésia de Souza Ferreti Soares

**A SÉRIE TELEVISIVA O SAGRADO E A PRÁTICA DE
PUBLICIDADE INSTITUCIONAL INDIRETA DA REDE
GLOBO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de dezembro de 2013.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Programa Pós-Graduação em Linguística

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adair Bonini
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLg

Prof^ª. Dr^ª. Débora de Carvalho Figueiredo
Universidade Federal de Santa Catarina - PPGI

Prof^ª. Dr^ª. Maria Inêz Probst Lucena
Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLg

Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Hammes Rodrigues
Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLg

À minha mãe Neusa (*in memoriam*),
minha eterna incentivadora.

AGRADECIMENTOS

À mulher que, enquanto estive por aqui, confiou em mim e não mediu esforços para que eu alcançasse esse sonho, minha mãe Neusa;

Ao meu querido Ulisses, que tem sido parceiro e incentivador. Por seu carinho e paciência, reais demonstrações de amor;

Aos professores e amigos da UERJ, que me ensinaram a enxergar o necessário diálogo entre a academia e a vida;

Às amigas com quem tenho tido a alegria de conviver no Mestrado e com as quais as conversas são sempre muito enriquecedoras: Vanessa Lima, Ana Paula Flores, Paula Isaías, Bruna Neves e Tânia Machado;

Ao professor Adair Bonini, pela paciência e cuidado com que tem me orientado nessa pesquisa;

Às professoras Débora Figueiredo, Maria Inez Probst Lucena e Rosângela Hammes Rodrigues pelas contribuições valiosas na banca de defesa.

[...] nós que estudamos a mídia precisamos tornar a mídia inteligível. Não se trata de um projeto fácil, nem confortável. Mas o perseguimos na esperança de que depositando um grão de areia numa ostra a irritação causada por nossa presunção irá, de tempos em tempos se converter em pérola. (Silverstone, 1999, p. 283)

RESUMO

A presente dissertação toma como objeto de análise uma série de interprogramas, intitulada O Sagrado, produzida e exibida pela Rede Globo. Nessa série, a emissora aborda assuntos como liberdade de expressão, violência urbana, liberdade sexual, papel da mulher, entre outros e utiliza falas de quatorze representantes de sete perspectivas religiosas, a saber, Islamismo, Catolicismo, Protestantismo, Espiritismo, Judaísmo, Religiões afro-brasileiras e Budismo. Segundo a empresa, a série tem como objetivo “incentivar a tolerância religiosa no Brasil, bem como dar visibilidade às perspectivas religiosas a respeito de temas polêmicos” (REDE GLOBO, 2011). Faz-se a análise dessa série à luz da Análise Crítica de Gêneros, que é tomada aqui como sendo uma aproximação de postulados bakhtinianos, principalmente o conceito de gêneros discursivos (BAKHTIN, M. [VOLOSHINOV, V. N], 2003[1952/53]) com a perspectiva faircloughiana da Análise Crítica do Discurso (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001[1992]; 2003), principalmente o conceito de prática social, somando a isso, com base em Bonini (2010), o entendimento de que o gênero é realizador de, pelo menos, uma prática social. Como propõe essa perspectiva teórico-metodológica, a análise de gênero se dá “como parte de discussões em torno de um problema social” (BONINI, 2010, p. 490). Nesse caso, ressalta-se a problemática social de a Rede Globo se configurar um monopólio midiático e um instrumento de legitimação de relações de dominação (AGUIAR, 2012; BRITTO; BOLAÑOS, 2005; GUARESCHI, 1987). Assim, tem-se como objetivo geral de pesquisa interpretar o gênero discursivo em que O Sagrado se constitui em relação às práticas sociais das quais ele participa, ou seja, o uso que faz dele a Rede Globo, evidenciando “como” o gênero discursivo participa na elaboração ideológica da emissora. Para tanto, busca-se responder: a) de que rede de práticas sociais institucionais O Sagrado participa; b) em que gênero discursivo nessa rede de práticas sociais O Sagrado se constitui; c) como O Sagrado é organizado no que tange aos seus aspectos de enunciado e d) quais são os discursos a respeito das temáticas sociais que perpassam esse gênero televisivo e como eles são articulados. A pesquisa evidenciou que os elementos enunciativos que compõem o gênero localizam-no numa rede de práticas de publicidade institucional, sendo esse uma propaganda institucional indireta (GRACIOSO, 1995; PINHO, 1990; SAMPAIO, 2003), ou seja, projeto discursivo, conteúdo temático e estrutura composicional apontam para um discurso que constrói uma identidade institucional (marca) ligada a

características valoradas positivamente como inclusão e respeito à diversidade. Ao utilizar-se desse gênero dessa forma, a emissora utiliza o discurso como uma tecnologia, ou seja, há simulações estratégicas com vistas à promoção institucional. Nesse caso, embora a Rede Globo explicitamente discursivamente que os religiosos sejam interlocutores do telespectador, esses são, na verdade, objeto de discurso do enunciado entre a emissora e o telespectador. Além disso, há na estrutura composicional a hibridização de aspectos discursivos dos gêneros entrevista e reportagem que configuram um simulacro da pluralidade de vozes. A análise evidenciou ainda que por meio dessa propaganda institucional indireta, a emissora legitima discursos que mantêm relações de dominação ao sustentar, por exemplo, estereótipos acerca dos povos do Oriente Médio.

Palavras-chave: Análise Crítica de Gênero. O Sagrado. Tecnologia Discursiva

ABSTRACT

This research takes as its scope a series entitled “The Sacred”, produced and showed by Rede Globo, a Brazilian TV channel. In this series, the television network addresses issues such as freedom of expression, urban violence, sexual freedom, the role of women, among others. Rede Globo uses voices of fourteen representatives from seven religious perspectives: Islamism, Catholicism, Protestantism, Spiritualism, Judaism, African - Brazilian Religions and Buddhism. According to the company, the series aims to "encourage religious tolerance in Brazil, as well as profiling the religious perspectives on controversial issues" (REDE GLOBO, 2011). We make the analysis of this series in the light of Critical Analysis of Genres, which is taken here as an approximation of the Bakhtin's postulate, mainly the concept of speech genres (BAKHTIN, M. [VOLOSCHINOV, V. N], 2003[1952/53]) Fairclough's perspective of Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001[1992], 2003), especially the concept of social practice, adding to it, based on Bonini (2010), the understanding that genre performs of, at least, one social practice. How do you propose this theoretical-methodological perspective, genre analysis is realized "as part of discussions around a social problem" (BONINI, 2010, p. 490). In this research, it emphasizes the social problem of being a monopoly Rede Globo and instrument of legitimating of relations of domination (AGUIAR, 2012; BRITTO; BOLAÑOS, 2005; GUARESCHI, 1987). So the general objective of research is interpret the discursive genre that “The Sacred” is constituted in relation to social practices of which he participates, or the use it makes him Rede Globo, showing "how" the discursive genre participates the ideological work of the Rede Globo. It seeks to answer: a) that the network of social practices the institutional “The Sacred” participates, b) in which this speech genre network of social practices “The Sacred” constitutes, c) as “The Sacred” is organized in relation to aspects of enunciation, d) what are the discourses about the social issues that underlie this television genre and how they are articulated. The research showed that the enunciative elements that make up the genre, are located in a network of institutional advertising practices, this is an advertisement institutional indirect (GRACIOSO, 1995; PINHO, 1990; SAMPAIO, 2003), i.e., discursive project, content thematic and compositional structure points to a discourse that constructs an institutional identity (branding) linked to characteristics valued positively as inclusion and respect for

diversity. When Rede Globo uses this kind of genre that way, the network uses the discourse as a technology, i.e., there are strategic simulations aiming at promoting institutional. In this case, although Rede Globo explicit religious discourse that are partners of the viewer, these are actually the object of the discourse utterance between the Rede Globo the viewer. In addition, there is compositional structure in the hybridization of the genres of discursive aspects interview and report that simulate the plurality of voices. The analysis has also shown that by this indirect institutional advertising, the station still legitimates discourses that maintain relations of domination by arguing, for example, stereotypes about the people of the Middle East.

Keywords: Critical Analysis of Genre. O Sagrado. Discursive technology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- DISCURSO E PRÁTICA SOCIAL	29
FIGURA 2- PLANOS DE ANÁLISE DO GÊNERO.....	91
FIGURA 3- REDE DE PRÁTICAS DE PUBLICIDADE INSTITUCIONAL INDIRETA	107
FIGURA 4- PLANOS DE IMAGEM UTILIZADOS EM ENTREVISTA TELEVISIVA.....	150
FIGURA 5- ENTREVISTADO EM CLOSE-UP MÉDIO	151
FIGURA 6 - REPRESENTANTE RELIGIOSA EM CLOSE-UP MÉDIO	166

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- TIPOS DE INTERAÇÃO	57
TABELA 2- GRUPOS DE EPISÓDIOS E PERÍODOS DE EXIBIÇÃO	83
TABELA 3 - DIFERENCIAÇÃO E INCLUSÃO DE MATRIZES RELIGIOSAS.....	84
TABELA 4- GRUPOS DE ASSUNTOS COMUNS.....	85
TABELA 5 - REPRESENTANTES RELIGIOSOS QUE PARTICIPAM DOS EPISÓDIOS ANALISADOS.....	87
TABELA 6- FORMAS DE VEICULAÇÃO DA SÉRIE O SAGRADO NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA REDE GLOBO	138
TABELA 7- TIPOS DE COMERCIAIS INSTITUCIONAIS.....	140
TABELA 8- FRONTEIRAS DO ENUNCIADO INSTITUCIONAL O SAGRADO	142
TABELA 9 - ORGANIZAÇÃO TEXTUAL DE CADA EPISÓDIO DE O SAGRADO	143
TABELA 10 - QUEBRA DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL QUANTO AOS TIPOS DE IMAGENS.....	165
TABELA 11- TIPOS DE IMAGEM VEICULADA DURANTE A FALA DO NARRADOR	170
TABELA 12- TIPO DE IMAGEM VEICULADA POR ASSUNTO ABORDADO	172
TABELA 13- MANCHETES VEICULADAS NOS EPISÓDIOS SOBRE VIOLÊNCIA URBANA.....	183

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	19
2.	ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS	25
	2.1 O CONCEITO DE PRÁTICA SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.....	25
	2.1.1 A abertura para a ação nas práticas sociais e sua relação com problematização proposta pela Análise Crítica de Gêneros.....	30
	2.2 PODER, DISCURSO E IDEOLOGIA	35
	2.2.1 As relações de poder.....	35
	2.2.2 O lugar do discurso nas relações de poder	37
	2.2.3 O investimento ideológico no discurso e a manutenção de relações de poder	38
	2.3 O CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO	41
	2.3.1 Os gêneros do discurso em Fairclough.....	41
	2.3.2 Tendências discursivas na modernidade tardia	44
	2.3.3 Os gêneros do discurso em Bakhtin	46
	2.3.4 Os gêneros discursivos na Análise Crítica de Gênero	51
	2.4 AS RELAÇÕES GENÉRICAS.....	52
	2.4.1 Implicações sociais dos meios de comunicação de massa	55
	2.4.2 A televisão como mídia específica da série televisiva O Sagrado	67
3.	METODOLOGIA	73
	3.1 A PESQUISA QUALITATIVA	73
	3.2 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA	77
	3.3 A DESCRIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	81
	3.4 MÉTODO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	87
4.	A SÉRIE TELEVISIVA O SAGRADO DENTRO DA REDE DE PRÁTICAS INSTITUCIONAIS.....	95
	4.1 OS PROJETOS INSTITUCIONAIS COMO PRÁTICAS PUBLICITÁRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES POSITIVAS SOBRE A INSTITUIÇÃO	96
	4.2 A SÉRIE O SAGRADO COMO PARTE DA CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES POSITIVAS SOBRE A INSTITUIÇÃO	100

4.3 DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS SOCIAIS E GÊNEROS DISCURSIVOS: A PUBLICIDADE EM O SAGRADO.....	103
5. O GÊNERO DISCURSIVO EM QUE O SAGRADO SE CONSTITUI.....	109
5.1 A SÉRIE O SAGRADO	110
5.2 O SAGRADO COMO UM INTERPROGRAMA.....	111
5.3 O SAGRADO COMO PROPAGANDA INSTITUCIONAL INDIRETA	113
6. ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA SÉRIE O SAGRADO ..	119
6.1 O PROJETO DISCURSIVO E O CONTEÚDO TEMÁTICO	119
6.2 A ESTRUTURA COMPOSICIONAL	136
6.2.1 A organização textual de O Sagrado.....	137
6.2.2 A hibridização de gêneros	143
6.2.2.1 A entrevista	144
6.2.2.2 A Reportagem	146
6.2.2.3 A entrevista e a reportagem na construção discursiva de O Sagrado	148
6.3 A ARTICULAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS.....	164
6.3.1 A dimensão não verbal: o representante em foco	165
6.3.2 A dimensão não verbal: o narrador em foco...	169
6.4 A ARTICULAÇÃO ENTRE VERBAL E NÃO VERBAL NA CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO INSTITUCIONAL: A VIOLÊNCIA URBANA	174
6.4.1 Sobre a violência	175
6.4.2 A violência em O Sagrado.....	178
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
8. REFERÊNCIAS.....	205
ANEXO A - PLANOS DE IMAGEM SEGUNDO RABAÇA; BARBOSA (1978, P. 572).....	214
ANEXO B - EXEMPLOS DE TIPOS DE IMAGENS VEICULADAS DURANTE A FALA DO NARRADOR	215
ANEXO C1 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (ISLAMISMO).....	216

ANEXO C2 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (CATOLICISMO).....	219
ANEXO C3 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (PROTESTANTISMO)	223
ANEXO C4 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (ESPIRITISMO)	226
ANEXO C5 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (JUDAÍSMO).....	229
ANEXO C6 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS).....	232
ANEXO C7 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: A VIOLÊNCIA URBANA (BUDISMO)	235
ANEXO D1 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO (EVANGÉLICAS).....	238
ANEXO D2 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO (ESPIRITISMO)	241
ANEXO D3 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO (JUDAÍSMO).....	244
ANEXO D4 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO (RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS).....	247
ANEXO D5 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO (BUDISMO)	250
ANEXO D6 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO (ISLAMISMO)	253

ANEXO D7 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO
(CATOLICISMO).....256

ANEXO E1 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (CATOLICISMO).....259

ANEXO E2 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (PROTESTANTISMO)263

ANEXO E3 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (ESPIRITISMO).....266

ANEXO E4 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (JUDAÍSMO).....269

ANEXO E5 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (RELIGIÕES AFRO-
BRASILEIRAS).....271

ANEXO E6 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (BUDISMO).....274

ANEXO E7 - TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS QUE
COMPÕEM OS DADOS DE ANÁLISE: LUGAR E PAPEL SOCIAL DA
MULHER NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (ISLAMISMO).....277

1. INTRODUÇÃO

As relações entre os meios de comunicação de massa e a sociedade já foram, e ainda são, alvo de diversas pesquisas. Seja com foco na produção ou no consumo dos bens simbólicos, é inegável o fato de que a mídia de massa mantém uma relação estreita com a organização social, seja no âmbito cultural, político ou econômico (BOURDIEU, 1997; THOMPSON, 1998; BRITTOS; BOLAÑO, 2005; SILVESTONE, 2002[1999] GUARESCHI, 1987 entre outros).

Silverstone alerta, por exemplo, que a mídia tem assumido cada dia mais um papel de destaque no processo político-eleitoral, já que “o centro da gravidade política continua a se deslocar da tribuna para o aparelho de TV” (2002[1999], p. 265). Já Guareschi (1987) alerta para o fato de que os meios de comunicação têm sido instrumentos importantes na manutenção da ideologia capitalista, tendo sido, inclusive, ferramenta para a implantação desse sistema na América Latina. Nesse contexto, destaca-se a história da maior empresa televisiva brasileira, de cuja programação faz parte nosso objeto de pesquisa, a Rede Globo.

Como pontuam diversos estudiosos (GUARESCHI, 1987; BRITTOS; BOLAÑOS, 2005; BOLAÑOS, 2005 entre outros), o sucesso da emissora tem se dado substancialmente pela articulação que ela faz entre o exercício do poder simbólico (THOMPSON, 1998), já que é esta uma empresa que produz bens simbólicos, com outros tipos de poder: econômico e político. Como aponta Capparelli (1980 apud GUARESCHI, 1987), a história de sucesso da instituição nasceu e se fortaleceu, por exemplo, com o polêmico e ilegal auxílio financeiro do grupo internacional *Time-Life*¹.

Segundo Guareschi (1978), as relações entre essas empresas se iniciaram na década de 50 e tiveram sua consolidação na década de 60, graças ao auxílio político do governo militar que, com o golpe de 1964 e sua assunção no Brasil, beneficiou a Rede Globo diante das denúncias sobre o caso *Time-Life*. Apesar de a Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI – instaurada para julgar o caso concluir a inconstitucionalidade

¹ Segundo Capparelli (1980 apud GUARESCHI, 1987, p. 46), a entrada do capital estrangeiro na emissora se deu através de manobras para burlar a legislação nacional que proibia tal ação. Assim, a Rede Globo recebeu 5 milhões de dólares do grupo *Time-Life* por vias indiretas, sob o argumento de que o dinheiro destinava-se à assistência técnica e administrativa, implantação de novas técnicas de programação, controle financeiro, etc.

nas relações desses grupos, o então Governo do Presidente Castello Branco, ao invés de anular a concessão, deu prazo para que a situação se “regularizasse”. A partir daí a Rede Globo teve não só auxílio financeiro externo como também apoio político interno. Este último, aliás, em troca de legitimar massivamente, por meio de suas produções, as ações militares (GUARESCHI, 1987).

Nesse sentido, vê-se que as produções simbólicas da mídia, especificamente da Rede Globo, são permeadas pela articulação entre o poder simbólico, político e econômico, que fizeram dessa emissora um monopólio de mercado em troca de trabalhar, por meio das produções simbólicas, para manter relações de dominação, seja militar ou colonialista. Justamente por ser um monopólio, as relações de poder estabelecidas se retroalimentam, ou seja, o exercício de poder simbólico acontece para a manutenção de certo poder econômico e também político e vice-versa, beneficiando a emissora e os grupos com quem ela se articula.

Nesse contexto, destacamos o poder simbólico, entendido por Thompson (1998, p. 24) como sendo “a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas”, já que este tem na linguagem seu aspecto central, ou seja, é através de textos (produções simbólicas) que há a ação, a intervenção na sociedade. Nesse sentido, a apropriação e o controle dessa possibilidade de ação implicam exercício de poder por parte de quem os produz, os controla. É por isso que, como pontuam Aguiar (2012), Fairclough (2003), Silverstone (2002[1999]) entre outros, torna-se uma questão social central problematizar as relações de poder estabelecidas pelos grupos que controlam esses meios, que controlam o processo de mediação, o *modus operandi* do poder simbólico, ou seja, a linguagem, mais especificamente, os gêneros discursivos da mídia televisiva.

É basicamente sobre isso que trata essa pesquisa, ou seja, buscamos criar inteligibilidades, como propõe Moita Lopes (2006), sobre os gêneros discursivos midiáticos, entendidos em sua relação com as práticas institucionais da emissora que os produz, problematizando os possíveis efeitos ideológicos desses gêneros.

Para tanto, selecionamos como dados de análise um programa da Rede Globo intitulado O Sagrado² e assumimos como objetivo geral

² Esse programa começou a ser exibido em meados de 2009 e tem por objetivo, segundo a emissora, “incentivar a tolerância religiosa no Brasil, bem como dar visibilidade as perspectivas religiosas a respeito de temas polêmicos” (REDE

dessa pesquisa **interpretar o gênero discursivo em que O Sagrado se constitui em relação às práticas sociais das quais ele participa, ou seja, o uso que faz dele a Rede Globo.** Para tanto, buscamos responder:

- a) De que rede de práticas sociais institucionais o Sagrado participa?
- b) Em que gênero discursivo dessa rede de práticas sociais O Sagrado se constitui?
- c) Como O Sagrado é organizado no que tange aos seus aspectos de enunciado?
- d) Quais são os discursos a respeito das temáticas sociais que perpassam esse gênero televisivo e como eles são articulados?

No que se refere ao arcabouço teórico-metodológico, essa pesquisa está localizada no que Bathia (2004) tem chamado de terceira fase dos estudos de gênero, em que o contexto social tem um papel fulcral na análise. Nessa fase, tomamos como base dessa pesquisa a Análise Crítica de Gênero (ACG), abordagem que tem sido discutida e defendida por Bathia (2004), Bonini (2010; 2011) e Motha-Roth (2008) e pode ser entendida, em seu ponto inicial, como uma aproximação de duas áreas de estudos: a Análise de Gênero de orientação sociorretórica, tendo como maior representante Swales (1990) e a Análise Crítica do Discurso, como proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001[1992]; 2003).

Mais recentemente, contudo, tem havido uma tendência de aproximação da ACG com os postulados bakhtinianos, o que se evidencia em Bonini (2011, 2012) e Motta-Roth e Macurzo (2010). Na presente pesquisa, em consonância com essa tendência, optamos por restringir a interpretação do gênero ao conceitual bakhtiniano, somando-se a ele as teorizações de Norman Fairclough.

GLOBO, 2011). O Sagrado tem duração de 2 minutos e vai ao ar diariamente, aproximadamente às 5 horas da manhã, tendo flashes de 30 segundos reprisados ao longo dos intervalos comerciais diários (até 18 horas). Basicamente, o programa é constituído de um provérbio, dito por um artista da emissora. Em seguida, há a apresentação de um assunto que é, então, comentado por um religioso. Um episódio por dia é veiculado, ou seja, cada dia há o comentário de apenas um representante religioso. Quando todos os representantes participantes tiverem abordado o assunto em questão, inicia-se outra sequência com um assunto diferente. Segundo documentos da Rede Globo, esse programa faz parte de projetos institucionais intitulados “ações de responsabilidade social” (REDE GLOBO, 2011).

Um dos aspectos centrais dessa aproximação é a abordagem crítica para a análise de gênero discursivo. Assim, a abordagem dos conceitos bakhtinianos de “enunciado” e “gênero” se dá “como parte de discussões em torno de um problema social” (BONINI, 2010, p. 490). No caso da presente pesquisa, tal problema diz respeito ao uso estratégico do discurso pela empresa midiática para manutenção de relações de dominação.

A presente pesquisa se justifica, então, porque, por um lado, cria inteligibilidades sobre as diferentes possibilidades na composição dos gêneros em seu contexto de uso; por outro lado, no aspecto social, contribui para trazer a tona subsídios da pesquisa linguística sobre os mecanismos explorados pela mídia de massa na manutenção de ideologias, de modo que torna possível a desnaturalização desses discursos, mitigando seus efeitos ideológicos.

Afinal, as produções simbólicas estão localizadas dentro de práticas institucionais e implicam a construção de determinada representação de mundo, de objeto discursivo e de sujeito (FAIRCLOUGH, 2003), que, por sua vez, são constitutivas da própria estrutura social (GIDDENS, 1989). Nesse sentido, como adverte Silverstone (2002[1999]), é emergente o fato de que “precisamos saber, todos nós, como a mídia funciona e precisamos saber como ler e compreender o que vemos e ouvimos” (p. 283), já que o processo de mediação, “de dar visibilidade” a determinados fatos sociais como o que propõe o programa alvo dessa pesquisa, implica um movimento de significados e, conseqüentemente, uma constante transformação de significados, o que culmina, então, nos enunciados institucionais, não mais na simples “veiculação” de sentidos “prontos” fora da mídia, já que “toda transposição é também uma transformação. E toda transformação é, ela mesma, uma reivindicação de significado, de sua relevância e de seu valor” (SILVERSTONE, 2002[1999], p. 42).

A partir daqui, a dissertação está dividida da seguinte forma: no capítulo 2, apresentaremos a abordagem teórica que embasa essa pesquisa, a saber, a Análise Crítica de Gênero. Nesse ínterim, abordamos os conceitos de práticas sociais e gênero discursivo, estreitando o foco para a relação entre ambos. Além disso, teceremos considerações a respeito das relações de poder que perpassam as relações sociais, sua relação com o discurso e com a ideologia. Por fim, abordaremos alguns aspectos sobre a mídia, com a qual o gênero se relaciona e pela qual é cerceado. Os autores que embasam a discussão nessa seção são: Bakhtin (1997 [1952/53]; 2006 [1929]); Bonini (2010; 2011; 2012), Chouliarakis; Fairclough (1999), Fairclough (2001[1992];

2003), Foucault (2000[1979]; 1987[1975]); Marschal (2003); Sampaio (2003); Thompson (1995; 1998); entre outros.

No capítulo 3, apresentamos o objeto dessa pesquisa, a saber, a série *O Sagrado*, bem como o caminho percorrido nessa análise. Além disso, descrevemos o método sugerido na *Análise Crítica de Gênero e a base interpretativista* que embasam a pesquisa. Para tanto, utilizamos, além de autores da seção anterior, Chizzotti (2011), Denzin; Lincol (2006), Mason (1998), Moita Lopes (2006), Rajagopalan (2003), Resende; Ramalho, (2011), Rose (2008), Signorini (1998).

Na sequência, no capítulo 4, apresentamos os resultados da pesquisa acerca das redes de práticas sociais das quais *O Sagrado* participa. Nesse sentido, esse capítulo busca responder nossa primeira questão de pesquisa: de que rede de práticas sociais *O Sagrado* participa? Como fontes de pesquisa, utilizamos documentos institucionais (REDE GLOBO, 2005; 2011), bem como literatura da área de comunicação e de gestão, como Pinho (1990), Gracioso (1995), Guedes (2000), Machado Filho (2002) entre outros.

Nossa segunda questão de pesquisa é respondida no capítulo 5. Nesse sentido, damos conta de apresentar em que gênero discursivo dessa rede de práticas sociais *O Sagrado* se constitui. Para tanto, fazemos um apanhado geral das classificações que são dadas a *O Sagrado* no âmbito institucional, por meio dos documentos institucionais, comparando-as a sua organização enunciativa. Basicamente, *O Sagrado* é tratado como uma série televisiva (REDE GLOBO, 2011; RABAÇA; BARBOSA, 1978), um interprograma (REDE GLOBO, 2005; 2011; FANUCCHI, 1996) e, por fim, uma propaganda institucional indireta (SAMPAIO, 2003, PINHO, 1990 etc.).

No capítulo 6, serão respondidas nossas terceira e quarta perguntas: “como *O Sagrado* é organizado no que tange aos seus aspectos de enunciado?” e “quais são os discursos a respeito das temáticas sociais que perpassam esse gênero televisivo e como eles são articulados?”. Para tanto, nas seções 6.1 e 6.2, apresentaremos, a partir dos dados, a análise do objeto discursivo e do conteúdo temático da série, bem como sua organização composicional. Nesse ínterim ressaltam-se os tópicos da hibridização de gêneros e da manipulação das dimensões verbal e não verbal, já que foram esses aspectos que se sobressaíram no decorrer na análise. Já na seção 6.3, analisaremos os discursos que perpassam essa série no que tange ao assunto “violência urbana”. Nesse caso, apresentamos brevemente concepções para o assunto nas ciências sociais e, comparativamente, nos episódios que discutiram o assunto em *O Sagrado*. Por fim, no capítulo 7,

apresentamos nossas considerações finais, sintetizando a análise apresentada e apontando possíveis contribuições, limitações e rumos futuros da presente pesquisa.

2. ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNEROS

Essa seção tem por objetivo apresentar os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa, a saber, a Análise Crítica de Gêneros, que pode ser entendida como uma aproximação entre os quadros teóricos de Bakhtin (2003[1952/53]; 2006 [1929]) e da Análise Crítica de Discurso, como a propõe Fairclough (2001[1992]; 2003). Do primeiro quadro, utilizamos basicamente o conceito de gêneros discursivos como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003[1952/53], p 262). Do segundo, além da perspectiva crítica, tomamos o conceito de prática social como *lócus* no qual os gêneros discursivos operam, juntamente com aspectos não semióticos, para a constituição do mundo social.

Além disso, dada a perspectiva ontológica que embasa a pesquisa, compartilhada também com a Análise Crítica de Discurso, discutiremos os conceitos de poder, discurso e ideologia, intrínsecos às relações estabelecidas nas práticas sociais sobre o que nos debruçaremos, ainda que nosso foco seja o momento discursivo dessas práticas. Tais conceitos serão abordados à luz, respectivamente, de Foucault (1987 [1975]; 2000[1979]), Fairclough (2001[1992]) e Thompson (1998).

Por fim, apresentaremos questões que têm sido desenvolvidas em pesquisas com base na Análise Crítica de Gênero pelo viés proposto por Bonini (2010; 2011; 2012), segundo quem a análise de gênero pode dar-se a partir de outros aspectos que o circunscrevem. Tratar-se-á, então, das relações entre o gênero e o hipergênero, o sistema de gêneros, a mídia e a comunidade discursiva. Nesse momento, dado o escopo da presente pesquisa, a abordagem focalizará a relação do gênero com a mídia, estreitando ainda a explanação para a televisão como mídia específica da série O Sagrado.

2.1 O conceito de prática social: contribuições da Análise Crítica do Discurso

O quadro teórico proposto por Norman Fairclough (e outros autores) tem como escopo estudar a linguagem como prática social (RESENDE; RAMALHO, 2011). Em outras palavras, essa abordagem não restringe a análise da linguagem a uma concepção imanente que focalize apenas os aspectos fonológicos, sintáticos ou semânticos. Na concepção da Análise Crítica de Discurso, como é conhecido o quadro teórico em questão, a linguagem é parte irredutível da vida social,

mantendo com esta uma relação dialética, na qual “questões sociais são, em parte, questões discursivas” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, vii).

Ontologicamente, esse quadro teórico é baseado no *Realismo Crítico*, que concebe “o mundo como um sistema aberto, em constante mudança e constituído por diferentes domínios e diferentes estratos” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 32). Segundo Resende e Ramalho (2011), tal perspectiva pressupõe a existência de três domínios da realidade: *potencial, realizado e empírico*. O primeiro corresponde ao que existia, seja natural ou social, independentemente de ser um objeto empírico para nós e de termos uma compreensão adequada de sua natureza. O segundo refere-se ao que acontece se e quando os poderes causais das estruturas, do que é potencial, são ativados. O terceiro refere-se às experiências particulares de eventos específicos.

Para o *Realismo Crítico*, há diferentes estratos no mundo – o biológico, o social, o físico, o químico etc. Segundo tal pressuposto há uma relação de interdependência interna causal entre esses estratos e domínios. Em outros termos, a operação de qualquer mecanismo gerativo dos diferentes estratos implica sempre na operação simultânea dos outros, sendo que não são redutíveis a um e sempre dependem de outros (RESENDE; RAMALHO, 2011).

Na abordagem da linguagem como prática social, Fairclough (2003) retoma esse postulado concebendo a linguagem, ou melhor, o sistema semiótico, como pertencente ao domínio das estruturas – do potencial – ao passo que concebe os textos como material concreto de cada evento discursivo, relacionado ao domínio empírico. O autor entende, no entanto, que a análise do social deve focar-se num nível intermediário, qual seja, o nível das práticas sociais que constituem as ordens de discurso, uma vez que isso possibilita dar conta tanto do que há de fixo – estruturas, quanto de peculiar – eventos da vida social. Afirma Fairclough (2003):

A linguagem pode ser considerada uma das estruturas sociais a que acabo de me referir. A linguagem define um certo potencial, certas possibilidades, e exclui outras - determinadas maneiras de combinar elementos linguísticos são possíveis, outras não (por exemplo, ‘o livro’ é possível em Inglês, ‘livro o’ não é). Mas textos como elementos de eventos sociais não são simplesmente efeitos de potenciais definidos pela língua. Precisamos reconhecer entidades orgânicas

intermediárias de tipo especificamente linguístico, a rede de elementos linguísticos das práticas sociais. Chamarei essas de ordens de discurso (ver Chouliaraki; Fairclough, 1999, Fairclough, 1992). Uma ordem do discurso é uma rede de práticas sociais em seu aspecto linguístico. Os elementos de ordens de discurso não são coisas como substantivos e frases (elementos de estruturas linguísticas), mas discursos, gêneros e estilos³ (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24).

Assim, como afirma o autor, o escopo da análise crítica não são as estruturas abstratas e nem os eventos singulares, mas as redes de práticas sociais que constituem diferentes ordens de discurso e que são constituídas de gêneros, discursos e estilos, em que gêneros dizem respeito às maneiras de agir e interagir; discursos, às maneiras de representar e estilos, às maneiras de ser (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26). Para Fairclough (2003), “práticas sociais podem ser vistas como articulações de diferentes tipos de elementos sociais, que estão associados a determinadas áreas da vida social”⁴ (p. 25). Na concepção de Chouliaraki e Fairclough (1999), práticas sociais são, especificamente,

[...] maneiras habituais, vinculadas a tempos e espaços particulares, nas quais pessoas aplicam recursos – materiais e simbólicos – para agirem

³ No original: “Language can be regarded as amongst the social structures to which I have just been referring. A language defines a certain potential, certain possibilities, and excludes others – certain ways of combining linguistic elements are possible, others are not (e. g. ‘the book’ is possible in English, ‘book the’ is not). But texts as elements of social events are not simply the effects of the potentials defined by languages. We need to recognize intermediate organizational entities of specifically linguistic sort, the linguistic elements network of social practices. I shall call these orders of discourse (see Chouliaraki and Fairclough, 1999, Fairclough, 1992). An order of discourse is a network of social practices in its languages aspect. The elements of orders of discourse are not things like nouns and sentences (elements of linguistic structures), but discourses, genres and styles” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24).

⁴ No original: “social practices can be seen as articulations of different types of social element which are associated with particular areas of social life” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25).

juntas no mundo. Práticas são constituídas ao longo da vida social - nos domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana⁵ (CHOULIARAKI; FAIRCROUGH, 1999, p. 21).

Assim, prática social, na perspectiva faircloughiana é constituída tanto de *discurso/semiose*, quanto de *atividade material, fenômeno mental e relações sociais* (CHOULIARAKI; FAIRCROUGH, 1999). Fairclough ressalta o fato de a prática social não se limitar a discursos, mas “articular discurso (como linguagem) com outros elementos sociais não-discursivos” (FAIRCROUGH, 2003, p. 25).

Ao explicar tal questão, Fairclough (2003), por exemplo, admite que haja práticas em que a linguagem tenha um papel central, como é o caso dos programas midiáticos, mas há também outras em que a linguagem tem um papel periférico. O autor (2003, p. 21) dá o exemplo do jogo de futebol, em que se usa a linguagem quando um jogador pede a bola. Essa é uma prática social particular em que o discurso é um elemento relativamente marginal. Diferentemente do que ocorre em uma palestra, em que o discurso é elemento central, apesar de que também não é o único constituinte dessa prática.

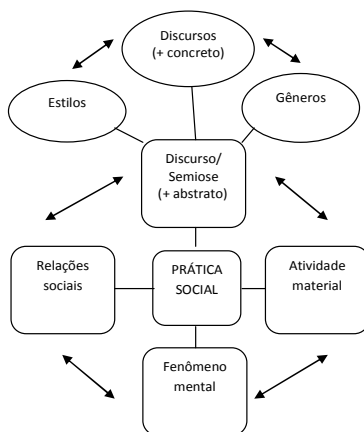
As fronteiras entre o que é prática material e o que é discurso são bastante tênues, haja vista a possibilidade de considerar a existência de uma “linguagem corporal”, para retomar o exemplo do jogo de futebol. No entanto, compartilhamos do pressuposto de Fairclough (2003) no sentido de que o discurso não é o elemento redutível dos outros elementos das práticas sociais. Em outras palavras, a fala e a escrita não são o único meio pelo qual as pessoas agem e interagem. Na verdade, nas práticas sociais estão envolvidos elementos diversos que existem numa relação dialética.

Tal concepção vai ao encontro, justamente, do pressuposto de interdependência entre os elementos da vida como propõe o *Realismo Crítico*. Nesse caso há uma relação dialética, de interdependência entre os momentos das práticas e também entre seus elementos constituintes

⁵ No original: “By practices we mean habitualised ways, tied to particular times and places, in which people apply resources (maternal or symbolic) to act together in the world Practices are constituted throughout social life – in the specialised domains of the economy and politics, for instance, but also in the domain of culture, including every life” (CHOULIARAKI; FAIRCROUGH, 1999, p. 21)

(gêneros, discursos e estilos, no caso no momento discursivo). A figura abaixo, adaptada de Resende e Ramalho (2011), ilustra a articulação entre esses diferentes momentos da prática social, os diferentes elementos que constituem o momento discursivo e a relação entre eles.

Figura 1- Discurso e prática social



Fonte: adaptado de Resende e Ramalho (2011)

Ao assumir essa concepção de práticas sociais, os autores localizam o gênero discursivo no interior dessas práticas, como um dos elementos que a constituem. Na visão faircloughiana, então, o gênero aparece como um elemento dentro do momento discursivo, ou seja, num status abaixo do que Fairclough chama de discurso/semiose.

É importante nesse momento esclarecer que na Análise Crítica do Discurso existem pelo menos duas concepções para o termo *discurso*. Segundo Resende e Ramalho (2011), uma concepção, num sentido mais abstrato, diz respeito ao discurso como linguagem e outros tipos de semiose. Nesse sentido é que discurso é um momento irredutível da vida social articulado aos outros momentos. Uma segunda aceção para o termo, num sentido mais específico, se refere a discurso como sendo modos particulares de representar partes do mundo, de modo que é possível falar em discursos (no plural), ou seja, discurso religioso, científico, feminista etc. Resende e Ramalho (2011) explicam que é a essa segunda aceção que se relaciona à ideia foucaultiana de *ordens de*

discurso. Ou seja, determinados campos de atividade social articulam determinados gêneros, estilos e também discursos.

A abordagem de prática social proposta por Fairclough e Chouliaraki (1999) toma então o discurso (na primeira acepção, como expliquei anteriormente) como parte da prática em igual patamar às outras mencionadas pelos autores (*atividade material, fenômeno mental, relações sociais*). A não centralização da linguagem e, sim, da prática social na Análise Crítica de Discurso e de Gênero é abordada em Resende e Ramalho (2006):

Chouliaraki e Fairclough explicam que embora um foco central na linguagem e no semiótico seja uma inclinação normal em linguística, essa seria uma centralização problemática para uma teoria que visa a ser dialética, daí a importância de se enquadrar a Análise do Discurso [e de Gênero] na análise de práticas sociais concebidas em sua articulação. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 30)

Nesse sentido, não entendemos que a linguagem seja o elemento aos quais os outros se reduzem. Apesar disso, o aspecto semiótico ganha destaque quando percebemos que é principalmente por meio da linguagem que o homem significa o mundo, a si mesmo e o outro. Assim, mesmo que o momento discursivo não seja central em algumas práticas, o sentido que essas práticas adquirem obrigatoriamente passa pela linguagem quando a respeito delas falamos e pensamos. Como bem disse Fairclough (2003, p. 08), “textos têm efeitos sociais (...), podem começar guerras ou contribuir para mudanças na educação ou para mudanças nas relações industriais e muitas outras”. É a partir da interpretação ou simples recursão de textos (orais, escritos, visuais, etc.) que agimos, ainda que nessa ação estejam envolvidos outros aspectos como pontuamos anteriormente, e que obviamente concordamos que devem ser considerados na análise.

Outro aspecto importante desse foco nas práticas sociais e dessa concepção para o conceito é a possibilidade de ação que reverbera em mudanças sociais. É sobre isso que nos ateremos na seção seguinte.

2.1.1 A abertura para a ação nas práticas sociais e sua relação com problematização proposta pela Análise Crítica de Gêneros

O foco nas práticas sociais é um ponto-chave em análises que visem à mudança social e este é também um objetivo da Análise Crítica de Gênero, como afirma Bonini (2010):

A análise crítica de gêneros compartilha da concepção de Fairclough (2003), mas também de Blyler (2004), de que a análise de linguagem pode (e deve) ocorrer como um ato social, como uma forma de participar da discussão e da resolução dos problemas sociais. (BONINI, 2010, p. 491)

A base teórica para isso é o entendimento de que estrutura social e discurso mantêm uma relação dialética. Tal perspectiva é compreendida a partir da Teoria da Estruturação do sociólogo Giddens (1989) e da perspectiva do *Realismo Crítico*, como apresentada anteriormente⁶. Segundo essas abordagens há uma dualidade da estrutura social que a torna o *meio* e o *resultado* de práticas sociais. Como explicam Resende e Ramalho,

Ações localizadas são responsáveis pela produção e reprodução ou transformação da organização social. Por isso, mantém-se a possibilidade tanto de intervir em maneiras cristalizadas de ação e interação quanto de reproduzi-las. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 41)

Assim, se por um lado, as estruturas influenciam os eventos sociais, estes também as constituem e o ponto de ligação entre ambos são as práticas sociais. Nesse sentido, a estrutura é *relativamente* estável, uma vez que é dialeticamente determinada pelos eventos sociais. Tal entendimento sobre a constituição social – de forças de manutenção e mudança – estão presentes também, de certa forma, na teoria bakhtiniana de gêneros como veremos mais adiante. Para Bakhtin (2003 [1952/53]), os gêneros são *tipos relativamente estáveis de*

⁶ Segundo Resende (2009) o que diferencia a Teoria de Giddens do Realismo Crítico é que enquanto a primeira aborda a dualidade da estrutura sob um ponto de vista sincrônico, a segunda pressupõe a assimetria histórica entre estrutura e ação, ou seja, o fato de as estruturas serem sempre prévias. Em outras palavras, embora na agência seja potencialmente possível transformar estruturas (e não apenas reproduzi-las), as estruturas com as quais um ator social lida hoje foram conformadas em ações anteriores de atores sociais que o antecederam.

enunciados, ou seja, se eles repetem o que historicamente se entende por um determinado gênero, cada evento discursivo, ou enunciado, é sempre novo e propenso à mudança, podemos dizer, dado o caráter sempre inédito dos eventos ou ações sociais.

Nesse sentido, há sempre forças centrípetas – de manutenção – e centrífugas – de mudança em cada enunciado/evento discursivo, em cada gênero, que constitui uma prática social. Apesar de a teoria bakhtiniana estar centrada no dialogismo e nos gêneros, não necessariamente nas práticas sociais, tal perspectiva serve de paralelo para entendermos a possibilidade de mudança social suscitada pela dialética da estrutura como colocada por Giddens (1989). Afinal, se um gênero é aberto à mudança, sendo ele constituidor de uma prática social; a estrutura social também está aberta a mudanças, já que se constitui de práticas sociais.

Esse caráter relativo da permanência no que se refere às práticas sociais pode ser entendido no contraste entre estrutura social, prática social e eventos como colocamos na seção anterior, segundo o que as práticas são a ligação entre eventos e estruturas, portanto, ponto fulcral na análise. Nas palavras de Chouliaraki e Fairclough (1999),

A dimensão institucional da prática é importante para a ciência social crítica, porque as instituições têm uma lógica interna que não pode ser reduzida nem a estruturas abstratas nem a grupos de eventos⁷ (CHOULIARAKI; FAIRCOUGH, 1999, p.22)

A articulação dessas práticas sociais – dentro dos seus diferentes momentos como vimos anteriormente – ganha destaque porque é ela que constitui o lugar da criatividade discursiva, ou seja, da possibilidade de transformação. Nesse sentido “a luta articulatória é uma faceta da luta hegemônica” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p 40). Afirma Fairclough (2001[1992]):

O que se aplica aos limites entre as posições de sujeito e as convenções discursivas associadas geralmente se aplica aos elementos das ordens de

⁷ No original: “The institutional dimension of practices is important in critical social science because institutions have internal logics that can be reduced neither to abstract structures nor to clusters of events CHOULIARAKI; FAIRCOUGH, 1999, p.22).

discurso. Aplica-se também aos limites entre distintas ordens de discurso. A escola e a sua ordem de discurso podem ser consideradas em relação complementar e não sobrepostas a domínios adjacentes, como o lar ou a vizinhança, ou, por outro lado, contradições percebidas entre tais domínios podem virar plataforma de lutas para redefinir seus limites e suas relações; lutas, por exemplo, para estender as propriedades da relação pai/mãe-filho(a) e suas convenções discursivas a relação professor(a)-aluno(a) ou vice-versa, ou estender as relações e as práticas entre amigos na vizinhança e na rua a escola. (FAIRCLOUGH, 2001[1992], p. 97)

Os elementos das ordens de discurso, ou seja, da “totalidade de práticas discursivas dentro de uma instituição ou sociedade” (FAIRCLOUGH, 2001[1992], p. 67), aos quais o autor se refere podem ser muito variáveis. Desde a compreensão convencional de um código até diferentes padrões fonológicos, vocabulário, padrões gramaticais, regras de tomada de turno etc. Ainda, sob a ótica da Análise Crítica de Gênero, como propõe Bonini (2011), tais elementos podem se referir às diferentes configurações no que tange às relações genéricas. Desse modo, é possível pensar que mudanças de articulação num momento implicarão mudanças nos outros e, por conseguinte, nas práticas nas quais tais momentos se constituem.

As relações de luta por um ou outro modo de usar a linguagem que têm sido abordadas aqui são entendidas a partir do conceito de hegemonia elaborado por Gramsci. Fairclough (2001[1992]) retoma esse conceito ao elaborar sua Teoria Social do Discurso e explica que “hegemonia é a liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (p. 122).

O autor pontua que hegemonia não se limita à dominação de classes subalternas, mas à construção de alianças e integração por meio de concessões e meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Nesse sentido, ela é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação, seja nas formas de economia, política ou ideologia.

Hegemonia relaciona-se com a relação dialética entre estruturas e eventos sociais mediados pelas práticas que foi apresentada anteriormente. É justamente no nível das práticas sociais (foco da

ACG), ou das ordens de discurso, que essa dominação se encontra em equilíbrio instável. Tal instabilidade marca, então, o lugar de luta e é nesse sentido que cabe salientar que a luta articulatória é também parte da luta hegemônica. Como explica Fairclough (2001[1992]),

Pode-se considerar uma ordem de discurso como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia e a articulação e a rearticulação de ordens de discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica. Além disso, a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (por exemplo, mediante a maneira como os textos e as convenções prévias são articulados na produção textual), mas também das relações sociais e assimétricas existentes (FAIRCLOUGH, 2001[1992], p. 123)

Considerando o gênero como um nível da articulação entre os diversos momentos envolvidos nas práticas sociais, uma análise crítica pressupõe a problematização dessa constituição genérica e, conseqüentemente, das práticas sociais. É claro que essa relação é mais complexa do que se coloca aqui, mas é possível lançar um olhar crítico que problematize a ordem dos gêneros e das práticas. Como bem colocou Fairclough (2001[1992]), a luta por determinada articulação é também por determinada ordem das coisas.

Exemplos claros disso são as análises empreendidas por Bonini (2010) e Ramalho (2010a; 2010b). O primeiro analisou o concurso público para professor universitário e lançou luz sobre como determinada articulação genérica implica a construção de uma identidade docente subalterna. A segunda analisou os processos de *tecnologização*⁸ do discurso na efetivação do gênero propaganda de

⁸ Sobre o conceito de *tecnologização*, afirma Fairclough: “As tecnologias discursivas envolvem simulação: em particular, a simulação para propósitos estratégicos e instrumentais de significados interpessoais e práticas discursivas. Isso se harmoniza com meus comentários anteriores sobre a democratização discursiva: a simulação de simetria de poder e a informalidade são técnicas

medicamento e de como a articulação é empreendida para sustentar o sistema capitalista fundado no consumismo. A concepção de tecnologia discursiva pode ser entendida à luz da abordagem foucaultiana a respeito de discurso e poder, segundo a qual técnicas discursivas são utilizadas na manutenção de relações de poder.

2.2 Poder, Discurso e Ideologia

Nessa seção, discutiremos a relação entre poder, discurso e ideologia. Para tanto, recorreremos, principalmente, aos postulados de Foucault 2000[1979], Fairclough (1992[2001]) e Thompson (1995). Com base nesses autores, será possível perceber que as relações de poder atravessam todas as relações sociais, que o discurso é um elemento central para a manutenção e mudança dessas relações e que a ideologia encontra na linguagem o lugar de sua operação, estando a serviço do exercício do poder como dominação, foco da problematização proposta pela análise crítica de gênero.

2.2.1 As relações de poder

O poder pode ser entendido a partir de duas perspectivas que, a nosso ver, estão relacionadas e que se complementam: a) poder como parte intrínseca das relações sociais e b) poder como dominação. Tanto numa quanto na outra, o poder não é entendido como algo que se possui, que se adquire, algo que seja imanente às relações sociais, ou seja, “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas e em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 2000[1979], p X).

Essa primeira perspectiva, de poder como constitutivo das relações sociais, toma como base os estudos de Michel Foucault, para quem “o poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas” (1981, p. 86 apud FAIRCLOUGH, 2001[1992] p.75), sendo, nesse sentido, inescapável a participação nessas relações de poder como o é a participação nas relações sociais.

largamente usadas por parte dos detentores de poder institucional” (2001[1992], p. 265).

Com base nessa perspectiva, Foucault (2000 [1979]) considera que o poder sempre pressupõe luta, já que existe nas relações que envolvem a todos – dominados e dominadores. Sobre isso, na Introdução da obra *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 2000 [1979], p. XIV), Machado ressalta que:

Foucault rejeita, portanto, uma concepção de poder inspirada pelo modelo econômico, que o considera como uma mercadoria. E se um modelo pode ser elucidativo de sua realidade é na guerra que ele pode ser encontrado. Ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa.

Assim, mesmo que o poder seja concebido como dominação (a segunda perspectiva), a parte dominada é parte intrínseca desse exercício, já que esta não está destituída de poder (pois o poder não se possui), mas participa do poder em certa posição diferente da parte que a domina. Além disso, Foucault menciona a existência de micro-poderes, que podem não estar ligados às relações do poder exercido pelo Estado, por exemplo, que é entendido como dominação. Esses micro-poderes localizam-se também por toda a estrutura social, constituindo-se em pontos de instabilidades para as relações de poder maiores (Estado).

Assim, se o poder pressupõe relações tão complexas, se mesmo uma parte dominada é ainda parte desse mesmo poder que a domina, e se há relações de poder que escapam ao Estado em forma de micro-poderes por toda a estrutura social, a dominação que existe por meio de seu exercício não é algo fixado, estabelecido, estável, senão temporariamente. Nesse sentido, como propõe Fairclough (2001[1992]), a concepção de poder como hegemonia, mencionada na seção anterior, de Gramsci, contribui para a compreensão tanto do poder como inerente às relações sociais, quanto como dominação (temporária).

Como vimos, a hegemonia se refere à “liderança tanto quanto à dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (FAIRCLOUGH, 2001[1992], p 122). Essa visão de que o poder é dominação está presente em grande parte dos trabalhos de Foucault, na sua abordagem dos mecanismos de exercício de poder pelo Estado, ou seja, a dominação do Estado sobre os corpos, por meio dos suplícios e, mais tarde, das instituições carcerárias, por exemplo,

(FOUCAULT, 1987[1975]). O desvelamento de seus mecanismos, dentre os quais está o discursivo, contribuíram sobremaneira nos estudos de Foucault sobre as relações de poder.

Essa necessidade de desvelamento dos mecanismos do poder como parte da problematização e mudança de relações hegemônicas é enfatizada por Fairclough (2001[1992]), com base em Foucault (1981), pois “o sucesso [do exercício de poder] é proporcional a sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos” (1981 apud FAIRCLOUGH, 2001[1992], p 75).

Assim, há possibilidade de mover-se nessas relações de poder, mas também de reconfigurá-las e isso é possível a partir da própria natureza plástica dessas relações e do desvelamento dos mecanismos que as mantenham como sendo relações hegemônicas. Nesse ponto é que o discurso tem um papel central, como o que foi ressaltado por Foucault (1987[1975]) na abordagem das disciplinas sociais, que criaram discursos, produziram saberes e constituíram-se em tecnologias para o exercício de poder.

2.2.2 O lugar do discurso nas relações de poder

Ao tomar como escopo de sua análise arqueológica e genealógica as disciplinas sociais, Foucault (2000[1979]; 1987[1975]) traz à tona questões importantes sobre a relação entre linguagem/conhecimento e poder. Uma delas é o entendimento de que as disciplinas criam discursos que são a base técnica para o exercício de poder. Por outro lado, essas mesmas disciplinas são criadas no discurso, ou seja, é no discurso que se criam os objetos sobre os quais se fala. Assim, se há exercício do poder por meio do conhecimento originário dessas disciplinas, esse conhecimento é construído por meio de linguagem, por meio de discursos (como representação de mundo) específicos que constituem os objetos de conhecimento. Nesse sentido, a análise do discurso, como o que está na base das relações de poder, de produção de conhecimento, adquire lugar de destaque na análise genealógica das disciplinas em Foucault (FAIRCLOUGH, 2001[1992]).

O discurso, nessa perspectiva, é entendido como constitutivo dos sujeitos, dos objetos e do próprio conhecimento sobre o qual fala. Essa tem sido uma perspectiva central para a concepção de linguagem nos estudos posteriores à Virada Discursiva⁹, por exemplo, dentro do que a

⁹ O processo da virada discursiva ocorrido por volta dos anos 70 e 80 pode ser considerado um grande divisor de águas, tanto para os estudos da linguística

Análise Crítica de Discurso e a Análise Crítica de Gênero se encaixam. Esse postulado é, ainda, o que embasa o quadro analítico proposto por Fairclough, segundo o qual a linguagem tem um caráter constitutivo na formação de discursos (regimes de verdades, visões de mundo) e estilos (identidades dos sujeitos), por exemplo. É nesse sentido que a linguagem como parte da constituição de discurso (como representação de mundo) tem lugar importante nas relações de poder.

Ao dizer que o discurso constitui os objetos, por exemplo, quer-se dizer que os objetos do discurso não são tomados *a priori*, como se existissem independentemente do discurso, como se fossem simplesmente referenciados. Ao contrário disso, os objetos são constituídos no discurso (FAIRCLOUGH, 2001[1992]). Ao analisarmos como as religiões são tomadas como objeto de discurso, por exemplo, no interprograma O Sagrado, analisamos a constituição que delas faz a emissora. Assim, a análise do discurso é parte da análise das relações de poder, pois é técnica para seu exercício.

Nesse contexto se destaca outra questão importante sobre a organização das relações de poder, ou seja, o fato de os discursos poderem ser investidos ideologicamente, de poderem estabelecer relações hegemônicas. Em outras palavras, se o conhecimento é constituído pela linguagem, nos discursos das disciplinas, por exemplo, e é técnica para o exercício de poder (FOUCAULT, 1987 [1975]), a forma com que se dá essa constituição pode estabelecer o exercício de poder como dominação.

2.2.3 O investimento ideológico no discurso e a manutenção de relações de poder

O conceito de ideologia se relaciona com a concepção de discurso como uma forma específica de representar o mundo (e de constituir os

como para diversas outras ciências sociais como a antropologia, a psicologia, entre outras. Segundo Gracia (2004, p. 19), a virada discursiva “teve efeitos e implicações que vão bem mais além do simples aumento da ênfase dada à importância da linguagem. Ela contribuiu para que fossem esboçados novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, seja ele o do sentido comum ou científico, para permitir que surgissem novos significados para aquilo que se costuma entender pelo termo ‘realidade’ tanto ‘social’ ou ‘cultural’ quanto ‘natural’ ou ‘física’ – e a desenhar novas modalidades de investigação proporcionando outro contexto teórico e outros enfoques metodológicos. Porém mais do que tudo, [a virada discursiva] modificou a própria concepção da natureza da linguagem”.

objetos do conhecimento, o próprio conhecimento, os sujeitos sobre o que fala e, portanto, o mundo social). Segundo Fairclough (2003), um discurso é entendido como ideológico sempre que serve para manter relações de poder hegemônicas, ou melhor, relações de exploração. Em outras palavras, a ideologia está, então, relacionada aos mecanismos de distribuição desigual de poder, tendo, assim, um sentido negativo. Essa concepção, defendida por Thompson (1995), Fairclough (2003), Resende e Ramalho (2006), Ramalho, (2010b), entre outros, é a que assumimos nessa pesquisa e pode ser resumida nas palavras de Ramalho:

Ao contrário de concepções neutras, que caracterizam fenômenos ideológicos sem considerá-los como necessariamente enganadores e ilusórios, ou ligados a interesses de algum grupo em particular, nesta concepção ideologia é, por natureza, hegemônica e, como tal, inerentemente negativa. Sentidos ideológicos servem necessariamente ao consenso, à universalização de interesses particulares projetados para estabelecer e sustentar relações de dominação (RAMALHO, 2010b, p. 58)

Fairclough ainda ressalta o fato de que a ideologia trabalha mais eficazmente quando não é percebida, o que converge com a concepção de Foucault sobre o gerenciamento do exercício de poder, ou seja, quanto maior a habilidade esconder seus próprios mecanismo, maior será o sucesso de seu exercício (FOUCAULT, 1981 apud FAIRCLOUGH, 2001[1992]), dentre tais mecanismos, estão os linguísticos, discursivos. Nesse sentido, entendemos que o desvelamento desses mecanismos discursivos contribuirá, em última medida, para uma reconfiguração mais equânime das relações de poder, já que a ideologia perde poder de operação ao ser desvelada.

Thompson (1995) apresenta alguns mecanismos por meio dos quais a ideologia opera através da semiose, sendo que, dentre os quais o autor elenca cinco principais: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação (THOMPSON, 1995).

A legitimação é o mecanismo pelo qual as relações de dominação são apresentadas como legítimas, isto é, justas e dignas de apoio. A ação de legitimação pode basear-se em três estratégias simbólicas: a racionalização, que utiliza fundamentos racionais; a universalização, que são representações parciais entendidas como servindo a interesses

gerais; por fim, a narrativização, mediante a qual, através de referências à história, ao passado, busca-se a legitimação do presente.

O segundo mecanismo de operação da ideologia de que fala Thompson (1995) é a dissimulação. Através dela ofusca-se e nega-se as relações de dominação através de deslocamento, eufemização e tropo. O primeiro acontece quando há recontextualização de termos de um campo a outro, deslocando também conotações positivas ou negativas. O segundo ocorre quando ações, instituições ou relações sociais são representadas de modo que desperte uma valorização positiva, apagando os pontos negativos. O terceiro refere-se ao uso figurativo da linguagem, que pode voltar-se aos interesses de apagamento de relações conflituosas.

O terceiro mecanismo de que fala o autor é a unificação, ou seja, quando relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela construção simbólica da unidade. Isso se dá através da padronização de referenciais e da construção de símbolos de identificação coletiva.

A fragmentação é o quarto mecanismo citado pelo autor. Nesse ocorre a segmentação de indivíduos e grupos que, se unidos, poderiam se constituir num obstáculo à manutenção do poder. A fragmentação pode ocorrer através da diferenciação, ou seja, da ênfase nas características que desunem e não permitem a construção de um grupo coeso e do expurgo, isto é, quando se representa o grupo que se entende como um obstáculo para manter relações hegemônicas como sendo um inimigo a ser vencido.

Por último, o mecanismo da reificação diz respeito à ação de representar algo que é transitório como se fosse permanente, ocultando seu caráter sócio-histórico. A reificação pode ocorrer através da naturalização, eternalização, nominalização e passivação. A primeira diz respeito a tratar criações humanas como naturais, independentes da ação do sujeito. A segunda ocorre ao se tratar fenômenos históricos como permanentes. A terceira e a quarta possibilitam apagar os agentes humanos, atores sociais, representando os processos como entidades independentes.

Tais mecanismos, por sua vez, são textualizados a partir de escolhas linguísticas específicas. Nesse sentido, a análise de texto contribui para o entendimento de como, em cada evento social, a ideologia opera linguisticamente. Conforme pontua Fairclough (2003), os sujeitos fazem escolhas linguísticas, ainda que limitados pela gramática da língua, há dentro desse limite certa liberdade de escolha, e é nesse lugar que opera a criatividade do sujeito para a construção

ideológica (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22), e é a contestação dessa construção discursiva, por meio do desvelamento de seus mecanismos, que se configura parte da luta nas relações de poder.

2.3 O conceito de gênero discursivo

Na seção anterior focalizamos, basicamente, a relação entre discurso (semiose), ideologia e relações de poder. Entendendo que o discurso, como parte constituinte da prática social, é, segundo Fairclough (2003), constituído de gênero, discurso e estilo. Buscamos nessa seção apresentar o conceito de gênero – foco da Análise Crítica de Gênero – com o qual trabalharemos nessa pesquisa.

Sabe-se que esse conceito tem sido muito caro às pesquisas em Linguística Aplicada e tem sido entendido de diferentes formas (BUNZEN, 2009). Considerando que na presente pesquisa aproximam-se os quadros teóricos da Análise Crítica de Discurso e de Bakhtin, apresentar-se-ão nessa seção as concepções de ambos os quadros e, a partir disso, a síntese elaborada pela ACG.

2.3.1 Os gêneros do discurso em Fairclough

Como foi explicado na seção 2.1, o conceito de gênero na teoria de Fairclough está situado dentro do momento discursivo das práticas sociais, sendo um dos elementos que a constituem, ao lado do discurso e do estilo. Segundo o autor,

Gêneros são formas do aspecto especificamente discursivo agir e interagir no curso de eventos sociais: podemos dizer que (inter) agir nunca é apenas discurso, mas muitas vezes é principalmente discurso¹⁰ (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65)

Fairclough (2003) ainda distingue “gênero” de “texto”, entendendo este como sendo a materialização concreta do potencial abstrato em que aquele se constitui. Para o autor uma das dificuldades

¹⁰ No original: “Genres are specifically discursual aspect ways of acting and interacting in the course of social events: we might say that (inter)acting is never just discourse, but it is often mainly discourse” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 65).

de se trabalhar com o conceito de gêneros é o fato deste “poder ser definido em diferentes níveis de abstração” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 68). Nesse sentido, o autor fala de *pré-gêneros*, *gêneros desencaixados* e *gêneros situados*¹¹.

O conceito de *pré-gêneros*, sugerido por Swales (1990), diz respeito a categorias no maior nível de abstração, ou seja, “são categorias que transcendem redes particulares de práticas sociais”¹² (FAIRCLOUGH, 2003, p. 68); exemplos disso são a narração, a argumentação, a descrição e o diálogo, citados por Fairclough (2003).

Já os *gêneros desencaixados* estão num nível menor de abstração quando comparados aos *pré-gêneros*. Referem-se a gêneros “retirados”, “desincorporados” de redes particulares de práticas sociais onde inicialmente foram desenvolvidos. Tais gêneros se tornam então uma espécie de tecnologia social disponível que transcende as diferenças entre as redes de práticas com as quais se relacionam(vam). A *entrevista* é um bom exemplo desse tipo de gênero. Pode haver entrevista médica, jornalística, política etc.

Por fim, os *gêneros situados* dizem respeito a gêneros específicos de redes de práticas particulares, como no caso da entrevista etnográfica, por exemplo (FAIRCLOUGH, 2003, p. 68 - 70). Gêneros situados se aproximam do conceito de gêneros discursivos como o que tomamos nessa pesquisa. Fairclough (2003) sugere ainda que os gêneros situados podem ser analisados em termos de atividade (o que as pessoas estão fazendo); de relações sociais (qual é a relação social estabelecida entre os interlocutores) e em termos de tecnologia de comunicação (de que tecnologia de comunicação (se houver) a atividade depende).

Sobre a teorização proposta por Fairclough a respeito dos gêneros discursivos, concordamos com Bonini (2007) no sentido de que Fairclough “borra” a distinção entre gênero e prática social ao conceituar gênero como ação e interação. Em princípio, ao assumir o conceito de prática social como colocado por Chouliaraki e Fairclough (1999), por exemplo, assume-se também que o gênero participa da instância discursiva/semiótica da prática social estando situado em um nível abaixo, ao lado do discurso e do estilo.

¹¹ Tais nomeações devem ser entendidas como parte da taxionomia proposta pelo autor, não tendo relação direta com o conceito bakhtiniano de gêneros discursivos, conforme o empregamos ao longo dessa pesquisa.

¹² No original: “they are categories which transcend particular networks of social practices” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 68).

No entanto, é possível pensar que ao realizar/usar um gênero, há também implicações discursivas e estilísticas ao modo de Fairclough (2003) dentro do próprio gênero. Além disso, um gênero articula práticas de diversas maneiras, extralinguisticamente, por exemplo, já que uma carta é um gênero, mas não envolve só questões linguísticas por assim dizer, envolve também práticas materiais como ir ao correio, postar a carta, comprar envelope etc. Envolve também crenças e relação dos participantes (situar para si os interlocutores, p. e.). Além dessas questões extralinguísticas, há as questões de organização textual propriamente: questões de organização interna, como datar a carta, assinar, apresentar o assunto (dependendo do tipo de carta) etc. Nessa articulação linguística podem-se investigar os discursos e o estilo, por exemplo.

Quando afirmamos que esse âmbito extralinguístico faz parte do gênero, o aproximamos muito do conceito de práticas sociais como colocado por Chouliaraki e Fairclough (1999), gerando então a problemática de distinção entre os dois conceitos. Aliás, quando pensamos, como propõe Bonini (2010), que um gênero discursivo é realizador de pelo menos uma prática social essa problemática é ressaltada.

A análise realizada por Bonini (2010) ilustra essa configuração do gênero como realizador de uma ou mais práticas sociais. Nesse artigo, o autor analisa a prática do concurso público para professor universitário e constata que essa mobilizou diversos gêneros, que constituíram um sistema de gêneros (Conferir BAZERMAN, 1994). O cerne da questão é que a realização dessa prática particular só existiu por meio desses gêneros, mas ao mesmo tempo esses gêneros existem por causa dessas práticas, de modo que a análise dos gêneros e a análise das (redes de) práticas estão intrinsecamente relacionadas.

O autor elencou, por exemplo, o que chamou de prática e seus respectivos gêneros (BONINI, 2010, p. 496). Nesse caso, tem-se como prática a *prescrição da prática*, materializada através dos (ou constituída pelos) gêneros: *Lei*, *Decreto*, *Portaria* etc. Na prática do *concurso*, propriamente, tem-se os gêneros: *prova escrita*, *aula simulada* etc. Esses exemplos poderiam fazer-nos pensar ainda em vários níveis de articulação de práticas e gêneros, tendo num nível acima a prática do concurso para professor universitário, num nível abaixo a prática de fazer provas, ambas relacionadas com o gênero prova escrita, sendo a primeira ainda relacionada com os outros gêneros.

A relação entre gênero e prática, nesse sentido, se mostra cada vez mais estreita, o que, por um lado, cria uma problemática para

definições desses conceitos, por outro lado, mostra também a relevância de conceber uma análise crítica de gênero relacionada ao conceito de prática social.

Assim, no que se refere ao conceito de gênero assumido nessa pesquisa, optamos pelo sugerido por Bakhtin (2003 [1952/53]), uma vez que este apresenta postulações mais específicas na teorização acerca da natureza dos gêneros (situados). Antes de passarmos para a apresentação do conceito bakhtiniano de gêneros discursivos, porém, gostaríamos de apresentar algumas postulações de Fairclough a respeito das mudanças na configuração discursiva na modernidade tardia, em que a linguagem tem sido usada como uma tecnologia para fins estratégicos, o que verificamos na análise de nossos dados.

2.3.2 Tendências discursivas na modernidade tardia

Nas sociedades contemporâneas têm ocorrido mudanças significativas nas ordens de discurso, que reverberam em mudança social e cultural. Fairclough (2001[1992]) aborda, pelo menos, três processos de mudanças: a) democratização, b) comodificação e c) tecnologização do discurso.

O primeiro, a democratização, pode ser entendido como sendo a “retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas” (p. 248). Pode-se identificar a democratização por meio de certas marcas linguísticas como: a ausência de marcadores explícitos de poder em tipos de discurso institucionais com relações desiguais de poder; a presença de dialetos não prestigiados em contextos onde eram ausentes; as tendências à informalidade na língua etc.

O segundo, a comodificação, pode ser entendido como o processo em que os domínios e as instituições sociais, que não tenham o propósito de produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, sejam concebidos e organizados em termos mercadológicos (de produção e consumo). Nesse sentido, aspectos linguísticos de ordens de discurso associadas à produção de mercadoria colonizam outras ordens.

Isso pode ser visto, por exemplo, na existência de um aspecto generalizado do discurso educacional contemporâneo em que há a lexicalização referente a cursos, que focaliza o treinamento de habilidades e desenvolvimento de competências, como mercadorias que são comercializados a clientes, de modo que se associa o ensino à produção mercadológica.

O terceiro processo de mudança discursiva, segundo o autor, é a tecnologização. Diferentes dos dois anteriores, a tecnologização é um processo consciente de manipulação linguística com fins estratégicos. Tal conceito está relacionado ao exercício de poder por meio de tecnologias de poder, conforme apontaram os estudos genealógicos de Foucault, para quem interessava a análise de como as técnicas da disciplina (o exame) e da confissão, por exemplo, trabalhavam sobre os corpos, ou seja, como tais técnicas afetavam as formas de controle sobre as disposições, os hábitos e os movimentos do corpo. Nesse caso, tais técnicas relacionadas, aliás, a determinados gêneros discursivos (relatórios, regulamentos, ficha policial etc.), como ressalta Fairclough (2001[1992]), são utilizadas conscientemente para o exercício do poder.

Nas sociedades contemporâneas o próprio discurso, segundo Fairclough (2001[1992]), tem sido usado como uma tecnologia de poder, de modo que sua manipulação consciente com fins estratégicos é um importante mecanismo de seu exercício (FAIRCLOUGH, (2001[1992])). Em outras palavras, cientes do aspecto constitutivo e dos efeitos que os textos provocam, grupos utilizam-se da linguagem como uma tecnologia, manipulando-a para fins estratégicos. Como afirma o autor, “as tecnologias discursivas envolvem simulação: em particular, a simulação para propósitos estratégicos e instrumentais de significados interpessoais e práticas discursivas” (FARCLOUGH, 2001 [1992], p. 265).

Fairclough sinaliza para o fato de que detentores de poder institucional, por exemplo, podem se utilizar, inclusive, de uma democratização do discurso (como a abordamos anteriormente) de forma simulada para manter a assimetria por meio da simulação de simetrias de poder. Essa compreensão de discurso como tecnologia de poder é a mesma discutida na seção 2.2, ou seja, o fato de a criação e discursos específicos (relacionados a disciplinas, como na abordagem de Foucault) estarem a serviço do poder.

As duas principais tecnologias de poder analisadas por Foucault, por exemplo, são a disciplina, que tem no exame sua técnica nuclear, e a confissão (FAIRCLOUGH, 2001[1992], p. 77).

Nas sociedades contemporâneas, Fairclough (2001[1992]) ressalta como exemplo de tecnologia discursiva o fato de a publicidade colonizar gêneros informativos, culminando na opacidade do que seja informação e persuasão e atendendo mais eficazmente a propósitos estratégicos com fins publicitários, que mantêm certas relações e poder entre anunciante e telespectador (se pensarmos na televisão, por exemplo).

Essa opacidade entre o que seja informação ou persuasão é abordada também por Marshall (2003). Segundo o autor (2003, p. 120), tem havido uma espécie de “jornalismo cor-de-rosa” ou “jornalismo transgênico”, ou seja, uma mistura do que se entende ser informação jornalística e persuasão publicitária. Segundo o autor, graças à hegemonia do modelo neoliberal, do livre mercado, da expansão da publicidade, tanto o campo do jornalismo quanto o da publicidade têm passado por mudanças, de forma que estas ordens têm se hibridizado. Em outras palavras, tem havido uma espécie de “produto jornalístico-publicitário”, em que a informação é vista cada vez mais como produto comercial, de modo que muitas notícias são, em verdade, anúncios travestidos. Segundo Marshall (2003):

A lógica publicitária penetra e materializa-se no espaço do jornalismo a partir da pós-modernidade mediante diversas estratégias, algumas patentes, mas outras apenas latentes. Além de valer-se dos dividendos pela coabitação no território jornalístico, a publicidade tem se espalhado pelas páginas de jornais e revistas e pelas ondas de rádio, TV e internet mediante sutis formas miméticas. A ordem é hibridizar a natureza persuasiva da publicidade, dissolvendo-a no espaço jornalístico, como se fora parte da própria natureza jornalística. É um exercício que inocula o interesse privado no espaço público da imprensa e investe de legitimidade o gene clandestino da lógica publicitária (MARSHALL, 2003, p. 120)

Tal mimetização como coloca o autor, traz implicações para o discurso jornalístico, mas também para o publicitário. O aspecto discursivo de legitimidade que é por esse último apropriada do discurso informativo pode ser entendida como uma das mais importantes implicações, sendo, assim, o discurso usado como uma técnica para o exercício de poder.

2.3.3 Os gêneros do discurso em Bakhtin

Segundo Bakhtin (2003[1952/53]), os gêneros são tipos “relativamente estáveis de enunciados”. Para o autor, os enunciados são “a unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003[1952/53], p. 269). São concretos e únicos (BAKHTIN,

2003[1952/53], p. 261). São também constituídos pelos horizontes: a) *espacial e temporal* (onde e quando do enunciado; espaço e tempo históricos); b) *temático* (quanto ao conteúdo temático, sobre o que se fala, a finalidade do enunciado) e c) *axiológico* (atitude valorativa dos participantes do acontecimento [próximos, distantes] a respeito do que ocorre [em relação ao objeto do enunciado, em relação aos outros enunciados, em relação aos interlocutores]) (RODRIGUES, 2005, p. 161).

Ainda segundo Bakhtin, os enunciados são distinguidos uns dos outros pela a) alternância dos sujeitos no discurso, ou seja, cada enunciado possui um início e fim cujas fronteiras estão no momento em que um falante conclui o que objetivava dizer e passa a palavra, dá lugar a compreensão ativa e responsiva do outro, a sua postura de resposta; b) expressividade, isto é, o enunciado é a instância de expressão da posição valorativa do seu autor frente aos outros participantes e a outros enunciados e c) a conclusibilidade, semelhante à característica de alternância do sujeito discursivo, sendo esta, porém, vista do interior do enunciado. O interlocutor adota uma postura de resposta em relação ao enunciado, porque percebe que este foi encerrado pelo falante. Isto se dá a partir de três fatores: o tratamento exaustivo do objeto e do sentido (o sujeito disse tudo que era possível de ser dito naquela situação); a intencionalidade do falante e os gêneros do discurso (RODRIGUES, 2005, p.161).

Se pensarmos comparativamente aos estudos literários de gêneros (que focavam a esfera artístico-literária) e aos estudos retóricos aristotélicos (com foco na atitude do orador frente à audiência), Bakhtin (2003[1952/53]) propõe uma visão mais ampla para a noção de gênero discursivo, não restrita a uma única esfera social. Nesse sentido, Bakhtin (2003[1952/53]) conceitua gêneros como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p. 262), trazendo para a compreensão destes o conceito de enunciado, como apresentado anteriormente, somando o fato de que situações específicas e recorrentes sócio-historicamente constituem tipificações temáticas, composicionais e estilísticas de enunciados, ou seja, criam e/ou mantêm traços de regularidades; por isso o autor os chamou de “tipos relativamente estáveis” (RODRIGUES, 2004).

A regularidade temática de um gênero, ou o conteúdo temático, diz respeito ao domínio de sentido que o gênero abarca. Não é, necessariamente, o assunto específico de um texto. Por exemplo, o tema típico de uma carta de amor são as relações amorosas, apesar de que cada carta (texto) pode tratar de questões diferentes (rompimento de

relação, saudade, traição, etc.), sendo este último o assunto do texto, mas não o conteúdo temático todo do gênero (FIORIN, 2008, p. 62).

A estrutura composicional diz respeito à organização típica de determinado gênero. Segundo Bakhtin (2003[1952/53], p. 266), a estrutura composicional se refere à determinada unidade da composição, ou seja, determinados tipos de construção do conjunto, tipos de acabamento, tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva. Desse modo, em um artigo científico, por exemplo, teríamos determinada estrutura composicional típica (pressupostos teóricos, metodologia, análise de dados etc.). Quanto à relação entre os interlocutores, um artigo científico é escrito por um especialista, ou por alguém que, pelo menos, pesquisa a área sobre a qual escreve. Esse, por sua vez, tem seus pares como interlocutores e assim por diante.

O estilo diz respeito às escolhas do âmbito lexical, fraseológico e gramatical em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado (FIORIN, 2008, p. 62). Como afirma Bakhtin (2003, p. 269) isso ocorre “porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”. Ao abordar o estilo em Bakhtin, é possível pensar a partir de dois pontos. O primeiro diz respeito a um estilo do gênero. Uma carta de amor, como no exemplo anterior, que abarca a temática das relações amorosas terá um estilo de linguagem específico, terá um campo lexical, um estilo, por exemplo, que difere do de um compêndio médico. O segundo ponto diz respeito ao estilo do autor. Nas palavras do próprio Bakhtin:

O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). (...). Os gêneros mais propícios são os literários - neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes; (...). As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. (BAKHTIN, 1997[1952/53], p. 284).

Esses três aspectos (estrutura composicional, conteúdo temático e estilo) constitutivos do enunciado são, segundo o autor, indissolúveis. Sua estabilidade é sempre relativa já que os eventos interacionais são sempre únicos e abertos à mudança, o que implica dizer que ao mesmo tempo em que se repete um gênero estabilizado historicamente, faz-se deste um novo gênero. Nas palavras de Bakhtin (2003[1952/53]), “o enunciado nunca é apenas reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular” (p. 326).

Um aspecto importante que ressaltamos nessa concepção de gênero é o fato de haver uma relação íntima entre gênero (como unidade de linguagem) e interação social. Assim, um gênero é mobilizado, constituído sempre na interação, envolvendo interlocutores e atitude valorativa desses sujeitos. Segundo Sobral (2012), o centro da concepção de gênero é o *projeto enunciativo* desses interlocutores, já que é a relação entre o eu e o outro num dado contexto a base da escolha e da mobilização do gênero pelo sujeito. Como afirma Sobral (2012),

O centro da noção de gênero discursivo no Círculo de Bakhtin é a atividade autoral de mobilização de recursos com vistas à realização de um dado *projeto enunciativo* de um locutor perante um dado interlocutor, o que envolve o embate entre entonação avaliativa (a inflexão que o locutor busca imprimir ao que diz) e resposta ativa (a recepção necessariamente valorativa, do interlocutor ao dito). (SOBRAL, 2012, p. 22)

Em resumo, como afirma Sobral (2012), a proposta bakhtiniana lança um olhar sobre essa relação complexa entre o ato “individual” num dado evento discursivo e a estabilidade estrutural que organiza cada um desses atos. Como propõe o autor,

Bakhtin recusa as alternativas que se perdem na singularidade dos atos individuais, incapaz de generalizar, ao propor a irrepetibilidade como único critério, ou na generalidade, que apaga a singularidade com suas rígidas leis universais. Bakhtin propõe teorizar a junção entre o que há de comum entre os atos [práticas sociais particulares] e o que há de singular em cada ato [evento], algo que, como também demonstra Amorim (2009, p.

22-27), é formulado em *Para uma filosofia do ato* em termos da distinção entre verdade (*instina*) e validade (*pravda*); *instina* dá conta da generalidade, da significação, e *pravda* remete à singularidade, ao sentido, que surge de uma transfiguração relacional das significações em contexto. (SOBRAL, 2012, p.23)

Ao desenvolver uma teoria que dê conta dessa relação complexa, o autor postula um conceito que tem sido muito produtivo em diversas vertentes de estudos e que será assumido nessa pesquisa também, qual seja, o conceito de dialogismo.

Segundo Bakhtin, as relações entre os enunciados são sempre dialógicas, no sentido de que nenhum enunciado existe sem sujeitos ou num vácuo histórico e social, os enunciados existem em relação a outros enunciados, porque as relações são sempre entre sujeitos (mais de um), que são, por sua vez, situados sócio-historicamente. Desse modo, as relações que se estabelecem entre os enunciados e entre os próprios sujeitos – já que Bakhtin (2006[1929], p. 33) também abordou a questão da consciência individual como que constituída das e nas relações sociais – são sempre dialógicas. Enunciados existem como resposta a outros enunciados. Como afirma o autor:

[...] não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser primeiro ou último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado (BAKHTIN, 2003[1952/53], p. 371).

Se por um lado um enunciado não é o primeiro e nem o último, ele também não é constituído de uma única voz, uma vez que o sujeito que enuncia, numa perspectiva bakhtiniana, não é constituído fora das relações com o *outro*. Nesse sentido, o sujeito está sempre respondendo o *outro* e numa cadeia infinda constitui-se também dos enunciados aos quais responde. Como afirma Bakhtin,

[...] minha própria refração no outro empírico pelo qual tenho de passar para desembocar no eu-para-mim (poderá ser solitário esse eu-para-mim?) (BAKHTIN apud FARACO, 2001, p. 8).

E ainda,

O autor de uma obra literária (de um romance) cria um produto verbal que é um todo único (um enunciado). Porém ele a cria com enunciados heterogêneos, com enunciados do *outro*, a bem dizer. E até o discurso direto do autor é, conscientemente, preenchido de palavras do *outro* (BAKHTIN, 1997[1952/53], p. 343).

Desse modo, a subjetividade dos sujeitos implica enunciados em que outras vozes além da voz do autor – e ainda, outras vozes que constituem a própria voz do autor – estejam presentes nos gêneros por ele construídos/usados. Há uma dupla orientação dialógica aqui, tanto um enunciado se relaciona com outros (anteriores e posteriores) quanto, internamente, esse enunciado articula diferentes vozes, diferentes discursos, e às vezes, um mesmo gênero articula outros gêneros.

Dessas relações dialógicas ressaltam-se os aspectos do discurso citado, da polifonia, ou seja, das diversas vozes presentes, articuladas num mesmo gênero discursivo. Esse aspecto interessa sobretudo à análise proposta aqui, uma vez que a estrutura composicional do gênero alvo da análise centra-se justamente na articulação explícita de diferentes vozes de diferentes sujeitos. Interessa-nos, sobretudo, o modo como se dá essa organização e a relação disso com a voz que organiza essas diferentes vozes, já que como propõe Bakhtin, essas vozes estão em constante diálogo. Nesse sentido, o conceito de dialogismo é também produtivo à Análise Crítica de Gênero.

2.3.4 Os gêneros discursivos na Análise Crítica de Gênero

Como foi possível perceber a partir das seções anteriores, se por um lado a proposta de Fairclough (2003) para uma teoria de gêneros é bastante ampla no que se refere ao conceito de gêneros discursivos (ou *gêneros situados* para o autor), ressaltando o fato de não deixar clara a fronteira entre gênero e prática social, por outro lado a de Bakhtin (2003[1952/53]) não toma diretamente como escopo de análise as questões relativas às práticas sociais e não é considerada, de certo modo, uma análise crítica, no sentido de assumir uma posição explícita diante de problemas sociais que aborda, de tomar esse aspecto como um pressuposto teórico-metodológico, conforme se convencionou na vertente inglesa das teorias sociais críticas e em autores marxistas como

Paulo Freire. Além disso, apesar de reconhecer a relação de instabilidade e estabilidade dos gêneros discursivos como o faz Bakhtin, Fairclough avança quando enxerga nessa relação uma abertura para a mudança social.

Nesse sentido, aproveitamos a produtividade do conceito de gêneros como postulado por Bakhtin, ou seja, como “tipos relativamente estáveis de enunciados” e a perspectiva crítica como a assumida em Fairclough. Além disso, compartilhamos com este último autor o postulado de que os gêneros constituem as práticas sociais, conforme influência do Realismo Crítico, e também as realiza, conforme Bonini (2010).

Desse modo, a presente pesquisa tem como foco a análise do gênero em seus aspectos enunciativos: projeto discursivo, estrutura composicional e sua relação com determinada prática social (práticas de propaganda institucional indireta (SAMPAIO, 2003). Ainda, nessa análise discutir-se-á a articulação dos diferentes discursos que culminam no discurso institucional a respeito dos temas (partes do mundo sobre as quais se fala – FAIRCLOUGH, 2003) apresentados na série O Sagrado.

2.4 As relações genéricas

Avançando nas postulações da ACG, Bonini (2011) afirma que um gênero está sempre sujeito a relações contextualizadoras, ao que o pesquisador chamou *relações genéricas*. As relações genéricas, conforme Bonini (2011), podem ser “do gênero compondo unidades de interação maiores, os *hipergêneros*, dos gêneros em sua relação com sua *mídia*, dentro de um *sistema de gêneros* e ainda dentro de uma *comunidade discursiva*” (p. 690).

O hipergênero pode ser entendido como sendo uma unidade de interação composta por um agrupamento de gêneros. O jornal, por exemplo, é composto por diversos gêneros (editorial, carta de leitor, reportagem, notícia, etc.), mas é também uma unidade de comunicação discursiva, um enunciado (BAKHTIN, 2003[1952/53]) que se constitui no projeto de dizer de um grupo empresarial e está diretamente relacionado à linha editorial que este defende.

Assim, uma análise crítica de gênero pode centrar-se na relação que um determinado gênero mantém com os outros que são parte de um *hipergênero*. O conceito de *hipergênero* pode ainda ser entendido se comparado com o conceito de gênero híbrido. Enquanto no primeiro é possível delimitar e analisar cada um dos gêneros que o constituem num grande enunciado, no segundo caso isso não é possível, uma vez que há

junção de aspectos de gêneros distintos formando um único gênero, não sendo possível uma análise em separado. É um enunciado que hibridiza diferentes gêneros, mas constitui-se num só.

Já a respeito do gênero e a relação com a sua mídia, abordaremos a questão mais adiante. Por agora esclarecemos que o conceito de *mídia* é aqui entendido como sendo uma “forma tecnológica material de mediação da interação linguageira” (BONINI, 2011, p. 690) constituída de um ou mais suportes, com determinada característica de organização, produção e recepção. Enfim, não se trata de um grande enunciado, mas de “um continente de enunciados” (BONINI, 2011, p. 690), como por exemplo, a TV e a internet.

Já a relação dos gêneros dentro sistema de gêneros é entendida a partir da postulação de Bazerman (1994), segundo quem em um sistema ordenado sequencialmente um gênero cria condições para existência de outro. Assim, se voltarmos à pesquisa de Bonini (2010), veremos que um gênero demandou a existência de outro – o edital de abertura demandou um formulário de inscrição, que demandou a prova, e assim por diante. Diversos gêneros se relacionam sistematicamente na realização da prática social do concurso público.

A relação entre diferentes gêneros pode ainda ser entendida de maneira mais complexa. O grupo de gêneros relacionados num sistema ao modo de Bazerman (1994) é bastante restrito, ou seja, de um gênero com outro(s) dentro de uma mesma prática social (por exemplo, no caso do concurso analisado por Bonini (2010), o edital demanda a ficha de inscrição ou ainda um boleto de pagamento, também uma prova escrita etc.). No entanto, na sociedade moderna, as redes de práticas nas quais as pessoas se envolvem são complexas. Desse modo, gêneros podem ter resultado em e desencadear outros gêneros em práticas bastante díspares, distantes no tempo e no espaço. Fairclough (2003) ao abordar a questão propõe, então, o conceito de *cadeias de gêneros*. Segundo o autor,

Cadeias de gênero são de particular importância: são diferentes gêneros que são regularmente ligados entre si, que envolvem transformações sistemáticas de gênero para gênero. Cadeias de gênero contribuem para a possibilidade de ações que articulem diferenças de espaço e tempo, articulando eventos sociais em diferentes práticas sociais, diferentes países, e diferentes tempos, facilitando uma maior capacidade de "ação à distância", que tem sido considerada um aspecto

da globalização contemporânea, e, portanto, o que possibilita o exercício de poder¹³ (FAIRCLOUGH, 2003, p. 31).

Nesse sentido, os gêneros podem ser estudados como num sistema ao modo de Bazerman (1994), ou ainda, conforme preferimos nessa pesquisa, numa cadeia de gêneros ao modo de Fairclough (2003). Tanto em uma quanto em outra abordagem, os gêneros estão relacionados às práticas (à distância ou não), a como os sujeitos agem através dos gêneros e a como estes implicam a constituição dessas ações.

Outro elemento contextualizador dos gêneros, como propõe Bonini (2011), é a comunidade discursiva. Tal conceito tem origem nas postulações de Swales (1990). Segundo o autor, os gêneros estão a serviço de uma hierarquia de membros que, juntos, realizam um conjunto de práticas sociais também hierarquizadas. Nesse contexto existem gêneros reguladores das práticas, além de mecanismos de aferição de poder e de determinação das identidades dos participantes da comunidade. Nesse sentido, a análise pode centrar-se em como os gêneros se relacionam na constituição, manutenção e mudança dessas relações de poder, por exemplo.

Das quatro relações contextualizadoras elencadas por Bonini (2010), ou seja, do gênero com o hipergênero, com a mídia, com um sistema de gêneros e ainda dentro de uma comunidade discursiva, a relação do gênero como sua mídia será o alvo da explanação a seguir, uma vez que é essa a relação ressaltada na constituição d'O Sagrado, escopo dessa pesquisa. Para tanto faremos uma abordagem pensando na mídia desse gênero – a televisão – em dois momentos distintos. No primeiro, abordaremos as implicações dos *meios de comunicação de massa* (BAUMAN, 2001; GIDDENS, 1997; SILVERSTONE, 2002[1999]; THOMPSON, 1998) sobre as interações sociais num contexto mais macro, que vem sendo chamado de *sociedade da*

¹³ No original: “Genre chains are of particular significance: these are different genres which are regularly linked together, involving systematic transformations from genre to genre. Genre chains contribute to the possibility of actions which transcend differences in space and time, linking together social events in different social practices, different countries, and different times, facilitating the enhanced capacity for ‘action at distance’ which has taken to be a defining feature of contemporary ‘globalization’, and therefore facilitating the exercise of power” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 31).

informação (FAIRCLOUGH, 2001[1992]; 2003). Nesse ponto, discorreremos de maneira geral a respeito das implicações que meios de comunicação de massa, dos quais a televisão faz parte ao lado da internet, do livro, do jornal, do rádio, etc. exercem sobre a sociedade.

Num segundo momento, estreitarei a abordagem para os aspectos da televisão como um *meio* específico que exerce sobre os gêneros (configuração genérica) uma influência constitutiva (BONINI, 2011). Nesse ponto os aspectos relacionados à televisão como mídia que explora a imagem e som (SODRÉ, 1977b; ROSE, 2002), por exemplo, é que serão abordados.

2.4.1 Implicações sociais dos meios de comunicação de massa

Segundo Thompson (1998) o termo *meios de comunicação de massa* é bastante problemático para definir o que pretendemos discutir aqui. Para o autor o termo *comunicação* pressupõe um fluxo de mão-dupla, o que não ocorre com os meios de comunicação de massa, já que estes são caracterizados por ser um processo comunicativo fundamentalmente assimétrico, ou seja, em que não há, como na interação face-a-face ou por telefone, um *feedback* imediato do interlocutor, de modo que Thompson (1998) prefere falar em *difusão* ou *transmissão* de informações ao invés de *comunicação*. Além disso, o termo *massa* dá a ideia de grande quantidade de pessoas passivas e indiferentes que são atingidas pelas informações, o que não converge com o entendimento do autor a respeito da recepção. Para Thompson (1998), “a recepção é um processo ativo e criativo no qual o intérprete inclui uma série de conjecturas e expectativas para apoiar a mensagem que ele procura entender” (THOMPSON, 1998, p. 44).

Considerando essas ponderações, Thompson (1998) define *meios de comunicação de massa* como sendo a “produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informações ou conteúdo simbólico” (p.32). Nesse sentido, a ideia principal não está no fato de as informações e conteúdo simbólico serem consumidos por um grande número de pessoas, mas no fato de que estes estão disponíveis para uma pluralidade de sujeitos. Por exemplo, um canal de televisão pode ter uma audiência ínfima, mas é um meio de comunicação de massa, uma vez que os conteúdos simbólicos veiculados por esse meio estão disponíveis a um grande número de pessoas. Desse modo, são exemplos de meios de comunicação de massa o livro, a revista, o rádio, a televisão, a internet, etc.

Diante das colocações do autor, cabe, porém, uma ponderação importante no que se refere à crítica ao termo *comunicação* como sendo impróprio para dar conta da relação entre os interlocutores (autores/produtores midiáticos e telespectadores). Se, por um lado, como afirma Thompson, não há comunicação (como há na interação face a face), porque não haveria *feedback* imediato do interlocutor, por outro lado, numa perspectiva dialógica, não é possível pensar que há apenas “transmissão” de conteúdo simbólico, uma vez que o processo de interação – mesmo que mediado – é mais complexo do que coloca o autor. Assim, o termo “transmissão” também não dá conta da relação mediada entre esses sujeitos.

Como vimos nas seções anteriores, o dialogismo é um aspecto intrínseco da linguagem e, por consequência, das produções simbólicas que se utilizam da linguagem e são mediadas pela televisão, rádio, jornal etc. Nesse sentido, um gênero (como unidade de linguagem ou um bem simbólico) sempre responde a outros, de modo que, mesmo retardada, há sempre uma reposta (BAKHTIN, 1997[1952/53]), ou seja, sempre há interação, comunicação de mão-dupla (ou de múltiplas mãos).

Ao abordar os gêneros que circulam por meio da mídia de massa, no entanto, é necessário admitir que esse processo de mediação é fundamentalmente assimétrico. Nesse sentido, a mídia como tecnologia de mediação dos gêneros (BONINI, 2011) cerceia substancialmente a configuração genérica, o que implica, portanto, cerceamento do caráter dialógico dessa interação. Assim, tomamos o conceito de *meios de comunicação de massa* proposto por Thompson (1998) articulando-o ao conceito de mídia como um dos aspectos com os quais o gênero se relaciona e que o cerceiam, como propõe Bonini (2011).

Esse cerceamento que culmina no estabelecimento de uma interação menos dialógica, ou “monológica”¹⁴, como propõe Thompson (1998), se dá devido às características peculiares da mídia de massa. Segundo o autor, o desenvolvimento desses meios criou novas formas de ação e interação e novos modelos de relacionamentos sociais que podem ser classificados em três tipos, de acordo com os seguintes aspectos:

¹⁴ Manterei ao longo do texto o termo “monológico” como propõe Thompson (1998), mas o utilizarei com sentido de que o dialogismo intrínseco às relações sociais mediadas pela mídia de massa é substancialmente cerceado, diminuído.

Tabela 1- Tipos de interação

Características interativas	Interação face a face	Interação mediada (telefone, cartas, etc.)	Quase interação mediada (livros, programas de TV, etc.)
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial espaço-temporal comum	Separação de contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço	Separação de contextos; disponibilidade estendida no tempo e no espaço
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitações de possibilidades de deixas simbólicas	Limitações de possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Outros específicos	Outros específicos	Orientada para um número indefinido de receptores potenciais
Dialógico/monológico	Dialógica	Dialógica	Monológica

Fonte: adaptado de Thompson (1998)

Segundo o autor, a interação constituída por meio da televisão, escopo dessa pesquisa, pode ser entendida como uma “quase interação mediada”, que implica uma organização estrutural mais complexa do que a estabelecida numa interação face a face e/ou mediada, nas quais há possibilidade de diálogo com deixas simbólicas sincrônicas, em maior ou menor grau, ainda que no segundo caso a estrutura interativa possa implicar a separação no espaço e no tempo, como é o caso do telefone e da carta, por exemplo. Na “quase interação mediada”,

As formas simbólicas são produzidas em um contexto (que chamarei de “estrutura interativa de produção”) e recebidas numa multiplicidade de outros contextos (as “estruturas interativas de recepção”). Cada um destes contextos tem suas próprias regiões e demarcações regionais. Como o fluxo da comunicação é predominantemente de sentido único, a região frontal da estrutura de produção é acessível aos receptores e, conseqüentemente, é a região frontal relativa à estrutura de recepção. Mas o contrário não ocorre: isto é, as regiões na esfera de recepção não interferem diretamente na estrutura de produção, e por isso não são, estritamente falando, regiões frontais e de fundo relativas a esta estrutura (THOMPSON, 1998, p. 83)

Assim, dentre os aspectos apresentados pelo autor, destacam-se o fato de a interação por meio da televisão se dar em sentido único, ou seja, é caracteristicamente monológica, no sentido de que priva os participantes dos tipos de *feedback* característicos da interação face a face, por exemplo. Além disso, e conseqüentemente, ela elabora um perfil específico para o telespectador, qual seja, não como parceiros co-presentes num diálogo, mas como espectadores a quem se deve agradar, persuadir, entreter, cuja atenção se pode ganhar ou perder e cuja audiência é a condição *sine qua non* da existência de suas atividades (THOMPSON, 1998).

Outro aspecto desse meio é que ele explora técnicas específicas (*flashback*, mixagens, matéria arquivada, etc.), com as quais enquadra determinados assuntos (de determinadas formas) em detrimento de outros. São, então, esses produtos simbólicos “enquadrados” distribuídos em contextos e em tempos diversos. Esse é outro aspecto dessa mídia, ou seja, o fato de ela possibilitar a interpolação de espaços-temporais¹⁵, que permitem, por sua vez, a ação à distância, ação tanto por meio dos produtos simbólicos que produz, ou seja, dos gêneros discursivos que veicula, os quais produzem efeitos sociais (FAIRCLOUGH, 2003), quanto por meio dos gêneros e discursos que desencadeia por meio da ação dos próprios telespectadores que comentam, agem segundo os produtos simbólicos recebidos. Nesse sentido “a ação que o receptor exerce sobre o produtor é parte constitutiva da ação [do produtor] em si mesma”. Em outras palavras, mesmo os canais de contato do receptor com o produtor são abertos e/ou previstos pelo produtor¹⁶. (p. 93). Como afirma Thompson (1998):

¹⁵ Isso ocorre em dois sentidos: primeiro pelo fato de os contextos da produção, da mensagem televisiva em si e de sua recepção serem diferentes; segundo, porque ao receber as mensagens televisivas, os indivíduos se orientam rotineiramente para as coordenadas espaço-temporais diferentes das que caracterizam seus contextos de recepção, e as interpolam com as estruturas espaço-temporais de suas vidas diárias (THOMPSON, 1998, p. 86).

¹⁶ Com o advento da internet, por exemplo, as empresas têm buscado controlar a maior possibilidade de ação proporcionada por esse meio. Assim, acabam relacionando suas produções com ações possibilitadas por esses meios mais “interativos”, construindo a ideia de que os telespectadores participam da programação, quando, em verdade, essa participação continua sendo elaborada, controlada pelos produtores.

Como os receptores não podem, geralmente, responder diretamente aos produtores, as formas de ação responsiva que eles utilizam não fazem parte da quase interação como tal. [...] os receptores combinam uma série de outras formas de interação [...] as mensagens da mídia adquirem uma elaboração discursiva, ou seja, são comentadas, criticadas, classificadas e elogiadas pelos receptores que tomam as mensagens recebidas como matéria para alimentar a discussão ou o debate entre eles [que assistem à TV] e com outros (THOMPSON, 1998, p.100).

Essa possibilidade de agir à distância como apresentada por Thompson (1998) vai ao encontro da abordagem de Fairclough para as relações entre gêneros discursivos possibilitadas pela mídia. Segundo Fairclough (2003), os meios de comunicação de massa possibilitam o surgimento de cadeias de gêneros, que perpassam redes de práticas. Com base em Silverstone (2002[1999]), o autor afirma que é o processo de mediação que envolve o movimento do sentido - de uma prática social a outra, de um evento a outro - que cria essas redes de textos relacionados dialogicamente. Pensemos, por exemplo, no caso do jornal. Os jornalistas escrevem artigos baseados numa variedade de fontes - entrevistas, relatos etc. Além disso, esse artigo rende outros textos, um artigo em resposta, por exemplo, ou ainda, pode gerar uma notícia de telejornal, uma conversa entre amigos, entre outros (FAIRCLOUGH, 2003, p. 30).

É claro que a mediação, nessa perspectiva, pode ocorrer através da interação face a face ou mesmo por telefone, mas se pensarmos nos meios de comunicação de massa, afirma Fairclough (2003), o processo de mediação é muito mais complexo, de modo que o raio de ação à distância (no tempo e no espaço) é muito mais elaborado, extenso e propicia o contato entre uma gama maior de vozes e discursos, o que, numa sociedade sem esse tipo de comunicação, seria impensável.

Essa ação é possibilitada em grande parte pela reorganização do tempo e espaço, no sentido de que o distanciamento espacial não mais implica o distanciamento temporal, ou seja, houve a descoberta da simultaneidade não espacial¹⁷ (estar em diferentes lugares ao mesmo

¹⁷ Foi no século XIX que houve a padronização do horário mundial. Em 1884 estabeleceram-se mundialmente os fusos horários (Hora Média de Greenwich - GMT) (THOMPSON, 1998).

tempo), logo, agindo em diferentes lugares. Tal processo tem muitas implicações. Dentre estas, está a compreensão de lugares e passados: antes modelada pela narrativa oral face a face, agora é modelada pelas mídias (THOMPSON, 1998). Daí constitui-se o que o autor chamou de “historicidade mediada”, ou seja,

À medida que se recua no passado, fica cada vez mais difícil que os indivíduos tenham chegado ao sentido dos acontecimentos através das experiências pessoais ou de relatos de testemunhas transmitidas em interações face a face. A tradição oral e a interação face a face continuam a desempenhar um papel importante na elaboração de nossa compreensão do passado, mas elas operam cada vez mais em conjunto com um processo de compreensão que se serve cada vez mais do conteúdo simbólico presente nos produtos das indústrias da mídia (THOMPSON, 1998, p. 38).

Nesse sentido, a produção midiática ganha um caráter importante na representação da história. Além disso, a própria “socialidade” é mediada, ou seja, o sentimento de pertencimento dos indivíduos é transformado ao se alterar a compreensão que estes têm do mundo e do lugar que ocupam nele, o que é alimentado pelos produtos das mídias. Além do fato de os indivíduos conhecerem por meio da mídia possibilidades de vivência bastante díspares das suas (THOMPSON, 1998) e estarem constantemente avaliando sua própria imagem e vida em comparação com aquelas que veem na tela (BAUMAN, 2001; SILVERSTONE, 2002[1999]).

Ao abordar a constituição identitária do sujeito da modernidade tardia, por exemplo, Hall (2006[1992]) apresenta a mídia, ou o desenvolvimento dos meios de comunicação de maneira geral, como um dos fatores responsáveis pela, cada vez mais crescente, possibilidade de se assumir diferentes identidades. Segundo o autor,

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos,

lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos para partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006[1992], p. 74 - 75).

É claro que essa influência da mediação não significa uma constituição determinística de identidades por parte da mídia, já que, as práticas sociais nas quais os sujeitos se envolvem são muitas e de diferentes contextos (família, escola, clubes, partidos políticos, grupos de interesse, religião etc.). No entanto, não é possível ignorar a presença e influência que as informações e conteúdos simbólicos dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, internet, revistas, jornais etc.) exercem sobre a representação de mundo, as práticas sociais e as identidades das pessoas (THOMPSON, 1998; GIDDENS, 1997; FAIRCLOUGH, 2003), sobretudo, se pensarmos que esses mesmos grupos sociais se utilizam desses meios para agirem em diferentes contextos, de modo que muitas das representações de mundo (discursos) e identidades que se mostram disponíveis, como se fossem “possibilidades” diferentes, são oferecidas pelo mesmo sistema que as homogeneiza em outros momentos. Essa multiplicidade de “ofertas” que parece estar atrelada a certo entendimento de “liberdade identitária”, pautada na possibilidade de escolha, é ela mesma que aprisiona em um mundo construído para o consumo, dentro do qual a mídia tem um papel substancial. Nas palavras de Bauman (2001),

é formidável o poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas, “mais reais que a realidade”, em telas ubíquas estabelecem os padrões de realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade “vívida”. A vida desejada tende a ser a vida “vista na TV” (BAUMAN, 2001, p. 99).

Assim, a “liberdade” de constituir-se é circunscrita pelas práticas que mantêm relações de poder, de dominação, tendo a mídia como meio dessa ação. Na modernidade tardia essas relações são bem marcadas entre produtores (que exercem poder) e consumidores (constituídos para

a manutenção dessas relações), como ressalta Bauman (2001). Assim, ainda que a partir de Bakhtin seja possível entender o sujeito como alguém não pronto, como um “vir a ser”, que interage com outro sujeito também não acabado, a partir de um prisma crítico, é necessário reconhecer que há estabilidades (identificacionais, relacionais e representacionais) decorrentes das práticas de manutenção do poder, de construção e reforço de assimetrias e de exploração. Seria ingênuo ignorar que a “liberdade” e a “pluralidade” ofertada pela mídia, por exemplo, implicam, na modernidade tardia, a manutenção de um capitalismo global, pautado no consumo. Como afirmam Resende e Ramalho (2011):

Hoje, é preciso reconhecer o papel de destaque das mídias como instrumento de lutas hegemônicas, o qual ampliou a possibilidade de grupos cada vez mais restritos disseminarem seus discursos, suas visões particulares de mundo como se fossem universais (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 52)

Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) também abordam o importante papel que a mídia assumiu na constituição das identidades na modernidade tardia. Em concordância com o pensamento de Thompson (1998) sobre a “socialidade mediada”, os autores afirmam que as informações de que os sujeitos se valem para se constituírem foram “externalizadas”, ou seja, os meios de reflexão e auto-reflexão de que os sujeitos se valem vêm de fora, do que é veiculado pela mídia, não mais necessariamente de suas experiências face a face. Esse aspecto é também mencionado por Giddens (1991), para quem essa “reflexividade” é um dos aspectos constitutivos da sociedade moderna. Ao discutir sobre a natureza dessa sociedade, Giddens a compara com as sociedades tradicionais, nas quais a tradição era ainda o que ditava a reflexividade dos sujeitos, ao passo que,

Com o advento da modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base de reprodução do sistema [...] A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando

assim constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991, p. 45).

Desse modo, as informações sobre as práticas, como coloca o autor, têm uma implicação imprescindível na reconfiguração dessas mesmas práticas. Nesse sentido, a mediação dos conteúdos simbólicos, das informações sobre práticas, discursos e identidades exerce papel importante nessa reflexividade. Ressalta-se nesse ínterim um aspecto que tem sido mencionado ao se abordar a obra de Giddens, qual seja, o foco no caráter positivo da reflexividade como constituidora de uma sociedade democrática, cujo aspecto central é a liberdade de escolha e o diálogo. Sobre isso, no entanto, alerta Bauman (2001):

[...] “o sexo plástico”, “os amores múltiplos” e “relações puras”, os aspectos da mercantilização das parcerias humanas, foram retratados por Antony Giddens como veículos de emancipação e garantia de uma nova felicidade que vem em sua esteira – a nova escala sem precedentes da autonomia individual e da liberdade de escolha. Se isso é verdade, e nada mais que a verdade, para uma elite móvel dos ricos e poderosos é uma questão aberta. Mesmo no caso deles, só é possível aderir de coração à afirmativa de Giddens pensando no mais forte dos membros da parceria, que necessariamente inclui o mais fraco, não tão bem dotado dos recursos necessários para seguir livremente seus desejos. [...] os que estão do lado que sofre quase nunca são consultados, e menos ainda, têm chance de exercitar sua liberdade de escolha (BAUMAN, 2001, p 105).

Nesse sentido, mesmo essa pseudo-liberdade trabalha para manutenção de relações de dominação. Numa crítica mais acentuada a esse aspecto “positivo” da “liberdade” de escolha, Resende e Ramalho (2006) afirmam:

O problema imediato da teoria de Giddens é que ele se concentra nos aspectos “positivos” da nova ordem. Nesse sentido, Giddens privilegia as “oportunidades” geradas pela globalização, ainda que essas oportunidades sejam para uma minoria, em detrimento de uma maioria para quem restam

os “riscos”. Está claro que a reflexividade é indiscutível em certos domínios da experiência e para determinadas parcelas da população mundial, mas será possível afirmar que as pessoas como, por exemplo, os chamados “moradores de rua”, que precisam diariamente se preocupar com a própria sobrevivência, podem ocupar-se da escolha auto-reflexiva de estilos de vida? Que estilos de vida têm pessoas que vivem a margem dos “bens” produzidos pela modernidade? (RESENDE; RAMALHO, 2006 p. 33)

Entre esses bens a que essa maioria não tem acesso, incluem-se os bens culturais, as produções simbólicas. Além disso, mesmo quanto aos que têm acesso aos bens simbólicos, cabe questionar sobre a qualidade desses bens. Se pensarmos na televisão, por exemplo, tanto no que se refere aos canais abertos, aos quais a maioria da população brasileira tem acesso, quanto aos fechados, cabe questionar: como são os programas disponíveis? Que heterogeneidade de estilos de vida, de diálogo eles possibilitam?

Nesse sentido, se destaca a importante questão de quem produz e controla esses meios de comunicação de massa, de quem controla o processo de mediação. Segundo Fairclough (2003), a capacidade para influenciar e controlar os processos de mediação (de uma prática social a outra, de um evento social a outro) exercida pela mídia de massa é um importante aspecto do exercício do poder, sobretudo, num contexto em que as relações de interdependências entre os grupos sociais são assimétricas. Como coloca Aguiar (2012),

Vivemos num mundo de elevada complexidade e interdependência, no qual a “densidade de contatos” seria impossível sem as modernas telecomunicações. O problema é que essas relações de interdependência estão muito longe de serem simétricas (AGUIAR, 2012, p. 29)

Thompson (1998) trata da questão conceituando quatro tipos de poder, dentre os quais está o exercido pela mídia – o poder simbólico¹⁸.

¹⁸ O sentido para ‘poder’ deve ser entendido aqui como dominação. Conf. discussão na seção 2.2.

Para o autor, esses diversos tipos de poder são exercidos, muitas vezes, de maneira imbricada. O primeiro é o Poder Econômico, que se relaciona com os recursos materiais e financeiros implantados nas instituições econômicas, ou seja, nas empresas comerciais. O segundo é o Poder Político, que é exercido pelas autoridades vinculadas ao Estado e apoiado em leis implantadas por essas mesmas autoridades. O terceiro é o Poder Coercitivo (Militar), que utiliza a força física e armada em busca dos seus interesses. Por fim, está o Poder Simbólico, que é aplicado através dos meios de informação e comunicação. Esse poder exerce grande influência sobre a vida social, sobretudo, porque na maioria das vezes não temos consciência disso.

O exercício do poder simbólico pode ser percebido, explicitamente, em instituições culturais como igrejas, escolas, universidades e, claro, as indústrias da mídia. Ele é definido por Thompson (1998) como sendo “esta capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meios da produção e da transmissão de formas simbólicas” (p. 24). Com base em Marx Weber, Thompson afirma que a capacidade do Estado de exercer autoridade geralmente depende de sua capacidade de exercer o poder coercitivo e o poder simbólico. Desse modo, é perceptível que as relações estabelecidas entre indústria da mídia e Estado são, na verdade, junções para o exercício de poder; ou ainda, disputas entre mídia (a serviço de determinados grupos políticos e/ou econômicos) e Estado (grupos que estão em exercício) também podem ser entendidas como disputas pelo exercício de poder.

Essa possibilidade de disputa reside no fato de que as relações de poder não são fixas, podendo haver resistência, mudanças. Como pontua Machado na introdução à obra *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 2000[1979], p. XVI):

O poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência de dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele

está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder, há resistência, não existe propriamente um lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.

Nesse sentido, ao entendermos as complexas relações entre poder e mídia, por exemplo, entendemos que sua influência sobre os telespectadores, como um exercício de poder, pressupõe também a resistência, que é intrínseca a essa relação. No entanto, é inegável o fato de que a mídia dispõe de tecnologias de poder das quais os telespectadores não têm conhecimento (exploração do discurso como técnica), sendo essas, portanto, mais eficazes para manutenção de uma relação hegemônica em que os interesses da mídia prevaleçam.

Nesse sentido, não queremos afirmar que há possibilidade de findar com o poder midiático, já que “nada está isento de poder”, mas partindo do pressuposto de que esse poder é exercido dentro de relações cuja organização é transitória e instável por natureza, se faz possível a reorganização dessas relações, de modo que uma economia do poder diferente permita relações menos ideológicas.

Nesse sentido, se é fato que a mídia naturalmente exerce poder por meio de técnicas de que dispõe, é extremamente necessário refletir sobre a rede de relações em que está inserida – a que interesses atende, que tipos de relações de poder mantém, quais as implicações do exercício cada vez maior de poder, como se dá a manutenção desse quadro hegemônico etc. Como sugere Silverstone (2002[1999]), “é necessário saber como a mídia trabalha” (p. 61). Já que, como pontuaram Benjamim, Adorno e Horkheimer (apud Silverstone 2002[1999]), a mídia se engasta como uma tecnologia nas estruturas do capitalismo tardio, aliada ao poder econômico que trai a cultura enquanto alega defendê-la e funciona como tecnologia na manufatura e na sustentação da massa como mercadoria, vulnerável aos caprichos de uma indústria totalizante que não deixa nada fora do alcance.

No Brasil, por exemplo, muitos têm a televisão aberta (principalmente a Rede Globo) como principal meio de informação e entretenimento. Segundo dados da pesquisa de opinião realizada a pedido do Governo Federal, 77,2% dos brasileiros entrevistados assistem apenas à televisão aberta, apenas 16,1% assistem tanto à televisão aberta quanto por assinatura e somente 0,9% assistem apenas à televisão por assinatura. Ainda, 5,8% disseram não assistir televisão.

Das emissoras abertas, a Rede Globo é a preferência de 70,6% dos entrevistados, seguida pela Record com 14,3% (BRASIL, 2010, p. 13).

Em resumo, tanto as práticas sociais, quanto os discursos e identidades passam por um processo de reflexividade na sociedade da modernidade tardia sobre o qual os meios de comunicação de massa têm uma responsabilidade significativa. Esse processo subjetivo de constituição identitária e discursiva, no entanto, é circunscrito no sentido de que nem todos têm acesso aos mesmos bens simbólicos. Além disso, os interesses políticos, econômicos e sociais dos grupos que controlam os meios de comunicação incidem necessariamente sobre o processo de produção de bens simbólicos e, por conseguinte, sobre a constituição identitária e discursiva da maioria da população brasileira que tem acesso à apenas um tipo de discurso, de modo que a análise crítica desses bens simbólicos é imprescindível à problematização e mudança de políticas de regulação¹⁹ dos meios de comunicação, sobretudo, a televisão aberta no Brasil.

2.4.2 A televisão como mídia específica da série televisiva O Sagrado

É certo que cada enunciado é circunscrito em seus aspectos temáticos, composicionais e estilísticos pelo contexto interacional do qual emerge. Em outras palavras, a esfera de atividade humana na qual os sujeitos interagem cria, ou melhor, organiza formas específicas de enunciados. Há, então, enunciados tipificados específicos para cada esfera de atividade. Como afirma Bakhtin,

¹⁹ Essa regulação tem sido defendida por Aguiar (2012), Bolaños (2005), Simões; Mattos (2005) entre outros. Em resumo, se relaciona com a idéia de pluralismo interno e externo. “Pluralismo interno: é possível solicitar a um meio de comunicação social que apresente na sua atividade de comunicação a diversidade das opiniões existentes. Pluralismo externo: colocar à disposição do público vários meios de comunicação social que, em conjunto, representariam essa diversidade, constituindo cada um deles um elemento desta diversidade, bem como tomar medidas anti-concentração. Numa concepção jurídica, o termo tem uma natureza derogatória em relação ao princípio da liberdade de expressão, ou seja, o pluralismo é uma exceção ao princípio da liberdade de expressão que tem por objetivo a proteção dos direitos de outrem” (AGUIAR, 2012, p. 55-57).

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997[1952/53], p. 279).

Assim, no caso do contexto da mídia de massa (televisão, internet, rádio, jornal, livros, etc.), há gêneros recorrentes que podem ser de cunho informativo, opinativo, de entretenimento etc. que refletem, ou melhor, são circunscritos pelas especificidades da esfera de atividade humana ou o campo de interação (BOURDIEAU, 1997) no qual emergem, de modo que uma reunião de escola entre pais e professores não é o mesmo que uma reunião entre acionistas de uma empresa, dadas as especificidades de cada uma dessas esferas.

Além dessa circunscrição da esfera há também as peculiaridades da mídia por meio da qual um gênero é veiculado, ou seja, a “tecnologia de mediação” disponível para a veiculação do gênero (BONINI, 2011) incide sobre a constituição enunciativa, seja no âmbito do tema, do estilo ou da estrutura composicional. Uma notícia jornalística, por exemplo, será diferente se veiculada pela televisão, por um jornal impresso, pelo rádio ou pela internet. Em outras palavras, a configuração genérica diferirá no sentido de que enquanto na televisão, por exemplo, serão exploradas imagens do fato (em movimento), no rádio isso não é possível.

Além disso, essas especificidades da mídia podem ser exploradas com fins específicos, constituindo o discurso uma tecnologia em si, corroborando para o que Fairclough (2001[1992]) conceitua como *tecnologização* do discurso como vimos nas seções anteriores. A utilização do *close-up* com uma música emotiva durante a narrativa de um fato de guerra em que soldados aparecem mortos, por exemplo, pode criar um contexto favorável a um país que, em verdade, provocou a guerra. A escolha pela imagem do soldado morto em combate toma lugar de outras imagens possíveis, como de civis que este mesmo soldado pode ter assassinado, por exemplo.

Assim, além da esfera dos meios de comunicação de massa com suas especificidades (algumas apontadas na sessão anterior), a mídia também circunscreve os gêneros discursivos em sua construção composicional, por exemplo. Parte da análise crítica de gênero deve considerar esse aspecto – investigar como se dá a exploração dessa tecnologia de mediação com fins específicos, de acordo com o projeto enunciativo dos sujeitos envolvidos, por exemplo. Como afirma Maingueneau (2004),

Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o *mídium*²⁰ não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O *mídium* não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante no *mídium* modifica o conjunto de um gênero do discurso. (MAINGUENEAU, 2004, p. 71)

No caso da presente pesquisa, a televisão é a mídia específica da série O Sagrado. Segundo Bourdieu (1997), uma das características da televisão é o apagamento das diferenças, resultado da heterogeneidade consequente do amplo alcance desse meio. Afirma o autor,

[...] quanto mais um órgão de imprensa ou um meio de expressão qualquer pretende atingir um público extenso, mais ele deve perder suas asperezas, tudo o que puder dividir, excluir, mais ele deve aplicar-se em não “chocar ninguém”, como se diz, em jamais levantar problemas ou apenas problemas sem história. (BOURDIEU, 1997, p. 63)

Nesse mesmo pensamento, Sodré (1977b) também apresenta a homogeneização como uma das características da televisão. Além disso, o autor sinaliza que esta estratégia – para que as mais diferentes categorias sociais possam se projetar – implica criar símbolos sociais de

²⁰ O termo *mídium* é utilizado por Maingueneau (2004) no sentido como postulado por Debray (1993), ou seja, como sendo o modo de “manifestação material” dos discursos, ou ainda, o “suporte” do discurso. Nessa pesquisa, no entanto, entendemos *mídium* como meio, mediação e suas restrições e não apenas como suportes materiais.

identificação que são particularmente amorfos ou estereotipados (SODRÉ, 1977b, p. 64).

Além disso, são típicos na televisão os processos de familiarização, isto é, de simulação do espaço familiar a fim de criar aproximação entre telespectador e elenco televisivo (artistas, jornalistas, etc.). Segundo Sodré (1977b) muitas novelas obtiveram sucesso refletindo os ambientes domésticos. O *close-up* é a principal implicação técnica na simulação desse contato direto e familiar com o telespectador. A técnica, inclusive, tornou-se regra geral do enquadramento televisivo, equilibrando imagem e som. Barbosa e Rabaça (1978) conceituam o *close up* como um dos planos de imagem que são explorados em fotografia e em vídeo (televisão e cinema).

Segundo os autores, um plano é “o ponto de vista ou distância da câmera em relação ao assunto” (p. 571). A classificação das escalas de plano mais usada, segundo os autores, é organizada da seguinte forma: a) grande plano geral ou grande plano de conjunto, que equivale ao enquadramento da paisagem; b) plano geral ou plano de conjunto, em que se focaliza as personagens dentro do local da ação e apresenta uma parte do cenário ou paisagem; c) plano médio ou de meio conjunto, que focaliza essencialmente as personagens, de corpo inteiro; d) plano americano, plano aproximado ou meio plano, cujo enquadre é das personagens a meio corpo; e) primeiro plano ou *close-up*, nesse caso a câmera, próxima ou distante do assunto, destaca apenas uma parte dele, no caso da figura humana, enquadra-se somente o rosto; f) grande primeiro plano ou *extreme close-up*, utilizado para focalizar detalhes²¹. Cada um desses enfoques ganha um valor semiótico na composição do discurso midiático. Segundo Rose (2008), por exemplo, o *close-up* médio, equivalente ao plano médio evoca autoridade, como no caso da utilização desse enquadramento por locutores de notícias e peritos.

Além dessas, há inúmeras técnicas que podem ser exploradas quanto à imagem: diferentes ângulos da câmera, movimentação, determinada sequenciação das cenas, etc. Também o som e a dimensão verbal são outros aspectos submetidos a técnicas específicas dessa mídia. Em outras palavras, a multimodalidade é central na mídia televisiva, o que implica dizer que os gêneros desse contexto são também multimodais, ou seja, a forma tecnológica material de mediação da interação linguageira incide sobre a construção genérica ao mesmo

²¹ Uma ilustração de cada um dos planos pode ser vista no **Anexo A**.

tempo em que a especificidade de cada mídia pode ser explorada com fins específicos.

3. METODOLOGIA

Nessa seção apresentaremos as bases metodológicas da pesquisa. Para tanto, iniciamos apresentando a perspectiva qualitativa, viés no qual o trabalho se enquadra. Em seguida, contextualizamos o objeto de pesquisa, O Sagrado, para então descrevê-lo (no que consiste, quais os procedimentos de geração desses dados, sua organização e seu recorte para essa dissertação). Por fim, apresentamos os procedimentos que encaminharam o desenvolvimento dessa pesquisa e o método de análise seguido, especificamente, aspectos da proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2003) para a Análise Crítica de Discurso e do que propõem Bonini (2010; 2011) para a Análise Crítica de Gênero.

3.1 A pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa pode ser entendida como *um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo* (DENZIN e LINCOL, 2006 apud RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 74). Como afirma Mason (1998), tal pesquisa tem interessado a diferentes áreas – sociologia, antropologia, linguística, educação etc. Segundo a autora, essa multiplicidade ressalta a importância da base qualitativa como algo natural em pesquisas de cunho social (MASON, 1998, p. 04). Apesar de cada uma das áreas conceber diferentes formas de pesquisa (pesquisa-ação, observação participante, análise de discurso etc.), todas usam técnicas metodológicas e práticas, que podem ser englobadas pelo termo: “qualitativa”. Dando conta dessa convergência, a autora ressalta os pontos comuns dessas abordagens e propõe uma sistematização do que seja a pesquisa qualitativa e de quais sejam seus princípios gerais.

Mason (1998) propõe três pontos principais. O primeiro diz respeito ao fato de que a pesquisa qualitativa está “fundamentada em uma posição filosófica que é amplamente “interpretativista” no sentido de que há a preocupação em como o mundo social é interpretado, entendido, experimentado ou produzido” (p. 04), podendo em versões diferentes do estudo, compreenderem-se ou aproximarem-se estes elementos de diferentes formas (por exemplo, com foco em significados sociais, ou interpretações, ou práticas, ou discursos, ou processos, ou construções etc.).

A segunda característica diz respeito ao fato de a pesquisa tomar por base a geração de dados de forma sensível e flexível ao contexto social em que os dados são produzidos. Como pontua a autora, isso se contrapõe às pesquisas que tomam dados “rigidamente padronizados ou estruturados, removidos da vida real ou contexto social natural, como em algumas pesquisas de método experimental, por exemplo” (MASON, 1998, p. 04).

Signorini (1998) corrobora a compreensão desse aspecto da pesquisa qualitativa quando faz uma leitura da natureza do objeto sobre o qual o linguista aplicado, área que elege a base qualitativa para suas pesquisas, se debruça, ou seja, um objeto híbrido, não purificado de seu contexto social. Afirma a autora:

O objeto da tradição linguística clássica é, pois, um híbrido purificado, isto é, no qual foram desemaranhadas as linhas do objetivo e do sujeito social. Apesar de não escapar completamente à tradição científica moderna [...], a LA tem buscado cada vez mais uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas, numa tentativa justamente de seguir essas redes, de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes. Daí a especificidade do objeto de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos –, objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro (SIGNORINI, 1998, p. 91)

Nesse sentido, tomaremos a língua, ou melhor, o gênero discursivo, em seu contexto de uso, com as implicações derivantes dessa escolha. Buscarei descrevê-lo e interpretá-lo (FAIRCLOUGH, 2001[1992]) a partir do ponto de vista das práticas sociais nas quais esse gênero está envolvido, convergindo com a visão proposta em Signorini (1998) de objeto híbrido e ainda com o terceiro aspecto de pesquisas qualitativas proposto por Mason (1998).

Segundo a última autora, com base em métodos de análise e explicação, a pesquisa qualitativa constrói conhecimentos que envolvem detalhes, complexidade e contexto e tem como objetivo produzir esse conhecimento com uma rica base de dados contextuais e detalhados. Há, nesse sentido, mais ênfase em formas “holísticas” de análise, ou seja,

tomando o objeto em sua totalidade indecomponível e explicando-o neste sentido, do que em padrões gráficos de superfície, tendências e correlações. Não que não se usem análises estatísticas, por exemplo, em pesquisa qualitativa, mas estas nunca são vistas como centrais (MASON, 1998).

Além de ter uma base filosófica interpretativista, ser sensível e flexível ao contexto na e da geração de dados e não arrancá-los da “tessitura de suas raízes”, fazer pesquisa qualitativa envolve também o que Mason (1998) chama de “critical self-scrutiny”, ou seja, uma autoanálise crítica. Tal pressuposto se baseia na ideia de que o pesquisador não é neutro frente o conhecimento que produz (MASON, 1998, p 06). Como bem afirmou Moita Lopes (2006), “todo conhecimento é político”. Além disso, como afirma Rajagopalan (2003),

[...] Trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda responsabilidade ética que isso acarreta (...) nem os cientistas pertencentes às áreas exatas creem mais na total isenção das suas atividades enquanto pesquisadores. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 124)

Desse modo, pesquisas de base qualitativa, como a proposta dessa pesquisa de mestrado, pressupõem uma postura reflexiva e ética do pesquisador: reflexiva no sentido de que este tem ciência das ressonâncias do conhecimento que produz para e na sociedade; ética no sentido de que consciente dessa ressonância trate de temas relevantes à construção de uma sociedade menos desigual e deixe claras suas perspectivas ontológicas e políticas diante do conhecimento que produz. Nesse sentido, são justamente as escolhas ontológicas do pesquisador que norteiam sua prática de pesquisa. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa admite que a realidade é fluida e contraditória e que os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção de língua(gem), de mundo, seus valores, seus objetivos (CHIZZOTTI, 2011). Mason (1998) relaciona muito bem a questão da não neutralidade e reflexividade do pesquisador diante do que faz. Afirma a autora:

Eu não acho que é suficiente para um pesquisador dizer que ele deseja simplesmente descrever algo, ou explorar o que está acontecendo. Descrições e explorações envolvem visualização e interpretação, não podem ser neutras, objetivas ou

totais. Os elementos que um pesquisador escolher para ver como relevantes para a descrição ou exploração serão baseados, implícita ou explicitamente, na maneira de ver o mundo social, e numa forma particular de lógica explicativa. O que eu defendo é que os pesquisadores qualitativos reconheçam que eles estão produzindo explicações sociais, e sejam explícitos quanto às lógicas em que estas se baseiam²² (MASON, 1998, p. 06).

É essa “maneira de ver o mundo social” que constitui o caráter ontológico assumido pelo pesquisador, ou seja, este aborda o mundo a partir um esquema interpretativo, de um conjunto de ideias, de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado (DENZIN; LINCOL, 2006 apud RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 74). Nesse sentido é a partir da ontologia que o analista vai determinar as questões de cunho epistemológico e metodológico. A subjetividade do analista é ressaltada na explicação acima e diante de uma possível crítica à falta de objetividade de pesquisas qualitativas, sobretudo, da Análise Crítica do Discurso e de Gênero, Fairclough argumenta:

Não há análise "objetiva" do texto, se entendemos que a análise não descreve simplesmente o que está "lá" no texto, sem ser "tendenciosa" pela "subjetividade" do analista²³ (FAIRCLOUGH, 2003, p. 14).

²² No original: “I do not think it is sufficient for a researcher to say that they wish simply to describe something, or explore what is happening. Descriptions and explorations involve viewing and interpretation; they can not be neutral, objective or total. The elements which a researcher choose to see as relevant for description or exploration will be based, implicitly or explicitly, on way of seeing the social world, and on a particular form explanatory logic. What I am advocating is that qualitative researchers recognize that they are producing social explanations, and are explicit about the logics on which these are based” (MASON, 1998, p. 06).

²³ No original: “There is no such thing as a “objective” analysis of text, If by that we mean a analysis which simply describes what is “there” in the text without being “biased” by the “subjectivity” of the analyst” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 14).

Assim, como ainda coloca Fairclough (2003), o ponto central é que existem motivações particulares para se fazer determinadas perguntas e não outras sobre os gêneros. Poderíamos analisar o gênero nessa pesquisa, por exemplo, em seus aspectos formais sem relacioná-lo ao contexto, mas movidos pelas questões ontológicas, ou seja, a compreensão da relação dialética entre estruturas e práticas sociais, não é o que fazemos. Sendo o aspecto da linguagem (realizado nos gêneros discursivos) parte intrínseca da constituição das práticas sociais, como mostramos na seção 2, propomo-nos a fazer uma análise textual crítica, mas também contextual, uma vez que é o contexto, as práticas sociais e sua relação com a linguagem que nos interessa.

Nesse sentido, a motivação desse trabalho está fortemente relacionada ao interesse pelos gêneros midiáticos, especificamente, na maneira como estes organizam os diferentes discursos que veiculam, uma vez que a utilização da linguagem de determinada forma está dialeticamente relacionada com a constituição de determinadas maneiras de significar o mundo, o outro e a si mesmo (FAIRCLOUGH, 2003).

Apesar de ser possível analisar tal relação a partir de outros gêneros televisivos, o foco na série em questão nasce pelo forte interesse nas temáticas sociais que são ali discutidas; temáticas que se sobressaem atualmente no debate social nacional entre grupos religiosos entre si e destes com outros grupos sociais como a comunidade LGBT²⁴ e as feministas, por exemplo, sobretudo, considerando as pressões políticas desses diversos grupos quanto à aprovação (ou não) de leis como as que legalizam o aborto, o casamento civil homoafetivo, entre outras.

Além disso, a temática da democratização dos meios de comunicação também nos interessa, uma vez que é importante refletir sobre o papel da emissora Rede Globo no contexto brasileiro como empresa privada (sendo, no entanto, uma concessão pública) que concentra o monopólio de reserva de mercado na área em que atua, servindo a um grupo restrito, cujo objetivo maior tem sido manter ideologias que sustentam relações de dominação entre grupos sociais, ainda que, explicitamente, se coloque como mediadora ou apaziguadora dessas relações.

3.2 Contextualizando o objeto de pesquisa

Nosso objeto de pesquisa é um programa televisivo produzido pela Rede Globo e intitulado “O Sagrado”. Segundo a emissora, esse

²⁴ LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis.

programa tem por objetivo “incentivar a tolerância religiosa no Brasil, bem como dar visibilidade às perspectivas religiosas a respeito de temas polêmicos” (REDE GLOBO, 2011). O Sagrado nasce num momento em que são discutidas no país questões relacionadas a direitos individuais. Essa discussão não é restrita ao contexto nacional, mas tem sido bastante pungente no contexto brasileiro tendo, inclusive, influenciado o processo eleitoral de 2010 (MACHADO, 2012b).

Segundo Machado e Piccolo (2010), essa discussão se insere na passagem do século XX para o XXI, sendo marcada pelo desenvolvimento de duas tendências que envolvem duas esferas da sociedade ocidental, a religiosa e a jurídica. De um lado, vê-se na cena pública a luta de grupos sociais por reconhecimento de direitos no que tange, por exemplo, às diversas formas de manifestação da sexualidade. Por outro lado, grupos religiosos, principalmente de confissões tradicionalistas, como é o caso de algumas vertentes judaico-cristãs, têm ocupado a cena pública, utilizando diversas tecnologias de comunicação em prol de um ativismo que vai de encontro às demandas daqueles grupos que lutam pelo reconhecimento de direitos (MACHADO, 2012a).

A partir de uma perspectiva antropológica, e mesmo jurídica, não se tem posto em questão a legitimidade da existência desses agrupamentos sociais, já que todos eles têm encontrado sua legitimidade com base no direito de liberdade individual. No entanto, o embate entre suas diferentes demandas tem tido implicações bastante significativas, por exemplo, no campo político e isso, sim, tem sido problematizado (MACHADO, 2012a; 2012b; MACHADO; PICCOLO, 2010 entre outros.).

No contexto político brasileiro, a oposição entre essas duas tendências foi bem representada no processo eleitoral à presidência da república de 2010, cuja pauta de debate foi marcada substancialmente pelo conflito entre religião²⁵ e direitos humanos.

²⁵ É importante ressaltar que o embate tem sido fomentado por grupos de tradição judaico-cristão, e dentre esses ainda, por alguns grupos neopentecostais. Como afirma Boaventura de Souza Santos (apud Machado, 2010, p. 29), “a relação entre os discursos religiosos e o dos direitos humanos é muito complexa e pode variar em função das tradições religiosas e da conjuntura política. Isto se deve em parte pela heterogeneidade dos discursos no interior das próprias tradições religiosas e em parte pela pluralização e a ampliação das zonas de contatos entre as diferentes comunidades confessionais

A tensão que se fez presente nesse processo eleitoral é anterior ao processo, tendo sido acentuada substancialmente já em 2009, com a implantação, durante o governo Lula, do Programa Nacional dos Direitos Humanos (PNDH3²⁶), que visa justamente fomentar políticas que atendam a demandas dos direitos humanos como a descriminalização do aborto, a criação de redes de proteção dos Direitos Humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, a investigação de crimes cometidos durante a ditadura militar no país, a regulação governamental dos meios de comunicação entre outros assuntos (MACHADO, 2012b).

Naquele processo eleitoral, é fato que o ativismo religioso contra a candidata do PT Dilma Roussef, associada à posição favorável à legalização do aborto e ao reconhecimento do casamento homoafetivo, foi um dos fatores que fez com que religiosos contribuíssem nas urnas para que as eleições fossem para um segundo turno (MACHADO, 2012b).

Nesse emaranhado social em que religião, direitos humanos e política se entrelaçam, a mídia como tecnologia material de mediação (BONINI, 2011) desses diversos discursos tem um papel importante. Apesar de grande parte do ativismo religioso, no caso do processo eleitoral de 2010, por exemplo, ter se dado por meio da interação face a face nos cenários das instituições religiosas, em missas, cultos etc., os meios de comunicação de massa, sobretudo a internet e a televisão, foram o *locus* público desse embate (MACHADO, 2012b). Muito além de um lugar somente, tais meios reconhecidamente assumem um papel central na construção do próprio imaginário social acerca do que veiculam, exercendo, inclusive, mais ou menos influência sobre decisões políticas, como têm defendido diversos estudiosos que se debruçam sobre as relações entre mídia e sociedade (AGUIAR, 2012; BOURDIEU, 1997; GUARESCHI, 1987; SILVERSTONE, 2002[1999]; THOMPSON, 1998 entre outros). No contexto eleitoral de 2010, por exemplo, Machado ressalta que

[...] os grandes veículos de comunicação nacional, preferindo o retorno do PSDB ao poder político,

e entre estas e a perspectiva dos direitos humanos que tem servido de balizas para a atuação do Estado liberal”.

²⁶ O PNDH-3 foi precedido pelo PNDH-1 (1996), que enfatizou os direitos civis e políticos, e pelo PNDH-2 (2002), que incorporou os direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais (MACHADO, 2012b).

exploraram muito mais os ataques do que as posições favoráveis dos segmentos mais progressistas ao PT e da sua candidata (MACHADO, 2012b, p. 36)

Mais do que a “exploração” de notícias que circularam na internet e nos contextos partidários, que trouxeram implicações substanciais, embora não definitivas, ao processo decisório nas eleições de 2010, a mídia de massa, sobretudo a Rede Globo, tem se aliado historicamente a determinadas perspectivas políticas convergentes com a manutenção do capitalismo colonialista no Brasil (GUARESCHI, 1987), o que explica sua predileção política, como colocou Machado (2012b). Esse “ativismo” midiático, por sua vez, se dá, sobretudo, pela manipulação específica do discurso, construindo-o de tal forma a intervir no contexto social, gerando efeitos alinhavados aos objetivos políticos da corporação. Explora-se, nesse caso, o poder simbólico para o exercício de poder também político e econômico (SILVERSTONE, 2002[1999]; THOMPSON, 1998), contexto em que as produções simbólicas assumem um papel primordial (FAIRCLOUGH, 2003; GUARESCHI, 1987).

Em meados de 2009, concomitantemente a esse debate sobre direitos individuais, protagonizados pelos grupos sociais religiosos, LGBT, feminista etc. e pela instauração do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH3), a Rede Globo iniciou a exibição da série televisiva, alvo dessa pesquisa, intitulada *O Sagrado*, que abordou diversos dos assuntos que estavam também na pauta do PNDH3, embora a emissora não fizesse tal relação de modo explícito.

A natureza complexa dessa série, no que tange aos seus aspectos composicionais, saltou a nossos olhos, então, pois o diálogo que a emissora propunha nos parecia marcadamente guiado por um discurso institucional que em última análise tratava mais de construir um discurso positivo sobre a imagem da marca institucional – “branding”, do que criar um contexto de visibilidade para as diferentes perspectivas discursivas acerca dos assuntos que pautavam o debate social sério no contexto, por exemplo, do PNDH3.

Tal pressuposição nos parecia ainda mais acentuada no tratamento de temas que tinham implicações diretas para a empresa televisiva; é caso do tema “liberdade de expressão”, por exemplo. Nesse momento, nosso olhar sobre *O Sagrado* se deu de forma a buscar explicá-lo no que tange aos seus aspectos enunciativos, mas em relação ao uso que a empresa midiática faz dessa série. Assim, vimos a

necessidade de entendê-la de forma imbricada às práticas sociais da instituição televisiva.

É claro que nossa abordagem poderia se dar com foco nas relações discursivas dialógicas entre a série e a discussão no contexto do PNDH3, mas, movidos pela influência da própria perspectiva teórico-metodológica que assumimos (Análise Crítica de Gêneros), decidimos por abordar esse gênero dentro da rede de práticas institucionais das quais ele participa, pois tal ponto de vista possibilita maior inteligibilidade sobre “como a mídia funciona” de dentro (SILVESTONE, 2002[1999]), não do que a Rede Globo busca mostrar, mas “do que” busca mostrar aliado ao “como” mostra e quais as implicações sociais dessa escolha para a instituição, por exemplo.

Em outras palavras, assumimos, então, como objetivo geral de pesquisa **interpretar o gênero discursivo em que O Sagrado se constitui em relação às práticas sociais das quais ele participa, ou seja, o uso que faz dele a Rede Globo**. Para tanto, buscamos responder:

- a) De que rede de práticas sociais institucionais o Sagrado participa?
- b) Em que gênero discursivo dessa rede de práticas sociais O Sagrado se constitui?
- c) Como O Sagrado é organizado no que tange aos seus aspectos de enunciado?
- d) Quais são os discursos a respeito das temáticas sociais que perpassam esse gênero televisivo e como eles são articulados?

A partir desse escopo, como apontado anteriormente, buscamos criar inteligibilidades sobre “como a mídia trabalha”, especificamente qual é o uso que ela faz desse discurso sobre “causas sociais”. Tal escopo toma como ponto de partida o “texto midiático”, conforme defende Silverstone (2002[1999]), ou numa perspectiva enunciativa, o gênero discursivo (BONINI, 2011), já que os significados reivindicados nessas produções estão relacionados às práticas sociais das quais esse gênero participa, sendo delas um aspecto constitutivo (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, [1992]2001; 2003).

3.3 A descrição e organização dos dados

Os dados deste trabalho consistem na transcrição de um programa de TV, *O Sagrado* (Rede Globo- Brasil). Segundo Balanço Social da

emissora, o programa é descrito como uma prática de “responsabilidade social corporativa” (REDE GLOBO, 2011). Ele tem um horário fixo na programação, aproximadamente às 06 horas da manhã (antes do programa Telecurso). Além disso, parte (1/4) é também repetida durante o dia entre os programas da emissora, de segunda à sexta-feira.

Basicamente, o programa é constituído de um provérbio, dito por um artista da emissora. Em seguida, há a apresentação de um assunto que é, então, comentado por um religioso²⁷. Um episódio por dia é veiculado, ou seja, cada dia há o comentário de apenas um representante religioso. Quando todos os representantes participantes tiverem abordado o assunto em questão, inicia-se outra sequência com um assunto diferente. A lista das religiões e dos títulos desses grupos de episódios²⁸ está organizada na Tabela 2 (abaixo), conforme divulgado pelo site do programa²⁹.

Como é possível perceber a partir da tabela 2, a série está organizada em 37 grupos. Cada um desses grupos é composto por 07 episódios (até o grupo de número 26) e 10 episódios (do grupo de número 27 ao de número 37). Houve mudanças no número de episódios devido às alterações no número de religiões participantes, conforme tabela 3.

²⁷ Essa sequência pode ser conferida a partir da transcrição no **Anexo C**

²⁸ Os títulos dos grupos são temáticos, isto é, remetem ao assunto tratado nos episódios em questão.

²⁹ www.sagrado.org.br

Tabela 2- Grupos de episódios e períodos de exibição

N. ordem	Assunto	Período da primeira exibição
01	Lugar e papel das religiões no mundo contemporâneo	05 a 13 de outubro de 2009
02	Tragédia e solidariedade	14 a 22 de outubro de 2009
03	Violência urbana	23 de outubro a 02 de novembro de 2009
04	Lugares e papéis sociais da mulher no mundo contemporâneo	03 a 11 de novembro de 2009
05	Vaidade e culto ao corpo	12 a 20 de novembro de 2009
06	Novas Famílias	23 de novembro a 01 de dezembro de 2009.
07	Quando começa, quando termina a vida?	02 a 10 de dezembro de 2009
08	Ganância: a permanente tensão riqueza 'versus' felicidade	11 a 21 de dezembro de 2009
09	Liberdade sexual (orientações de gênero, poligamia).	22 a 30 de dezembro de 2009
10	Estado laico (limites entre religião e Estado; movimentos religiosos no Congresso Nacional).	31 de dezembro a 08 de janeiro de 2010
11	Destino 'versus' livre arbítrio	11 a 19 de janeiro de 2010
12	Liberdade de expressão	20 a 28 de janeiro de 2010
13	Vida após morte	29 de janeiro a 08 de fevereiro de 2010
14	Fome versus vontade de comer	09 a 17 de fevereiro de 2010
15	Corrupção	18 a 27 de fevereiro de 2010
16	Essência do ser humano	1 a 8 de março de 2010
17	Meio-ambiente	10 a 18 de março de 2010
18	Crianças abandonadas	19 a 26 de março de 2010
19	Eutanásia e escolha da morte	28 de setembro a 06 de outubro de 2010
20	Crime e Punição	07 a 15 de outubro de 2010
21	Educação Sexual	18 a 26 de outubro de 2010
22	Ciência e Religião	27 de outubro a 04 de novembro de 2010
23	A religião produz conformismo?	05 a 15 de novembro de 2010
24	Planejamento Familiar e Reprodutivo	16 a 24 de novembro de 2010
25	Os filhos têm que seguir a religião dos pais?	25 de novembro a 03 de dezembro de 2010
26	Sacerdócio é profissão?	06 a 14 de dezembro de 2010
27	Símbolo	02 a 15 de maio de 2011
28	Liturgias e rituais	16 a 29 de maio de 2011
29	Fonte de autoridade	30 de maio a 12 de junho de 2011
30	Deus	13 de junho a 26 de junho de 2011
31	Salvação	27 de junho a 10 de julho de 2011
32	Conversão	11 a 22 de julho de 2011
33	Culpa	25 de julho a 05 de agosto de 2011
34	Felicidade	08 a 19 de agosto de 2011
35	Comunidade	22 de agosto a 01 de setembro de 2011
36	Sofrimento	05 a 16 de setembro de 2011
37	Destino do dinheiro	19 a 30 de setembro de 2011

Fonte: criação da autora

Tabela 3 - Diferenciação e inclusão de matrizes religiosas

05/10/2009 a 01/05/2011		02/05/2009 a 30/09/2011	
01	Religiões afro-brasileiras	01	Candomblé
		02	Umbanda
02	Budismo	03	Budismo
03	Islamismo	04	Islamismo
04	Catolicismo	05	Catolicismo
05	Evangélicas	06	Protestantismo
		07	Pentecostal
06	Espiritismo	08	Espiritismo
07	Judaísmo	09	Judaísmo
		10	Tradições indígenas

Fonte: criação da autora

Ao todo são 292 episódios com um total de 10 horas e meia de programa, no período entre outubro de 2009 até setembro de 2011³⁰. Desse total, estão gravados 173 episódios. Cada um tem cerca de 2 minutos de duração, somando um total de 6 horas e meia de gravação em formato AVI. Considerando o tempo disponível para essa pesquisa, foi feita uma organização por grupos de assuntos comuns dentro do total abordado, que são 37. Chegou-se a 05 agrupamentos, conforme é apresentado na Tabela 4.

Desses cinco grandes grupos, optei por analisar aqueles que de certa forma abrangem questões que vão além do contexto da organização religiosa e que atravessavam a pauta do PNDH3; descartei, portanto, os grupos: “Da Religião e do fiel” e “Críticas à religião”. Dos três grandes grupos restantes, optei por uma sequência de episódios de cada um, dado o tempo disponível para essa pesquisa. Os episódios escolhidos somam, então, 21 e tratam:

a) da “Liberdade de expressão”, do grupo D, já que esse é um tema caro tanto aos grupos sociais quanto à mídia, considerando o debate sobre a democratização dos meios de comunicação e pluralidade

³⁰ Esse período compreende os meses em que a série foi por nós acompanhada, embora por motivos técnicos não tenham sido todos esses episódios gravados e transcritos. Segundo dados divulgados no site do programa (<http://www.sagrado.org.br/bibliotecadevideos/index.html>), os episódios continuaram a ser exibidos até 04 de outubro de 2013.

de sentido do termo “liberdade de expressão”, o que expressa a luta ideológica sobre o assunto;

b) da “Violência urbana”, do grupo C, porque esse é um tema que pode ser produtivo se pensado em relação ao discurso neoliberal, que retira a questão da desigualdade social e o papel da instituição privada das causas da violência urbana e

c) dos “Lugares e papéis sociais da mulher no mundo contemporâneo”, do grupo E, já que ainda que a mulher tenha conquistado diversos espaços, na maioria das religiões apresentadas, ela ainda ocupa um papel secundário (ROSANO-NUNES, 2005). Diante disso, interessa-me investigar a articulação do discurso midiático diante de discursos religiosos sobre essa participação feminina.

Tabela 4- Grupos de assuntos comuns

A	DA ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA E DO FIEL	C	PROBLEMAS SOCIAIS
1	Liturgias e rituais.	1	Crime e punição.
2	Fonte de autoridade.	2	Crianças abandonadas.
3	Deus.	3	Meio-ambiente.
4	Salvação.	4	Tragédia e solidariedade.
5	Conversão.	5	Violência urbana.
6	Culpa.		
7	Felicidade.	D	DEBATES NO CONTEXTO LEGAL E POLÍTICO
8	Comunidade.	1	Símbolo.
9	Sufrimento.	2	Eutanásia e escolha da morte.
10	Vida após morte.	3	Liberdade de expressão.
11	Destino ‘versus’ livre arbítrio.	4	Quando começa, quando termina a vida?.
12	Essência do ser humano.	5	Estado laico (limites entre religião e Estado; movimentos religiosos no Congresso Nacional).
13	Os filhos têm que seguir a religião dos pais?		
B	CRÍTICAS À RELIGIÃO	E	SEXUALIDADE, CORPO E QUESTÕES DE GÊNERO
1	Destino do dinheiro.	1	Planejamento familiar e reprodutivo.
2	Sacerdócio é profissão?	2	Educação sexual.
3	Ciência e religião.	3	Fome versus vontade de comer.
4	A religião produz conformismo?	4	Liberdade sexual (orientações de gênero, poligamia).
5	Corrupção.	5	Novas famílias.
6	Ganância: a permanente tensão riqueza ‘versus’ felicidade.	6	Lugares e papéis sociais da mulher no mundo contemporâneo.
7	Lugar e papel das religiões no mundo contemporâneo.	7	Vaidade e culto ao corpo.

Fonte: criação da autora

A partir desse recorte, os episódios escolhidos foram transcritos conforme as regras propostas por Rose (2008), ou seja, em seus aspectos verbais e não verbais. Como sugere a autora, numa coluna transcrevemos a parte verbal composta pela fala de um narrador e do

representante religioso, identificando o interlocutor de cada uma das falas na ordem em que são transmitidas. Em outra coluna, ao lado da primeira, relatamos as imagens que iam aparecendo conforme a parte verbal era transmitida; de forma que é possível enxergar em uma mesma linha a concomitância entre verbal e não verbal.

Incluímos, nessa descrição não verbal, manchetes de reportagens que aparecem nas imagens. Assim, ainda que sejam linguagem verbal estão na coluna das imagens, pois aparecem como imagem concomitante às falas do narrador e do representante. Ainda como o foco de análise são os aspectos semânticos e sintáticos e não prosódicos, a transcrição da parte verbal não contemplou esses últimos. Os códigos utilizados nas transcrições estão presentes nas legendas das mesmas e basicamente dão conta de identificar o autor do texto transcrito, se ator ou atriz, se narrador, se representante religioso, nesse caso de qual representante se trata. Além disso, sinalizamos em negrito os textos que sejam manchetes de jornais impressos e que aparecem na dimensão não verbal³¹.

Quanto aos participantes dos 21 episódios alvos da análise, esses somam 14 representantes de 07 diferentes religiões, entre os quais estão 02 mulheres e 12 homens, conforme é possível depreender na tabela abaixo.

³¹ As transcrições podem ser conferidas ao final dessa dissertação, no **Anexo C**.

Tabela 5 - Representantes religiosos que participam dos episódios analisados

Assunto	N. ordem dos assuntos na série	N. ordem dos episódios na série	Religiões por ordem que aparecem na série	Identificação dos participantes
Violência urbana.	3	15	Islamismo	Xeique Armando Hussein Saleh
		16	Catolicismo	Padre Antônio Manzatto
		17	Evangélicas	Pastor Israel Belo de Azevedo
		18	Espiritismo	Cesar Perri
		19	Judaísmo	Rabino Nilton Bonder
		20	Religiões afro-brasileiras	Makota Valdina
		21	Budismo	Lama Padma Samten
Lugares e papéis sociais da mulher no mundo contemporâneo.	4	22	Catolicismo	Padre Antônio Manzatto
		23	Evangélicas	Pastor Israel Belo de Azevedo
		24	Espiritismo	Cesar Perri
		25	Judaísmo	Rabino Nilton Bonder
		26	Religiões afro-brasileiras	Makota Valdina
		27	Budismo	Lama Padma Samten
		28	Islamismo	Xeique Armando Hussein Saleh
Liberdade de expressão.	12	78	Evangélicas	Pastor Ricardo Gondim
		79	Espiritismo	Cesar Reis
		80	Judaísmo	Rabino Sérgio Margulies
		81	Religiões afro-brasileiras	Pai Etiene Sales
		82	Budismo	Lama Rinchen Khyrab
		83	Islamismo	Sami Armed Isabelle
		84	Catolicismo	Maria Clara Bingemer

Fonte: criação da autora

3.4 Método e procedimentos de análise

O estudo proposto aqui é uma análise crítica de gênero e de discurso. O sentido do termo *crítico* adotado nesse trabalho pode ser entendido a partir da explicação de Chizzotti (2011). Segundo o autor, o sentido do termo deriva do grupo de intelectuais da escola de Frankfurt, como Horkheimer, Adorno, Marcuse e outros, que na década de 1920, construíram uma crítica às instituições políticas e sociais que historicamente oprimem as pessoas. Tendo migrado para os Estados Unidos, esses estudiosos inspiraram outros pesquisadores que procuravam analisar problemas de poder e justiça subjacentes às

instituições sociais, às formas culturais ou discursivas, principalmente com relação à pretensa exemplaridade democrática norte-americana. Assim fizeram com o intuito de oferecer instrumentos para superar a opressão (CHIZZOTTI, 2011. p. 126).

Essa formulação crítica ressalta o fato de que a exposição das forças, dos mecanismos que impedem os indivíduos de controlar suas vidas e suas decisões, pode ser eficaz no sentido de que, quando esses indivíduos tornam-se conscientes de sua opressão, a manutenção da ideologia é fragilizada, ampliando a possibilidade de luta pela mudança. A proposta teórico-metodológica da Análise Crítica de Gênero (BONINI, 2010; 2011; CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH 2001; 2003; MOTTA_ROTH, 2008) converge explicitamente com essa perspectiva. Como afirma Fairclough (1989),

Se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a capacidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente³² (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85).

Assim, um objetivo da análise crítica de gênero é justamente problematizar o que é tomado como natural, como senso comum, ressaltando o caráter ideológico dessas posições, conseqüentemente, mitigando o poder de operação dessa ideologia. Desse modo, a análise crítica elege como temas de pesquisas situações que envolvam assimetria de poder, opressão e nas quais a linguagem tem um papel central. A eleição desse escopo constitui-se no primeiro passo metodológico de pesquisas desse tipo (BONINI, 2010).

Como segundo passo metodológico, a pesquisa em Análise Crítica de Gênero busca demonstrar a participação do gênero na prática que se está problematizando. Nesse sentido, pode-se restringir o objeto – os gêneros – quanto a sua forma de produção, de textualização, por exemplo, e ainda quanto às relações no plano do próprio gênero (hipergênero), da mídia, da comunidade discursiva e do sistema de gêneros (BONINI, 2010).

³² No original: “If one becomes aware that a particular aspect of common sense is sustaining power inequalities at one's own expense, it ceases to be common sense, and may cease to have the capacity to sustain power inequalities, i.e., to function ideologically” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 85).

Bonini (2010) ressalta que, semelhantemente ao que ocorre na Análise Crítica de Discurso, na Análise Crítica de Gêneros os procedimentos analíticos são operacionalizados de acordo com a necessidade do objeto e as contingências da pesquisa.

Pautados também na vertente crítica, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60) postulam que como metodologia se faça, num primeiro momento, a delimitação do problema a ser foco de análise, o que se dá a partir da identificação de situações de assimetria de poder em que a linguagem pode ter papel central – o que é semelhante ao que propõe Bonini (2010) acima.

Em um segundo momento, Chouliaraki e Fairclough (1999) sugerem que se faça o levantamento dos obstáculos para que o problema seja superado, ou seja, analisam-se a natureza do problema, os aspectos que constituem essa assimetria, isto é, o que de fato constitui a relação assimétrica. Como terceiro passo, os autores sugerem que seja feita a investigação da função do problema na prática, isto é, analisa-se, especificamente, não apenas a relação constitutiva entre linguagem e prática (ou gênero e prática social), mas também qual é a função de determinados discursos na constituição da prática em questão, ou seja, a quem determinada ordem de coisas está servindo. Nesse sentido, esses momentos se aproximam também da proposta de Bonini (2010) de “demonstrar a participação do gênero na prática que se está problematizando”, o que passa por uma análise da prática social.

Como quarta etapa da pesquisa faz-se a investigação das possíveis maneiras de ultrapassar os obstáculos. Tal etapa deve ser entendida não como uma proposta fechada e simples de como resolver as questões sociais. Afinal essa seria no mínimo uma postura ingênua. Antes, é a possibilidade de mudança derivada da constatação da linguagem como um sistema aberto que possibilita essa perspectiva de superação do problema. Em outras palavras, é a problematização e a constatação da possibilidade de diferentes construções discursivas e de mudanças nas práticas sociais que se constitui nas “maneiras de ultrapassar” o problema analisado. O foco então não está no fato de que se reproduz a estrutura, mas que isso ocorre de maneiras muito diversas, inclusive de maneira que vá de encontro à ordem posta. Nas palavras de Chouliaraki e Fairclough (1999),

O foco aqui não é tanto a reprodução das estruturas, mas a diversidade de conjunturas, o alcance daquilo que as pessoas podem fazer em determinadas condições estruturais. Este enfoque

também permite voltar às estruturas, mas aos aspectos das estruturas que não estão em primeiro plano de uma análise relacional - sua incompletude, sua contradição, suas lacunas, i. e., as propriedades que mantêm os sistemas abertos, que os torna passíveis a ações transformadoras. Estas propriedades manifestam-se não apenas na inconstância da prática, mas também nas tensões e contradições em casos específicos³³ (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 72).

Por fim, como etapa final do método proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), propõe-se a reflexão sobre a própria análise, especificamente, sobre a posição em que a pesquisa é realizada, sobre a relação da prática teórica do analista e das práticas que este estuda no sentido de refletir sobre como a prática teórica pode contribuir para a mudança das práticas sociais analisadas, já que a postura crítica e emancipatória é explicitamente assumida nesse tipo de estudo.

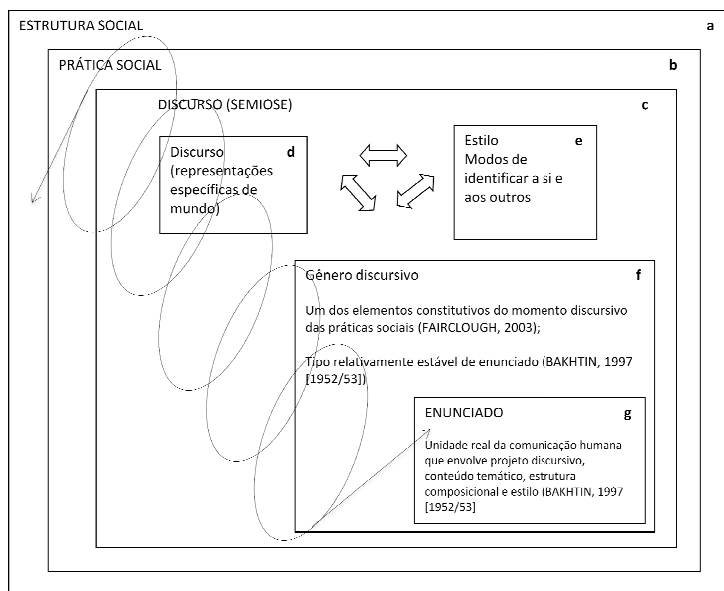
Para a presente pesquisa, assumimos, então, a proposta de Bonini (2010) aliada à proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999). Em outras palavras, quanto à delimitação do problema que se dá a partir da identificação de situações de assimetria de poder em que a linguagem pode ter papel central, tomamos como problema a mídia nacional, especificamente o caso da Rede Globo, que é um monopólio midiático e instrumento de legitimação da ideologia neoliberal a serviço de seus proprietários (BRITTO E BOLAÑOS, 2005). Delimitamos esse problema sob o ponto de vista de que a linguagem adquire um papel fundamental nessa empreitada, uma vez que é a partir dela, sob a veiculação de programas jornalísticos, de entretenimento e, inclusive, campanhas ditas de “responsabilidade social” que se mantém a ideologia

³³ No original: “The focus here is not so much reproduced structures but diversity of conjunctures, the range of what people can do in given structural conditions. This focus does still lead back to structures, but to an aspect of structures which does not get foregrounded in a relational analysis – their incompleteness, their contradictoriness, their gaps, i. e., the properties which keep systems open and make them amenable to transformative action. These properties manifest themselves in the variability of a practice, but also in tensions and contradictions within particular cases” (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 72).

da instituição, fomentando também o consumo dos bens simbólicos que produz.

A partir desse problema, temos como **objetivo geral**, então, interpretar o gênero discursivo em que O Sagrado se constitui em relação às práticas sociais das quais ele participa, ou seja, o uso que faz dele a Rede Globo. Para dar conta desse escopo, a análise se moverá sobre os aspectos das práticas sociais, como constitutivas das estruturas sociais (FAIRCLOUGH, 2003), e sobre os aspectos do gênero discursivo, entendido como um enunciado relativamente estável (BAKHTIN, 1997[1952/53]) e como parte constitutiva das práticas sociais, muitas vezes sendo o aspecto central na realização dessas práticas (BONINI, 2011). Para ilustrar os diferentes níveis de análise bem como sua articulação, elaboramos o esquema a seguir:

Figura 2- Planos de análise do gênero



Fonte: criação da autora

A partir da figura acima, é possível perceber que a análise proposta aqui concebe o gênero como parte do momento discursivo das práticas sociais (nível b), sendo materializado na forma de enunciados (nível g). Nesse caso, a análise articula a contextualização no nível das práticas (b) com a análise do evento enunciativo (g), mantendo como

intermediário o nível do gênero discursivo (nível f), já que é este o articulador das práticas sociais e do evento enunciativo.

O percurso de análise avançará, então, da verificação do problema social que tem a linguagem como central, para a análise do gênero a) numa rede de práticas sociais, b) como sendo um gênero dentre outros dessa rede, c) como sendo um enunciado tipificado. A abordagem será sempre em espiral, e de sentido duplo (como representada na figura anterior), já que a relação entre todos os planos de análise é de mútua constitutividade.

A contextualização de O Sagrado na rede de práticas corporativas no contexto da Rede Globo se dará a partir da pesquisa nos documentos institucionais que mencionem o programa, especificamente, o “Balanço Social, de 2011” e “Formatos Comerciais”, de 2005. Tal passo, desenvolvido no capítulo 04, responderá a nossa primeira questão de pesquisa, qual seja:

- a) De que rede de práticas sociais institucionais o Sagrado participa?

Feita essa contextualização com foco na rede de práticas sociais, analisaremos no capítulo 5, a série O Sagrado como sendo um gênero discursivo da esfera publicitária, aproximando-a da propaganda institucional indireta (SAMPAIO, 2003). Nesse caso, nosso foco é no gênero. Tal passo responderá nossa segunda questão de pesquisa:

- b) Em que gênero discursivo dessa rede de práticas sociais O Sagrado se constitui?

Em seguida, verificaremos quais as características organizacionais de O Sagrado como um enunciado que tem como mídia (BONINI, 2011) um meio de comunicação de massa – a televisão. Nesse caso, analisaremos o projeto discursivo depreendido desse gênero, seu conteúdo temático e sua estrutura composicional, bem como a relação desses aspectos composicionais com a efetivação da publicidade corporativa e de certos discursos sobre a religião, a liberdade de expressão e a violência, por exemplo, que perpassam esse gênero. Tal passo, desenvolvido no capítulo 06, responderá nossas terceira e quarta questões de pesquisa:

- c) Como O Sagrado é organizado no que tange aos seus aspectos de enunciado?

d) Quais são os discursos a respeito das temáticas sociais que perpassam esse gênero televisivo e como eles são articulados?

Optamos por um tratamento dos dados que focalize pontualmente cada um desses aspectos da relação entre gênero discursivo e práticas sociais a fim de tornar a abordagem mais clara, de modo que dedicamos a cada um desses focos um capítulo dessa dissertação. No entanto, dada a natureza de mútua constitutividade entre práticas sociais e gêneros discursivos, o leitor perceberá que a abordagem de um e outro aspecto não estará restrita a um capítulo, de maneira que no capítulo que aborde O Sagrado como um enunciado (Capítulo 6), por exemplo, essa abordagem se dará sempre em diálogo com O Sagrado como prática social e como gênero discursivo.

Em resumo, faremos a análise do gênero discursivo contextualizando-o dentro de uma prática institucional particular (propaganda institucional indireta), para então analisarmos os discursos que perpassam esse gênero. Como a análise proposta aqui é de gênero, especificamente, e não de discurso, refletir-se-á sobre como o gênero em questão (a série O Sagrado) se relaciona com a prática promocional institucional indireta e esta com a configuração da organização social. A análise do(s) discurso(s) presente(s) na série será também feita, mas não como foco da pesquisa, antes como parte da análise do gênero.

A partir dos resultados da análise acima, identificaremos como os mecanismos que sustentam o aspecto problemático da prática particular em que O Sagrado se constitui, tendo em vista a possibilidade de superá-los. Por fim, faço uma breve reflexão a respeito da pesquisa e de sua implicação para as questões analisadas.

4. A SÉRIE TELEVISIVA O SAGRADO DENTRO DA REDE DE PRÁTICAS INSTITUCIONAIS

O presente capítulo tem por objetivo analisar o programa televisivo “O Sagrado” como parte das práticas empresariais da Rede Globo. Tal procedimento é necessário na medida em que entendemos que um gênero está sempre intrinsecamente relacionado a alguma(s) prática(s) social (is), realizando-a (BONINI, 2010). Desse modo, é importante entendermos a lógica da produção de programas também sob o ponto de vista das práticas empresariais das quais são parte. Para isso, busquei menção do programa nos documentos institucionais divulgados pela emissora em seu site³⁴ (diretrizes de programas, de comerciais, a própria programação, balanço social etc.).

A análise desses documentos permite apresentar O Sagrado a partir de dois pontos: o primeiro, relacionando-o à rede de práticas sociais de filantropia institucional³⁵, nas quais o aspecto discursivo pode ou não ser central³⁶; o segundo, contextualizando-o como um gênero televisivo dentro da programação da Rede Globo. Nesse caso, o aspecto discursivo passa a ser central, já que a emissora trabalha justamente com a produção de bens simbólicos (THOMPSON 1998), ou seja, textos nos quais os aspectos semióticos/discursivo são o foco.

Nesse segundo viés da abordagem, a série televisiva O Sagrado está relacionada especificamente às campanhas institucionais, que são efetivadas a partir de interprogramas produzidos por corporações e que podem atender a diversos projetos discursivos, sendo o principal deles a publicidade institucional indireta (SAMPAIO, 2003).

Esses dois pontos foram divididos com a finalidade de tornar a explanação mais clara, mas estão estritamente relacionados, já que, ao final, perceberemos que mesmo as práticas de filantropia institucional são, na verdade, prática de publicidade indireta (SAMPAIO, 2003;

³⁴ <http://comercial2.redeglobo.com.br/Pages/Home.aspx>

³⁵ O termo usado pela emissora para essas práticas é “prática de responsabilidade social”.

³⁶ O “aspecto discursivo” a que me refiro aqui deve ser entendido como um dos momentos da prática social como propõem Chouliaraki e Fairclough (1999). Como apresentei no capítulo 2, há práticas em que o aspecto material é preponderante, e há outras em que o discursivo o é. Nesse caso, abordarei as práticas de filantropia sem focalizar o aspecto discursivo dessas práticas, o que será feito num segundo momento com foco no interprograma O Sagrado, que tem, então, o aspecto discursivo como central.

PINHO; 1990; GRACIOSO, 1995), tendo em alguns momentos o aspecto discursivo como central e em outros não.

4.1 Os projetos institucionais como práticas publicitárias para a construção de representações positivas sobre a instituição

Segundo dados da Rede Globo, o programa *O Sagrado* faz parte das ações sociais da emissora (REDE GLOBO, 2011). Tais ações têm sido desenvolvidas no contexto empresarial brasileiro como ferramentas estratégicas, cujo objetivo maior é fomentar um discurso que contribua para a avaliação positiva da empresa pelos seus clientes, colaboradores e possíveis acionistas. A construção desse discurso começa, inclusive, pela nomeação que as instituições têm dado a tais ações: “Responsabilidade Social Corporativa”³⁷ (RSC). Tal expressão contribui para a construção discursiva de uma identidade corporativa positiva, segundo a qual a instituição assumiria responsabilidade social, ou seja, uma identidade vinculada a qualidades como o compromisso com causas sociais, apagando o caráter de marketing estratégico dessas ações, bem como seu objetivo maior – o retorno financeiro.

Tais ações, do ponto de vista mercadológico, estão vinculadas ao que se tem chamado de “branding”, ou seja, a legitimação da “marca” institucional. Segundo Sampaio (2003, p. 26) a “marca” é a “síntese da experiência de valor vivida pelos consumidores em relação a cada um dos inúmeros produtos, serviços, empresas, instituições ou, mesmo, pessoas com as quais eles se relacionam”. Tal “síntese de experiências de valor” é, obviamente, uma representação, ou seja, tem relação com o aspecto ideacional da linguagem (FAIRCLOUGH, 2003), com a construção de discursos sobre um produto, uma empresa ou mesmo sobre uma pessoa.

Nesse sentido, é que as instituições investem estrategicamente na construção dessas representações, ou seja, de discursos que vinculem sua identidade a questões que gerem empatia/identificação do público consumidor e fomentem a construção de uma “marca” positiva diante desse público, exemplo disso são as campanhas da empresa Natura, que

³⁷ Ao longo da dissertação, usarei também os termos: “campanha institucional”, “práticas de promoção institucional indireta” ou “práticas promocionais” como sinônimos para a expressão “ação de responsabilidade social corporativa”, já que essa última contribui para o discurso promocional das empresas, o que se afasta do viés crítico assumido nessa pesquisa quanto à natureza dessas ações.

vinculam sua marca ao discurso da auto-realização, da felicidade³⁸ e do desenvolvimento sustentável (SILVESTRE; KREUTZK *et all*, 2009). Além disso, a construção dessas representações é articulada à construção discursiva de estilos, ou seja, identidades específicas construídas para o consumidor, uma vez que há a associação entre qualidades da marca a estilos de vida. Em outras palavras, relacionam-se produto e/ou marca a um perfil de consumidor, que na modernidade tardia tem sido identificado por um ‘consumismo hedonista’ (BAUMAN, 2001), relacionado ao prazer, à felicidade. Nesse sentido, é o caráter semiótico/discursivo desses “valores” que permite, justamente, ainda mais a manipulação do discurso como uma tecnologia para construção desses contextos de consumo.

Cientes dessas implicações discursivas, as corporações, segundo Sampaio (2003), têm investido em políticas de marketing que fortaleçam a marca institucional, ou seja, têm se utilizado estrategicamente de práticas sociais (e discursos) que construam uma identidade positiva para si. Tal estratégia tem sido fomentada por diversos estudiosos, principalmente da área da publicidade, mas também por responsáveis pela gestão empresarial e por profissionais de setores contábeis. A ênfase nesse tipo de estratégia por parte dessas diferentes ordens se dá devido aos benefícios financeiros que as corporações alcançam a partir dessas práticas.

Segundo Sampaio (2003), “O valor da marca influencia diretamente a rentabilidade e o valor da empresa”, tendo, muitas vezes, “maior valor financeiro do que o próprio serviço ou produto em si” (SAMPAIO, 2003, p. 239; 240). É por isso que Gracioso (1995) instrui estrategicamente os profissionais de marketing: “defenda ou associe a imagem da empresa a temas como proteção do ambiente, a ética e a participação nos problemas da comunidade” (p.99), pois isso, segundo o autor, contribui para criar empatia dos consumidores pela instituição, legitimando um discurso favorável à empresa e ao consumo de seus produtos.

Segundo Guedes (2000), são retornos dessa construção discursiva positiva: a) ganho em imagem e em vendas, pelo fortalecimento e fidelidade à marca e ao produto; b) ganho aos acionistas e investidores,

³⁸ Veja-se, por exemplo, o slogan da empresa: “Bem estar bem”, que fomenta não o consumo direto de produtos, mas de estilos de vida, baseados no consumismo hedonista (BAUMAN, 2001). Nesse caso, “vendem-se identidades” construídas no discurso, para na verdade venderem-se os produtos que são vinculados à conquista dessa identidade.

pela valorização da empresa na sociedade e no mercado; c) ganho em retorno publicitário advindo da geração de mídia espontânea; d) ganho em produtividade e pessoas, pelo maior empenho e motivação dos funcionários; e) ganho em tributação, com possibilidades de isenções fiscais em âmbitos municipal, estadual e federal para empresas patrocinadoras ou diretamente para os projetos, como mostram os dados da Fundação Gaúcha dos Bancos Sociais³⁹. Amparadas no âmbito Federal por leis como a Lei Federal 8.313/91, chamada Rouanet (Programa Nacional de Apoio à Cultura) e Lei 8.685/93 (do Audiovisual), empresas podem deduzir de seus impostos até 100% de seus investimentos em projetos sociais e de patrocínio. No âmbito estadual, também existem leis de incentivo à cultura como a Lei 10.846/96 que, no Rio Grande do Sul, dá a possibilidade de redução do ICMS de até 95% do valor investido em projetos que visem a divulgar e preservar o patrimônio cultural.

Nesse sentido, é perceptível que a perspectiva empresarial-publicitária tem como foco construir um discurso favorável ao seu negócio, sem ao menos gastar recursos próprios, muitas vezes, de modo que fomenta representações, discursos em prol da manutenção do consumo e da acumulação de capital pelas instituições privadas.

No que se referem ao Sagrado, as perspectivas religiosas são ali apresentadas de modo que a emissora possa construir um discurso de valorização de sua marca, vinculando-a a valores como bem-estar social, paz, respeito, pluralidade etc., com os quais o telespectador mantém uma relação de empatia⁴⁰, de identificação (se religioso). Nesse sentido, a emissora se coloca como a que pode “fomentar o diálogo”, “o acolhimento”, “o respeito” a todas as perspectivas religiosas apresentadas. Ora, como produtora de bens simbólicos (THOMPSON,

³⁹ http://www.bancossociais.org.br/files/pub/128423678960531_Microsoft-Word-Banco-de-Projetos-Comunitrios.pdf (último acesso em 25/06/2013)

⁴⁰ Não podemos esquecer que esse discurso de “respeito às diferenças” tem sido altamente difundido na sociedade brasileira. Baseados na luta legítima (no âmbito social e jurídico) que muitos grupos sociais minoritários têm travado em busca do respeito (feminismos, políticas afirmativas, casamento homoafetivo), muitas instituições, a fim de conquistarem esses sujeitos como consumidores, têm assumido um discurso em prol desses grupos. Por outro lado, não é possível desprezar o fato de que o número de distribuição de fiéis por religião tem apresentado mudanças (Cf. CENSO, 2010), o que leva a emissora a abarcar também alguns desses potenciais consumidores em sua programação. Digo alguns, pois grupos como ateus, agnósticos ou sem religião, não participam da campanha.

1998), vincula seu produto a esse estilo de vida – “respeitoso”, “ecumênico”, “apaziguador”, “engajado”.

Apesar de construir esse discurso, é perceptível que o foco dessa manipulação discursiva é a conquista do consumidor, é o incentivo ao consumo e à legitimação de determinados estilos de vida. Nesse sentido, à sociedade com seus problemas é dado um papel coadjuvante, ou seja, o de ser um meio pelo qual a empresa alcança seus propósitos. É nessa perspectiva que Faria e Sauerbronn (2008) criticam essa abordagem dos temas sociais com fins estratégicos. Segundo os autores,

A perspectiva de interesse não é mais da sociedade e, sim, da alta administração. Compreender a dinâmica organizacional exige descontextualizar a organização de questões de poder e privilégio e assumir que os interesses dos acionistas prevalecem, em detrimento dos empregados e do resto da sociedade (FARIA; SAUERBRONN, 2008, p. 26).

Nesse sentido, o “investimento” em iniciativas de cunho social, na verdade, não focaliza a resolução de problemas sociais, mas trata de utilizá-los a favor da instituição empresarial, o que por sua vez, é revertido aos seus acionistas através da sempre crescente concentração e acumulação de capital.

Cabe lembrar que muitas das ações que são entendidas como fruto do “espírito bondoso” das grandes corporações são, na verdade, o cumprimento de exigências legais, como é o caso da Lei nº 8.213/91, que obriga a reserva de cotas para pessoas com deficiências em empresas com mais de cem funcionários. Apesar de ser o cumprimento de uma lei, tal ação é apresentada por muitas corporações como um fruto da preocupação da corporação com a inclusão.

Desse modo, tais ações devem ser entendidas a partir de uma perspectiva histórica e crítica, uma vez que, em verdade, não focalizam um debate plural a respeito de questões sociais importantes; antes essas ações se atêm ao “como” tais questões sociais podem garantir retorno financeiro às corporações, legitimando cada vez mais suas marcas, ganhando mercado, fortalecendo o modo neoliberal de exploração e aumentando ainda mais o fosso que separa ricos de pobres. Nesse sentido, como afirma Fairclough (2002 apud Ramalho 2010, p. 62), é claro o fato de que o novo capitalismo depende cada vez mais de tecnologias de comunicação, tecnologias discursivas, assim como da

criação de “marcas” (branding) para garantir o sucesso econômico de companhias.

Do ponto de vista que nos cabe, a partir da Linguística Aplicada e dos estudos da Análise Crítica de Gênero, observamos que essas tecnologias discursivas, na série *O Sagrado*, implicam a construção de gêneros discursivos que simulam relações igualitárias, preocupação com questões sociais legítimas, ações de real responsabilidade social, mas que na verdade são gêneros discursivos promocionais, como veremos no capítulo seguinte.

4.2 A série *O Sagrado* como parte da construção de representações positivas sobre a instituição

Em pesquisa realizada com quatro grandes corporações do ramo de agronegócios, Machado Filho (2002) identifica três estruturas utilizadas para o desenvolvimento e operacionalização dessas campanhas institucionais. A primeira diz respeito à internalização pela empresa das atividades, operacionalizando diretamente os projetos sociais. Isso ocorre quando a atividade da empresa se relaciona diretamente com a ação que propõe, como ações de reflorestamento por uma empresa que produz papel, ou ainda quando as ações dizem respeito aos funcionários, ou à exploração de forma intensa da especificidade da marca, associando diretamente determinada prática de responsabilidade social ao negócio da empresa.

A segunda estrutura proposta por Machado Filho (2002) diz respeito ao desenvolvimento de ações sociais pela empresa por meio de outra organização sob seu controle, como é o caso das Fundações, por exemplo. Em tal estrutura a empresa controladora mantém sob seu controle os objetivos básicos e as estratégias desta organização, e, de alguma forma, explora a “especificidade da marca”, associando a imagem da empresa às atividades sociais desenvolvidas pela organização sob seu controle hierárquico.

Um terceiro modo de estruturar tais ações ocorre através de parcerias que a empresa desenvolve com outras organizações, sem operacionalizar diretamente as atividades sociais. Nesse modelo as intervenções se dão por meio de doações, contratos de parceria ou outras formas indiretas de atuação (MACHADO FILHO, 2002, p. 101 - 104).

Estreitando o foco para as ações sociais desenvolvidas pela Rede Globo, percebemos que estas se organizam das três formas estruturais

pontuadas por Machado Filho (2002). Segundo o Balanço Social⁴¹ da empresa, referente ao ano de 2011, a instituição atua tanto diretamente em políticas sociais para os funcionários, como a partir da Fundação Roberto Marinho, em políticas externas, e atua ainda em parceria com outras instituições, públicas, privadas e ONGs.

Segundo o documento (REDE GLOBO, 2011), as ações diretas da emissora são: implantação das certificações ISO 14001 (ambiental) e ISO 9001 (qualidade), recuperação e preservação de área verde; coleta de água da chuva; utilização de carros elétricos não-poluidores; reciclagem de papel e uso de madeira de origem controlada; estação de tratamento de esgoto; reaproveitamento de tintas PVA, papel, madeira, lonas de cenários e outros.

Além disso, o documento emitido pela empresa considera como ação direta de “responsabilidade social” a presença de temas sociais durante a programação, seja dentro de novelas ou ainda em quadros dentro de programas jornalísticos como o “Medida certa”, no programa “Fantástico”. Além de campanhas sociais próprias como a de “Prevenção contra dengue”; “Paz nos estádios de futebol”; “Cinco anos da Lei Maria da Penha”; “Alertas sobre enchentes e pedidos de doações aos desabrigados das chuvas” etc. (REDE GLOBO, 2011, p. 48).

Já quanto às campanhas institucionais através da Fundação Roberto Marinho e em parceria com outras instituições, delas fazem parte os projetos:

a) Criança esperança – campanha que tem como principal objetivo angariar fundos para projetos assistencialistas mantidos direta ou indiretamente pela emissora;

b) Amigos da escola – projeto assistencial que organiza cursos de “capacitação” para diretores de escolas. Propõe também eventos intitulados “Dias temáticos” nas instituições e capacitação de voluntariado para atividades nos colégios, mobilizando mão de obra gratuita em prol do projeto assistencialista. Além disso, a Rede Globo produz reportagens nacionais e locais que abordam práticas “exemplares” - segundo a empresa - nas escolas públicas e questões relevantes na área da educação, dando publicidade, principalmente, às ações por ela mesma organizadas;

⁴¹ Nesse momento da abordagem não entrarei na discussão do caráter publicitário do documento Balanço Social. Cabe lembrar, porém, que esse não é um documento obrigatório por lei, e visa, justamente, “apresentar” as ações de “responsabilidade social” da empresa, o que por si só já seria uma grande estratégia publicitária merecedora de análise.

c) Globo universidade – projeto que faz cobertura jornalística de eventos acadêmicos que abordam, entre outros temas, os relativos à comunicação e preservação do meio ambiente, em 30 universidades públicas e privadas, nacionais e internacionais. Tais reportagens fazem parte do programa televisivo “Globo Cidadania”, que divulga os projetos da emissora e das universidades envolvidas;

d) Ação global – evento que ocorre num único dia, no qual são realizados serviços como emissão de documentos básicos, atendimento de saúde e orientações jurídicas; tal ação tem apoio do Serviço Social da Indústria (SESI) e de ONGs diversas. Esse evento é alvo de publicidade da própria emissora por meio de pequenas reportagens transmitidas ao longo de sua programação;

e) Globo cidadania – que vai ao ar nas manhãs de sábado, é a reunião dos programas: *Globo educação*, que trata sobre o dia-a-dia de escolas públicas, abordando temas como *bullying*; *Globo Ciência*, que reúne reportagens sobre cientistas internacionais e o impacto de suas pesquisas nos dias de hoje; *Globo Ecologia*, que busca promover o discurso de preservação do planeta; *Globo Universidade*, como já colocado no item *c* e *Ação*, coberturas de projetos diversos de ONGs.

f) O Sagrado⁴² – alvo de nossa análise, o programa é produzido pela Rede Globo em parceria com a Fundação Roberto Marinho. Segundo Balanço Social da emissora (REDE GLOBO, 2011, p. 30), a ação é “um incentivo ao diálogo e à convivência sem preconceito”. Os programas apresentam a fala de representantes das igrejas católica e protestante, das religiões afro-brasileiras, do espiritismo, do islamismo, do budismo e do judaísmo sobre temas relacionados ao mundo contemporâneo.

Nesse sentido, é perceptível que O Sagrado seja parte de uma rede de práticas sociais que corroboram o discurso de valorização da marca institucional, relacionadas, portanto, às práticas de publicidade. Tais ações envolvem projetos de diversos tipos, acontecendo tanto por meio de atividades que ocorrem “fora do ar” – mas que vão para o ar em forma de programas, reportagens etc., quanto por meio da produção de programas sendo eles próprios considerados a campanha institucional. Nesse caso, teríamos os comerciais institucionais, ou seja, o gênero propaganda institucional indireta (SAMPAIO, 2003).

Essa relação entre o que ocorre “fora do ar” e “no ar” pode ser entendida a partir da compreensão que temos da relação entre os

⁴² Para uma descrição detalhada do programa, consulte o capítulo 3, de metodologia.

diferentes momentos das práticas sociais, ou seja, tanto as ações historicamente tipificadas que ocorrem fora do ar (práticas que “mobilizam” gêneros discursivos) quanto as que ocorrem no ar (gêneros discursivos que realizam/são perpassados por práticas sociais) são parte de uma mesma prática social maior – publicitária. A diferença entre uma e outra campanha institucional é qual aspecto da prática assume centralidade em sua realização.

No caso de O Sagrado, por exemplo, mesmo que mobilize práticas como entrevistar, realizar reuniões, apresentar diferentes vozes etc., seu aspecto central é discursivo, e não a prática material que prescinde da linguagem. Diferentemente, se pensarmos no projeto Ação Global, por exemplo, em que é o aspecto material da prática que parece ser central (cortar cabelo, emitir documentos), o que não significa que não haja discurso, linguagem nessa prática. O que é imprescindível é entender que todos os momentos da prática se sobredeterminam, internalizam-se mutuamente (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), ainda que aos nossos olhos de analista um ou outro seja mais apreensível.

4.3 Da relação entre práticas sociais e gêneros discursivos: a publicidade em O Sagrado

A partir da apresentação dessas práticas institucionais, podemos avançar na análise fazendo um paralelo entre tais práticas e os gêneros discursivos televisivos por elas mobilizados, com elas relacionados, ou ainda, por meio dos quais a prática social da publicidade institucional se efetiva, entendendo a estratégia de legitimação da marca em prol do incentivo ao consumo como sendo a prática de publicidade institucional.

Tal sistematização tem como fim a pesquisa, uma vez que, como apontamos na seção anterior, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), as práticas são entendidas como uma junção de diferentes aspectos: discursivo, atividade mental e material e relações sociais. Nesse sentido, é preciso ficar claro que ainda que estejamos enfatizando o aspecto Discursivo da prática, isso não significa que ela não encerre os outros aspectos. Para entendermos a questão, é preciso retornar ao conceito de prática social utilizado nessa pesquisa. Práticas sociais são, então,

[...] maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos – materiais e simbólicos – para agirem juntas no mundo. Práticas são constituídas ao longo da vida

social - nos domínios especializados da economia e da política, por exemplo, mas também no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

Nesse sentido, práticas são ações tipificadas ao longo do tempo por grupos de pessoas que agem sobre o mundo e/ou sobre outras pessoas. Tal conceito pode ser entendido ainda a partir de níveis de abstração, ou seja, quando os autores falam que “as práticas são constituídas ao longo da vida social, nos domínios especializados da economia e da política”, temos um nível de práticas, é nesse nível que se encaixam as práticas da economia, da educação, da publicidade, já que estes são domínios especializados. Nesse sentido podemos ainda articular esse aspecto a domínios específicos, com base em Foucault, a determinadas “ordens de discurso”, ou ainda aos gêneros secundários (BAKHTIN, 2003[1953/54]), mais complexos por se relacionarem às práticas de domínios também mais complexos.

Bonini (2011) aborda essas diferentes subclassificações retomando o conceito de “prática social” (no singular) com base em Fairclough (2003) em contraponto ao conceito de “práticas sociais” (no plural). O autor dá o exemplo da prática de “relato de um acontecimento recente”, relacionada ao gênero discursivo notícia, que pode ser também uma prática de “pressão sobre o governo”, realizada por determinados grupos sociais. Assim, segundo Bonini (2011), o conceito de “prática social” (no singular) pode ser entendido como o conjunto dessas práticas sociais (no plural).

Ainda a partir da conceituação proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), na citação anterior, essa diferenciação pode também ser entendida. O que os autores chamam “no domínio da cultura, incluindo a vida cotidiana” se aproxima ao que Bonini (2011) chama de “práticas sociais” (no plural). Nesse sentido, teríamos práticas como relatar um fato, ou informar sobre uma nova descoberta tecnológica (práticas sociais), que poderiam ser também uma forma de propaganda de um produto (prática social). No caso do domínio educacional (prática social), por exemplo, temos práticas como explicar, ler, escrever, corrigir, avaliar etc. (práticas sociais). É importante ressaltar, porém, que não existe uma fronteira fixa entre as diferentes práticas que podem ser agrupadas numa prática social ou que são efetivadas por meio de um gênero discursivo; isso porque, como pontua Fairclough (2001[1992], p. 97), os elementos das próprias ordens discursivas não são homogêneos. Há práticas mais relacionadas a determinadas ordens discursivas que

podem estar presentes em outras ordens. Exemplos disso são as tendências discursivas mencionadas por Fairclough (2001[1992]), dentre as quais está a “democratização do discurso”, que implica a presença de aspectos da ordem do discurso familiar, conversacional, do dia-a-dia, em ordens tradicionalmente monitoradas como a da escola, como apresentamos na seção 2.3.2.

Apesar de o autor tratar dessa tendência de democratização como algo que coloniza diferentes ordens, é possível entender paralelamente a relação fluida dessas ordens dentro dos gêneros discursivos (no caso dos marcadores, por exemplo) e também na multiplicidade de práticas que podem ser realizadas por meio de um gênero, relacionadas, assim, com os elementos semióticos, a ordens discursivas diferentes.

No que tange à relação entre essas práticas não se pode afirmar que haja uma hierarquia. No entanto, a análise das práticas sociais realizadas por meio de O Sagrado permite pensar que quando há uma rede de práticas agrupadas realizando, no fim, uma mesma prática específica, tem-se então certa hierarquização. Por exemplo, é possível dizer que mesmo sendo práticas tão díspares noticiar um fato, dialogar dentro de uma cena de novela ou ainda entrevistar alguém dentro de um programa de entretenimento, tais práticas podem ser agrupadas dentro da prática promocional, por exemplo, caso a notícia se relacione a um produto específico, caso o diálogo na cena de novela seja favorável a esse produto e caso a entrevista seja do proprietário da empresa que produz o produto.

Nesse sentido, é perceptível que a prática promocional (no singular) é que governa as outras práticas (no plural). Tal relação pode ser mais complexa do que tentamos apresentar aqui, mas essa linha de pensamento lança luz sobre o fato de que gêneros realizam práticas (ou prática, no singular) e isso nem sempre é transparente, já que as práticas que perpassam um gênero, ou são por ele realizadas, podem ser várias e bastante distintas.

Nesse sentido, em O Sagrado, temos as práticas sociais de informar sobre as religiões, de “dar voz” aos religiosos, de apresentar e avaliar alguns temas contemporâneos, mas acima de tudo e aliado a outras práticas sociais (no plural) temos a prática de construir uma marca positiva à instituição Rede Globo e, portanto, de promover essa empresa. Todas essas práticas (no plural) são fruto da colonização da ordem do discurso publicitário (a prática social publicitária) sobre outras ordens discursivas, como do discurso jornalístico (pela hibridização com gêneros informativos) e mesmo administrativo (quando tomam o programa como tema de um documento institucional – Balanço Social),

sem contar as inserções da publicidade dentro de outros gêneros como novela, programas de entretenimento etc. Nesse sentido, existe uma rede de práticas interdependentes numa cadeia de gêneros discursivos (FAIRCLOUGH, 2003) bastante complexa, realizando a prática de publicidade.

É nessa rede complexa de práticas sociais que O Sagrado está inserido, e dentro da qual é possível entendê-lo. Em outras palavras, a compreensão do que seja tal programa só é possível dentro dessa rede de práticas da qual ele participa, senão ficaríamos restritos a uma análise textual que não daria conta do alcance social que o aspecto Discursivo movimenta nessa prática. Afinal, os momentos da prática social não só se relacionam como também mantêm uma relação de interdependência e mútua internalização, ou seja, o Discurso, nesse sentido, internaliza práticas materiais e relações sociais, bem como atividades mentais ou crenças sobre a instituição, sobre os assuntos abordados, sobre as religiões apresentadas e sobre a própria prática da campanha institucional. A figura a seguir ilustra as ligações entre a prática de publicidade institucional, as práticas sociais agrupadas nessa prática maior e o momento discursivo dessa prática maior, ou seja, a materialização da prática no que tange aos gêneros discursivos⁴³.

⁴³ Certamente há outros gêneros discursivos envolvidos nessas práticas institucionais, gêneros que têm relação direta com determinadas ações. Por exemplo: formulários de participantes do “Ação Global”; “conversa telefônica” do “Criança Esperança”. Esse grupo de gêneros discursivos pode ser entendido a partir do conceito de colônia de gêneros (BATHIA, 2004). Como nosso foco são os gêneros veiculados pela emissora aos seus telespectadores por meio da mídia televisiva, não incluímos os que são mobilizados diretamente nessas práticas, em ações específicas. Assim, preferimos falar em uma cadeia de gêneros (FAIRCLOUGH, 2003), na qual esses mantêm uma relação que não está diretamente relacionada a uma ação, mas a mesma prática social, no caso de O Sagrado.

Figura 3- Rede de práticas de publicidade institucional indireta

PRÁTICA SOCIAL		
PUBLICIDADE INSTITUCIONAL		
CAMPANHA	PRÁTICAS SOCIAIS	ASPECTO DISCURSIVO DA PRÁTICA
Criança Esperança	Angariar recursos financeiros; financiar projetos filantrópicos; apresentar show musical; promover a prática de filantropia; etc.	Programa televisivo; reportagens; comercial de projeto institucional; etc.
Ação Global	Emitir documentos; orientar juridicamente; cortar cabelo; apresentar show artístico; promover a prática do voluntariado, etc.	Reportagens; comercial de projeto institucional;
O Sagrado	Dar visibilidade para alguns grupos religiosos; promover o discurso de tolerância religiosa; dar visibilidade para alguns temas sociais;	Interprograma televisivo; comercial de projeto institucional;
OUTRAS ...		

Fonte: criação da autora

Como apontado até aqui, as práticas de publicidade perpassam diferentes gêneros discursivos sendo por eles realizadas, de modo que estes gêneros, mesmo que não tenham tradicionalmente uma relação direta com a prática publicitária, realizam-na. Nesse sentido, o discurso da publicidade coloniza outras ordens discursivas, de modo de que, na modernidade tardia, torna-se difícil distinguir informação de persuasão (FAIRCLOUGH, 2001[1992]). É sobre isso que abordaremos na seção seguinte, mostrando a relação entre O Sagrado e o gênero propaganda institucional, que é um gênero publicitário.

5. O GÊNERO DISCURSIVO EM QUE O SAGRADO SE CONSTITUI

A fim de entender o gênero que se está tratando aqui, buscamos saber como este é nomeado, entendido na própria esfera social na qual circula, nesse caso, a mídia televisiva. Nos documentos da emissora que mencionam O Sagrado, encontramos diversas nomeações. No Balanço Social (REDE GLOBO, 2011) encontramos *interprograma*, já na chamada de divulgação, nos dados analisados e no site, encontramos *série*. Além disso, estudando o documento que traça as diretrizes dos comerciais da emissora, encontramos os comerciais nomeados “Projeto Institucional” e “Espaço de Responsabilidade Social”, que, apesar de não mencionarem explicitamente O Sagrado, se aproximam dele no que tange a sua composição.

Não nos interessa aqui analisar todos esses termos (e possivelmente gêneros), suas semelhanças e diferenças, a fim de chegar a *uma* definição para o gênero em questão – O Sagrado. Nosso objetivo maior não é chegar a *uma* nomenclatura, mas analisar como a constituição de O Sagrado como unidade de linguagem se relaciona com determinadas práticas sociais da Rede Globo. Nesse sentido, sim, é interessante que analisemos alguns aspectos dessas nomeações, mas sempre lembrando que

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Assim, tanto é fato que o número de gêneros existentes na esfera televisiva é imenso (e cada vez mais imenso) quanto que um gênero dessa esfera pode alterar-se na medida em que as práticas se alteram, e vice-versa. Além de que, a própria fronteira entre uma esfera de atividade e outra não é tão rígida, logo, ainda que um gênero, de fato, se relacione a uma dada esfera, essa relação pode ser alterada.

A partir disso, abordaremos brevemente a conceituação de *série* utilizada nos documentos e nos dados de análise, em seguida, o que vem a ser o *interprograma*, nomenclatura utilizada no Balanço Social (2011) e, por fim, apresentamos o que vem a ser a propaganda institucional

indireta, que dialoga mais proximamente com a rede de práticas apresentada na seção anterior.

5.1 A Série O Sagrado

Ao conceituar “série de televisão”, Rabaça e Barbosa (1978) afirmam que esta diz respeito à “sequência de episódios relacionados entre si, exibidos sob o mesmo título geral, em dias e horários determinados” (p. 668). Os autores apontam ainda para o conceito de “seriado” como sinônimo de “série”. Afirmam que esse pode se organizar de diferentes formas, abrangendo tanto a novela, como a conhecemos no Brasil, em que cada episódio contém parte de uma narrativa maior; quanto um grupo de episódios com histórias autônomas, mas relacionadas entre si “por desenvolverem um mesmo tema central, em torno dos mesmos protagonistas, com a mesma linha dramática e mesma filosofia de produção” (p. 668), como as séries de aventura e de desenhos animados, por exemplo.

A partir dessa conceituação, os autores abarcam sob um mesmo conceito produções televisivas que apresentam algumas diferenças organizacionais, como o fato de a série, tomada na segunda perspectiva, poder ser dividida em temporadas e ser apresentada durante anos seguidos, o que não ocorre com a novela, cujo tempo de exibição compreende os limites de um enredo, podendo, no máximo, ser reprisada. Por outro lado, a conceituação dos autores aproxima essas diferentes séries pelo fato de ambas terem o caráter de entretenimento; isso é claro nos exemplos dados pelos autores (série com narrativas de aventura, desenhos animados, novelas etc.).

Diante disso, se programas como O Sagrado são nomeados como séries; são séries bastante diferentes das anteriores, já que, além de não apresentarem explicitamente como aquelas um projeto discursivo de entretenimento, são organizados de forma diferente, não mantendo, por exemplo, os mesmos “personagens” (que seriam os participantes religiosos), ou ainda sendo recortada e reprisada de forma bastante livre, o que não ocorre com as séries de entretenimento. Além disso, destacamos o fato de a série não lidar especificamente com personagens, mas como sujeitos cuja identidade e ações são parte das práticas sociais que se prolongam para fora das telas da tevê.

O Sagrado mantém, porém, proximidade com as séries elencadas anteriormente no sentido de que também é organizado em episódios que se encerram em uma mesma “filosofia de produção”, o que numa perspectiva enunciativa podemos chamar de um mesmo projeto

discursivo, ou seja, ainda que sejam episódios independentes ou episódios que contenham parte da ‘narrativa’ maior, se inscrevem num mesmo projeto de dizer, ou seja, a novela em si, com seu enredo, suas formas de acabamento pode ser entendida como um enunciado, assim como ocorre com séries de aventura como “Smallville”⁴⁴ e, por fim, O Sagrado. Há uma unidade temática no grupo de episódios, o que os torna um enunciado único, ainda que cada episódio possa apresentar-se de forma autônoma com relação ao assunto abordado.

Em princípio, as similaridades entre produções como uma novela, um seriado do tipo “Smallville” e O Sagrado apontam para um mesmo gênero, a série televisiva. No entanto, tal afirmação demanda um estudo comparativo dessas produções, de modo a destrinchar os aspectos relativamente estáveis desses enunciados na composição do gênero “série televisiva”, o que não cabe nos limites dessa pesquisa. Por ora, interessa-nos o fato de que o conceito de série para O Sagrado aponta para uma unidade no conjunto de seus episódios, o que para uma análise enunciativa pode ser produtivo, como veremos no capítulo 06.

5.2 O Sagrado como um interprograma

Segundo Fanucchi (1996), estudioso do campo da comunicação, o interprograma é um formato televisivo que surgiu junto da televisão brasileira, na década de 50, a fim de sanar uma limitação técnica: ocupar um tempo ocioso entre uma e outra transmissão ao vivo, já que os programas eram transmitidos sempre ao vivo e era preciso ocupar o espaço de transmissão.

Tal formato é muito próximo do que se entende hoje por “calhau”. Segundo Rabaça; Barbosa (1978), calhau é

qualquer notícia, artigo ou matéria de importância relativa (...) que, na falta de coisa melhor, serve para encher os buracos originados pela falta de material editorial ou por erro de cálculo de diagramação (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 95).

⁴⁴ Smallville é uma série televisiva, cujo personagem principal é um jovem com poderes sobrenaturais que protagoniza diversas aventuras. O programa foi criado pelos escritores e produtores Alfred Gough e Miles Millar e é baseado no popular personagem Superman da DC Comics, originalmente criado por Jerry Siegel e Joe Shuster.

No campo da publicidade, “calhau” se relaciona com o anúncio pelo qual alguns veículos cobram preços abaixo da tabela e comumente é publicado quando há sobra de tempo (no caso da televisão). Muitas vezes, é um anúncio do próprio veículo ou de outros veículos da mesma organização (RABAÇA; BARBOSA, 1978).

Segundo Fanucchi (1996), no início, os interprogramas (ou calhau) se limitavam à apresentação da imagem da marca da emissora, sem nenhum outro recurso de sonoplastia. Com o tempo foram se diversificando e, além da imagem da marca, passaram a apresentar o título de outros programas da grade, com uma voz de fundo promovendo-os, muito próximo do que entendemos hoje em dia por “chamadas”.

Segundo o autor, a necessidade técnica (ocupar o tempo da programação) foi utilizada desde o início para a autopromoção da emissora. Fanucchi (1996) cita, por exemplo, o programa “Nossa próxima atração”, da extinta TV Tupi, que era tipicamente uma promoção dos programas da grade.

Além de autopromoção, esses interprogramas foram usados em alguns momentos como meios de informação, afirma Fanucchi (1996). Exemplo disso é o programa “Veja o Brasil”, em que se faziam pequenos vídeos (cerca de dois minutos) apresentando, por meio de reportagens curtas, os costumes de comunidades brasileiras, como festas típicas. Apesar do sucesso desse interprograma, o mesmo foi extinto, segundo Fenucci (1996), por limitações econômicas da emissora para realizar as reportagens.

Ao abordar o contexto das práticas profissionais em que surgiram esses interprogramas, o autor ressalta o fato de que esse contexto era propício também para o surgimento de gêneros comerciais, ou seja, além de ocupar um espaço ocioso na televisão, o comercial ainda renderia retorno financeiro para emissora pela venda desse espaço. Segundo o autor: “as primeiras mensagens comerciais na tevê eram tímidas e redundantes (...). Diluídas nos interprogramas, submetiam-se ao papel de simplesmente ajudar a preencher o tempo”, além de serem muito parecidas com as veiculadas pelo rádio, onde eram bastante fortes (FANUCCHI, 1996, p. 132).

Mas, se naquela época essas mensagens comerciais “eram tímidas”, hoje são elas que não apenas preenchem, mas têm lugar de destaque na grade de programação das emissoras, sobretudo, das de cunho comercial como a Rede Globo. A publicidade, nesse sentido passa a dominar o “intervalo” dos programas e o formato *interprograma* afirma-se, grosso modo, como um comercial televisivo, ou melhor, um

gênero promocional. Nesse sentido, o *interprograma* como um gênero dialoga com os aspectos de gêneros publicitários, como os comerciais, já que é este seu contexto de trânsito na mídia televisiva. Assim, nomear O Sagrado como um *interprograma*, de certa forma, o relaciona aos comerciais, mais especificamente ainda, aos comerciais do próprio veículo de comunicação.

5.3 O Sagrado como propaganda institucional indireta

Segundo Sampaio (2003, p. 26) a propaganda pode ser entendida como a “manipulação planejada da comunicação” – tendo, portanto, relação direta com a linguagem – que tem como objetivo, pela persuasão, promover comportamentos em benefício do anunciante. Tal prática é de extrema importância na sociedade capitalista e caracteriza-se como uma prática empresarial de investimento, já que, tem por objetivo maior fazer consumir e garantir as vendas e a geração de capital empresarial.

A propaganda institucional, especificamente, não tem por objetivo direto vender um produto específico, mas fortalecer o discurso em prol da instituição, o que, indiretamente, vai fazê-la vender, é claro. Segundo Pinho (1990), a propaganda institucional é uma importante ferramenta do setor de relações públicas e marketing das empresas e pode ter não apenas um, mas vários objetivos, desde “assegurar a aceitação de uma organização junto ao público em geral” até “prestar um serviço público” (PINHO, 1990, p. 84 – 104).

Diante dessa diversidade de objetivos, o autor sistematizou cinco funções básicas para esse gênero: a primeira é a função protetora, que tem como objetivo legitimar a posição da empresa diante de legislações que supostamente a prejudicam, fomentando uma opinião pública favorável à política da empresa, ou seja, é uma ação contra o Estado que “estabelece regulamentações, por força de suas políticas econômicas, que podem ser prejudiciais para o interesse das empresas e de suas operações industriais e comerciais” (p. 108).

A segunda função, de acordo com Pinho (1990), é a de constituir uma identidade corporativa para a empresa, ou seja, uma identidade “referente aos valores básicos e às características atribuídas a uma corporação pelos seus membros, públicos internos e externos” (p. 117). Trata-se de uma função que é bastante explorada por meio dos projetos institucionais como os abordados no capítulo anterior, vinculando a identidade da empresa, sobretudo, a valores que estejam no centro das discussões sociais.

A terceira função da propaganda institucional elencada por Pinho (1990) é a função institucional. Segundo o autor, essa é a função geral desse tipo de propaganda, ou seja, promover a aceitação da empresa como instituição com significado social. Pinho (1990) defende que esse tipo de propaganda surgiu, sobretudo, para legitimação de empresas multinacionais e organizavam-se, geralmente, da seguinte forma:

- a) contam a história da empresa,
- b) apresentam dados sobre as fábricas e as filiais, o pessoal e as relações trabalhistas, as políticas de administração e os métodos de distribuição;
- c) informam sobre os produtos, a estrutura do capital da empresa, os investimentos em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, a dita responsabilidade social para com o bem-estar da comunidade, os volumes de venda, a posição da concorrência e os serviços prestados aos consumidores.

Tudo isso, é claro, é enunciado em tom elogioso à instituição, vinculando suas ações empresariais ao bem-estar e satisfação do cliente. Tal descrição é classificada por Sampaio (2003) como propaganda institucional direta, ou seja, em que o foco da propaganda é a apresentação e exaltação da empresa. Nesse caso, o discurso publicitário é explícito, já que os objetivos de exaltação à marca estão linguisticamente marcados por meio de adjetivações, por exemplo.

O estímulo à ação é a quarta função da propaganda institucional elencada por Pinho (1990). Afirma o autor que propaganda tem sido utilizada em Relações Públicas como uma ferramenta de mobilização popular, estimulando ou conduzindo a opinião pública, com o propósito de reforçar uma mudança concreta em práticas industriais e comerciais que afetam a empresa e seu público (p. 130). No caso da série O Sagrado, veremos, por exemplo, que ao abordar determinados assuntos, a emissora constrói um discurso que estimula o telespectador a lutar por determinados interesses (que pensam ser seus), como é o caso da liberdade de expressão, vinculada à liberdade de imprensa; a solução para o problema da violência vinculada à política de forte repressão, entre outras.

Por fim, a execução de um serviço público é a quinta função da propaganda institucional elencada por Pinho (1990). Para o autor, as campanhas que informam e prestam esclarecimentos sobre acidentes de trânsito, os malefícios do uso de drogas, a prevenção da AIDS, entre outros temas desse tipo, são também propagandas institucionais. Nesse

caso, há a promoção da empresa de maneira indireta, como afirma Sampaio (2003), já que, a imagem institucional é bastante valorizada como quem se preocupa em prestar serviços sociais que não estejam necessariamente relacionados ao ramo da corporação.

Nesse caso, a publicidade se dá, então, pelo fato de que determinado texto – campanha social – é parte da construção de um discurso publicitário sobre a instituição, e mesmo que não haja no texto marcas explícitas dessa publicidade, haverá quando concebemos tal produção como parte de uma rede de práticas publicitárias (diretas e indiretas). Pinho (1990), aliás, observa que:

A motivação para o desenvolvimento dessas campanhas não é exclusivamente de caráter altruísta, pois algumas trazem resultados comerciais diretos para os seus promotores. (...) Mesmo se parecer que uma empresa não terá nenhum retorno comercial, o anunciante irá, com certeza, obter o reconhecimento e a simpatia do público em geral, que poderá traduzir-se em um aumento de vendas (PINHO, 1990, p. 129).

Essa sistematização proposta em Pinho (1990) lança luz sobre o fato de que o gênero discursivo propaganda institucional pode se configurar de diferentes formas, já que agrega diferentes funções, com diferentes objetivos, ou seja, é perpassado por diferentes práticas, sendo a publicidade a última instância almejada. Algumas abordagens vinculam esse gênero à organização composicional como a que Pinho (1990) apresentou na terceira função da propaganda institucional, mas a abordagem desse mesmo autor permite que pensemos em outras formas de organização para esse gênero, com base na multiplicidade de funções que ele pode ter nas interações sociais.

Sampaio (2003) contribui para o entendimento dessa multiplicidade, a partir da diferenciação que faz entre a propaganda com objetivos promocionais e a propaganda de caráter institucional, por exemplo. A primeira tem por objetivo básico a venda de produtos ou serviços de uma empresa e pode ocorrer de forma direta (anúncio de uma liquidação, por exemplo) e de forma indireta (anúncio apenas do nome ou das virtudes de uma determinada marca).

Já a segunda, propaganda de caráter institucional, tem também o sentido promocional, mas focado em divulgar a filosofia, os objetivos e as ações da empresa. Tal propaganda, segundo o autor, também é feita

de forma direta e indireta. Direta, quando fala explicitamente sobre a empresa e constrói um discurso elogioso, promocional à marca, às ações, à história da instituição etc. Nesse caso, se aproxima da organização composicional apresentada na terceira função da propaganda institucional elencada por Pinho (1990).

Já a forma indireta de propaganda institucional existe quando se busca gerar a simpatia e ajuda a construir uma boa imagem das empresas anunciantes, sem que, para isso, a propaganda fale especificamente sobre as instituições. Nesse caso, o autor cita o exemplo da propaganda comunitária (em prol de alguma causa social), de fundo cultural (promovendo algum tipo de expressão artística), de caráter beneficente, de fundo cívico (destacando datas e eventos) etc. (SAMPAIO, 2003, p 31). Nesse sentido, tal propaganda tem relação estreita com a última função, de “serviço social”, elencada por Pinho (1990).

A partir dessas colocações, é possível afirmar que O Sagrado se aproxima do conceito de propaganda institucional indireta, já que, sobretudo, realiza uma campanha de “valor social”, que é expressa em seu projeto discursivo por meio da escolha de um conteúdo temático de valor social (diversidade religiosa); e realiza a função de construir uma identidade corporativa ligada a valores como “empresa inclusiva”, promovendo a marca Globo, discurso que já vem sendo construído nas campanhas de promoção institucional direta, como defende Moreira (2012).

Segundo o autor, a Rede Globo vem buscando cada vez mais criar uma imagem de emissora inclusiva da qual os telespectadores “participam”, seja estando presentes (representados) na televisão ou por meio do contato em outros meios de comunicação, sobretudo pela internet. A participação ofertada pela empresa, no entanto, como aponta Moreira (2012), tem sido uma estratégia de mercado a fim de manter a hegemonia da televisão, ofuscada pelo crescimento do mercado da internet. Assim, ao mesmo tempo em que a emissora cria esses “novos” meios de comunicação, legitima sua imagem de marca inclusiva, participativa, plural (MOREIRA, 2012) e mantém a liderança na televisão, já que grande parte do conteúdo que é ofertado na internet tem relação com as produções televisivas⁴⁵ (criação de *homepages* para as novelas, fórum com temas apresentados em telejornais entre outros).

⁴⁵ “Em 2009, por exemplo, segundo o Observatório Ibero-americano da Ficção Televisiva, a TV Globo foi a principal emissora a investir em um conceito de programação multimídia. A *soap opera Malhação*, além de criar *blogs* dos

Esse discurso de atenção ao telespectador, de inclusão da diversidade de telespectadores tem sido construído tanto por meio das propagandas indiretas (do que O Sagrado é parte) quanto por meio das propagandas institucionais diretas. Nas peças das campanhas institucionais diretas ao longo de 2011, por exemplo, a emissora utilizou apresentadores, jornalistas e atores (que são seus produtos) para contar a história de “companheirismo e conexão construída junto ao público”. Na primeira peça, Pedro Bial conta como a televisão e os telespectadores estão agora mais próximos e enfatiza que agora é a gente (a Rede Globo) que se liga em você (telespectador):

É tanto tempo junto, dividindo cada momento que a gente até parece fazer parte de uma mesma família. E, assim, de emoção em emoção você acaba enxergando sua vida dentro da nossa através de uma sintonia que, afinal de contas, não tem nada de mágica. Ela é real e existe por um único motivo: **a gente** se liga em você (REDE GLOBO, 2011a, informação eletrônica, grifo nosso).

Como apresenta Moreira (2012), o acontecimento principal da construção desse discurso, ao que as propagandas diretas apontam, foi a mudança do *slogan* da emissora de “Globo: a gente se vê por aqui” para “A gente se liga em você”. Segundo Moreira (2012),

Com uma história cheia de polêmicas, a Globo construiu uma ordem discursiva que excluiu segmentos inteiros da sociedade e que hoje traz uma necessidade de abrir espaço para a “inclusão social”. O novo *slogan* está dentro desse projeto de mostrar a emissora como um espaço democrático e acompanha o espaço que a emissora quer ocupar no atual cenário de convergência de mídias (MOREIRA, 2012, p. 204, aspas nossas).

Nesse caso, temas como o explorado em O Sagrado vêm a calhar, já que localiza a emissora numa posição “positiva” nas discussões sobre

personagens, desenvolveu conteúdos exclusivos para a Internet, em capítulos curtos de até dois minutos, que apresentam desdobramentos da novela que não foram mostrados na televisão” (MOREIRA, 2012, p. 201).

pluralidade, ou seja, a de que é incentivadora, é inclusiva, o que, por sua vez legitima seu slogan. Uma das marcas textuais que aproximam a propaganda institucional direta da indireta no contexto da empresa é a presença dos artistas da emissora “abrindo” a série O Sagrado, bem como a imagem da marca Globo como realizadora da série, ao final de cada episódio. Além desses aspetos, vejamos outros no que tange ao enunciado promocional da emissora.

6. ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA SÉRIE O SAGRADO

Essa seção tem por objetivo apresentar a organização composicional da série O Sagrado e suas implicações para a efetivação da prática de publicidade institucional indireta. Além disso, demonstraremos que discursos atravessam esse gênero no que tange aos assuntos tratados, dentre os quais focalizamos ‘a violência urbana’.

O capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira subseção, analisamos o projeto discursivo por nós captado, bem como o conteúdo temático que agrupa os diferentes episódios, que constituem a série O Sagrado num enunciado institucional. Na segunda subseção, analisamos a estrutura composicional, focalizando dois pontos que sobressaíram durante a análise: a) a hibridização de diferentes gêneros, manipulados com fins estratégicos para a constituição dessa série e b) a exploração dos aspectos específicos dessa mídia, que articula os aspectos verbais e não verbais na constituição do enunciado corporativo. Por fim, ao final dessa subseção, fazemos uma análise de como essa constituição genérica legitima determinados discursos sobre os assuntos abordados. Nesse caso, dada a limitação de tempo, optamos por focalizar o assunto da violência urbana.

6.1 O projeto discursivo e o conteúdo temático

Segundo Bakhtin (1997[1952/53]), o enunciado como sendo a unidade real da comunicação humana, nasce na e da interação social, a partir de um projeto de dizer de um sujeito para outro. Tal projeto de dizer implicará a escolha de determinado gênero discursivo em detrimento de outro. Como afirma Bakhtin (1997[1952/53]),

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. Percebemos o que o locutor *quer* dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer (como o tivermos captado) que mediremos o acabamento do enunciado. Esse intuito determina a escolha, enquanto tal, do objeto, com suas fronteiras (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente

em relação aos enunciados anteriores) e o tratamento exaustivo do objeto do sentido que lhe é próprio. Tal intuito vai determinar também, claro, a escolha da forma do gênero em que o enunciado será estruturado (BAKHTIN, 1997[1952/53], p. 300).

Assim, para efetivar seu projeto de dizer, o sujeito vai determinar que formas de acabamento seu enunciado terá, o que implica a entrada em um gênero, como mostrou o autor, com todo cerceamento que poderá existir nisso, já que, os gêneros surgem a partir de tipificações específicas das diferentes esferas de atividade humana (o que não impede de o sujeito agir sobre essa estabilidade).

Diante disso, questionamos qual seria o projeto discursivo efetivado, ou como ressalva Bakhtin na citação acima, o projeto discursivo “por nós captado” por meio de O Sagrado a partir das formas de acabamento escolhidas pelo sujeito, no caso, a instituição que assina o programa – a Rede Globo. Para responder essa questão, retornamos à discussão da seção anterior, em que identificamos a rede de práticas sociais da qual O Sagrado participa. Tal abordagem nos permitiu identificar O Sagrado como sendo parte de estratégias de fortalecimento de um discurso sobre a marca institucional (MACHADO FILHO, 2002; FARIA; SAUERBRONN, 2008). Além disso, um projeto como O Sagrado pode ser considerado uma propaganda institucional indireta (PINHO, 1990; GRACIOSO, 1995; SAMPAIO, 2003), o que o coloca na esfera da publicidade, por meio da qual pode se realizar um serviço de interesse público, que promove comportamentos (que seriam) valorizados pela sociedade.

Assim, a análise dos episódios coletados permite afirmar que o serviço público pretensamente praticado pela emissora seria o incentivo ao diálogo, à tolerância religiosa. Isso é representado pelo conteúdo temático que permeia esse enunciado: evidenciar aos telespectadores diferentes visões religiosas sobre temas sociais que geram debate no contexto nacional⁴⁶.

⁴⁶ Os temas sociais abordados podem ser recuperados a partir da tabela 01, na seção de metodologia. Grande parte desses temas tem ganhado relevância no contexto brasileiro, sobretudo, com as lutas mobilizadas por diferentes grupos sociais como os afro-descendentes, LGBT, feministas, quilombolas, indígenas, e suas respectivas políticas afirmativas, figuradas na política de cotas, na legalização do casamento cível homoafetivo, além da luta pelo direito à

Esse projeto de dizer é explicitado tanto na própria série quanto nas falas da emissora sobre ela, como é possível ver em seu Balanço Social (REDE GLOBO, 2011):

Na Globo e no Canal Futura, vai ao ar o Sagrado, série de interprogramas de dois minutos que são exibidos diariamente e discutem temas relacionados ao mundo contemporâneo sob a ótica de diversas religiões. **Um incentivo ao diálogo e à convivência sem preconceito**, os programas trazem o olhar das igrejas católica e protestante, das religiões afro-brasileiras, do espiritismo, do islamismo, do budismo e do judaísmo (REDE GLOBO, 2011, p. 30 grifo nosso).

Nesse trecho é perceptível que a emissora se coloca como a incentivadora do respeito à diversidade, já que ela é a produtora dessa série que “incentiva ao diálogo e à convivência sem preconceito”. Na própria série, esse projeto de dizer é também evidenciado. Observemos os trechos a seguir:

Excerto 01

O Sagrado (Rede Globo - Brasil)_23.01.10_Liberdade de expressão_Relições afro-brasileiras_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
		00:10	2	Clouse-up em mãos abrindo a Bíblia
	3	Roda de pessoas dançando (Ritual de matriz africana)		comentam o tema

interrupção da gestação, entre outras. Todas essas questões fazem parte da pauta do PNDH3, conforme explicamos na contextualização do objeto de pesquisa.

Excerto 02

O Sagrado (Rede Globo - Brasil)_27.01.10_Liberdade de expressão_Islamismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:06	2	Mão benzendo com arruda	N:	Diferentes religiões, vários olhares
	3	Mulher com trajes de mãe de santo		
	4	Padre diante de altar católico		
	5	Mão segurando terço		

Excerto 03

O Sagrado (Rede Globo - Brasil)_06.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Judaísmo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:07	2	Mulheres com véu conversando	N:	Diferentes culturas, perspectivas contrastantes.
	3	Mulher com roupas de ritual africano		

Excerto 04

O Sagrado (Rede Globo - Brasil)_23.10.09_Violência urbana_Islamismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:03	2	Palestrante islâmico	N:	Várias religiões, diferentes olhares
	3	Mulheres dançando (ritual de matriz africana)		
	4	Senhora rezando ao lado da escultura de Santo Antônio		

Excerto 05

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_24.01.10_Liberdade de expressão_Budismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:04	2	Roda de pessoas dançando (Ritual de matriz africana)	N:	Na série Sagrado a liberdade de expressão pelo olhar de diferentes religiões.
	3	Instrumento de percussão		
	4	Imagens congeladas em preto e branco de Manifestação contra a Ditadura		
	5	Pessoa lendo a Torá		
	6	Mão benzendo com arruda		

Excerto 06

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_21.01.10_Liberdade de expressão_ Espírita_2"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
	3	Manchete de jornal com o título: [Fórum da ONU adota resolução contra difamação religiosa]	N:	A série Sagrado debate o tema sob diferentes pontos de vista.
	4	Pessoas com vestes de religiões de matriz africana		
	5	Um homem islâmico se curvando		
	6	Sino sendo tocado		

Excerto 07

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_20.01.10_Liberdade de expressão_Evangélias_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:05	2	Quadro com imagem de um santo esculpido	N:	Na série Sagrado
	3	Close-up máximo e mãos femininas idosas que seguram um terço		
00:07	4	Página de jornal com a manchete: [Associações de jornais se preocupam com a liberdade de expressão]		a Liberdade de expressão
	5	judeu orando		pelo olhar de diferentes religiões
	6	templo budista		
	7	mulher em trajes de religiões de matriz africana		
	8	culto evangélico		

Como é possível perceber, nos excertos acima (01 - 07), logo nas primeiras cenas, há a veiculação de imagens que remetem às diferentes práticas religiosas (dentro das que participam da série) ao mesmo tempo em que, na dimensão verbal, há uma apresentação do assunto a ser discutido, enfatizando-se que essa discussão vai considerar os “diversos pontos de vista”. Assim, é perceptível que, ao construir esse contexto discursivo, a emissora se coloca como mediadora de um diálogo entre diferentes tradições religiosas sobre um assunto por ela escolhido, evidenciando um determinado projeto de dizer, qual seja, “dar voz” a essas religiões, “sem ser parcial” ou deslegitimar qualquer um dos religiosos, e “prestar o serviço público” de contribuir para a geração de um clima de tolerância religiosa no Brasil.

Do ponto de vista do interlocutor (telespectador), aceitar esse projeto implica apagar o caráter publicitário desse enunciado, explícito na rede de práticas sociais a que esse interprograma pertence, como vimos no capítulo 4. No entanto, parece ser justamente essa a estratégia discursiva da Rede Globo, já que o discurso publicitário (baseado num estilo instrucional) tem encontrado resistência na sociedade da

modernidade tardia, o que faz com que a publicidade seja travestida de outros estilos, como o informativo, por exemplo, colonizando-os (FAIRCLOUGH, 2003; MARSHALL, 2003). Assim, a Rede Globo faz publicidade como se não estivesse fazendo, criando um discurso positivo de si, qual seja, de que é inclusiva e de que respeita a diversidade de crenças, que evidencia a diversidade religiosa e “garante” um debate plural sobre tais questões, atuando como se fosse porta-voz dessas causas sociais.

Esse projeto de dizer evidenciado pela emissora é questionável se analisarmos o todo desse enunciado. Em outras palavras, dizer que incentiva a diversidade não significa necessariamente incentivar a diversidade, de modo que a série pode apresentar outros efeitos que vão de encontro a esse projeto discurso que fora evidenciado. A partir da análise de *como* as vozes desses religiosos são dadas a ver, por exemplo, é possível depreender outros efeitos, entre os quais não se inclui o incentivo à pluralidade.

O primeiro aspecto que destacamos, então, do ponto de vista enunciativo, é que os religiosos são tomados nessa propaganda como objetos de discurso, principalmente nos episódios que discutiram a “liberdade de expressão” e “o papel da mulher na sociedade contemporânea”, o que é previsível, já que esses são assuntos polêmicos para religiões que historicamente dão à mulher um papel coadjuvante e têm atitudes intolerantes diante de críticas de outras religiões ou grupos sociais. No entanto, e como um segundo aspecto, mesmo quando a religião não é explicitamente objeto do discurso, como é recorrente nos episódios em que se discutiram a “violência urbana”, a fala do representante é recontextualizada no discurso da emissora, de forma que não há protagonismo do representante na interação com o telespectador.

Tomar a religião como objeto de discurso implica também avaliá-la e não considerá-la como interlocutora desse enunciado no sentido de que não é ela quem avalia ou comenta, ou mesmo define o tópico da interação, mas defende-se, corrige ou reitera o que sobre ela é dito. Nesse sentido, não há espaço para a voz protagonista desses grupos nos episódios analisados⁴⁷, ao invés disso, essas vozes são “absorvidas” pela voz institucional, de modo que a instituição mantém um controle das vozes que “mostra”. Em outros termos, a religião tem espaço na mídia televisiva, mas a natureza desse espaço mantém relações de poder em

⁴⁷ É possível que haja algum espaço nos episódios que discutam temas como Deus ou Pecado, típicos das religiões, mas para afirmar isso seria necessária a análise desses episódios.

que o discurso da emissora é hegemônico e o dos religiosos serve apenas para manter essa hegemonia. Como afirmam Resende e Ramalho (2006), a diversidade de vozes num texto nem sempre significa pluralidade, já que tais vozes podem estar legitimando, como ocorre em O Sagrado, um mesmo discurso, no caso, o discurso institucional.

Os trechos a seguir ilustram a tomada da religião como objeto do discurso institucional, da interação entre emissora e telespectador:

Excerto 08

Narrador: Nas sociedades democráticas manifestar opiniões e ideias é um direito garantido por lei. Mas as instituições religiosas estão abertas à crítica e ao diálogo mesmo quando feitas por outras religiões? (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_20.01.10_Liberdade de expressão_Evangélicas_2'01")

No excerto acima, percebe-se que o religioso é chamado a responder questões que já traçam um perfil identitário construído pela emissora para essa perspectiva religiosa, ou melhor, para os que professam tal perspectiva. No trecho em questão, percebemos que a liberdade de expressão é entendida como um direito conquistado (Nas sociedades democráticas manifestar opiniões e ideias é um direito garantido por lei) ao qual a religião (em questão) se opõe. Essa oposição é expressa pela emissora a partir dos usos específicos da linguagem em dois aspectos. O primeiro é a utilização do operador argumentativo “mas”, que introduz uma oração que contraria a anterior. Nesse caso, tem-se que a religião é tradicionalmente contrária à manifestação de opiniões e ideias expressa na 1ª oração.

O segundo aspecto, aliado ao primeiro, é que a afirmação de que a religião é intolerante é feita de maneira implícita (é uma pergunta, do ponto de vista locucional, mas é uma afirmação, do ponto de vista ilocucional) e é também uma exigência à religião para que esta mude de postura, ou seja, passe a aceitar as críticas e opiniões divergentes (Mas as instituições religiosas estão abertas à crítica e ao diálogo...?). A valoração negativa da religião é ainda ratificada quando a emissora afirma que “mesmo as outras religiões” fazem críticas à religião em questão. Nesse caso, é perceptível que a crítica é à religião evangélica, objeto do discurso nesse episódio.

Nos excertos seguintes, essa postura ofensiva da emissora sobre as religiões permanece, de modo que se constroem identidades para os religiosos pautadas na intolerância, identificando, por outro lado, a emissora como a que “luta” contra essa postura intolerante, o que é, para o discurso institucional, altamente valorativo.

Excerto 09

Narrador: A liberdade de expressão deve garantir tolerância e respeito às diferentes formas de pensar. Esse direito constitucional é compatível com a prática religiosa? (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_21.01.10_Liberdade de expressão_Espirita_2")

Excerto 10

Narrador: Nas sociedades democráticas o governo garante a livre manifestação cultural. Usar a religião como limite não é uma forma de autoritarismo? (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_22.01.10_Liberdade de expressão_Judaísmo_2'01")

Excerto 11

Narrador: A livre expressão de ideias e pensamentos contribui para um maior entendimento entre culturas e nações, mas casos de discriminação e intolerância religiosa são recorrentes nas sociedades contemporâneas. Religião não combina com liberdade de manifestação? (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_23.01.10_Liberdade de expressão_Religiões afro-brasileiras_2'01")

Excerto 12

Narrador: A religiosidade não se manifesta apenas nos templos e nos lugares sagrados. Também está presente nas manifestações culturais laicas, mas muitas vezes com uma visão crítica. A

religião sabe conviver com a liberdade de expressão? (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_24.01.10_Liberdade de expressão_Budismo_2'01")

Excerto 13

Narrador: Nas sociedades democráticas nada justifica o cerceamento da liberdade de expressão. No entanto, a religião tem sido adversária das artes profanas e até mesmo da ciência. (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.01.10_Liberdade de expressão_Islamismo_2'01")

Excerto 14

Narrador: Ainda que comum a todas as épocas, o encontro da arte e a religião pode gerar conflitos. A censura religiosa à manifestação artística não fere o direito de livre expressão? (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_28.01.10_Liberdade de expressão_Catolicismo_2'01")

As questões feitas aos religiosos nos excertos acima expressam essa valoração negativa sobre a religião como um grupo social intolerante. Do ponto de vista linguístico, percebemos, por exemplo, a utilização de pressupostos que apontam para essa identidade intolerante, afirmada mais ou menos, dependendo da religião que se toma como objeto de discurso. No excerto 10 (Usar a religião como limite não é uma forma de autoritarismo?) e 14 (A censura religiosa à manifestação artística não fere o direito de livre expressão?), a pergunta utilizando o advérbio de negação pressupõe (afirma implicitamente) que a religião é autoritária.

Nesse sentido, ao utilizar-se de pressupostos, não se explicita a voz que discorda ou critica a religião em questão. Essa estratégia linguística tem como efeito tomar essa afirmativa como verdade dada e inquestionável, com a qual o telespectador é levado a concordar, ou seja, é um discurso em que não se abre possibilidade para o diálogo (FAIRCLOUGH, 2003), de modo de que os religiosos apenas “se defendem”.

Dentre os grupos religiosos apresentados na série, na abordagem sobre a religião islâmica se encontrou essa valoração negativa de forma

mais persistente. Num comparativo, por exemplo, entre a mediação dos discursos judaico e islâmico, percebemos no primeiro uma convergência entre a voz da instituição com a do representante, enquanto que no segundo, o confronto entre essas vozes é bem marcado. Vejamos:

Episódio 01

O Sagrado (Rede Globo - Brasil)_06.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Judaísmo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciados	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [NATHÁLIA TIMBERG] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Lopes de Veja]	At:	Onde há amor, não há senhor. O verdadeiro amor só conhece a igualdade.
00:07	2 3 4 5 6	Mulheres com véu conversando Mulher com roupas de ritual africano Mulher com roupas indianas Mulher (rabina) lendo a Torá Manchete de jornal com o título: [O Avanço das Mulheres] A câmera se movimenta como se estivesse lendo.	N:	Diferentes culturas, perspectivas contrastantes. Esta semana a Série Sagrado examina o papel das mulheres na família e na sociedade.
00:41	18	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Congregação Judaica do Brasil]	1RJ:	As questões da mulher no nosso mundo hoje não são só questões de igualdade e cidadania, mas são questões de equilíbrio do próprio planeta. Nós estamos saturados de várias características masculinas que tem a ver com dominação, com triunfo, com conquista, e que estão inviabilizando o nosso próprio planeta
01:02	19 20 21 22 23	Merkel reunida com políticos Ministra acenando ao povo Mulher com trajes africanos caminhando Duas mulheres analisam documento Mulheres caminhando em na multidão (uma delas empurra carrinho de bebê)	N:	Ao conquistar maior espaço na estrutura de poder, a mulher passa a reivindicar igualdade de direitos. Por que esta expectativa de igualdade não se reproduz também no contexto religioso?

01:18	24	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Congregação Judaica do Brasil]	1RJ: Bastante importante e relevante a presença da mulher hoje na vida religiosa, espiritual, do século XXI, trazendo aí conquistas importantes.
01:28	25	Rabina discursando	Hoje na tradição judaica nós temos mulheres rabinas. Tantos espaços foram ganhos. Talvez a questão de maior sensibilidade seja, verdadeiramente, encontrar algo que manifeste a espiritualidade da mulher, do feminino, não simplesmente copiando às vezes, modelos que foram construídos por homens, por séculos, às vezes até mesmo milênios.
	26	Rabina lendo a Torá	
	27	Rabina discursando	
01:35	28	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	
01:48	29	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa	
01:57	30	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.	

EGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RJ: 1º Representante do judaísmo

N: Narrador

negrito] Texto escrito exibido

Na abordagem do judaísmo, o narrador ao apresentar o assunto, não o avalia como faz em todos os outros episódios sobre esse tema. A avaliação fica por conta da voz do representante; nesse caso, há a construção de um único texto que une a voz institucional (narrador) à voz religiosa (representante) (cenas 01 – 06). Além de haver essa convergência na dimensão verbal, há na dimensão visual, já que se veiculam imagens, no momento da fala do representante (cenas 24 – 28), que nos outros episódios só são veiculadas durante a fala do narrador. Apesar de a pergunta feita pelo narrador (cena 23) pressupor que “não haveria expectativa de igualdade entre homens e mulheres no contexto religioso”, a mediação da emissora para apresentar a resposta do representante é aliada a uma dimensão visual que procura mostrar

que haveria, sim, a expectativa de igualdade requerida, já que as imagens são de mulheres rabinas. Nesse caso, a mediação que a emissora faz do discurso judaico implica valoração positiva a essa religião diante do tema abordado – papel das mulheres, já que o judaísmo, como é mostrado, estaria aberto às mudanças requeridas pelo discurso institucional, que se constrói de modo a “traduzir” – construir – as demandas dos telespectadores.

Não há, por exemplo, a problematização do fato de o representante aliar a identidade masculina e feminina a estereótipos, como dominação e triunfo para o primeiro e o contrário disso para o segundo, o que está pressuposto na fala do representante – “[...] encontrar algo que manifeste a espiritualidade da mulher, do feminino, não simplesmente copiando, às vezes, modelos que foram construídos por homens, por séculos, às vezes até mesmo milênios” (cena 28).

Já a abordagem sobre a perspectiva islâmica é bem diferente. Vejamos:

Episódio 02

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_11.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Islamismo_2'

Localização em minutos	cenas	Dimensão visual	Enunciados	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [STENIO GARCIA] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Epicuro]	At:	Não podemos ser felizes se não formos justos, sensatos e bons e não podemos ser justos, sensatos e bons se não formos felizes
	2	Multidão caminhando	N:	Esta semana a Série Sagrado examina o papel social das mulheres sob diferentes olhares.
	3	Mulher pegando água de rio		
	4	Mulher escolhendo fruta		
	5	Foto de reportagem de revista com o título: [MULHER PARA TODA OBRA: ao colocar a mão na massa. Elas rompem a última barreira que as separava dos homens no mercado...] (foto de mulher vestida com equipamentos de proteção individual)		
	6	Manchete de jornal com o título: [Em quatro décadas, família brasileira encolheu e já é chefiada por mulher]		

	7	Mulher escolhendo livro em biblioteca	Mais acesso à educação,
	8	Close-up em mulher assistindo aula	aumento do nível de escolaridade.
	9	Mulher trabalhando em mesa de escritório	Mulheres de todo o mundo têm hoje mais oportunidades de mudar a sua história.
	10	Close-up em mulher em meio a diversas pessoas em bancada com microfones e fones	
	11	Multidão caminhando	
	12	Mulher com véu votando	
	13	Manchete de jornal com o título: [Benazir foi a primeira mulher a governar um país muçumano: o pai de Benazir foi deposto em um golpe de Estado e enforcado em 1979. Ela havia retornado ao país em outubro deste ano, após ficar exilada por quase nove anos]	
	14	Homens muçumanos caminhando	Mas a religião, em alguns casos, não tem sido um obstáculo à igualdade?
	15	Homem muçumano orando	
	16	Homem muçumano palestrando	
00:33	17	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Lua e estrela	
	18	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [XEIQUE ARMANDO HUSSEIN SALEH] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Mesquita Brasil]	IRI: Desde o ressurgimento do Islã, a mulher teve seus direitos preservados dentro da religiosidade. Tanto que o quarto capítulo do Alcorão Sagrado deu à mulher todos os direitos da qual ela necessita para viver este mundo social em que vivemos. Temos o exemplo de Cadija, a primeira esposa do profeta, era uma senhora, uma chefe de família, e era uma comerciante da qual tinha suas caravanas que comercializavam vários tipos de produtos no mercado.
01:14	19	Close-up em rosto de mulher falando ao celular e caminhando apressadamente	N: Num mundo em que mulheres estão cada vez mais capacitadas intelectualmente,
	20	Mulher utilizando um computador	

	21	Mulher com máscara cirúrgica manipulando elementos	
	22	Mulher estudando	
	23	Homem, líder islâmico discursando	a profissão de fé está pronta para a liderança feminina?
	24	Duas mulheres com trajés islâmicos curvando-se	
01:23	25	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [XEIQUE ARMANDO HUSSEIN SALEH] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Mesquita Brasil]	IRI: As mulheres muçumanas também conquistaram seu espaço na área profissional e no trabalho de mercado. Também são executivas, governantes, conquistaram cargos públicos, também são donas de casa. Mas a sua sensualidade foi reservada para seus maridos e não aos olhares alheios, portanto, o véu é sinônimo de proteção das mulheres.
01:47	26	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa	
01:56	27	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.	

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

IRI: 1º Representante Islâmico

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

Em primeiro lugar, no episódio acima, as vozes do narrador e do representante estão bem marcadas na dimensão não verbal, ou seja, durante a fala do representante não há outra imagem que não a sua sendo veiculada. Esse aspecto da mediação aponta para o fato de a emissora ressaltar a impressão de que o que está sendo dito é de responsabilidade do representante apenas, apagando o caráter da mediação feita pela emissora.

Além disso, a pergunta feita para o representante pressupõe que a religião, no caso, o Islã, tem sido um obstáculo à igualdade “conquistada” pelas mulheres (cena 14). Nesse ponto há uma valoração negativa sobre essa religião, já que, ela seria um empecilho aos desejos e

conquistas das mulheres⁴⁸. Apesar de, na dimensão visual, a emissora veicular uma manchete que remeta, em princípio, a conquistas de mulheres no contexto islâmico (cenas 12 e 13), essas conquistas são ressignificadas, já que esse lugar de poder é condicionado por uma figura masculina (... o pai de Benazir foi deposto em um golpe de Estado e enforcado em 1979 – Cena 13), ou seja, a morte do pai é que possibilitou essa situação. Além disso, na dimensão verbal, o termo “em alguns casos” demonstra que a religião só não seria um obstáculo quando isso beneficiasse aos homens, ou seja, estaria condicionada à vontade do poder instituído, sem problematizar a ordem das coisas. Em outros termos, “o caso” em que a religião não seria obstáculo é em situações como a descrita na imagem, o caso de Benazir.

A fala do representante (18) reafirma essa perspectiva de submissão, já que “todos os direitos das mulheres” estariam traçados pela religião, vista como um obstáculo às “conquistas” feministas. Além disso, os exemplos que o representante usa para desconstruir esse discurso (que é recorrente no ocidente) retomam sempre o contexto religioso (capítulo do Alcorão, esposa do profeta...), o que não surte efeito positivo, já que não se desconstrói o cerne da questão – a submissão ser parte do paradigma religioso.

A articulação entre as dimensões verbal e não verbal, nas cenas 23 e 24, mais uma vez implicam uma valoração negativa ao objeto do discurso – o Islã. Ao questionar se a profissão de fé está pronta para a liderança feminina, a dimensão não verbal responde que não, já que é bastante significativa a sequência das imagens – homens em posição de liderança e mulheres curvando-se, em posição de submissão. O recorte da fala do representante islâmico para responder essa questão também parece descontextualizado, ou seja, mesmo que haja um reconhecimento de que as mulheres “já” conquistaram um espaço (o que remete à não necessidade de conquistar mais nada), o representante enfatiza a submissão do corpo feminino, do uso da sensualidade feminina pelo homem (Mas a sua sensualidade foi reservada para seus maridos e não aos olhares alheios, portanto o véu é sinônimo de proteção das mulheres). A oração introduzida pela conjunção adversativa “mas” toma destaque no discurso do representante, já que é o foco do período.

⁴⁸ Importante ressaltar que o grupo “mulheres” na série é construído de forma muito homogênea, ou seja, as mulheres são tratadas como que almejando as mesmas coisas, o que deve também ser ressignificado, pois no interior dos próprios grupos há heterogeneidades, de modo que nem toda muçumana o é por obrigação.

Assim, é perceptível que o processo de mediação do discurso islâmico implica uma valoração negativa frente a essa religião. Tal contextualização não contribui em nada para desconstruir o estereótipo ocidental a respeito do Oriente, ao contrário, legitima-o, o que vai ao encontro de objetivos neocolonialistas (RAMALHO, 2005) e passa longe da construção de um espaço plural.

Embora compartilhe de muitas das críticas feitas aos grupos religiosos, entendendo-os como intolerantes diante de temas importantes para uma sociedade mais equânime, é extremamente pertinente entender que há parcialidade na pluralidade “ofertada” pela Rede Globo, pois ao valorar positiva e/ou negativamente religiões específicas, a emissora contribui para manter relações de dominação como no caso da valoração negativa quanto ao Islamismo e positiva quanto ao Judaísmo, por exemplo.

A partir do que foi exposto até aqui, percebe-se que o projeto discursivo que a emissora assume publicamente é o de um suposto incentivo à pluralidade religiosa, de modo que dá espaço a voz de diferentes religiões em sua programação. Tal projeto discursivo, no entanto, não se sustenta a partir da análise de como esse espaço, essas vozes são organizadas pela emissora, ou seja, ao invés de os religiosos agirem como protagonistas na interação com o telespectador, tendo, portanto, espaço na programação da emissora, eles (e os grupos que representam) são objeto do discurso institucional, de modo que a interação mediada pelo enunciado em questão – O Sagrado – acontece não entre religioso e telespectador, mas entre emissora e telespectador. Além disso, e mais importante, se por um lado, a presença desses religiosos aproxima a emissora do telespectador que professa a mesma fé do representante que aparece na tela, construindo uma relação de familiaridade entre emissora e telespectador, típica da televisão de massa (SODRÉ, 1977b), por outro lado, essa presença não garante que a perspectiva desses grupos religiosos terá espaço legítimo na programação da emissora. Assim, é perceptível que o efeito discursivo no que tange ao projeto de dizer da emissora é a valorização de sua marca institucional, ou seja, a própria promoção diante desses grupos religiosos e da sociedade como um todo, desqualificando, inclusive, o discurso religioso ou utilizando-o em prol do discurso institucional (como acontece na abordagem sobre violência urbana – conf. subseção 6.4).

O projeto discurso efetivado pela emissora (autopromoção) organiza, então, o enunciado de uma forma específica, como afirma Bakhtin (2003 [1953/54]), e isso implica em formas de acabamento do

gênero discursivo em questão, da sua estrutura composicional. Um aspecto que ressaltamos nesse viés é a articulação entre aspectos de gêneros discursivos distintos para os quais a análise dos dados tem apontado, a saber, a entrevista e a reportagem. É isso que abordaremos na seção seguinte.

6.2 A estrutura composicional⁴⁹

Segundo Bakhtin (2003 [1952/53]), um gênero discursivo pode ser caracterizado a partir das tipificações temáticas, estilísticas e composicionais que encerra. Por estrutura composicional entende-se a organização típica de determinado gênero, determinada unidade da composição, ou seja, determinados tipos de construção do conjunto, tipos de acabamento, tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva.

Segundo Bakhtin apud Rodrigues (2005, p. 161), é possível distinguir um enunciado de outro a partir dessas características de acabamento, dentro do que se destaca: a alternância dos sujeitos no discurso, ou seja, cada enunciado possui um início e fim cujas fronteiras estão no momento em que um falante conclui o que objetivava dizer e passa a palavra, dá lugar a compreensão ativa e responsiva do outro, a sua postura de resposta. Além disso, segundo Bakhtin (2003), o enunciado é a instância de expressão da posição valorativa do seu autor frente aos outros participantes e a outros enunciados.

Entendendo O Sagrado como sendo um enunciado tipificado, essa seção busca apresentar os aspectos de acabamento desse enunciado, bem como as implicações valorativas ou, para usar as concepções de Fairclough (2003), os discursos e identidades construídas nessa unidade

⁴⁹ Já no que tange às regularidades temáticas e estilísticas, entendemos que, por se tratar de uma propaganda institucional indireta efetivada por meio de uma campanha institucional, o tema desse gênero diz respeito a questões sociais que gerem empatia por parte dos interlocutores (clientes e prováveis clientes). Nesse caso, são exemplos de assuntos tratados nesse gênero: a preservação do meio ambiente, por uma vida saudável, direito das mulheres, respeito no trânsito e diversidade religiosa, no caso da série O Sagrado, entre outros. Como essa pesquisa não faz uma análise de dados ampliados dos quais participem campanhas institucionais de diferentes empresas, p.e., a afirmação quanto ao conteúdo temático desse gênero se baseia nas características elencadas por Pinho (1990) e Sampaio (2003) para as propagandas institucionais indiretas que envolvam causas sociais e na análise de O Sagrado, apresentada na seção anterior.

de linguagem referentes ao objeto de discurso – as religiões e suas perspectivas – e aos interlocutores – a Rede Globo e o telespectador.

Assim, apresentaremos num primeiro momento a organização textual da série *O Sagrado*, bem como os aspectos discursivos que fazem dela um enunciado nos termos de Bakhtin (2003[1952/53]). Em seguida, abordaremos a utilização estratégica - tecnologização do discurso (FAIRCLOUGH, 2001[1992]), de aspectos dos gêneros entrevista e reportagem na composição do enunciado. Nesse ínterim, apresentamos a análise de um episódio completo, a título de exemplificação. Na sequência, a análise avançará para os aspectos organizacionais desse gênero no que tange a sua mídia específica – a televisão. Nesse ponto, respondemos basicamente como os aspectos da mídia televisiva (linguagem verbal e não verbal) são explorados na composição do discurso institucional. Por fim, apresentamos como os aspectos abordados anteriormente – objeto do discurso, hibridização de gêneros e exploração da multimodalidade da mídia televisiva – contribuem para a construção de *um* discurso sobre violência urbana.

6.2.1 A organização textual de *O Sagrado*

Conforme apresentamos no capítulo de metodologia, *O Sagrado* possui três formas de veiculação⁵⁰: a primeira acontece de segunda à sexta-feira, às 6h05 (manhã), antes do programa Telecurso. Nesse caso, é possível dizer que a série se organiza no formato de um interprograma⁵¹ com duração aproximada de dois minutos. A segunda acontece aos domingos, antes do programa Santa Missa, às 6h50 (manhã). Nesse caso, o interprograma possui aproximadamente 10 minutos e é uma reprise dos programas transmitidos ao longo da semana. A última forma de veiculação também é uma reprise, mas apenas de parte do interprograma que é veiculado de segunda a sexta-feira. Esse formato⁵² tem aproximadamente 30 segundos de duração e é

⁵⁰ Essas formas se referem ao período em que os episódios foram gravados, ou seja, outubro de 2009 a outubro de 2010.

⁵¹ O termo interprograma, utilizado na área de comunicação, não equivale ao que entendemos por gênero discursivo, apesar disso, é possível entendê-lo como sendo um aspecto relacionado às formas de acabamento de um gênero – a série *O Sagrado*, motivo pelo qual manteremos esse termo. Conferir seção 5.1 em que discuto o termo interprograma.

⁵² Segundo o documento “Formatos Comerciais” (REDE GLOBO, 2005), essa forma de veiculação pode ser chamada de programete e diferencia-se do

transmitido ao longo da programação diária, entre os comerciais dos programas da manhã e da tarde, conforme tabela a seguir.

Tabela 6- Formas de veiculação da série O Sagrado na grade de programação da Rede Globo

	FORMA 01	FORMA 02	FORMA 03
Forma	Interprograma	Interprograma	Programete
Dias de veiculação	Segunda a Sexta-feira	Domingo	Segunda a Sexta-feira
Horário de veiculação	6h05	6h50	Diversos (manhã e tarde)
Duração	02 minutos	10 minutos	30 segundos
Local na programação	Antes do programa Telecurso	Antes do programa Santa Missa	Durante os comerciais

Fonte: criação da autora

Considerando que, como foi apresentado na seção anterior, o conteúdo temático desse gênero é uma causa social (o [pseudo] incentivo à pluralidade religiosa), o horário que é destinado à veiculação desse programa, principalmente nas suas formas mais extensas (tipos 01 e 02), demonstra a pouca importância que é dada ao tema. Como é sabido, o horário nobre da televisão brasileira não é o período matutino e nem vespertino, mas noturno (RABAÇA; BARBOSA, 1978). Nesse sentido, se por um lado a discussão de temas relevantes está presente na programação da emissora, por outro, esta presença é marcada por uma valorização ínfima, já que a veiculação se dá num horário de menor audiência.

A forma de acabamento de tipo 03, além de não ocorrer em horário nobre, tem uma configuração pouco expressiva para a efetivação do que propõe (diálogo entre diferentes religiões), já que o tempo de transmissão é muito curto (30 segundos, ou seja, apenas 1/4 do tempo

interprograma, pois esse último é transmitido sempre no intervalo que marca o fim de um programa e o início de outro, enquanto o primeiro pode ser transmitido em qualquer tipo de comercial (inclusive os que ocorrem durante um mesmo programa). Da mesma maneira que o termo interprograma, tomamos o termo programete como sendo um aspecto da forma de acabamento do gênero discursivo, relacionado à localização desse gênero na programação e ao seu tempo de duração, não como sendo um novo gênero discursivo.

do formato original – tipo 01) e sua veiculação ocorre entre os comerciais, o que faz com que o programa se dissolva entre esses, parecendo também um comercial televisivo e não um programa independente. Nesse sentido, tal formato acentua ainda mais a proximidade da série O Sagrado dos gêneros da publicidade, mais especificamente, às campanhas publicitárias.

A variação dos formatos 01 e 03, por exemplo, lembra muito a variação que ocorre em campanhas publicitárias, em que se faz um comercial de maior duração e mais complexo, que depois é recortado e simplificado, sendo repetido inúmeras vezes ao longo da programação. É isso que ocorre com O Sagrado, ou seja, seu formato original, mais complexo, é transmitido pela manhã, de segunda a sexta-feira, e este formato é, então, simplificado para ser transmitido repetidamente ao longo da programação durante os comerciais (manhã e tarde)⁵³.

A diferença é que, nas campanhas publicitárias, o comercial “original” é substituído pelo “simplificado”, o que não ocorre com O Sagrado, já que o “original” continua sendo exibido em seu horário fixo diariamente, motivo, aliás, por que transcrevemos e analisamos esse formato “original”, e não suas formas simplificadas repetidas⁵⁴.

A aproximação entre O Sagrado e as campanhas de publicidade institucional é passível de ser feita também a partir da análise do documento “Formatos Comerciais” (REDE GLOBO, 2005), em que a emissora apresenta os formatos de comerciais que são por ela comercializados. No referido documento, são apresentados inúmeros tipos de comerciais para a televisão e internet, denominados pela emissora de “formatos”. Há a oferta de mais de 20 formatos, desde comerciais tradicionais (Top de 5”, Break exclusivo, etc.) até as variações desses, em que há hibridização com gêneros jornalísticos

⁵³ É importante lembrar que a Rede Globo é uma empresa comercial e, portanto, vende os espaços comerciais. No caso de O Sagrado, ela mesma é a produtora, o que implica que, na verdade, usa um espaço que poderia ser vendido (embora, certamente esse não seja um uso sem retorno publicitário). Assim, recortar o programa nas exibições ao longo do dia representa uma economia de espaço comercial ao mesmo tempo possibilita a ênfase na ação da emissora, mais do que se o programa fosse transmitido na forma completa, mas uma única vez. Além disso, conforme avança o horário ao longo do dia, aumenta a audiência e, portanto, o alcance dessa propaganda.

⁵⁴ A análise desse recorte repetido durante a programação também pode ser bastante significativa para a Análise Crítica de Gênero. Porém, não foi possível gravarmos todas essas veiculações, motivo por que nos restringimos à análise dos programas da manhã, que têm horário fixo.

(Entrada de jornalismo), por exemplo. A partir das formas de acabamento de O Sagrado, é possível identificá-lo, segundo o documento, como os formatos “Projetos institucionais” e “Espaço responsabilidade social”. Apesar de a descrição do documento ser do campo comercial, da publicidade, os aspectos descritos apontam para características genéricas importantes, como o projeto discursivo e as formas de acabamento relacionadas ao lugar que esses comerciais ocupam na programação. Vejamos:

Tabela 7- Tipos de comerciais institucionais

NOME DO FORMATO DO COMERCIAL		CONCEITO/ OBJETIVO	COMPOSIÇÃO	POSIÇÃO
1	PROJETOS INSTITUCIONAIS	Desenvolvimento de projetos institucionais que acentuem a importância da imagem corporativa/ marca do cliente junto à comunidade, por meio de ações culturais, comunitárias, educativas etc.	O material será determinado conforme os objetivos do projeto.	Serão exibidos nos intervalos comerciais dos programas, de acordo com as necessidades do projeto.
2	ESPAÇO RESPONSABILIDADE SOCIAL	Programete para divulgação de mensagens de envolvimento da iniciativa privada com ações de valor social. Permite a exibição em uma variedade de programas e tem flexibilidade para atender às necessidades de comunicação da empresa, tanto em âmbito nacional como em mercados locais.	<ul style="list-style-type: none"> • Programetes produzidos pelo próprio cliente, precedidos e encerrados por uma vinheta padronizada de 3 segundos, com trilha e sem locução, fornecida pela Rede Globo. • Duração total: de 60 ou 120 segundos • Chamada de 15 segundos produzida pelo próprio cliente, incluindo a mesma vinheta padronizada de 3 segundos na sua abertura. <ul style="list-style-type: none"> • O texto da chamada deverá indicar o programa e data em que serão exibidos os programetes e sempre com a locução “Assista (indicação da data) no intervalo comercial do programa (...)”. 	Veiculação nos intervalos de programas pré-selecionados, numa combinação definida pelo cliente.

Fonte: criação da autora com base no documento “Formatos Comerciais” (REDE GLOBO, 2005, p. 46 - 51)

A partir das características dos comerciais acima, percebemos que estes mantêm proximidade com O Sagrado, pois ambos têm como objetivo a valorização da marca por meio de “ações comunitárias”, “educativas”, “de valor social”. Considerando O Sagrado parte de uma

rede de práticas institucionais que envolvem ações de valor social, conforme vimos nas seções anteriores, como é o caso desses tipos de comerciais, é possível tal aproximação.

Além disso, ao analisarmos as formas de organização de O Sagrado no que diz respeito a sua duração e localização na grade de programação, percebemos que também se aproxima desses comerciais. Na sua versão completa (Forma tipo 01), tem duração de 120 segundos, semelhante ao comercial “Espaço Responsabilidade Social”. Já as reprises (Forma tipo 03) têm duração de 30 segundos. Nesse sentido, se aproximaria do “projeto institucional”, que tem um formato bastante aberto, já que é “determinado pelos objetivos do projeto”, não tendo restrições claras quanto ao tempo e nem composição, de acordo com o documento (REDE GLOBO, 2005).

Como vimos, o tempo de duração e a localização do interprograma na programação da emissora marcam a forma de acabamento de O Sagrado e o aproximam do gênero publicitário comercial institucional. Além disso, é parte também das formas de acabamento de um enunciado tipificado, segundo Bakhtin apud Rodrigues (2005, p. 161), a alternância dos sujeitos no discurso, ou seja, cada enunciado possui um início e fim cujas fronteiras estão no momento em que um falante conclui o que objetivava dizer e passa a palavra, dá lugar a compreensão ativa e responsiva do outro, a sua postura de resposta. Nesse sentido, vejamos como a série O Sagrado se organiza no que tange às fronteiras entre as falas de seus interlocutores.

A análise permite afirmar que o interprograma poderia ser entendido, com relação ao conceito de enunciado bakhtiniano, de três formas. A primeira, se considerarmos sua organização interna, conforme mostra o quadro a seguir, seria entender que cada um dos episódios é um enunciado, cujas fronteiras seriam marcadas pela vinheta de abertura e de fim. A segunda, entendendo cada grupo de episódios que abordem o mesmo assunto como um enunciado da emissora sobre tal assunto. Nesse caso, cada semana (um assunto a partir das sete religiões participantes) seria um enunciado em que a emissora diz tudo o que tem a dizer sobre o assunto e sobre a relação deste com religião (como um todo).

Em terceiro lugar, é possível entender todo o interprograma como sendo um enunciado da emissora, já que tem um projeto de dizer, como apresentado na seção anterior, que é efetivado pelo todo do interprograma, ou seja, pelo conjunto desses episódios e respectivos assuntos. Nesse sentido, caberia analisar a escolha do tema da

pluralidade religiosa para esse comercial institucional, bem como dos assuntos abordados e dos diferentes formatos escolhidos para isso.

Tabela 8- Fronteiras do enunciado institucional O Sagrado

	INTERLOCUTORES	INÍCIO E FIM	EXPRESSION VALORATIVA DO AUTOR
NÍVEL 01			
CADA UM DOS EPISÓDIOS	Emissora e telespectador (emissora e representante)	Vinheta de abertura e vinheta de encerramento	A emissora avalia uma religião específica e a opinião dessa sobre o assunto da semana
NÍVEL 02			
GRUPO DE EPISÓDIOS POR ASSUNTO	Emissora e telespectador	Uma semana de episódio (por assunto)	A emissora avalia o assunto da semana e o papel das religiões de maneira geral sobre esse assunto
NÍVEL 03			
O INTERPROGRAMA	Emissora e telespectador	Início em 2009 - 2013 (o conjunto dos episódios, as diferentes formas de veiculação, assuntos, religiões)	A emissora se autopromove; dialoga com os discursos sobre religiões no Brasil

Fonte: criação da autora

Embora possa ser entendido dessas três formas com relação ao conceito de enunciado, a análise da última maneira apresentada abarca as anteriores, de forma que é esta a que buscamos efetivar nessa pesquisa. Além disso, é no nível 03 que esse enunciado institucional se relaciona com as práticas da Rede Globo como instituição empresarial, como se tem apontado ao longo dessa dissertação. Para chegar ao enunciado de nível 03, no entanto, descreveremos os de nível 01, que compõem aquele. Nesse caso, conforme mostra a tabela 9, cada episódio se organiza de uma forma específica.

Tal organização, por sua vez, pode ser compreendida de duas maneiras: a primeira é de que há internamente um diálogo entre o narrador e o representante religioso, o que implica dizer que há um enunciado da emissora (narrador) e outro do religioso, lembrando um diálogo, uma entrevista (conf. discussão na seção seguinte). Nesse caso, há uma troca de turno marcada pela dimensão verbal (pergunta e resposta) e pelas marcações visuais: as imagens ilustrativas do texto do narrador, seguidas da vinheta com o símbolo da religião, seguida do close-up no representante (sequência 03, 04 e 05), que separam a fala do narrador da do representante e marcariam o início e o fim dos enunciados.

Já a segunda forma de entender cada um desses episódios é a que apontamos anteriormente, ou seja, de que o conjunto desses constitui um enunciado maior, que é própria série (nível 03). Nesse caso, a impressão de que haveria um diálogo entre representante religioso e emissora não é descartada, mas é entendida como uma tecnologia discursiva, ou seja, esse diálogo interno é entendido como sendo o meio pelo qual a emissora estabelece o diálogo com o telespectador. É sobre isso que trata, então, a seção seguinte.

Tabela 9 - Organização textual de cada episódio de O Sagrado

Abertura da série	
01	Imagem do slogan do programa e música
02	Apresentação de uma epígrafe por um artista da emissora (close-up médio no artista)
Contextualização do assunto abordado e pergunta ao representante religioso	
03	Texto verbal na voz de um narrador
	Veiculação de imagens concomitantes ao texto verbal
Fala do representante religioso	
04	Imagem com o símbolo da religião e música de fundo
05	Imagem do religioso falando sobre e/ou respondendo ao assunto (close-up médio, ao fundo há o símbolo da religião)
Contextualização do assunto abordado e pergunta ao representante	
06	Texto verbal na voz de um narrador
	Veiculação de imagens concomitantes ao texto verbal
Fala do representante religioso	
07	Imagem do religioso falando sobre e/ou respondendo ao assunto (close-up médio, ao fundo há o símbolo da religião)
Fechamento do programa:	
108	Imagem do slogan do programa e música
09	Imagem da marca das instituições realizadoras do programa (Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura)

Fonte: criação da autora

6.2.2 A hibridização de gêneros

Como apontamos na seção anterior, a organização composicional de cada episódio de O Sagrado aponta para a construção de um diálogo entre o narrador e o representante religioso, de modo que se busca

explicitar a fala do representante, fazendo parecer que a emissora apenas dá voz a este sujeito e que a fala do narrador está ali apenas para contextualizar a do representante, ou melhor, somente para introduzir o assunto da semana sem implicar significação/valoração ao que é dito pelo religioso.

Esse efeito é alcançado a partir da mobilização de aspectos que remetem aos gêneros entrevista e reportagem. No que tange à primeira, há a simulação de um diálogo entre narrador e representante e à segunda, a contextualização feita pelo narrador remete a certo tom de pesquisa sobre o assunto, típico de reportagens. Assim, nessa seção buscamos apresentar, a partir dos dados, a hibridização empreendida em *O Sagrado*, bem como as implicações sócio-discursivas dessa técnica na composição do enunciado institucional.

6.2.2.1 A entrevista

O gênero entrevista pode ser entendido a partir de dois pontos de vista: a) como uma prática, um procedimento para obter informações por meio de perguntas/respostas e b) como a materialização textual das informações obtidas por meio da prática anterior. Esses diferentes vieses podem ser vistos na conceituação desse gênero proposta em diferentes campos de pesquisa.

No campo científico, por exemplo, a entrevista é “uma conversa orientada para um objetivo definido: recolher, através de interrogatório do informante, dados para a pesquisa” (BORBA, 2007, p. 30). Já no campo jornalístico, a entrevista é entendida como parte integrante dessa atividade profissional, ou seja, como técnica de obtenção de informações, ela é intrínseca à profissão do jornalismo (SILVA, 2007). Nesse sentido, ela é mobilizada para a constituição de outros gêneros, como a reportagem, por exemplo, motivando, portanto, uma cadeia de gêneros (FAIRCLOUGH, 2003).

Nos manuais da área jornalística, além da perspectiva de entrevista como prática, apresentada nas conceituações acima, há a perspectiva desta como sendo um gênero discursivo escrito, com diretrizes no que se refere a sua estrutura composicional, sua textualização:

[...] os aspectos gráficos das entrevistas com perguntas e respostas na Folha devem obedecer ao seguinte modelo: Cada entrevista deverá ser introduzida por um pequeno texto em grifo (de, no

máximo, 40 linhas) no qual o entrevistador dá um pequeno perfil do entrevistado e fala sobre as condições e o local onde foi concedida a entrevista. Na parte de perguntas e respostas, as perguntas serão grafadas em negrito, precedidas do nome do jornal, e as respostas serão grafadas e, claro, precedidas do nome do entrevistado, em negrito. É obrigatório que o nome do entrevistado apareça em negrito e por extenso na primeira resposta; nas seguintes, seu nome pode ser grafado como ele é mais conhecido publicamente. Sempre em negrito. [...] Além da introdução, deve limitar-se (a entrevista) à transcrição do diálogo entre jornalista e entrevistado. Obedece as mesmas recomendações de estilo e comportamento profissional que regem as entrevistas de qualquer espécie. (FOLHA DE S. PAULO, 1998).

Nesse trecho, percebemos as diretrizes para os aspectos composicionais do gênero no jornal ou em revista. Trata-se, então, da entrevista de jornal na qual a estrutura da prática pergunta/resposta é textualizada e toma a maior parte da organização genérica, sendo marcada por meio dos nomes do entrevistador/entrevistado (e/ou abreviatura), seguidos de dois pontos, sendo, então, suas falas textualizadas em discurso direto. A esse tipo de entrevista dá-se o nome de entrevista pingue-pongue (SILVA, 2007).

Mas além dessa formatação, a entrevista pode ser textualizada dentro de outros gêneros como a notícia, por meio da citação. Nesse caso, porém, não se trata mais do gênero discursivo entrevista, mas do gênero notícia, no qual são citados trechos de entrevista realizada previamente para a escritura da notícia. Assim, é comum que apareça a citação em discurso indireto, sendo que a fala do entrevistado é integrada à fala do jornalista-autor da notícia.

A escolha de uma ou outra forma de textualizar a entrevista pressupõe implicações discursivas importantes. Ao textualizá-la na forma pingue-pongue (pergunta do entrevistador seguida de resposta do entrevistado), o autor cria um contexto interacional em que se focaliza o entrevistado e sua fala, parecendo que o autor do texto não participa do enunciado do entrevistado, apenas mostra-o (SILVA, 2007).

Em outras palavras, se apaga o fato de que a interação mediada pela entrevista é entre jornalista e leitor, ou no caso de O Sagrado, entre

emissora e telespectador. Apaga-se o fato de que houve, na verdade, um reenquadramento (SILVA, 2007) da voz do entrevistado, tendo sido essa submetida ao crivo do autor (da emissora, no caso de O Sagrado). Nesse caso, há uma aparente pluralidade de vozes, efeito dessa organização genérica que “transmite ao leitor a impressão de que há a inserção de outra ‘voz’ que não a do jornalista, o que representaria uma posição valorativa externa à empresa jornalística” (SILVA, 2007, p. 113).

Já quando a entrevista aparece dissolvida dentro de outro gênero por meio da citação indireta, como no caso da notícia, ou mesmo por meio da citação direta aliada à voz do jornalista, a aparência de pluralidade é menor. Em outras palavras, torna-se mais fácil ao leitor, ao telespectador, saber quem é o autor de tal texto, quem são os interlocutores da interação mediada pela notícia, já que não é nem mesmo a entrevista o cerne na interação.

Na televisão, a exploração dessa presença da voz entrevistada para garantir o efeito de “pluralidade de vozes” é ainda mais acentuada por meio da imagem do próprio entrevistado, que pode ser veiculada durante sua fala. Nesse caso, o efeito de que é ele mesmo quem diz o que é dito é ainda mais intenso. É esse efeito da entrevista de tipo pingue-pongue que é explorado em O Sagrado, como veremos adiante.

6.2.2.2 A Reportagem

A definição do gênero reportagem não é um consenso nem mesmo entre os estudiosos da área da comunicação. Uma das principais questões que envolvem tal definição é a linha tênue que existe entre a reportagem e a notícia, gêneros que são a base na atividade jornalística.

O dicionário de Rabaça e Barbosa (1978), por exemplo, define a reportagem como

um conjunto de medidas que são necessárias para a fabricação de uma notícia jornalística: cobertura, investigação, seleção de dados de interpretação e tratamento, dentro de certas técnicas e os requisitos para articular o texto informativo jornalístico (RABAÇA; BARBOSA. 1978, p. 638).

Nessa concepção a reportagem não aparece como um gênero “textualizado” no jornal, mas como uma técnica para a redação da notícia.

Já segundo Melo (1985) enquanto a notícia é “[...] relato integral de um fato que eclodiu no organismo social”, a reportagem seria um “[...] relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações”. Nesse caso, a reportagem é entendida como um gênero textualizado no jornal que diferiria da notícia, sobretudo pelo fato desta ter relação imediata com o que aconteceu, enquanto aquela ser um “aprofundamento” desse acontecimento.

Nesse mesmo viés de Melo (1985), uma abordagem que se apresenta como bastante produtiva para os objetivos dessa pesquisa, sobretudo, porque contempla aspectos da reportagem que aparecem em nossos dados de análise, é a perspectiva de Lage (1993).

Para o autor, a reportagem é um gênero que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos, ou seja, a reportagem faz um levantamento de um assunto e não, necessariamente, a veiculação de um fato. As variações entre se produzir uma notícia ou uma reportagem têm, como afirma o estudioso, relação direta com a linha editorial da empresa de comunicação e com a “oportunidade jornalística” que o assunto em questão encerra, ou seja, o interesse e a repercussão que esse assunto gera na mídia, na sociedade.

Assim, apesar de ambos os gêneros (notícia e reportagem) manterem uma relação estreita, são gêneros diferentes. Num exemplo da prática jornalística, explica o autor, um fato gera a notícia, e logo depois, surgem reportagens que tratam desse fato e de temas relacionados a ele. Na medida em que se diminui o interesse pelo fato, as reportagens também diminuem. Um aspecto importante, no entanto, é que a reportagem já não tem obrigação de remeter ao fato noticiado; antes, centram-se em assuntos, não necessariamente em fatos. Nesse sentido, ela é um campo fértil para a construção trabalhada de uma determinada visão de mundo. Nas palavras do autor:

A notícia distingue-se com algum grau de sutileza da reportagem, que foca em assuntos, não necessariamente em novos fatos; na segunda, o que importa são as relações que atualizam os fatos, estabelecendo uma determinada visão de mundo. A reportagem é planejada e segue uma

linha editorial, um foco, o que a notícia não faz (LAGE, 1979, p 51).

Outro aspecto importante da reportagem (e talvez dos gêneros midiáticos “informativos”, em geral) é uma simulação de discurso imparcial, apenas informativo e não opinativo. Em outras palavras, mesmo que saibamos que se segue uma linha editorial, a narração de fatos e discussão de assuntos de determinadas formas cria um tom de imparcialidade e verdade para telespectador. É esse aspecto que implica uma determinada construção discursiva na série O Sagrado, o que abordaremos a seguir.

6.2.2.3 A entrevista e a reportagem na construção discursiva de O Sagrado

Ao analisar O Sagrado, percebemos que estrutura pergunta-resposta é a base da organização do interprograma, ou seja, a ordem das falas (primeiro o narrador, em seguida o representante) é organizada de acordo com a estrutura da entrevista pingue-pongue. Vejamos nos excertos abaixo:

Excerto 15

Narrador: Liberdade de expressão é o tema da série Sagrado sob o prisma de diferentes doutrinas religiosas. A democracia garante por lei a livre manifestação artística. Em certos casos, as religiões têm dificuldade em conviver com a liberdade de expressão?

Representante: Em muitos casos isso foi verdade ao longo da história, inclusive por parte da igreja católica, à qual eu pertenço (...) (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_28.01.10_Liberdade de expressão_Catolicismo_2'01")

Excerto 16

Narrador: A Liberdade de expressão pelo olhar de diferentes religiões. Nas sociedades

democráticas manifestar opiniões e ideias é um direito garantido por lei. Mas as instituições religiosas estão abertas à crítica e ao diálogo mesmo quando feitas por outras religiões?

Representante: Jesus Cristo nunca foi dogmático, porque ele não colocava as pessoas a serviço das instituições. Repetidas vezes afirmou que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. Portanto, Jesus nunca ensinou intolerância, ele não se desconsiderava e nem marginalizava as pessoas que pensavam ou agiam diferente. A luta pela vida, pela liberdade, pela justiça não é cristã, é humana. (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_20.01.10_Liberdade de expressão_Evangélicas_2'01")

Excerto 17:

Narrador: Políticas governamentais submetidas a princípios religiosos inevitavelmente cerceiam as produções intelectual e científica. Religião é incompatível com o direito da livre expressão?

Representante: A liberdade de expressão faz parte da essência da criatura humana. Onde houver cerceamento dessa liberdade o ser humano não pode se colocar amplamente. E nós achamos que o processo evolutivo exige essa condição de a criatura humana (...) (O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_21.01.10_Liberdade de expressão_Espírita_2")

Essa estrutura (pergunta-resposta) apareceu explícita ou implicitamente em todos os casos e aponta para uma organização em que o representante religioso é entrevistado por um narrador, ou seja, configuram-se aqui os papéis de entrevistado e entrevistador. Além da linguagem verbal, é possível depreender esses papéis a partir da imagem (linguagem não verbal), principalmente da figura do representante religioso, que aparece em *close-up* médio durante a própria fala, logo após as perguntas serem feitas. Tal focalização é típica de entrevistas, vejam-se os exemplos de entrevista jornalística, a tomada é sempre em *close-up* médio no entrevistado e entrevistador, sendo o primeiro o foco da imagem, ou seja, quando o entrevistador está perguntando aparece na

focalização junto do entrevistado, mas na maioria da entrevista, o entrevistado é que é o foco da imagem.

Vejam os enquadramentos utilizados na entrevista concedida pelo ex-presidente Lula ao jornal da Record, em julho de 2010⁵⁵, por exemplo. Quatro foram os tipos de enquadramentos utilizados: a) close-up médio no entrevistado, b) close-up médio no entrevistador, c) enquadramento geral A (entrevistado e entrevistador em ângulos diferentes – foco no entrevistado) e d) enquadramento geral B (entrevistado e entrevistador no mesmo ângulo):

Figura 4- Planos de imagem utilizados em entrevista televisiva



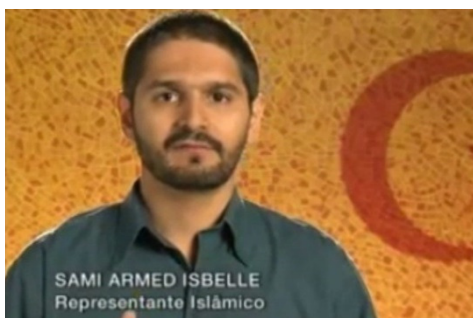
Fonte: criação da autora

A partir desse exemplo percebemos que, no que tange ao enquadramento (plano de imagem) no gênero entrevista televisiva, o foco é o entrevistado. O tipo de enquadramento mais utilizado é o *close-up* médio (imagem 1 e 2), sendo utilizado em 612” (10’2”) dos 691” (11’51”) totais da entrevista.

⁵⁵ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fzmK9EqxshI> (último acesso em 23/09/2013)

Apresentamos essa entrevista televisiva como exemplo, mas tal fato é verificável em outras tantas, o que o tempo e escopo desse trabalho não nos permitirão mostrar⁵⁶. A partir desse fato – prevalência do *close-up* médio no entrevistado – podemos analisar comparativamente o enquadramento n'O Sagrado. Como acontece em entrevistas televisivas, n'O Sagrado também há a exploração do *close-up* médio no entrevistado no momento de sua fala. Como é possível ver a partir da imagem abaixo que ilustra o excerto 18:

Figura 5- Entrevistado em close-up médio



Fonte: O Sagrado (Rede Globo - Brasil)

⁵⁶ Como não encontramos análises do gênero entrevista televisiva, fizemos uma análise a título de exemplo, ou seja, de caráter exploratório.

Excerto 18:

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.01.10_Liberdade de expressão_Islamismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
01:20	26	<p>Close-up médio no representante</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [SAMI ARMED ISBELLE]</p> <p>Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Representante Islâmico]</p>	2RI:	<p>Diz Deus Altíssimo no Alcorão: “Não há imposição quanto à religião”. Portanto é obrigatório ao muçumano respeitar a crença do seu semelhante. No que tange à liberdade de expressão, o muçumano deve exercê-la de forma respeitosa e educada a fim de não denegrir ou desmerecer a crença de quem quer que seja. Pois quando se ultrapassa esses limites acaba se ofendendo a outra parte, o que não é inerente à própria liberdade de expressão.</p>

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

2RI: 2º Representante Islâmico
[negrito] Texto escrito exibido

Apesar das semelhanças com o gênero entrevista (estrutura pergunta-resposta e tipo de enquadramento utilizado), não é possível dizer que esse programa é uma entrevista televisiva de fato.

Se numa entrevista televisiva aparece, geralmente, entrevistado e entrevistador, no caso do interprograma O Sagrado, apenas o entrevistado aparece em *close-up* médio. Já o “entrevistador” é apenas ouvido, ou seja, é uma voz que é ouvida concomitantemente a imagens que são transmitidas. É, sobretudo, essa formatação com respeito ao entrevistador que aproximará o interprograma do gênero reportagem. Antes de analisar essa aproximação, porém, é preciso apresentar algumas implicações que vêm da aproximação com a entrevista.

Essa formatação (em que o entrevistado aparece e o entrevistador não) tem implicações tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador. Para o entrevistado, tal formatação cria um efeito de comprometimento com o que é dito, ou seja, o telespectador tem a impressão de que a fala do religioso é realmente dele, com todos os sentidos que se constrói a partir dela. Esse efeito é o mesmo que se tem na entrevista pingue-pongue de jornal impresso, como vimos na apresentação da entrevista, em que se coloca o nome do entrevistado seguido de dois pontos e de sua fala (parte da fala)⁵⁷ e na entrevista televisiva, em que o entrevistado aparece respondendo as questões, ou seja, não haveria como dizer que tais palavras não são dele, já que ele está ali, já que se dá a ver.

O que deve ser ressaltado aqui então é que é apagado o fato de que há uma edição dessas falas, tanto na entrevista de jornal quanto televisiva, de modo que o discurso do entrevistado é recontextualizado dentro do discurso da emissora, que produz o programa. Assim, as falas dos representantes são apropriadas na constituição do enunciado da Rede Globo. Um exemplo dessa edição pode ser depreendido pelo fato de que, n'O Sagrado, muitas perguntas feitas aos entrevistados não são respondidas, de fato. A fala do representante reforça, muitas vezes, o que é afirmado na pergunta (retórica) do narrador e enfatiza o discurso da emissora explicitado, por exemplo, nas epígrafes proferidas pelos artistas que introduzem a série e construído no todo do enunciado (o episódio, o grupo de episódios e/ou o interprograma).

Voltando-nos para os dados de análise, no episódio "Liberdade de expressão", em que o catolicismo é apresentado, por exemplo, percebemos esse aspecto da edição. Vejamos esse episódio.

⁵⁷ Para uma análise mais detalhada, ver o trabalho de Silva (2007).

Episódio 03

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_28.01.10_Liberdade de expressão_Catolicismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [TONY RAMOS] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [provérbio hindu]	At:	Pode-se cortar todas as flores, mas não se pode impedir o retorno da primavera
00:08	2	Manchete de jornal com o título: [Kirchner promove lei para garantir 'liberdade de expressão']	N:	Liberdade de expressão é o tema da série Sagrado
	3	Manchete de jornal com o título: [Liberdade de imprensa em questão]		
	4	Mão acendendo velas		sob o prisma de diferentes doutrinas religiosas.
	5	Foco nas mãos cruzadas de duas pessoas		
	6	Mãos cruzadas sobre uma mesa segurando uma corrente (terço ou guia)		
	7	Homem de joelhos		
	8	Mãos abrindo uma bíblia		
	9	Roda de pessoas dançando (ritual de matriz africana)		
	10	Pessoa lendo a Torá		
	11	Reunião no Congresso Nacional		A democracia garante por lei a livre manifestação artística.
	12	Esplanada do Planalto		
	13	Pessoa assistindo a cenas antigas de outras pessoas dançando (a câmera está no ângulo da pessoa que assiste)		
	14	Charge (Dia de Finados, túmulo da ética)		
	15	Manchete de jornal com o título: [Alegoria de Escola de samba cria polêmica em Igreja]		Em certos casos as religiões têm dificuldade em conviver com a liberdade de expressão?
00:28	16	Fachada de uma igreja católica		
	17	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Cruz		

- 00:31** **18** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [**MARIA CLARA BINGEMER**]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [**Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas/PUC-RJ**]
- 01:04** **19** Peça teatral
20 Mãos desenhando
21 Pintura de Cristo levando a cruz
22 Grafite
23 Poemas nas colunas de viadutos do Rio de Janeiro
24 Desenhos de mãos escrevendo
25 Pintura de homem lendo com lupa
26 Pinturas e esculturas no teto de igreja
27 Manchete de jornal com o título: [**Igreja crítica novo livro de Saramago**]
28 Texto (de jornal?) com o título: [**Filme "Paixão de Cristo" tem problemas com a censura**] (câmera segue o título como se estivesse lendo)
29 Homem carregando uma cruz
30 Abertura de série da emissora: [**O Pagador de Promessas**]
- 01:26** **31** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [**MARIA CLARA BINGEMER**]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [**Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas/PUC-RJ**]
- 01:50** **32** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:58** **33** Em fundo branco estão as marcas da Fundação Roberto Marinho; Rede
- 2RC:** Em muitos casos isso foi verdade ao longo da história, inclusive por parte da igreja católica, à qual eu pertencio. Houve um índice onde muitos livros foram proibidos para os católicos. Houve filmes, peças de teatro que foram listados como proibidos para os católicos. Hoje em dia isso praticamente acabou. A liberdade de expressão é um fato. Por outro lado, não se pode esquecer também que muitas vezes a igreja foi silenciada. Por órgãos políticos. Aqui mesmo no Brasil nós vimos isso. Dom Helder Câmara, não podia ser noticiado nada sobre ele, nem seu nome pronunciado.
- N:** Através da expressão artística podemos manifestar desejos e aspirações individuais e sociais.
- Ainda que comum a todas as épocas, o encontro da arte e a religião pode gerar conflitos.
- A censura religiosa à manifestação artística não fere o direito de livre expressão?
- 2RC:** Acho que em algumas épocas históricas ela se deu fortemente, sobretudo, na época medieval quando a igreja... o mundo era teocêntrico e a igreja tinha... exercia uma tutela forte sobre todo comportamento da sociedade. Isso acabou com a modernidade. A autonomia do pensamento humano, do conhecimento e da expressão artística se afirmou e hoje nós vivemos essa conquista que a modernidade nos trouxe, que é altamente positiva.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

2RC: 2º Representante Católico

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

A epígrafe desse capítulo da série é a seguinte: “Pode-se cortar todas as flores, mas não se pode impedir o retorno da primavera”. A cadeia semântica das questões – ratificada pelas imagens – se organiza ao redor do discurso sobre a censura da mídia (cortar todas as flores), colocando a liberdade “de expressão” como um direito constitucional, conquistado (o retorno da primavera). Ao longo do episódio, há um movimento da elaboração discursiva que vai configurando quem censura quem. Nesse movimento a emissora se coloca como censurada ora pelo poder público, ora pela religião. Nesse caso, o telespectador pode estar assistindo a representante religiosa, mas é interlocutor, na verdade, da emissora, cujo enunciado cita, por assim dizer, a representante religiosa. Tal citação é utilizada como um recurso discursivo assim como o são as imagens e a sequenciação e recortes dessas.

Na apresentação do tema (cenas 2 e 3), por exemplo, a dimensão visual esclarece ou ilustra o que vem a ser a liberdade de expressão mencionada na dimensão verbal. Nesse caso, há duas imagens de duas manchetes: a primeira é de 11/09/2009, que tem como título: “Kirchner promove lei para garantir 'liberdade de expressão’”. No *lead* dessa reportagem tem-se “A presidente da Argentina, Cristina Kirchner, enviou nesta sexta-feira ao Congresso um projeto de lei que acaba com os crimes de calúnia e injúria no momento em que é acusada pela imprensa de acertar contra a liberdade de expressão”. Já na segunda cena, há a manchete “Liberdade de expressão em questão”, cujo *lead* é “Entidade critica situação em Honduras e na Venezuela”.

A partir dessas imagens percebe-se que a ‘liberdade de expressão’ de que se está falando, é restrita à ‘liberdade de imprensa’, mais especificamente da liberdade de uma imprensa em especial, ou seja, uma imprensa direitista – conforme se nota com as reportagens escolhidas. Os inimigos da ‘liberdade de expressão’ que aparecem nessas reportagens são sempre governos de esquerda (Argentina, Venezuela, Honduras).

Na primeira manchete, ainda que Cristina Kirchner apareça como alguém que promova a liberdade de expressão, isso é ressignificado; primeiro porque o termo liberdade de expressão (na manchete) está entre aspas, ou seja, há uma ironia a respeito da liberdade de expressão que a

presidenta promove; segundo porque o *lead* deixa claro que essa promoção é uma estratégia de defesa da presidenta às acusações de “acertar contra a liberdade de expressão”. Acusações “da imprensa”, o que mais uma vez remete a que liberdade está se falando, na verdade – a liberdade da imprensa que se mostra contrária a governos de esquerda.

A partir do exposto, percebemos que é a junção dos aspectos verbal e não verbal que constrói o significado ao texto veiculado e o fato de esta junção ser responsabilidade da emissora implica ser esse seu enunciado e não da representante religiosa. Ou seja, percebe-se a ambivalência do termo liberdade de expressão, que é reduzida pelo contexto do próprio programa a partir das imagens, e parte da construção enunciativa dessa empresa.

Nesse caso ainda, percebemos que há uma disputa semântica pelo significado da construção “liberdade de expressão” – afinal se de um lado, essa liberdade remete à liberdade das religiões e de qualquer cidadão de expressar seus pensamentos (se pensado do ponto de vista do que a série se propõe a fazer), de outro, remete também à liberdade da imprensa de veicular o que bem entender, sem o compromisso de apuração dos múltiplos pontos de vistas sobre o fato noticiado. Como afirma Pechêux (apud FAIRCLOUGH, 2001[1992], p. 230), “a variação semântica é uma faceta e um fator de conflito ideológico” que, nesse caso, envolve a questão de liberdade de expressão.

Na construção discursiva da emissora, o segundo significado – que restringe a liberdade de expressão à liberdade de imprensa – é que é reforçado, ou seja, a liberdade de expressão é a liberdade da imprensa, o que exclui outras formas que podem também ser sinônimo de liberdade de expressão, como a própria liberdade religiosa ou mesmo a liberdade de uma opinião sobre o que seja o sagrado que não subjaz a religião ou a mídia corporativa.

Tal aspecto é recorrente em todos os episódios que tratam do assunto. Sempre que na dimensão verbal tem-se a expressão “liberdade de expressão”, na dimensão visual têm-se imagens que remetem à liberdade de imprensa. Vejamos:

Excerto 19

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_20.01.10_Liberdade de expressão_Evangélicas_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:05	2	Quadro com imagem de um santo esculpido	N:	Na série Sagrado
	3	Close-up máximo e mãos femininas idosas que seguram um terço		
00:07	4	Página de jornal com a manchete: [Associações de jornais se preocupam com a liberdade de expressão]		a liberdade de expressão

Excerto 20

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_21.01.10_Liberdade de expressão_Espírita_2"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:14	2	Manchete de jornal com o título: [Kirchner promove lei para garantir 'liberdade de expressão']	N:	Liberdade de expressão

Excerto 21

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_22.01.10_Liberdade de expressão_Judaísmo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal	
				Enunciados	
00:06	2	Close-up máximo em sino tocando		N:	Na série Sagrado
	3	Manchete de jornal com o título: [Associações de Jornais se preocupam com a liberdade de expressão]			a liberdade de expressão
	4	Judeu lendo a Torá			na visão de diferentes religiões.
	5	Símbolo de igreja cristã			
	6	Mulher com defumador			
	7	Mesquita			

Excerto 22

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_23.01.10_Liberdade de expressão_Religiões afro-brasileiras_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal	
				Enunciados	
00:10	2	Close-up em mãos abrindo a Bíblia		N:	Diferentes religiões
	3	Roda de pessoas dançando (ritual de matriz africana)			comentam o tema
	4	Close-up em mãos cruzadas (padre?)			liberdade de expressão
	5	Manchete de jornal com o título: [CE: REAÇÕES QUE REJEITAM LIBERDADE DE EXPRESSÃO SÃO INACEITÁVEIS]			
	6	Manchete de jornal com o título: [Liberdade de imprensa em questão]			na série Sagrado

Excerto 23

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_24.01.10_Liberdade de expressão_Budismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciação dos	Dimensão verbal
	7	Manchete de jornal com o título: [Publicitários fazem manifesto pela liberdade de expressão]		A liberdade de expressão
	8	Mão pintando em tela		e manifestações artísticas são direitos garantidos

Excerto 24

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.01.10_Liberdade de expressão_Islamismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciação dos	Dimensão verbal
00:06	2	Mão benzendo com arruda	N:	Diferentes religiões, vários olhares
	3	Mulher com trajés de mãe de santo		
	4	Padre diante de altar católico		
	5	Mão segurando terço		
	6	Imagens congeladas em preto e branco de manifestação contra a Ditadura		a liberdade de expressão é o tema abordado na série Sagrado.
	7	Manchete de jornal com o título: [Intimidação à imprensa argentina]		

Do ponto de vista ideológico ainda, é perceptível a construção de um inimigo comum, ou seja, aproximam-se o desejo de liberdade de expressão das religiões (dos telespectadores religiosos) à “necessidade” de liberdade de imprensa (de uma imprensa específica). Ocorre a unificação (THOMPSON, 1995) desses dois grupos – imprensa e telespectadores – por meio de uma “necessidade” em comum e, ao mesmo tempo, ocorre também uma dissimulação (THOMPSON, 1995) das relações assimétricas entre esses grupos, afinal a religião só tem um

lugar de fala na medida em que este é permitido pela emissora, de modo que a relação de poder, na verdade, é bastante assimétrica.

Nas cenas seguintes do episódio em questão (episódio 03), há um deslocamento da figura do sujeito e ou instituição que censura construída no discurso da emissora ao longo do episódio para a religião. Vejamos, por exemplo, na cena 15 a relação entre as dimensões verbal e não verbal. Na dimensão verbal tem-se uma pergunta direta à representante: “Em certos casos as religiões têm dificuldade em conviver com a liberdade de expressão?”. Nessa construção, a liberdade de expressão (já entendida como sendo a liberdade de imprensa) é colocada como algo dado, como um fato, cabendo à religião adequar-se a, conviver com, aceitar o que a mídia produz. Em outras palavras, não se levanta o problema da elaboração midiática, mas se entende como um problema as (re)ações da religião. Nessa cena, há um deslocamento também de qual instituição é colocada em conflito com a religião, nesse caso, é a produção das escolas de samba. Na manchete: “Alegoria de Escola de samba cria polêmica em Igreja”, a produção da escola é colocada como agente gerador de polêmica. Mesmo assim, porém, a relação que se estabelece é de que a igreja é que pode opor-se ao que foi produzido e não o contrário.

Na sequência desse episódio, percebemos que a resposta da representante religiosa é construída de forma que esta entende e responde diretamente ao fato de que a instituição da qual faz parte foi colocada como censuradora (cenas 15 e 16).

Apesar de, nessa pergunta, o narrador incluir “outras religiões” também como tendo “dificuldades de conviver com a liberdade de expressão”, na última imagem que veicula (cena 15) essa dificuldade é endereçada à igreja católica. Isso fica claro também na resposta da representante, que ressalta a sua religião – através do termo *inclusive* – dentro das que têm dificuldades de conviver com a liberdade de expressão. A resposta da representante só confirma a pergunta (retórica) do narrador. A representante traça, inclusive, uma lista de exemplos que provam essa afirmação. A religião, nesse caso, parece ser chamada a responder sobre seus “problemas” e não necessariamente divulgar sua perspectiva sobre os assuntos tratados, como uma abordagem pluralista possibilitaria. Isso demonstra que o objetivo maior da série talvez não seja, de fato, promover a pluralidade, mas usar esse discurso de ‘promoção da pluralidade’ para legitimar seus discursos político e ideológico e valorizar sua marca.

O restante (cena 18) da fala da representante ratifica ainda mais o discurso do narrador, já que se constrói um contexto em que a

“liberdade de expressão” seja um fato (como afirma a própria representante). Além disso, há um movimento de colocar o Estado como o inimigo dessa liberdade, como aquele que censura, inclusive, a própria igreja. Isso é claro nos trechos: “Por outro lado, não se pode esquecer também que muitas vezes a igreja foi silenciada por órgãos políticos” (cena 18).

Ao exemplificar o ‘silenciamento da igreja’, a representante menciona indiretamente a censura da mídia por parte do governo: “não podia ser noticiado nada sobre ele (...)”. Nesse sentido, tem-se novamente a construção dos papéis de vítima e algoz, de censurado (mídia) e censorador (Estado). Desta vez, não na fala do narrador, mas da representante religiosa, o que constitui mais uma voz cujo discurso é levado a convergir com o discurso da emissora, mas para o telespectador esse discurso é travestido de discurso da religiosa, exterior à voz institucional. Nesse ponto é que a ideia de entrevista (do entrevistado respondendo) agrega ao programa um valor simbólico de pluralidade que, a fundo, não existe, como pode ser depreendido das cenas seguintes (cenas 19 a 31).

Na cena 19, então, a liberdade artística é ilustrada por ações artísticas individuais (cenas 19 – 23) e culmina na liberdade de criação da mídia (livro, filme e série da emissora – cenas 27, 28, 30). A igreja é colocada como aquela que fere o direito dessas manifestações, já que a presença do “não” na pergunta leva a tal entendimento – “A censura religiosa à manifestação artística não fere o direito de livre expressão?” (cena 28). A representante religiosa é mais uma vez chamada a responder sobre as ações – valoradas negativamente – da igreja. Após direcionar o problema da perspectiva teocêntrica da igreja para o mundo – “... na época medieval quando a igreja... o mundo era teocêntrico...”, descreve a conquista da liberdade de pensamento, conhecimento e manifestação artística como algo natural e impessoal, ou seja, a modernidade é que é o agente da conquista da liberdade. Ora a modernidade não pode ser agente humano de nada. Nesse sentido, apagam-se as lutas sociais e valoriza-se a modernidade (“altamente positiva”) apagando também suas contradições, já que nem todos participam da liberdade de expressão. É perceptível também que a liberdade de expressão é algo dado, pronto, conquistado, o que remete a não necessidade de luta pela liberdade de expressão, a não ser pela liberdade de imprensa (ou da imprensa).

Do ponto de vista enunciativo então, não temos um enunciado do religioso e um da instituição, embora a ideia de entrevista possa remeter a isso. Mas temos um único enunciado – o da emissora – que traz a tona

diferentes vozes, mas a fim de contribuir para legitimar o discurso institucional a respeito dos temas abordados.

Nesse sentido também é que aproximamos o interprograma do gênero reportagem, conforme conceitua Lage (1993), ou seja, como sendo o “aprofundamento”, o tratamento de pesquisa dado a um assunto. No caso em questão, da liberdade de expressão. Como afirma o autor, o que importa na reportagem são as relações que atualizam os fatos, estabelecendo uma determinada visão de mundo.

Assim como a reportagem é planejada e segue uma linha editorial, um foco, percebemos na formulação das questões aos representantes e na contextualização destas com as imagens veiculadas e com as falas do narrador que o enunciado da Rede Globo segue também um foco, é planejado como numa reportagem. Ou seja, não se faz apenas uma pergunta ao representante religioso, mas faz-se um apanhado sobre o assunto, isto é, estabelece-se uma determinada visão de mundo sobre os assuntos e só então “encaixa-se” nessa visão de mundo a voz do representante.

Esse tratamento de pesquisa dado ao tema, típico da reportagem, é feito, porém, também de uma forma peculiar no interprograma, como o é a entrevista. Acontece, sobretudo, pela encenação de descomprometimento e imparcialidade na abordagem do assunto. A emissora (na figura do narrador) descompromete-se com o que é veiculado nessas imagens, já que o entrevistador não se dá a ver. Além disso, a formatação das questões, a contextualização a que estão inseridas têm um efeito de “leitura de mundo”, ou seja, são um recorte sobre um determinado assunto. É como se o narrador “apenas lesse” um mundo dado, quando na verdade é ele quem “constrói” esse mundo que mostra a partir da edição da série. Isso desencadeia, então, a implicação importantíssima dessa formatação para a série, ou seja, o caráter de verdade, de naturalidade dado à visão de mundo construída pelo narrador.

Em poucas palavras, a emissora (entrevistador) não se mostra – o que a isenta do que é construído – e o que ela mostra adquire, por isso mesmo, um caráter de “verdade” – já que cria um efeito de imparcialidade, principalmente porque retoma notícias como dados que comprovam a fala do narrador. Assim, a natureza dessas imagens é compor essa visão do mundo com a fala do narrador, contextualizando a fala dos entrevistados também. Nesse sentido, uma dimensão reforça e/ou explica a outra. É sobre a articulação das dimensões verbal e não verbal que trataremos, então, mais detidamente na seção seguinte.

6.3 A articulação entre os aspectos verbais e não verbais

No que tange à mídia televisiva, é esperado que esta explore os aspectos não verbais em suas produções. Nesse sentido, buscamos entender quais são as implicações desses aspectos, especificamente da imagem, na construção do discurso da emissora. Na análise feita na seção anterior, já apontamos para algumas implicações da dimensão verbal na construção do discurso institucional. Nessa seção, buscamos focalizar a análise da natureza dessas imagens na organização dos episódios. Para tanto, com base na própria organização da série, classificamos as imagens veiculadas em dois grupos: a) as veiculadas durante a fala do representante e b) as veiculadas durante a fala do narrador.

As imagens constantes no segundo grupo foram, ainda, organizadas em quatro tipos de acordo com suas semelhanças. O primeiro tipo é formado de imagens de manchetes de revista e/ou jornal impresso. O segundo tipo é composto de cenas de notícias de jornais televisivos que tiveram repercussão nacional, como as imagens do “sequestro ao ônibus 174”, por exemplo. Já o terceiro tipo é de cenas em que há práticas religiosas, ou seja, cenas que remetem aos rituais dos grupos religiosos que participam da série (evangélicos orando, candomblecistas dançando em ritual, judeus lendo a Torá etc.).

Por fim, fazem parte do último tipo, cenas que não se encaixaram na classificação dos tipos anteriores, mas que ilustram o que é dito, em sua maioria, reforçando o conteúdo da dimensão verbal, “repetindo a mesma história”, para usar a expressão de Rose (2008)⁵⁸.

A diferenciação de imagens durante a fala do narrador e do representante é bem marcada pela emissora na maioria dos episódios analisados. Se por um lado, tal separação indica que a emissora marca as fronteiras entre essas vozes, conforme temos apresentado até aqui⁵⁹, por outro lado, a quebra dessas fronteiras pode então indicar a aproximação entre essas vozes. As implicações discursivas dessas “quebras” têm sido apontadas também durante as análises apresentadas nas seções

⁵⁸ Exemplos desses tipos de imagens podem ser vistos no Anexo B

⁵⁹ Tal forma de organização da estrutura composicional aponta para uma pseudo-entrevista, como apresentamos na seção 6.2.2, de modo que se tem a impressão de que a emissora apenas dá voz aos representantes religiosos.

anteriores⁶⁰. De qualquer forma apresentamos na tabela abaixo o quantitativo dessas ocorrências e em seguida abordamos cada um dos grupos e tipos de imagens que compõem a organização recorrente nos episódios.

Tabela 10 - Quebra da estrutura organizacional quanto aos tipos de imagens

Assunto	Religião
Violência urbana	Budismo
	Catolicismo
	Judaísmo
	Religiões afro-brasileiras
Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo	Budismo
	Catolicismo
	Judaísmo
Liberdade de expressão	Espiritismo

Fonte: criação da autora

6.3.1 A dimensão não verbal: o representante em foco

Conforme apresentado nas seções anteriores, a organização do episódio marca, por meio da mudança de (tipos de) imagens, os limites entre a fala do narrador e do representante religioso. Durante a fala do narrador, há a veiculação de imagens diversas (como veremos na seção seguinte), já durante a fala do representante religioso há apenas uma única imagem sendo veiculada na maioria dos episódios, qual seja, a do próprio religioso. Junto dessa imagem, em *close-up* médio, há, no canto inferior esquerdo, a identificação do religioso (nome completo, função que exerce no contexto religioso e instituição religiosa a que pertence), conforme imagem abaixo:

⁶⁰ Exemplo disso é a análise apresentada ao final da seção 6.1 em que há convergência entre a voz do narrador e do representante judeu e divergência com o representante islâmico.

Figura 6 - Representante religiosa em close-up médio



Fonte: O Sagrado (Rede Globo - Brasil)

Do ponto de vista enunciativo, conforme aponta Rose (2008), o *close-up* médio – uma convenção utilizada em fotografia e apropriada pela televisão – significa autoridade (como no caso dos locutores de notícias e peritos). Nesse caso, a escolha dessa convenção indica o investimento/reconhecimento de autoridade para os representantes que participam da campanha, ou seja, esses são vozes autorizadas a falar sobre a crença que professam e, por consequência, em nome das pessoas que também professem essa crença.

Essa autoridade é apresentada também por meio da titulação que é dada aos representantes no momento da veiculação de sua imagem (em letras brancas no canto inferior esquerdo da figura acima). Ao incluir nessa titulação as funções que eles exercem no contexto religioso, a emissora mostra que esses são investidos de autoridade nesse contexto (religioso), podendo assim representar o grupo, a comunidade que lideram – já que a maioria tem cargo de liderança.⁶¹

Se, em princípio, isso parece positivo por apontar que a emissora reconhece a autoridade desses líderes, dessas vozes, desses grupos sociais, por dar-lhes voz, esse reconhecimento implica a homogeneização desses grupos religiosos, personificados na pessoa do representante, já que é questionável o fato de esses religiosos realmente representarem os grupos sociais que a emissora diz que representam.

Na abordagem do grupo “evangélicos”, por exemplo, percebemos que os líderes escolhidos têm relação com apenas parte dos evangélicos,

⁶¹ Conforme mostra a identificação apresentada na tabela 05.

a parte mais tradicional, aliás, caracterizada pelo IBGE (2010) de “Evangélicos de Missão”. A maioria dos evangélicos no Brasil, no entanto, é de “Origem Pentecostal” (IBGE, 2010), vertente que foi negligenciada na série.

Nesse sentido, é claro o fato de que a emissora escolhe o representante para os credos religiosos ali presentes⁶², tendo, inclusive, escolhido certos credos em detrimento de outros. Há, então, um recorte importante sobre as perspectivas religiosas que a emissora busca mostrar/ dar voz, sobretudo, se observadas as vertentes de (não) crenças que não participam da série como é o caso do grupo das pessoas que se declaram ateus ou sem religião, que segundo o IBGE (2010) tem crescido significativamente nos últimos anos⁶³.

No que tange à escolha do tipo de imagem (mostrar o representante) e do plano escolhido (em close-up médio), é possível afirmar, então, que a maneira com que a emissora intercala a voz desse sujeito ao enunciado institucional legitima o discurso de que a emissora esteja dando voz a essas vertentes religiosas, ou seja, está atribuindo o dito ao que diz – o religioso. Essa estratégia discursiva é convergente com que Bourdieu (1997) afirma a respeito de certa visibilidade proposta pela televisão, afirma o autor:

[...] a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda, mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade (BOURDIEU, 1997, p. 24)

⁶² Ainda que o representante seja reconhecido pelo grupo religioso, é impossível não ressaltar o fato de que há inúmeros representantes nesses grupos, ficando a critério da emissora (e a aceitação do representante) a escolha entre eles.

⁶³ Segundo o IBGE esse grupo cresceu de 7,4%, em 2000, para 8%, em 2010, ao lado dos evangélicos e espíritas. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espíritas-sem-religiao>

Na citação acima, o autor se refere aos fatos do jornalismo que são mostrados pela televisão, mas o são de uma forma específica, de modo que ocultam questões que são imprescindíveis ao noticiar aquele fato. Nesse sentido, mesmo que a informação esteja sendo mostrada, que seja visível ao telespectador, essa mesma visibilidade pode ocultar questões importantes sobre essa notícia. Estreitando o foco para O Sagrado, mesmo que os representantes estejam “sendo mostrados”, esse “mostrar” oculta questões importantes sobre a pluralidade religiosa (que é o que supostamente se faz), como o fato de que esses representantes podem não representar de fato esses grupos religiosos, como apontamos acima.

Do ponto de vista linguístico, esse processo de tornar visível o representante, dar-lhe voz diretamente, pode ser comparado à citação direta nos textos escritos. Nesse caso, é como se a emissora se distanciasse do que diz o representante, mostrando, por isso mesmo, que abre espaço para que ele fale. Assim, a estratégia de criar um discurso que valorize a emissora como a que promove a pluralidade religiosa é bem-sucedida, afinal, é incontestável o fato de que os religiosos estão ali, visíveis, são mostrados, como disse Bourdieu (1997), no espaço da emissora.

A utilização dessa “citação direta”, no entanto, pode não servir apenas para diferenciar a voz do narrador (institucional) da voz do religiosos, ressaltando essa última, mas também, como afirma Maingueneau (1997 apud RESENDE E RAMALHO, 2006), para usar a autoridade da voz alheia com vistas a sustentar sua própria posição valorativa diante dos assuntos abordados (como quando legitima-se que a violência tem origem no indivíduo e apenas nele); ou ainda, tomam-se essas vozes para confrontá-las, acentuando a diferença entre a posição da emissora (legitimada) contra a das religiões (contestadas no discurso institucional).

Assim, é possível afirmar que o tipo de imagem (plano) veiculada durante as falas dos representantes se constitui numa escolha discursiva estratégica para a efetivação do projeto de dizer da emissora, qual seja, afirmar que é uma empresa inclusiva, que dá voz às diversas (não tão diversas, na verdade) crenças religiosas, mesmo que, de fato, essa visibilidade seja absorvida pelo discurso de valorização da marca institucional.

6.3.2 A dimensão não verbal: o narrador em foco

A análise da dimensão não verbal durante a fala do narrador (excluídas as cenas do representante religioso) permitiu identificar a veiculação de, pelo menos, quatro tipos de imagens: a) manchetes de revista e/ou jornal impresso; b) cenas de notícias de jornais televisivos que tiveram repercussão nacional; c) cenas de práticas religiosas; e d) cenas que não se encaixaram na classificação dos tipos anteriores, mas que ilustram o que é dito, em sua maioria, corroborando e/ou restringindo o conteúdo da dimensão verbal⁶⁴, às quais nomeamos “Cenas gerais”. Na tabela 11, apresentamos o número de ocorrências de cada tipo de imagem.

A recorrência das cenas de tipo 03 era algo previsível, já que a emissora se propõe dar visibilidade às diferentes práticas religiosas. Apesar disso, é importante o fato de essas terem sido as cenas de menor recorrência nos dados analisados, o que parece contraditório ao propósito explicitado pela emissora. Por outro lado, as cenas que remetem ao próprio discurso midiático (tipo 01 e 02) tiveram uma recorrência bastante significativa, 39,6%. Pode-se pensar, então, que ao lado da visibilidade dada às religiões está a visibilidade dada ao discurso da própria mídia, o que Thompson (1998) chama de “mediação estendida”, característica da mídia de massa. Segundo o autor, o processo de incorporação de mensagens da mídia por outras instituições da própria mídia é algo recorrente, ou seja, “há um alto grau de auto-referenciamento dentro da mídia” (p.101).

⁶⁴ A classificação nesse grupo de imagens não significa que os outros três tipos não ilustrem e/ou restrinjam o sentido do que é dito na dimensão verbal. Tal divisão se fez partindo da ideia de que todas as imagens têm esse objetivo, mas dentre todas essas, há um grupo recorrente das que são notícias de jornal impresso (tipo 1), cenas de telejornais (tipo 2) e cenas de práticas religiosas (tipo 3), restando então, as demais (tipo 4), no caso, as que não se encaixam nos três grupos anteriores.

Tabela 11- Tipos de imagem veiculada durante a fala do narrador

Tipo	Descrição	Total de ocorrências	%
TIPO 01	Manchetes de jornais impressos	121	25,4
TIPO 02	Cenas de telejornais	68	14,2
TIPO 03	Cenas de práticas religiosas	89	18,7
TIPO 04	Cenas gerais	199	41,7
TOTAL		477	100

Fonte: criação da autora

O fato de a mídia repetir as notícias e seu próprio discurso é abordado também por Bourdieu (1997) no que se refere às notícias jornalísticas na França. Segundo o autor há uma “circulação circular da informação”, fenômeno em que os diferentes jornais acabam por noticiar a mesma informação, ainda que de formas diferentes, dependendo da postura político-ideológica que assumem, mas que, de fato, cria um círculo de informações semelhantes cujas barreiras são difíceis de romper. Esse círculo é alimentado, segundo aponta o autor, pela concorrência entre esses jornais, que acabam produzindo notícias uns para os outros, de modo que acabam dando cobertura dos mesmos fatos.

A questão é que esse fechamento sobre o que noticiar acaba criando uma homogeneização das hierarquias de importância (BOURDIEU, 1997). Assim, noticia-se o que é importante, mas importante do ponto de vista daquela hierarquia estabelecida dentro da própria mídia. Concordamos com Bourdieu (1997) que há possibilidade de transgredir esse círculo, para o que o autor sugere um “choque” que interesse ao conjunto da mídia ou pelo menos a um dos meios de comunicação que poderá ser reforçado pelo efeito da concorrência (p. 35). Porém, concordamos também que essa transgressão com fim na democratização interna, de conteúdos, de que se noticiem outros fatos, além dos quais um pequeno grupo julga importantes, passa pela democratização externa, de propriedade e concessões (AGUIAR, 2012), já que há interesses políticos, ideológicos e econômicos dos proprietários das redes de televisão que se refletem no conteúdo que

essas empresas produzem; conteúdo, aliás, que não é só produto de interesses, mas meio eficaz para a efetivação desses interesses.

Nesse sentido, o quadro que temos hoje no Brasil, em se tratando da Rede Globo, é de que a empresa alcança 99,50% dos telespectadores potenciais, praticamente toda a população brasileira, possuindo 122 emissoras, que levam a programação a 98,44% dos municípios e a mais de 183 milhões de brasileiros⁶⁵. Além disso, o grupo é proprietário de mídias impressas de substancial distribuição no país.

Com esse domínio, a emissora controla boa parte do que é notícia no Brasil. Nesse sentido, o fechamento num círculo de “informação sobre a informação” de que fala Bourdieu (1997) é ainda mais restrito, já que a diversidade de jornais é restrita a um mesmo proprietário, a Rede Globo. Assim, a mobilização de notícias dentro desse círculo tem como efeito a legitimação dessas mesmas notícias e dos discursos que veiculam.

Em outras palavras, o que é tido como importante nasce de dentro desse grupo, e o que esse grupo noticia é, ou torna-se, importante. Isso implica certa sujeição do telespectador à hierarquização feita pela emissora⁶⁶. Há nesse caso o exercício de poder por meio da linguagem, dos bens simbólicos produzidos (THOMPSON, 1998), já que o controle sobre o processo de mediação, do que é importante e de como isso será veiculado, está nas mãos de um grupo fechado (FARCLOUGH, 2003).

Ao utilizar as imagens (tipo 01 e 02) de jornais impressos e as cenas de telejornais (da mesma instituição, aliás), a emissora mantém esse sistema de “informar” a partir de outras informações da própria mídia. Há um sistema que se retroalimenta, ou seja, a leitura do mundo é a leitura dada pela mídia, não que possamos fugir completamente disso, como nos aponta Thompson (1998)⁶⁷; mas há uma restrição significativa das possibilidades de leitura de mundo a partir dessas produções

⁶⁵ Dados divulgados em <http://redeglobo.globo.com/TVG/0,,9648,00.html> (último acesso em 17/07/2012).

⁶⁶ Diante desse contexto, o acesso a informações por meio de mídias alternativas, do que a internet tem sido maior exemplo, pode surgir como meio de “burlar” esse quadro apresentado pelos grandes veículos de comunicação. Nesse caso, no entanto, vale ressaltar que os grandes veículos de comunicação têm investido na mídia digital, na internet, a fim de manter sua hegemonia no setor, construindo mundos simbólicos que antecipam a ação do telespectador/usuário das redes, fazendo-os crer que tal ação é de todo livre. Sobre isso, conferir discussão proposta no final da seção 5.3.

⁶⁷ Lembrando que Thompson (1998) fala da mídia de massa de forma geral, não apenas da televisão. Sobre isso, sugerimos a leitura do capítulo 3.

simbólicas selecionadas por alguns poucos, que legitimam discursos que mantêm relações hegemônicas favoráveis a essas empresas.

A partir dessa classificação dos diferentes tipos de imagens, foi possível, ainda, cruzar os dados e verificar a relação entre a recorrência de determinado tipo de imagem com a discussão de determinado assunto:

Tabela 12- Tipo de imagem veiculada por assunto abordado

ASSUNTO	TIPO 01	TIPO 02	TIPO 03	TIPO 04	TOTAL (por assunto)
	Manchetes de jornais impressos	Cenas de telejornais	Cenas de práticas religiosas	Cenas gerais	
Violência urbana	55	52	13	49	169
Papel social da mulher no mundo contemporâneo	25	10	26	105	166
Liberdade de expressão	41	06	50	45	142
TOTAL (por tipo de imagem)	121	68	89	199	

Fonte: criação da autora

Esse quantitativo aponta, em princípio, para o fato de que para cada um dos assuntos abordados, a emissora privilegiou um tipo de imagem. No caso do assunto “violência urbana”, privilegiou-se a perspectiva da mídia, já que a maioria das imagens é a soma das do tipo 01 e 02. Já para abordar “o papel da mulher na sociedade”, a emissora preferiu imagens gerais (tipo 04), que não remetam a notícias específicas da própria mídia como o que ocorre nos tipos anteriores. Assim, a emissora constrói seu discurso sem explicitamente se apropriar do discurso de outros contextos midiático e religioso (como ocorre com o contexto da própria mídia e das religiões), já que não parece possível identificar de onde são as imagens de tipo 04 veiculadas.

De forma geral é possível depreender que tais imagens remetem a contextos seculares como espaços de trabalho (escritórios, fábricas, construção civil, escola etc.), praças públicas, restaurantes, espaços domésticos etc., nos quais há mulheres agindo. Basicamente, há

mulheres ilustrando o que é dito na dimensão verbal, como nas cenas 2, 3, 4, 7 – 10 do excerto abaixo:

Excerto 25

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.01.10_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Catolicismo_2'01"

Localização em minutos		Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:07	2	Multidão caminhando na rua	N:	Esta semana a Série Sagrado
	3	Praça com bandeiras e pessoas caminhando		examina que papel que foi reservado às mulheres
	4	close-up em pés femininos caminhando com sandália de salto alto e fino		
	5	Manchete de jornal com o título: [Homens assumem cada vez mais papel da mulher no lar, diz especialista] , ao fundo família (pai, mãe e filho) passeando de triciclo numa praça		na família
	6	Manchete de jornal com o título: [Nas últimas décadas, a mulher brasileira conquistou seu espaço] , ao fundo professora lecionando a crianças em uma sala de aula		e na sociedade.
	7	Close-up em cintura de mulher caminhando entre pessoas (a mulher veste blusa básica branca e calça social creme e segura um bolsa também creme)		A presença feminina no mercado de trabalho cresceu muito nas últimas décadas.
	8	Mulheres caminhando (roupa social) a direção da câmera olha de baixo para cima ao fundo distante um prédio		
	9	Mulheres em ambiente de escritório (uma vestida de vermelho caminha em direção à outra que está sentada atendendo - secretária)		
	10	Mulher olhando por microscópio (pesquisadora)		Apesar disso, ainda lutam por

Por fim, para abordar o assunto “liberdade de expressão”, a emissora utiliza também imagens diversas (dentro desses quatro tipos), o que aponta, em princípio, para a diversidade, o que tem a ver com o assunto abordado. Mas esse quantitativo da dimensão não verbal carece

da análise de sua articulação com a dimensão verbal, já que o enunciado é a soma dessas duas dimensões.

Segundo Rose (2008), é uma convenção da televisão que o modo visual “conte a mesma história” que é contada no modo verbal (p. 358). No entanto, adverte a autora, há a possibilidade de conflito, ou contradição (ironia e sarcasmo) entre essas duas dimensões. Nesse sentido, a articulação dessas duas dimensões é que deve ser o foco da análise, cabendo ao analista perceber qual carrega o peso, ou delinea o sentido do texto e, depreendendo disso a atitude valorativa do interlocutor sobre o que noticia (se é irônico, por exemplo).

Nesse sentido, as imagens veiculadas durante a fala do narrador, de maneira geral, repetem a mesma história da dimensão verbal, mas de forma que contextualize essa última dimensão, especificando seu sentido. Em outras palavras, as imagens permitem a construção do sentido do todo do enunciado. Assim, nas próximas seções, apresentamos a análise de episódios específicos buscando dar conta dessa articulação entre as duas dimensões – verbal e não verbal, de modo que se perceba o valor semântico que a dimensão não verbal atribui à verbal e vice e versa.

Como já fizemos alguns apontamentos sobre essa articulação nas análises apresentadas nas seções anteriores sobre os episódios que tratam da “liberdade de expressão” e do “lugar e papel da mulher na sociedade contemporânea”, ainda que não fosse esse nosso foco, na próxima seção focalizamos, então, no assunto “violência urbana”.

6.4 A articulação entre verbal e não verbal na construção do enunciado institucional: a violência urbana

Na presente sessão tem-se por objetivo apresentar o discurso institucional referente o assunto “violência urbana”, focalizando a articulação entre as dimensões verbal e não verbal na construção desse discurso. Assim, apresentamos brevemente algumas abordagens para o assunto nas ciências sociais, para só então apresentar a perspectiva construída/adotada no discurso da emissora por meio dos episódios que discutem esse assunto.

6.4.1 Sobre a violência

Segundo Biar (2012), os estudos sobre “violência” a tem relacionado, ao longo da história, ao termo “criminalidade”. Tal aproximação, conforme Velho (2003 [1974]), despreza o fato de que o conflito é inerente à vida em sociedade e pode ser entendido como forma de sociabilidade baseada na interação entre oponentes. Ao centrarem-se na criminalidade, as abordagens buscam, de maneira geral, encontrar as causas para as “ações violentas”, sem, contudo, buscar entender a natureza do que seja (ou não) violência, do que seja (ou não) crime. Nesse sentido, inúmeros fenômenos sociais são classificados como crimes, dependendo da perspectiva que se assume para “crime”. Como afirma a autora,

Quando se elege a criminalidade como objeto de discussões teóricas, o debate se ramifica não apenas entre as afiliações divergentes das escolas de pensamento, mas também, e principalmente, pela própria consideração do que seja crime: se violação de direitos fundamentais ligados à liberdade individual e dignidade humana, ou se alternativa justificada de resistência a um mundo oficial; se um tipo de ação definida pelo sofrimento que provoca, ou se um rótulo aplicado com sucesso após negociações sociais sempre sob revisão constante (BIAR, 2012, p. 26).

Nesse contexto, diferentes abordagens tecem o assunto. A partir de uma perspectiva psicologizante, por exemplo, entende-se o comportamento criminal como sendo fruto de um caráter falho, ou seja, haveria na natureza de certos indivíduos propensos à criminalidade, com algo intrínseco, “inerentemente desviante e qualitativamente distinto do que há nas pessoas ditas ‘normais’” (BIAR, 2012, p. 27).

Já com base numa perspectiva macro-sociológica de inspiração marxista, entendem-se as causas da criminalidade como patologias sociais, ou seja, a criminalidade como parte de uma luta de classes, da dificuldade de mobilidade social decorrente dos processos econômicos (VELHO, 2003 [1974]). Nesse sentido, temos dois pontos de localização da causa da criminalidade – no indivíduo e no contexto social.

Segundo Biar (2012), tal oposição tem sido substituída nos debates acadêmicos por outra que põe, de um lado, pesquisas que enxergam as causas da criminalidade nos processos sociais ligados aos percalços do processo de modernização e crises urbanas e, de outro lado, pesquisas que põem em cheque quaisquer relações determinísticas, apoiando-se em pesquisas estatísticas, criticam a importância que se dispensa, como na perspectiva sociológica, aos fatores socioeconômicos como pobreza e crescimento urbano.

Defensores dessa última perspectiva, Paixão e Beato (1997 apud BIAR, 2012) afirmam que a criminalidade só pode ser explicada com base em fatores situacionais ou de oportunidades, pois dados estatísticos comprovariam que apenas os crimes “contra o patrimônio”, como roubo, teriam vinculação com causas sociais, ao contrário dos “crimes contra a vida”, como homicídios.

Segundo os autores, embora as cidades com altos índices de pobreza sejam as mais violentas, não é possível assegurar uma relação direta de causa e efeito entre pobreza e criminalidade, se considerada a proporcionalidade dos índices de pobreza com os números populacionais gerais. Além disso, vincular pobreza e violência, segundo Zaluar (1985 apud BIAR, 2012), culminaria na geração de um estereótipo que contribuiria para a criminalização simbólica de toda uma classe social, a partir da ideia de que um sistema cruel fabrica discursos que veem (todos os) pobres como “violentos e predadores”, sendo que é fato que muitos crimes são controlados e agenciados por não-pobres (BIAR, 2012, p, 29).

O que se oculta em abordagens como a anterior, no entanto, como afirma Misse (1999 apud BIAR, 2012), é o fato de que tal perspectiva torna invisíveis alguns processos que turvam as estatísticas sobre o crime. Para o autor, os processos penais e as práticas efetivas de combate ao crime são desiguais quando incidem sobre ricos e pobres. Priorizam-se os crimes que afetam diretamente os corpos e a segurança de rotina, e a polícia segue então essa seleção pré-existente, o que não acontece como os crimes conhecidos como de “colarinho branco”. Assim, as estatísticas representariam essa peneira que destaca apenas aqueles crimes que historicamente ameaçam e perturbam as classes mais abastadas. Por conseguinte, segundo Misse (1999), cria-se um ciclo vicioso em que certas carreiras criminais socialmente estigmatizadas são seguidas por grupos de pobres tanto por sua “acumulação de desvantagens sociais” (...) “como por reação viciosa à sua criminalização potencial pelo sistema” (MISSE apud BIAR, 2012, p. 29).

A fim de dar conta dessa questão e desprezar a determinação socioeconômica como base da escolha criminal, Zaluar (apud BIAR, 2012) sugere o conceito de “habitus”, ou seja, afirma de que a inserção do indivíduo em práticas internalizadas através de longos processos de socialização é que responde a causa de sua escolha criminal. Tal posição, no entanto, desloca a questão da instituição dessas práticas organizadas e a origem do problema da criminalidade para uma abordagem do problema como um fato dado, como algo descolado do contexto social mais amplo, do qual todos participam, ou seja, como se fosse um mundo paralelo escolhido e forjado por grupos criminosos, como é o caso das facções de tráfico de drogas no Rio de Janeiro, por exemplo, contexto recorrentemente retratado nas imagens de tipo 01 e 02, veiculadas em O Sagrado.

Nesse sentido, por mais que a ideia de “habitus” possa contribuir para explicar a “escolha” pela vida do crime dentro de uma comunidade específica – uma esfera de sociabilidade específica, não há problematização do porquê desse “habitus”, das relações entre essas práticas sociais com outras, nas diferentes esferas da sociedade, das quais, em muitos casos, aliás, o sujeito é impossibilitado de participar.

Em outras palavras, entende-se como “habitus” a inserção do adolescente, por exemplo, em práticas de tráfico de drogas como resposta à inserção dele em uma esfera social em que é essa a rede de práticas sociais disponíveis, mas não há o questionamento desse *status quo*, dessas relações sociais dadas em relação a outras situações possíveis. Nesse sentido, o que parece manter-se é a própria ordem das coisas, ou seja, reforça-se o “habitus” ao “entendê-lo” como “natural” às práticas sociais das quais os sujeitos participam, quando, em verdade, essa “natureza” é que deveria ser problematizada.

Assim, analisar a dimensão discursiva de redes de práticas sociais que se relacionam pode contribuir para a problematização dessas práticas, como temos afirmado nessa pesquisa. Ao eleger, então, o discurso sobre violência urbana dentro de uma prática social que assume discursivamente a ação de “contribuir” para com os temas sociais que aborda, buscamos analisar que “contribuição” é essa, na medida em que no discurso há construção de identidades para os sujeitos envolvidos. Sendo O Sagrado uma prática de promoção institucional, é importante analisar quais identidades a emissora constrói para si e para os interlocutores diante do problema abordado – violência urbana. Tal construção passa, necessariamente, pela construção de discursos e de identidades sobre a própria violência urbana e sobre os atores sociais

envolvidos nessas práticas, estabelecendo relações sociais que podem manter ou contribuir para mudanças do quadro em questão.

É claro que não é nossa intenção (e nem seria possível aqui) esgotar o assunto das diferentes perspectivas de se entender a violência urbana. No entanto, tentamos apresentar um apanhado geral de algumas perspectivas que se mostram necessárias para que entendamos a abordagem proposta em *O Sagrado*, já que as relações sociais estabelecidas no discurso institucional dialogam com determinadas concepções de violência que mantêm uma forma de compreender o assunto afastando-o de seu caráter histórico-social. Em outras palavras, há a legitimação do discurso que localiza a causa da violência urbana no indivíduo, o que vai ao encontro das perspectivas religiosas apresentadas, cujas identidades, de “salvadoras”, “reabilitadoras” desses indivíduos, são legitimadas pelo e corroboram o discurso institucional. Vejamos isso a partir dos episódios em questão.

6.4.2 A violência em O Sagrado

Considerando a construção composicional da série, que explora tanto linguagem verbal quanto não verbal, foi possível depreender sobre que violência se está discutindo. No que tange às imagens, foi na discussão desse assunto que mais se explorou as imagens de manchetes jornalísticas (Imagens tipo 01) e cenas de jornalismo televisivo (Imagens tipo 02), somando ambas 107 do total 169 cenas, ou seja, 63,3% (Cf. Tabela 01). A partir disso, é possível inferir que esse foi o assunto em que mais se explorou explicitamente o discurso dos próprios meios de comunicação de massa, sendo as construções discursivas presentes nas manchetes contextualizadas na série em convergência ao discurso da emissora, como veremos mais adiante.

Ao utilizar essas manchetes e cenas de telejornais, a emissora explora, então, o caráter pseudo-informativo do discurso jornalístico (cf. Marshall, 2003; Fairclough, 2001), conferindo um peso de “verdade” ao que é dito. Nesse sentido, havendo menos imagens desconhecidas (de tipo 04) ou gravadas para a “reportagem” apresentada na série do que apropriação de notícias já veiculadas pela mídia impressa e televisiva e, possivelmente, de conhecimento do telespectador; há também legitimação do discurso da emissora, de um lado, e das próprias notícias veiculadas, de outro. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que tais notícias são tomadas como “fatos”, “provas” do mundo social construído discursivamente no interprograma *O Sagrado*, tomá-las dessa forma, confere legitimidade ao discurso midiático como um todo. Diante

disso, cabe-nos analisar que “verdades” são, então, legitimadas por meio desse(s) discurso(s) midiático(s).

A maioria das manchetes e cenas do telejornalismo veiculadas focaliza ações “violentas” relacionadas a crimes “contra o patrimônio”, para usar a classificação de Paixão e Beto (1997 apud BIAR, 2012), é possível afirmar que é esse o tipo de ação violenta apresentada como assunto a ser discutido na maior parte dos episódios analisados, como é possível depreender dos trechos a seguir:

Excerto 26

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_23.10.09_Violência urbana_Islamismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
			Enunciados
		Mão acendendo velas	
		Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou]	Nesta semana a violência é o tema da série Sagrado
		Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou] Câmera dá um close-up máximo em [violência aumentou]	N:

Excerto 27

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_24.10.09_Violência urbana_Catolicismo_2' 01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
			Enunciados
00:07	2	Manchete de jornal com o título: [Zona Sul refém da violência]	N:
	3	Manchete de jornal (com foto) com o título: [Arrastão no túnel]	Nesta semana O Sagrado coloca em foco a violência nas cidades.
	4	Manchete de jornal com o título: [Ladrões com granada assaltam restaurante]	A violência não é um fenômeno da sociedade contemporânea
	5	Manchete de jornal com o título: [Mãos ao ALTO!]	

Excerto 28

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_25.10.09_Violência urbana_Protestantismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
			Enunciadores
00:03	2	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes matam motociclista em Ipanema]	N: Esta semana a Série Sagrado trata da violência nas cidades
	3	Manchete de jornal com o título: [Quadrilha usa reféns como escudos humanos para assaltar banco em SP]	
	4	Manchetes de jornais com os títulos: [Traficante chefiou assalto a prédio no Arpoador] e [Bandidos atacam novamente em viaduto]	

Excerto 29

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_26.10.09_Violência urbana_Espiritismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
			Enunciadores
00:09	2	Manchete de jornal, câmera dá um close-up máximo em [Bandidos] e [invadem] (vai de uma palavra a outra rapidamente)	N: A violência é o tema desta semana na Série Sagrado
	3	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes matam motociclista em Ipanema]	
	4	Manchete de jornal com o título: [Fachada de hospital é atingida por tiros]	

Excerto 30

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.10.09_Violência urbana_Judaísmo_2' 01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal	
			Enunciadores	
00:03	2	Pessoas lendo a Torá (close-up na mão acompanhando a leitura)	N: Várias religiões, muitos pontos de vista.	
	3	Velas, mãe de santo (Ritual de matriz africana)		
	4	Homens de terno se ajoelhando		
	5	Budista manuseando incenso		
	6	Manchete de jornal com o título: [Bala perdida atinge menina em SP] (câmera abre foco da palavra "Bala" para a página do jornal)		Esta semana a violência é o tema da Série Sagrado.
	7	Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou]		

Excerto 31

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_01.11.09_Violência urbana_Religiões afro-brasileiras_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:06	2	Manchete de jornal com o título: [COLANDO OS CACOS DA CIDADE PARTIDA]	N:	A violência nas cidades é o tema desta semana na serie Sagrado.
	3	Manchetes de jornais com os títulos: [Traficante chefou assalto a prédio no Arpoador] e [Bandidos atacam novamente em viaduto]		
	4	Manchete de jornal com o título: [Quadrilha usa reféns como escudos humanos para assaltar banco em SP]		

Excerto 32

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_02.11.09_Violência urbana_Budismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:06	2	Manchete de jornal com o título: [Mãos ao ALTO!] (Em close-up máximo, câmera acompanha o texto como se estivesse lendo)	N:	A violência nas cidades
	3	Manchete de jornal com o título: [Três mortos em operação da PM nos morros do Juramento e da Serrinha]		é o tema nesta semana
	4	Manchete de jornal com o título: [Zona Sul refém da violência]		da Série Sagrado.

No excerto 26, verificamos que a perspectiva sobre a violência é a da polícia (Para a polícia, a violência aumentou), ou seja, de um órgão do Estado responsável em manter a ordem, sobretudo, como pontua Misse (1999), responsável por impedir os crimes contra o corpo e de segurança de rotina. Nesse sentido, é tomada aqui como uma voz de autoridade para tratar do assunto, já que é ela – polícia – a responsável pela “segurança da sociedade”. Tal escolha aponta para a concepção de violência legitimada no discurso da emissora: a violência cometida por um grupo específico de pessoas, aqueles que são comumente confrontados pela polícia, os pobres, segundo Misse (1999, apud BIAR, 2012).

Por outro lado, e nessa mesma linha de pensamento, no excerto 27, percebemos que o alvo das “ações violentas”, em sua maioria, são os sujeitos da classe média e alta. Na primeira manchete, por exemplo, a violência é colocada como o agente que torna refém a Zona Sul (tema da oração), região nobre do Rio de Janeiro. Há nesse caso, uma metonímia entre *Zona Sul* e *moradores da Zona Sul*, já que o lugar não pode ser refém, e sim pessoas são reféns, nesse caso os moradores desse local – pessoas de classe média e alta.

Ainda nessa oração, há o apagamento tanto dos agentes humanos que realizam a ação de “fazer/tornar alguém refém”, quanto da própria ação, já que não há sequer verbo expresso na oração: “Zona Sul refém da violência”. Essa ação só é recuperada por meio de um verbo elíptico – *Zona Sul* (sujeito) *está/tornou-se/é/foi* refém (com verbo elíptico) *da violência* (agente da passiva). A estrutura utilizada, então, é a voz passiva, que torna mais proeminente o sujeito, tema da oração, do que o agente, que, aliás, já está apagado por meio da nominalização “da violência”. Ora, a violência urbana não é algo que tem existência fora do ser humano, não é uma entidade, mas é tomada como tal nessa construção. Assim, tal processo apaga os possíveis agentes dessa violência, dando a ela um caráter abstrato, de entidade contra a qual todos devem lutar, ou seja, naturaliza-se esse fenômeno (THOMPSON, 1998). Ao apagar esses agentes, apagam-se também os aspectos sociais envolvidos nesse, que é um fenômeno social, não uma entidade abstrata.

A manchete seguinte (Arrastão no túnel) também explora a nominalização, ou seja, trata do acontecimento – *arrastão* – sem mencionar seus agentes. Novamente, é mencionado apenas o fenômeno e o alvo desse fenômeno – também um lugar – Túnel, que é comum a todos os moradores das grandes metrópoles.

Já na terceira manchete (Ladrões com granada assaltam restaurante), no excerto 29, o agente da ação é explicitado (Ladrões) e o objeto da ação (assaltar) não é humano, e sim um patrimônio (restaurante), o que especifica mais uma vez o tipo de alvo da violência, ou do que a emissora entende por violência urbana, senão pessoas das classes média e alta, seus patrimônios.

No excerto 28, as manchetes também colocam como objeto das ações criminosas (matar, assaltar, atacar) pessoas relacionadas a lugares de classe média alta ou ao patrimônio dessas pessoas (motociclista em Ipanema; bancos em SP; prédio no Arpoador).

Já no excerto 32, há menção de um lugar diferente das regiões nobres (Ipanema, Zona Sul) ou comuns (viaduto, túnel), ou seja, mencionam-se as comunidades do Juramento e Serrinha, onde residem

pessoas, em sua maioria, de classe nada abastada. Nesse, a construção linguística é diferente da dos outros casos. A ação “violenta” (matar) é expressa a partir de um sintagma nominal, ou seja, é nominalizada como sendo um acontecimento (três mortes), sem agentes e nem objetos (vítimas). Os sujeitos agentes das mortes, possivelmente PMs, são colocados como informação complementar – complemento nominal que indica as circunstâncias das mortes (em operação da PM nos morro do Juramento e da Serrinha). Tal construção mostra a pouca importância que se dá às mortes de pessoas moradoras dessas regiões pobres. Além disso, apaga os agentes da violência – o Estado, por meio da Polícia.

Outros tipos de crimes que são mencionados na série são: violência doméstica, brigas de torcidas e entre vizinhos; estes, porém são coadjuvantes diante da quantidade de citações sobre os crimes “contra o patrimônio”, como roubo, sequestro, tráfico de drogas. No que tange a natureza das manchetes, por exemplo, apenas 10 das 37 veiculadas no interprograma abordaram a violência que não tem relação direta com crimes contra o patrimônio, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 13- Manchetes veiculadas nos episódios sobre violência urbana

Número de ordem	MANCHETE	NÚMERO DE APARIÇÕES
1	Manchete de jornal com o título: [Empresário foi vítima de sequestro]	3
2	Manchete de jornal com o título: [Bala perdida fere garota no Centro de SP]	3
3	Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou]	3
4	Manchete de jornal com o título: [Zona Sul refém da violência]	3
5	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes matam motociclista em Ipanema]	2
6	Manchete de jornal com o título: [Quadrilha usa reféns como escudos humanos para assaltar banco em SP]	2
7	Manchete de jornal com o título: [Ladrões com granada assaltam restaurante]	2
8	Manchete de jornal (com foto) com o título: [Arrastão no túnel]	2
9	Manchete de Jornal com o título: [Arrastão provoca pânico no Túnel Santa Bárbara] (manchete recortada e colada sobre imagens do trânsito)	2
10	Manchete de jornal com o título: [Mãos ao ALTO!]	2
11	Manchete de jornal com o título: [Briga de vizinhos e de casais superam registros] (Camera acompanha o texto como se estivesse lendo)	2
12	Manchete de jornal com o título: [Menino morre ao ser arrastado por carro em assalto] (manchete recortada e colada em destaque sobre a imagem de dois homens segurando um cartaz com a inscrição: [João Hélio, os moradores de OSV. Cruz também estão de luto. Vimos por desta homenagem pedir PAZ])	2

13	Manchete de jornal com o título: [Em São Paulo, assaltantes tomam família como refém]	2
14	Manchetes de jornais com os títulos: [Traficante chefou assalto a prédio no Arpoador] e [Bandidos atacam novamente em viaduto]	2
15	Manchete de jornal com o título: [Suzane Von Richthofen é dissimulada, diz laudo técnico]	1
16	Manchete de jornal com o título: [Casal de idoso é morto a pauladas em Niterói]	1
17	Manchete de jornais com o título: [Quadrilha que matou idoso em Niterói planejava roubar R\$ 800 mil]	1
18	Manchete de jornal com o título: [Caso João Hélio: MP alivia acusações contra dois envolvidos]	1
19	Manchete de Jornal com o título: [Educação para salvar a vida de adolescentes] (manchete recortada e colada sobre imagens do jovens entrando na escola)	1
20	Manchete de jornal, câmera dá um close-up máximo em [Bandidos] e [invadem] (vai de uma palavra a outra rapidamente)	1
21	Manchete de jornal com o título: [Fachada de hospital é atingida por tiros]	1
22	Close-up máximo em manchete de jornal com o título: [Assaltos sobem 87%]	1
23	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes fazem 30 reféns em Copacabana]	1
24	Manchete de jornal com o título cortado: [... sequestra e incendia ônibus na Maré]	1
25	Manchete de jornal com o título: [Saques e violência na capital]	1
26	Manchete de jornal com o título: [COLANDO OS CACOS DA CIDADE PARTIDA]	1
27	Manchete de jornal com o título: [ONG denuncia aumento da violência contra homossexuais no Iraque]	1
28	Manchete de jornal com o título: [Hooligans reabrem conflito Leste x Oeste na Europa]	1
29	Manchete de jornal com o título: [Bomba destrói mesquita turcomana em Mossul. Peregrinos xiitas são mortos em Bagdá] (manchete recortada e colada sobre imagens de destroços)	1
30	Manchete de jornal com o título: [Três mortos em operação da PM nos morros do Juramento e da Serrinha]	1
31	Manchete de jornal com o título: [Rio vive manhã de guerra e túnel pára com tiroteios]	1
32	Manchete de jornal com o título: [Tráfico fecha comércio em Caxias]	1
33	Manchete de jornal com o título: [Polícia diz já saber 70% do ocorrido na noite da morte de Isabella]	1
34	Manchete de jornal com o título: [Ex-deputado é indiciado por dirigir bêbado]	1
35	Manchete de jornal com o título: [Briga de torcidas causa confusão em Londres]	1
36	Manchete de jornal foco nas palavras: [Acidente] e [três mortos] (câmera segue em alta velocidade de uma palavra às outras)	1
37	Manchete de jornal com o título: [Traficante de guerra no Dona Marta é preso]	1

Como afirma Fairclough (2001; 2003), identidades e discursos são construídos na linguagem. Nesse sentido, o discurso institucional constrói identidade(s) para si, para o telespectador e para os religiosos participantes da série. Tal construção passa pela concepção do que seja a “violência urbana” que, como vimos, é entendida em sua abordagem mais geral como crime contra o patrimônio. Assim, ainda que nessa série a emissora “apenas mostre” essas diversas manchetes, a escolha por mostrá-las marca discursivamente a posição da emissora diante do assunto tratado.

A partir dessas manchetes e dos outros elementos (verbais) que constituem esse grupo de episódios, entendido como um enunciado sobre esse tema (Tipo 02, conf. seção 6.2.1), é possível perceber que o discurso legitimado pela Rede Globo é de que a causa da violência urbana está no indivíduo, na sua natureza. Desse modo, além de tratar particularmente da violência contra o patrimônio, o discurso institucional alia-se à perspectiva psicologizante de que falamos na seção 6.4.1, construindo um discurso que propõe que a transformação do quadro de violência urbana esteja, portanto, na mudança da natureza desses indivíduos, independente dos contextos sociais nos quais estejam inseridos. O aspecto de “resistir à tentação” do crime, diante das “adversidades da vida” é ressaltado, por exemplo, no trecho a seguir:

Excerto 33:

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.10.09_Violência urbana_Judaísmo_2' 01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:59	27	Manchete de jornal com o título: [Saques e violência na capital]	Enunciador N: Integridade e honestidade são postos a prova
	28	Manchete de jornal com título: [Zona Sul refém da violência] (a câmera vai de da primeira palavra à última rapidamente, focalizando-as)	
	29	Pessoas em situação de rua (dormindo na calçada, andando com trouxas de roupa)	quando o meio priva o indivíduo
	30	Barracos a beira de córrego	de seus direitos básicos.
	31	Pessoas em situação de rua (dormindo na calçada, cobertas por papelão)	As adversidades podem corromper
	32	Pessoas caminhando entre barracos	o caráter do homem?
	33	Jovens brigando (seus rostos estão com faixas pretas, menores (?)) (estão na rua)	Pobreza gera violência?
	34	Jovens brigando (seus rostos estão com faixas pretas, menores (?)) (estão num banheiro de escola (?))	

No excerto acima, ao afirmar que “Integridade e honestidade são postos a prova” (cenas 27 e 28), o narrador trata tais qualidades como inerentes ao indivíduo, como parte de sua natureza, podendo, inclusive, serem colocadas à prova, ou seja, podem ser testadas pelas “circunstâncias sociais adversas”, da mesma forma que se testa a força física, por exemplo. Na dimensão não verbal, a veiculação das manchetes (cenas 27 e 28) ilustra o resultado desse “teste”, diante do qual a honestidade e a integridade de caráter teriam falhado, já que houve o saque (avaliado socialmente como desonestidade, falta de integridade).

Na sequência, a situação social precária a que o narrador se refere, ilustrada pela dimensão não verbal (pessoas em situação de rua, barracos em que não há saneamento básico), é construída discursivamente como algo natural, ou seja, ao afirmar que “o meio priva o indivíduo de seus direitos básicos”, o narrador apaga os agentes humanos que organizam esse meio, afinal, o que é o meio? Quem o organiza?

Por fim, há ainda a eufemização da conjuntura dos grupos em situação de rua e da própria pobreza, que são nomeadas pela emissora como “adversidades” (cena 31). Tal escolha semântica dialoga com o discurso religioso judaico-cristão que naturaliza situações de desigualdade social como se fossem adversidades da vida terrena ou mesmo provações divinas pelas quais os homens simplesmente passam. Em outras palavras, dentro desse discurso, as adversidades devem ser enfrentadas e vencidas pelo homem, de modo que isso o torne um ser humano “melhor”. Não há a problematização da natureza dessas “adversidades”, suas causas, por exemplo.

Ao questionar “As adversidades podem corromper o caráter do homem? Pobreza gera violência?” tem-se o direcionamento de uma resposta negativa, já que nessa estrutura linguística questiona-se o que é afirmado. Em outras palavras, sendo a honestidade e a integridade (entendidas como a não violência contra o patrimônio) parte do caráter do indivíduo, a falha de caráter, nesse sentido seria uma “corrupção” da própria natureza humana, nesse caso, algo inviável a não ser por culpa do próprio indivíduo que não foi capaz de “suportar as adversidades do meio”.

Na fala do representante, na sequência, ressalta-se um aspecto quanto à articulação das dimensões verbal e não verbal. Diferente do que ocorre na maioria dos episódios, nesse há a veiculação de imagens, além da do próprio religioso, durante a fala deste último. Nesse sentido, percebemos que há uma assimilação do discurso do religioso pelo

discurso institucional, ou seja, a imagem que é na maioria dos casos relacionada à voz institucional, é agora veiculada durante a fala do religioso. Isso ocorreu também na abordagem que apresenta as religiões afro-brasileiras, e aponta para a convergência enunciativa dessas vozes (emissora e religioso).

O conteúdo semântico da fala do religioso responde à questão feita pelo narrador da seguinte forma:

Excerto 34

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.10.09_Violência urbana_Judaísmo_2' 01"

Local izaçã o em minut os	Cenas	Dimensão visual	Enun ciado res
01:16	35	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER]	1RJ: Pobreza, ela não gera a violência. O que gera a violência é a carência que não é só material, ela acaba se manifestando como carência também emocional, afetiva as nossas crianças... e é isso que vai mais adiante aparecer como violências que a gente não sabe mais como evitar. Então todos nós temos responsabilidade na educação e
01:34	36	Crianças jogando bola em um clube	e na formação das pessoas para que elas não sejam educadas
	37	Crianças numa sala de aula (ângulo da câmera: da porta da sala de aula)	em ódio e medo que é aquilo que se transforma mais
	38	close-up máximo em caderno de aluno aberto	adiante em violência.
01:40	39	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER]	

Na voz do religioso tem-se a afirmação explícita de que “pobreza não gera violência”, o que combina com o direcionamento feito para essa resposta negativa na própria pergunta do narrador. Nessa construção, migra-se o foco sobre a origem da violência da organização

sócio-econômica, especificamente da pobreza – ainda que os crimes ressaltados no grupo de episódios sejam dessa ordem – para questões de ordem individual, familiar, como é o caso da afetividade na infância. Ao afirmar “O que gera a violência é a carência que não é só material, ela acaba se manifestando como carência também emocional, afetiva às nossas crianças (...)”, o representante localiza as causas da violência urbana na carência, e focaliza ainda essa carência nas relações sociais primeiras, ou seja, na infância, como denota o termo “nossas crianças”.

Além disso, o discurso do representante, por meio da modalidade epistêmica, constrói conhecimentos, verdades sobre as causas da violência. Essa construção se dá, por sua vez, de forma categórica (FAIRCLOUGH, 2001[1992]), ou seja, o representante é taxativo ao dizer que “pobreza não gera violência”, “O que gera a violência é a carência”, “e é isso que vai mais adiante aparecer como violências (...)”. Esse tipo de construção aponta para o fato de que o discurso parcial da emissora, na voz do representante, é colocado como universal, sendo essa universalização uma técnica produtiva na construção de determinada ideologia (THOMPSON, 1995). Nessa construção, não há abertura para outros discursos, o que poderia ser possível caso utilizassem-se termos modalizadores intermediários entre os pólos *é/não é* o que não acontece.

Ao focalizar a abordagem sobre a violência num determinado tipo de violência (contra o patrimônio) e restringir suas causas à responsabilidade individual somente, a emissora mantém o *status quo* da questão no sentido de que não problematiza outros pontos importantes como a própria ordem social da qual emerge esse tipo de violência, como a forma com que as cidades são organizadas, por exemplo, a forma com que as coisas são distribuídas nessas cidades, seja no que tange ao espaço físico, como vimos na questão das favelas, seja na distribuição dos bens, situação em que a desigualdade é concebida como natural, não sendo, portanto, motivo para a violência contra o patrimônio, conforme discurso da emissora. A única explicação para essa violência, então estaria no indivíduo, sua natureza, sua escolha. O discurso religioso endossa tal discurso quando apresenta uma visão imanentista sobre o ser humano, como é possível perceber no trecho a seguir:

Excerto 35

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_25.10.09_Violência urbana_Protestantismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciados	Dimensão verbal
00:33	15	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PASTOR ISRAEL BELO DE AZEVEDO] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Igreja Batista de Itacuruçá]	IRE V	A religião começa com uma notícia ruim: todos nós somos violentos por causa de nossa condição de pecadores. Isso tem escrito nas nossas veias. Isso quer dizer que a violência está presente no nosso dia-a-dia por minha causa, por sua causa. Mas a boa notícia da religião é que eu posso, você pode se converter num pacificador, num promotor da paz. Essa é a minha tarefa, a sua tarefa contra a minha natureza, contra a sua natureza. Nós podemos ser pacificadores.
01:08	16	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes fazem 30 reféns em Copacabana]	N:	Parte da violência das grandes cidades está ligada ao crime organizado
	17	Manchete de jornal com o título: [Traficante de guerra no Dona Marta é preso]		
	18	Manchete de jornal (com foto de policial andando no túnel) com o título: [Arrastão provoca pânico no Túnel Santa Bárbara]		
	19	Imagem de favela vista de fora		um poder paralelo, que usa o medo da população como grande aliado
	20	Policial armado (em conflito) sobem escada de favela.		
	21	Comboio policial passando no trânsito movimentado		Numa cidade em que as leis perdem a força
	22	Viatura policial em alta velocidade chegando na entrada de favela		
	23	Manifestantes com faixa pedindo justiça e paz		como a religião pode ajudar a reduzir a violência?
	24	Manifestantes com faixa LUTO pela PAZ		
01:27	25	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PASTOR ISRAEL BELO DE AZEVEDO]	IRE V:	Uma vez que a violência está inscrita no coração de cada um de nós, é ingênuo pensar que o Estado vai conseguir debelar o crime organizado a partir de políticas públicas. Precisamos ter uma visão que inclua a cada um de nós, a mim e a você, como parte

Nesse trecho, o ser humano é entendido como naturalmente propenso ao crime (Isso tem escrito nas nossas veias – cena 15). Na sequência, a religião aparece como um meio de moldar o sujeito nos “valores de bem”, afinal, se o problema é no caráter do sujeito, sua “essência”, somente uma “força imaterial” conseguiria atingi-lo. Nesse caso, apagam-se as responsabilidades até mesmo do Estado diante do problema da(s) violência(s) relacionada(s) ao crime de tráfico de drogas (“Uma vez que a violência está inscrita no coração de cada um de nós, é ingênuo pensar que o Estado vai conseguir debelar o crime organizado a partir de políticas públicas” – cena 25 e, ainda, “Numa cidade em que as leis perdem a força” – cena 21). Essa construção discursiva legitima um profundo apagamento da necessidade de políticas públicas no contexto das favelas, lugar focalizado como âmago do crime organizado nesse discurso por meio das imagens (cenas 19 – 22).

Em outras palavras, o Estado não precisaria mais agir nesses locais, já que sua ação, altamente repressiva como ilustram as imagens na dimensão não verbal (de policiais em ação), não surtiu o efeito possivelmente esperado pela emissora – o fim da violência contra o patrimônio, ou seja, “a lei já perdeu a força nessas áreas”. Esse trecho trata claramente da lei como repressão desses grupos sociais, o que é invocado pela escolha lexical de “força”, ou seja, a política pública que, segundo a Rede Globo, serviria a esses locais, a esse grupo social, é a política repressiva. Como tal política “perdeu a força”, resta para tal grupo social, a religião.

Nesse sentido, o contexto da favela é deixado à ação das religiões como “resgatadoras” desses “perdidos”. Enfim, não se pensa aqui em políticas sociais de Estado além da política repressiva, o que é bem convergente com os interesses de classes que não sejam a de pobres.

Uma articulação que nos chamou atenção foi que no único momento em que aparecem manchetes que remetam à violência praticada por pessoas de classes média ou alta, na dimensão verbal tem-se um discurso de vitimização desses “criminosos”. Vejamos o trecho em questão:

Excerto 36

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_02.11.09_Violência urbana_Budismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:34	15	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: LAMA PADMA SAMTEN] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Centro de Estudos Budistas Bodisatva]	IRB:	A primeira forma de violência é nos não termos inserção dentro do mundo humano. Por exemplo, as crianças quando nascem são acolhidas pelas mães e pelos pais, mas nem sempre. Depois dessa etapa de ser acolhido, nós precisaríamos ser acolhidos pelo mundo, mas nem sempre isso acontece
00:55	16	close-up em braços negros que fazem malabarismo no trânsito		nós examinamos as situações de violência, nós vamos perceber que as pessoas elas foram acolhidas dentro de uma forma desequilibrada. Então de um certo sentido todos nós somos vítimas, não apenas os agredidos, mas também os agressores.
	17	Pessoas em situação de rua		Relações conturbadas
	18	Mulher anda entre barracos		
01:04	19	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito		e doentias
01:14	20	Manchete de jornal com o título: [Polícia diz já saber 70% do ocorrido na noite da morte de Isabella]	N:	a violência doméstica é um mal silencioso
	21	Manchete de jornal com o título: [Suzane Von Richthofen é dissimulada, diz laudo técnico]		escondido pela vergonha, pela ameaça,
	22	Mulher agredida com braço enfaixado entra num carro amparada pela polícia		cultivado dentro das famílias,
	23	Close-up máximo em barriga de grávida, a mulher acaricia a própria barriga		famílias que deveriam estar unidas pelo amor.
	24	close-up máximo em mão feridas que fazem trabalhos manuais		
	25	close-up máximo em pernas femininas e infantis andando		
	26	close-up máximo em mão infantis que desenham		
	27	close-up máximo de mão masculina branca colocando aliança em mão feminina branca		

Assim que o discurso do religioso constrói um contexto em que as pessoas entendidas como “agressores” deveriam ser consideradas também vítimas (cena 19), a dimensão não verbal veicula as manchetes dos crimes cometidos por pessoas de classe média (cenas 20 e 21). Durante essas cenas, a avaliação do narrador localiza esses “crimes” no âmbito da doença, das relações conturbadas (Relações conturbadas e doentias), o que é muito diferente da vinculação feita nos casos anteriores, em que o cometer um crime era um escolha de “não resistir à tentação”, um comportamento consciente, que não implica, portanto, essa vitimização direcionada aos crimes dos casos Isabela e Richthofen. Ainda que no início desse excerto, há a possibilidade de entender outros grupos, os mais pobres, como vítimas (cenas 16 a 18), em outros episódios há a ênfase em suas identidades como criminosos, o que não ocorre com os crimes cometidos no interior da família de classe média.

Apesar de apresentar como propósito discursivo o incentivo à tolerância religiosa, a emissora abordou a violência que se relaciona com as diferenças de crença em apenas uma manchete (cf. manchete 29, tabela 02). Nesse caso, foi na discussão proposta à representante do Candomblé. Esse foi o único episódio em que se aborda explicitamente uma discussão referente à violência com base em diferença de crenças. Ainda assim, o episódio inicia destacando a violência como crimes ao patrimônio, e só ao longo do texto é que vai focalizando o assunto na violência com base em diferenças religiosas:

Episódio 04

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_01.11.09_Violência urbana_Religiões afro-brasileiras_2'01"

		Dimensão visual		Dimensão verbal
Localização em minutos	Cenas		Enunciadores	
00:01	1	Close-up médio no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [JULIANA PAES] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Carl Gustav Jung]	At:	Onde acaba o amor, tem início o poder, a violência e o terror

00:06	2 Manchete de jornal com o título: [COLANDO OS CACOS DA CIDADE PARTIDA]	N: A violência nas cidades é o tema desta semana na série Sagrado.
	3 Manchetes de jornais com os títulos: [Traficante chefou assalto a prédio no Arpoador] e [Bandidos atacam novamente em viaduto]	
	4 Manchete de jornal com o título: [Quadrilha usa reféns como escudos humanos para assaltar banco em SP]	
	5 Vista do alto de uma cidade com muitos prédios	As cidades agregam pessoas
	6 Câmera caminha por rua de favela, veem-se barracos (o ângulo é de quem está num carro e olha pela janela lateral)	
	7 Mulher com véu caminhando	de todas as crenças
	8 Homem com chapéu (?) islâmico andando na rua	
	9 Mulher com cabelo rastafári vista de costas andando na rua	lugares,
	10 Jovem asiático andando na rua	raças,
	11 Homem negro sobre um cavalo que carrega capim	classes sociais
	12 Trânsito (carros)	
00:21	13 Manchete de jornal com o título: [ONG denuncia aumento da violência contra homossexuais no Iraque]	Diferenças que podem gerar violência por meio de atos preconceituosos
	14 Manchete de jornal com o título: [Hooligans reabrem conflito Leste x Oeste na Europa]	
	15 Manifestação de soldados (?) (imagem em preto e branco)	A intolerância com o
	16 Manchete de jornal com o título: [Bomba destrói mesquita turcomana em Mossul. Peregrinos xiitas são mortos em Bagdá] (manchete recortada e colada sobre imagens de destroços)	outro compromete o entendimento
	17 Bombas atingindo cidade no Oriente Médio	e a paz mundial.
00:30	18 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: CONSULTAR NOME	
00:35	19 Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [terreiro Tanuri Junsara]	IRAB: Quem bate na porta de um terreiro candomblé, a gente não pergunta quem é, o que faz, vai ficar ou não vai, acredita ou não acredita. A agente só ajuda, se a gente pode ajudar, a gente acolhe.

00:49	20	Mulher caminha com incenso		Eu acho que a gente tem pra ensinar a sociedade é isso. Eu não quero ver
00:53	21	Close-up médio na representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA]		no meu país o que eu vejo através dos veículos de comunicação que acontece por aí pelo mundo. Guerra por causa de religião, por causa de credo, isso é, pra mim, absurdo.
01:08	22	Danças (ritual de matriz africana)	N:	Vivemos em um mundo de muitos deuses e crenças, mas o fanatismo e a intolerância ainda geram conflitos. Em nome da fé, o homem é capaz de discriminar.
01:22	23	Close-up médio na representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA]	IRAB:	Uns estão chamando de intolerância religiosa. Eu chamo mesmo é de falta de respeito. Respeito ao direito que nós temos
01:30	24	Danças (ritual de matriz africana)		de crer de forma diferente. De não ser de nenhum segmento cristão, de ter uma visão de mundo diferente, de conceber o mundo diferente
01:39	25	Close-up médio na representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito		tem que ser respeitado. Então, pra mim, isso é violência.
01:46	26	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa		
01:55	27	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.		

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

IRAB: 1ª Representante de Religiões Afro-brasileiras

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

Ao apresentar a violência na mesma perspectiva dos outros episódios (cenas 02, 03 e 04), a emissora constrói um discurso que legitima um caráter de imparcialidade na organização das cidades, ou seja, apresenta a cidade como um lugar onde todos têm um espaço garantido. No início do texto, afirma-se que as cidades são lugares que “agregam”, ou seja, “incluem”, “aceitam” diversos grupos sociais (cenas 05 e 06).

Ao fazer essa afirmação, no entanto, há na dimensão visual a veiculação da imagem de favelas vistas de dentro da janela de um carro que trafega próximo desses aglomerados de barracos. Assim, é possível inferir, a partir dessa construção, que se a cidade realmente “agrega”, “inclui”, quem é “agregado”, “incluído” são os que estão na imagem veiculada (moradores dessas regiões pobres). A partir da imagem, o telespectador é identificado com o que olha de dentro do carro, já que é esse o ângulo utilizado na imagem. Se por um lado, isso tem um caráter positivo, já que, o discurso construído apresenta a ideia de que haveria lugar para essas pessoas na cidade, tem também um lado negativo, ou seja, tais grupos são agregados, não cidadãos participantes da cidade. Pressupõe-se que as cidades existam independentemente desses sujeitos. Em outras palavras, fica, então, implícito que os “verdadeiros” cidadãos dessas metrópoles, provavelmente, seriam os “não-agregados”, os que são parte, de fato; ou melhor, as pessoas que não se enquadram na imagem veiculada, as que olham de fora. Nesse grupo, inclui-se o telespectador que também assume esse olhar direcionado pela configuração da série.

Da apresentação da cidade como agregadora, a emissora caminha para a abordagem de como as pessoas convivem com essas diferenças. Nessa altura, há a ênfase numa convivência em que as diferenças não são respeitadas, gerando conflitos, que são avaliados pela emissora como negativos, pois são “atos preconceituosos”, “intolerância que compromete a paz mundial” (cenas 13 - 17).

Assim, nesse episódio é perceptível a partir das cenas 16 e 17, que introduzem a fala da representante, a abertura para o debate sobre a violência com base na religião. Na sequência do texto, percebe-se que a violência abordada é especificamente aquela contra grupos religiosos de vertentes afro-brasileiras. Diferentemente do que ocorre em outros episódios, em que há a voz de outros religiosos, mas não se colocando como praticantes ou vítimas de atos de violência (atos preconceituosos – cena 14).

O discurso da representante, apesar de não retomar explicitamente alguma fala de outro religioso nesse grupo de episódios,

é claramente uma resposta retardada (BAKHTIN, 2003[1952/53]) a enunciados de religiões que se opõem às práticas desses grupos afro-brasileiros, em especial as de vertente judaico-cristãs, segundo as quais as práticas religiosas afro-brasileiras têm sua origem no mal, no demônio. Isso é claro quando a representante afirma: “Respeito ao direito que nós temos de crer de forma diferente. De não ser de nenhum segmento cristão, de ter uma visão de mundo diferente, de conceber o mundo diferente” (cena 23 e 24).

Além disso, ao reclamar para si o “direito de crença”, há também uma relação interdiscursiva com a legislação e com as políticas afirmativas que criminalizam a intolerância religiosa (“uns estão chamando de intolerância religiosa”- cena 23), o que fortalece a argumentação em prol do discurso de necessidade de respeito aos praticantes de religiões de matriz africana. Isso aparece também na afirmação do narrador, que apresenta a origem dos conflitos religiosos no fanatismo, intolerância e discriminação, ou seja, gradativamente vai construindo as relações de causalidades por meio das escolhas lexicais (“Vivemos em um mundo de muitos deuses e crenças, mas o fanatismo e a intolerância ainda geram conflitos. Em nome da fé, o homem é capaz de discriminar” - cena 22).

Na sequência, ao interromper a imagem da representante, em *close-up* médio, para transmitir cenas de rituais candomblecistas e, em seguida retornar à imagem da representante (cenas 23, 24 e 25), a emissora une explicitamente, por meio da imagem, sua voz à da representante, já que na maior parte do interprograma as imagens só são veiculadas durante a fala do narrador. Em outras palavras, ao juntar a voz do representante a cenas que não marcam (visualmente) essa voz tem-se uma convergência discursiva entre narrador (pelas imagens) e representante religioso (pela voz) ⁶⁸.

Ainda que não mostre explicitamente (na fala do narrador ou nas cenas veiculadas) as relações de violência entre as religiões de matriz africana e as de matriz judaico-cristãs no Brasil, a emissora mostra o conflito religiosos em nível mundial, citando a guerra entre grupos

⁶⁸ É importante lembrar como abordado na seção “A hibridização de gêneros”, que o enunciado é da emissora, ou seja, a emissora toma, cita a voz dos religiosos (pela edição do programa), mas a autoria do enunciado é dela. Há, no entanto, uma manipulação discursiva que induz o telespectador a pensar que a fala do representante é um enunciado dele, e somente dele (devido ao fato de esse aparecer falando no vídeo). É justamente esse “afastamento” e “aproximação” da voz do representante parte da manipulação discursiva.

islâmicos (cena 16) concomitante à fala do narrador: “A intolerância com o outro compromete o entendimento e a paz mundial” (cenas 15, 16 e 17). Além disso, é somente nesse episódio (do grupo ‘violência urbana’) que se cita a violência contra grupos por causa de sua orientação de gênero (homoafetivos), restringida também, por meio das cenas, ao contexto do oriente médio (Iraque – cena 13). Essa “guerra religiosa” apresentada nas imagens vai ao encontro de e é confirmada na fala da representante, que compara “o que acontece por aí pelo mundo” no que tange a conflitos religiosos, com o que ocorre no Brasil. Além disso, a representante condena explicitamente tais atitudes:

Representante: Eu não quero ver no meu país o que eu vejo através dos veículos de comunicação que acontece por aí pelo mundo. Guerra por causa de religião, por causa de credo, isso é, pra mim, absurdo” (cenas 20 e 21). (...)Então, pra mim, isso é violência (cena 25) (grifo nosso)

Do ponto de vista identitário (FAIRCLOUGH, 2003), constrói-se uma identidade para esse grupo de religiosos que os coloca como tolerantes diante das diferenças religiosas: “a gente não pergunta se acredita ou não acredita” (cena 19), de classe social ou gênero: “quem é, o que faz” (cena 19). Essa construção se dá a partir da fala da representante, que se compromete altamente com o que diz, já que usa a primeira pessoa do singular (eu acho que...) e compromete também o grupo que representa (a gente não pergunta).

Do ponto de vista enunciativo, a escolha pela emissora de trechos com essa marcação implica, por um lado, apresentar essa religiosa, bem como o grupo que esta representa como um grupo tolerante e, por outro lado, como vítimas de atitudes preconceituosas de outros grupos religiosos, marcadamente cristãos, como apresentado no início da análise (cenas 23 e 24).

Além disso, do ponto de vista de construção identitária, a escolha por apresentar, na dimensão não verbal, cenas de violência relacionadas ao contexto oriental e, conseqüentemente, à religião islâmica marca a construção ideológica que reforça estereótipos sobre o grupo religioso islâmico, o que vai ao encontro dos objetivos do capitalismo dominante nessas regiões. Em outras palavras, tira-se o foco do conflito religioso no contexto brasileiro (marcado pela dimensão verbal, sobretudo) e focaliza-se o oriente como “exemplo” do que há de pior e mais violento no que tange à religião.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise apresentada nessa dissertação foi possível perceber que a série televisiva O Sagrado participa de uma rede de práticas de propagandas institucionais indiretas. Os elementos enunciativos que compõem esse gênero, entendidos dentro do contexto empresarial da Rede Globo, localizam-no nessa rede de práticas, ou seja, seu projeto discursivo, seu conteúdo temático e sua estrutura composicional apontam para um discurso de construção de uma marca (branding) ligada a características valoradas positivamente e que, portanto, promovem emissora.

O projeto discursivo, ou seja, o querer dizer da emissora, se constitui na construção de uma identidade ligada a “valores” como inclusão e diversidade. Isso ficou evidenciado de duas formas: no contexto das práticas institucionais e dos gêneros discursivos promocionais (diretos e indiretos) da empresa.

No contexto das práticas institucionais, O Sagrado é denominado de “ação de responsabilidade social” (REDE GLOBO, 2011). Como apresentado ao longo da dissertação, com base em Pinho (1990), Gracioso (1995), Sampaio (2003), Machado (2002) e outros, esse tipo de ação é uma estratégia de fortalecimento da marca institucional e rende significativos retornos financeiros (isenção de impostos, aumento de vendas etc.).

Arelada à primeira, a segunda forma de entender esse projeto de dizer é quando comparamos a construção discursiva dessa propaganda indireta com a das propagandas diretas, cujo *slogan* – “A gente se liga em você” (REDE GLOBO, 2011a) – resume o discurso institucional em que a emissora parece “se voltar” para o telespectador, colocando-o no centro da atenção e não exigir a atenção dele para ela, embora o intuito final seja este último. Nesse caso, a Rede Globo se mostra discursivamente como inclusiva, como uma empresa que se importa com o telespectador, que incentiva a participação de diversos tipos de telespectadores em sua programação, que os representa, o que é figurado na presença dos diversos representantes religiosos que participam da série. Essas estratégias, tanto no âmbito das práticas quanto dos gêneros, demonstram o que Fairclough (2002) tem defendido, ou seja, de que o capitalismo depende cada vez mais de tecnologias discursivas para a criação de marcas que garantam o sucesso econômico das empresas.

A tecnologia discursiva é evidenciada ainda no conteúdo temático de O Sagrado. A despeito da afirmação da emissora de que os representantes religiosos debatem, falam sobre temas sociais e que,

portanto, eles são interlocutores que protagonizam um debate, a organização discursiva da série demonstra que o conteúdo temático são os próprios religiosos e as perspectivas religiosas que representam. Nesse sentido, a análise apontou que a emissora valora positivamente algumas religiões e negativamente outras. Tal escolha indicou ainda que esse enunciado institucional mantém relações dialógicas mais amplas, como na comparação entre os episódios sobre o judaísmo e o islamismo, em que o discurso institucional legitima estereótipos acerca dos povos do oriente médio, o que é convergente com certo discurso ocidental, capitalista que objetiva a dominação e exploração daquelas regiões.

Assim, é a simulação estratégica de que os religiosos sejam protagonistas que constrói o discurso de empresa inclusiva, de que se incentiva a pluralidade, embora o objeto discursivo seja, na verdade, as próprias perspectivas religiosas. Nesse sentido, o enunciado acontece, em verdade, entre emissora e telespectador, sendo as vozes desses religiosos um recurso (citação) nessa interação.

Aliado ao projeto discurso e conteúdo temático, a manipulação da estrutura composicional apontou também para a construção de discurso institucional que legitima a emissora como uma empresa inclusiva. Dois aspectos da organização composicional se sobressaíram nessa pesquisa: a hibridização de gêneros e a articulação das dimensões verbal e não verbal.

No que tange a hibridização de gêneros, O Sagrado imbrica aspectos tanto da entrevista quanto da reportagem. Da primeira, explora a estrutura pergunta-resposta, ao que a dimensão não verbal corrobora na veiculação da imagem do “entrevistado” em close-up médio. A implicação disso é a construção de um discurso em que, apesar de ser a Rede Globo quem fala e dá o recorte ao enunciado, tem-se a impressão de que são os representantes religiosos que falam, que têm voz, que protagonizam a discussão. Essa estruturação converge com os intuitos de dizer que a Rede Globo inclui uma diversidade de vozes, como apresentado no projeto discursivo, apagando o fato de que essas vozes são editadas e recontextualizadas no enunciado que é, em verdade, da própria emissora. Outra implicação dessa formatação é que a emissora põe a voz religiosa a trabalho do discurso da empresa, como no caso dos episódios que discutiram a liberdade de expressão, por exemplo, em que a voz do representante é posta a convergir com a voz institucional, focalizando a liberdade de imprensa (uma certa imprensa) e a necessidade de sua manutenção diante dos “perigos” das próprias religiões e de políticas governamentais.

Da reportagem, O Sagrado tenta produzir o mesmo efeito de imparcialidade no “aprofundamento” dos fatos. Embora esse seja um gênero em que se segue uma linha editorial, isso é apagado por um discurso em que a emissora se coloca como uma leitora imparcial dos fatos, ou seja, ela os “descreve” e não explicita essa descrição como sendo a “sua”, mas como sendo “a” descrição, única.

Já no que tange à manipulação das dimensões verbal e não verbal, na composição do enunciado institucional, O Sagrado é composto, grosso modo, de dois tipos de imagens – a do representante em close-up médio durante sua própria fala e o conjunto de imagens que compõem a contextualização do assunto pelo narrador durante a fala deste. O primeiro tipo de imagem implica, substancialmente, em criar o discurso de que se está dando visibilidade ao representante, bem como de reconhecer sua autoridade, já reconhecida no contexto religioso representado, já que é a isso que remete o enquadramento em close-up médio (ROSE, 2008).

O segundo tipo de imagem retrata aspectos da construção discursiva da emissora que contextualizam, ou melhor, delineiam as falas dos representantes. Nesse sentido, na dimensão não verbal, a emissora optou em grande parte por utilizar o discurso da própria mídia de massa, o que ficou claro na utilização de imagens de reportagens de jornais impressos e cenas do telejornalismo em grande parte das cenas, o que confirma o que Bourdieu (1997) aponta como uma homogeneização das hierarquias de importância, ou seja, um fechamento para assuntos e pontos de vista sobre esses assuntos, determinados pelos que controlam os meios de comunicação de massa segundo seus interesses.

Viu-se também que a demarcação entre voz religiosa e voz institucional por meio da dimensão não verbal só é quebrada quando há convergência entre o que diz o religioso e o que diz o narrador, de modo que o enunciado institucional valora positivamente o objeto de discurso (no caso do judaísmo, p.e.); ao passo que a delimitação rígida entre essas partes é bem marcada quando a valoração da emissora sobre o objeto discursivo é negativa (no caso do islamismo, p.e.).

A abordagem da emissora sobre as religiões é feita utilizando como pano de fundo assuntos que participam dos debates do PNDH3, dentre os quais destacamos em nossos dados de análise “a liberdade de expressão”, “o papel da mulher na sociedade contemporânea” e “a violência urbana”. Nesse sentido, discursos sobre esses assuntos atravessaram, obviamente, o enunciado escopo dessa pesquisa – O Sagrado. Em outras palavras, mesmo que a emissora trave um diálogo com o telespectador que mostre o quanto ela é “inclusiva”, pelo fato de

dar visibilidade às perspectivas religiosas, ela se utiliza dessas vozes para tecer a respeito dos temas que estão no fundo desse enunciado. Com base nisso, percebemos que a emissora constrói sobre a violência urbana, por exemplo, um discurso que focaliza a violência relacionada à ideia de propriedade (roubo, assalto, sequestro etc.) e, conseqüentemente, que tem sua origem numa classe de pessoas (dos que não possuem, mas “desejam” possuir) contra outra (dos que possuem).

Para tanto, a emissora escolhe determinadas manchetes, que contribuem para a construção desse discurso, mostrando-os como fatos que “comprovam” a situação de violência das cidades. Essas manchetes já carregam uma orientação ideológica que criminaliza certo grupo de pessoas e são ainda ratificadas quando tomadas como fontes de “reportagem”.

Dentro dessa construção há atravessamentos discursivos importantes. Um deles é legitimar a ideia de que a violência contra o patrimônio tem origem no indivíduo (independente do contexto social), portanto, a mudança também estaria no indivíduo “criminoso”, e não na organização da sociedade que é parte importante na construção dessa “criminalidade”. Além disso, e conseqüentemente, a religião é chamada a trabalhar nesse indivíduo, moldá-lo para a não violência, principalmente em contextos onde vivem grupos pobres, localizados pela dimensão não verbal nas favelas. Por outro lado, ao veicular manchetes que envolveram criminosos no âmbito da classe média (casos Isabella Nardoni e Suzanne Richthofen), tem-se um discurso de vitimização dos “agressores”, vinculando suas atitudes à doença.

Diante disso, a presente pesquisa mostrou que o gênero (em seus aspectos enunciativos) é utilizado para manter situações de dominação, nesse caso, de forma mais imediata, da empresa midiática sobre os telespectadores que são levados a crer que a pluralidade religiosa, a discussão de assuntos como a “violência urbana”, o “papel da mulher” e a “liberdade de expressão” é da forma que a emissora mostra.

Não se tem como objetivo, por meio desse trabalho, fechar-se em uma única perspectiva sobre esse programa televisivo, de modo que pesquisas posteriores que visem a criar inteligibilidades sobre a recepção desse programa entre fiéis e não fiéis, por exemplo, seriam de substancial importância. Além disso, outras formas de entrar nos dados poderiam trazer à tona contribuições importantes sobre a natureza sócio-discursiva de O Sagrado.

No que se refere aos aspectos da análise de gêneros para o campo de pesquisa linguística, o presente trabalho contribui, principalmente, para a discussão sobre a articulação entre os conceitos de prática social e

gênero discurso, entendido como enunciado bakhtiniano, e sobre quais as implicações dessa articulação para os estudos discursivos e sociais. Além disso, essa pesquisa aponta para a produtividade de estudos futuros que visem a responder quais e como são utilizados os gêneros híbridos na mídia televisiva.

Para finalizar, em consonância com a perspectiva crítica assumida nessa pesquisa, o que tem sido demonstrado ao longo dessa dissertação por meio, inclusive, de nossas escolhas ontológicas, epistemológicas e mesmo linguísticas, gostaria de ressaltar a importância e a urgente necessidade de políticas de democratização da mídia diante da utilização de estratégias discursivas para a manutenção de ideologias, como apresentado ao longo desse trabalho. Concordamos com Aguiar (2012), Brittos e Bolaños (2005) e tantos outros, que o estabelecimento da pluralidade, no que tange aos meios de comunicação de massa, passa pela regulação tanto externa (de concessão) quanto interna da mídia (de conteúdo). E que, além disso, fomentar uma leitura menos ingênua e complacente e mais desconfiada frente ao que nos é ofertado como telespectadores é parte importante para essa política de “pluralização”. Esperamos que essa tenha sido a maior contribuição dessa pesquisa.

8. REFERÊNCIAS

- AGUIAR, I. **TV Brasil: algo novo está no ar: políticas públicas de comunicação no governo Lula**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012
- BAKHTIN, M. [VOLOSHINOV, V. N.]. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1952/53].
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952/53].p. 261 – 306.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].
- BATHIA, V. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London; New York: Continuum, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAZERMAN, C. Systems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Ed.). **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 79-101.
- BIAR, L. A. **Realmente as autoridades veio a me transformar nisso: narrativas de adesão ao tráfico e a construção discursiva do desvio**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.
- BOLAÑOS, C. Mercado brasileiro de televisão, 40 anos depois. In: BRITTO, V. C.; BOLAÑO, C. (orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BONINI, A. A relação entre prática social e gênero textual: questões de pesquisa e ensino. **Revista Veredas** online ISSN 1982-2243. Juiz de Fora, 2007. p. 58 – 77.
- _____. Critical genre analysis and professional practice: the case of public contests to select professors for Brazilian public universities. **Linguagem em (dis)curso**, v. 10, p. 485-510, 2010

_____ Mídia/ suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

_____ Análise crítica de gêneros jornalísticos. In: X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2012, Curitiba. **Anais do 10. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2012. p. 1-16.

BORBA, M. S. **A entrevista jornalística: uma análise do gênero a partir de exemplares publicados no jornal zero hora**. Dissertação de mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2007.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1997.

BRASIL. **Relatório de pesquisa quantitativa: hábitos de informação e formação da população brasileira II**. Canoas/RS, 2010.

BRITTOS, V. C.; BOLAÑO, C. (orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BUNZEN, C. **O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna**. Disponível em: www.letramento.iel.unicamp.br

CAPARELLI, S. **La télévision brésilienne et son modèle de développement**. Tese de doutorado. Université de Paris II. Paris, 1980

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2011.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral**. Petrópolis: Vozes, 1993[1991].

DENZIN, K. N. & LINCOLN, Y. S. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: _____ (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed;Bookman, 2006, p. 15-41.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 1989

_____ **Discurso e Mudança Social**; Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e posfácil. Brasília: Editora UnB, 2001[1992].

_____ **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FANUCCHI, M. **Nossa Próxima Atração** – O Interprograma no Canal 3. São Paulo: Edusp, 1996.

FARACO, C. A. Pesquisa Aplicada em Linguagem: Alguns Desafios Para o Novo Milênio. **DELTA**, 17: ESPECIAL, 2001 (1-9)

FARIA, A.; SUERBRONN, F.F. A responsabilidade social é uma questão de estratégia? Uma abordagem crítica. **Revista de administração Pública da FGV**, Rio de Janeiro, JAN/FEV. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v42n1/a02v42n1.pdf> (último acesso em 05/12/12)

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. SP. Ática, 2008

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.

FOUCAULT, M. **History of sexuality**. V. 1. Harmoncl's worth: Penauin Books. 1981. (Historia da sexualidade: a vontade de saber. V. 1. Trad. M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.)

_____ **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987[1975].

_____ **Microfísica do Poder**; organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000[1979].

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____ **As consequências da modernidade.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

_____ A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Org.). **Modernização reflexiva:** política, tradição estética na ordem social moderna. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

GRACIA, T. I. O Giro Lingüístico. In: IÑIGUEZ, L. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GRACIOSO, F. **Propaganda institucional:** nova arma estratégica da empresa. São Paulo: Atlas, 1995.

GUARESCHI, P. A. **Comunicação e Poder:** apresentação do papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1987.

GUEDES, R. C. **Responsabilidade social e cidadania empresariais: conceitos estratégicos para as empresas face à globalização.** Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas da PUC-SP). São Paulo: PUC/SP, 2000. 170p.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006[1992].

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico:** características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. ISSN 0104-3145 Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.

Disponível em:

ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf
(última consulta em 03/10/2013)

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia.** Petrópolis: Vozes, 1979.

_____ **A Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 1993.

MACHADO FILHO, C. A. P. Responsabilidade Social Corporativa e a Criação de Valor para as Organizações: um estudo multicasos. São Paulo: USP, 2002. Tese (Doutorado em Administração). **Faculdade de**

Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MACHADO, M. D. C. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº7. Brasília, janeiro - abril de 2012a, pp. 25-54. disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n7/a03n7.pdf> (último acesso em: 03/10/2013)

_____. Religião, cultura e política. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012b Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v32n2/03.pdf> (último acesso em: 03/10/2013)

MACHATO, M. D. C.; PICCOLO, F. D. **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997

_____. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MASON, J. **Qualitative Researching**. London: SAGE Publications, 1998.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MISSE, M. Malandros, marginais e vagabundos. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. **Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro**. IUPERJ. Tese de doutorado em Sociologia, 1999.

MOITA-LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOREIRA, D. G. A gente se liga em você: reconfigurações da TV Globo em um cenário de convergência midiática. In: *Galaxia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP*. ISSN 1982-2553. n. 23, p. 194-206, jun. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/7012/0> (último acesso em 05/10/2013)

MOTTA-ROTH, D. **Análise crítica de gêneros**: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *DELTA*, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.

PAIXÃO; BEATO PAIXÃO, A. L.; BEATO FILHO, C.C. **Crimes, vítimas e policiais**. *Tempo Social*. São Paulo, v.9, n.1, maio 1997.

PECHÊUX, M.; HENRY, P.; POITOU, J.P.; HAROCHE, C. **Un exemple d'ambiguïté idéologique**: le rapport Mansholt. *Téchnologies, Ideologies, et Pratiques*, 1 (2), p. 1-83, 1979.

PINHO, J. B. **Propaganda institucional**: usos e funções da propaganda em relações públicas. São Paulo: Summus, 1990.

RABAÇA, C. A., BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

RAMALHO, V. Tecnologias discursivas na propaganda de medicamentos. In: **Discurso & Sociedad**, Vol. 4(3) 2010a, 507-537

_____. **Análise de Discurso Crítica da Publicidade**: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil. Livros LabCom; série: estudos em comunicação. Covilhã, 2010b.

REDE GLOBO (2011a). Disponível em:
<<http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/04/gente-se-liga->

em-voce-e-nova-assinatura-da-rede-globo.html>. (último acesso em 05/10/2013)

_____ **Formato comerciais**. 2005. Disponível em:
<http://comercial2.redeglobo.com.br/midiakit/Documents/PDFs/formatos+comerciais.pdf>

_____ **Relatório de ações sociais 2011b**. Disponível em:
<http://redeglobo.globo.com/globocidadania/balanco-social-2011/>>

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____ **Análise de Discurso (para a) Crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes editores, 2011.

RODRIGUES, R. H. Análise de gênero do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004

_____ Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

ROSANO-NUNES, M. J. Gênero e Religião. In: **Revista de Estudos Feministas** vol. 13 n. 2 Florianópolis May/Aug., 2005

ROSE, D. Análise de imagens em movimento In: In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, 343 – 364.

SAMPAIO, R. **Propaganda de A a Z**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.) **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1998.

SILVA, N. R. da. O gênero entrevista pingue-pongue: reenuniação, enquadramento e valoração do discurso do outro. Dissertação de mestrado. **Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis, 2007.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1999]

SILVESTRE; KREUTZK et all. O Discurso da Marca: o caso Natura e Natura Pura. **8 Conferência de Comunicação, Espaço Global e Lusofonia - 8 LUSOCOM**, 2009. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/view/104/80> (último acesso em 03/10/2013)

SIMÕES, C. F.; MATTOS, F. Elementos histórico-regulatórios da televisão brasileira. In: BRITTOS, V. C.; BOLAÑO, C. (orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

SOBRAL, A. Interfaces entre Texto, Discurso e Gênero nos Estudos da Linguagem: uma perspectiva bakhtiniana. In: FIGUEREDO, D. C.; BONINI, A. et all (orgs.). **Sociedade, Cognição e Linguagem – Apresentações do IX CELCUL**. Florianópolis: Insular, 2012.

SODRÉ, M. A Televisão. In.: _____ **A comunicação do grotesco: introdução à cultura de massa brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1977a p. 57 – 81.

_____. Linguagem da televisão. In.: _____ **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1977b p. 55 – 83.

SWALES, John M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. New York: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia** Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

VELHO, G. (org). **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2003 [1974].

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ANEXO A - Planos de Imagem segundo Rabaça; Barbosa (1978, p. 572)



Plano de grande conjunto
"Abismo de espumas"
 Curta-metragem de Ronaldo German.



Plano de conjunto
"Outras estórias"
 Direção: Pedro Bial
 Fotografia: José Guerra



Plano médio
"Eu, tu, eles"
 Direção: Andrucha Waddington
 Fotostill: Yantem Jr.
 Atriz: regina Casé



Plano americano
"Terra estrangeira"
 Direção: Walter Salles e Daniela Thomas
 Atores: Fernanda Torres e Fernando Alves Pinto
 Direção de fotografia: Walter Carvalho



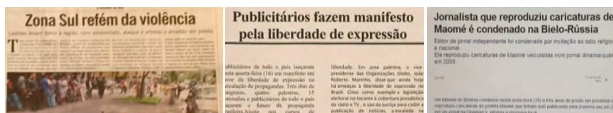
Close-up
"Central do Brasil"
 Direção: Walter Salles
 Atriz: Fernanda Montenegro



Detalhe
"Central do Brasil"
 Direção: Walter Salles
 Atriz: Fernanda Montenegro

ANEXO B - Exemplos de tipos de imagens veiculadas durante a fala do narrador

Exemplos de Cenas Tipo 01



Exemplos de Cenas Tipo 02



Exemplos de Cenas Tipo 03



Exemplos de Cenas Tipo 04



ANEXO C1 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Islamismo)

		O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_23.10.09_Violência urbana_Islamismo_2'		
		Dimensão visual	Dimensão verbal	
Localização em minutos	Cenas		Enunciadores	
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [STÊNIO GARCIA]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Mahatma Gandhi]</p>	At:	Olho por olho e o mundo acabará cego
00:03	2	Palestrante islâmico	N:	Várias religiões, diferentes olhares
	3	Mulheres dançando (ritual de matriz africana)		
	4	Senhora rezando ao lado da escultura de Santo Antônio		
	5	Mão acendendo velas		Nesta semana a violência é o tema da série Sagrado
	6	Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou]		
	7	Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou] Câmera dá um close-up máximo em [violência aumentou]		
	8	Close-up máximo em manchete de jornal com o título: [Assaltos sobem 87%]		A violência urbana não está apenas na tensão provocada pelo crime organizado ou nas atitudes encomendadas por ele
	9	Manchete de jornal com o título: [Em São Paulo, assaltantes tomam família como refém]		
	10	Manchete de jornal (com foto) com o título: [Arrastão no túnel]		
	11	Manchete de jornal com o título: [Empresário foi vítima de sequestro]		
	12	Pessoas caminhando em mercado público		A falta de cordialidade no dia-a-dia
	13	Manchete de jornal com o título: [Briga de vizinhos e de casais superam registros] (Câmera acompanha o texto como se estivesse lendo)		

- 14 Manchete de jornal com o título: **[Briga de torcidas causa confusão em Londres]** Quando as noções de limite, bom senso e respeito são distorcidos,
- 15 Manchete de jornal com o título: **[Ex-deputado é indiciado por dirigir bêbado]**
- 16 Briga de pessoas em mercado de rua a convivência social fica comprometida
- 00:33 17 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Lua e estrela
- 00:37 18 Close-up médio no representante **1RI:** A violência urbana mata mais pessoas do que qualquer guerra contemporânea. O medo e a desconfiança se espalharam dentro sociedade fazendo com que fosse parte do cotidiano de cada dia de cada pessoa. A falta de leis rígidas dá a sensação de impunidade. É a falta de ação. Isso porque o afastamento das pessoas da religião a qual veio para educar os povos e disciplinar as culturas ficaram praticamente abolidas.
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[XEIQUE ARMANDO HUSSEIN SALEH]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Mesquita Brasil]**
- 01:06 19 Briga de pessoas na rua **N:** Discussões banais, atos impensados no trânsito, numa fila de banco
- 20 Manchete de jornal com foco nas palavras: **[Acidente]** e **[três mortos]** (câmera segue em alta velocidade de uma palavra às outras)
- 21 Briga em estádio ou num estádio de futebol
- 22 Briga de torcidas na rua podem gerar reações violentas.
- 23 Bombeiros apagando ônibus em chamas Sobra intolerância onde deveria haver compaixão
- 24 Manifestação de várias pessoas pela paz (câmera foca a partir de um pedestre que olha da calçada a manifestação) Mas se a sociedade reprova radicalmente estas atitudes,
- 25 Manifestação de várias pessoas pela paz (câmera foca os manifestantes de frente) por que insiste em praticá-las?

- 01:28 26** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[XEIQUE ARMANDO HUSSEIN SALEH]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Mesquita Brasil]**
- 1RI:** A religião veio para educar os povos e disciplinar as culturas. Veio para ensinar ao homem a compaixão perante o seu semelhante, para se abster de ofensas, insultos, brigas e qualquer tipo de imoralidade. Isso é religião. Para que haja uma tranquilidade dentro de uma sociedade e uma harmonia e para que haja uma paz duradoura.
- 01:49** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:57** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
1RI: 1º Representante Islâmico
N: Narrador
[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO C2 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Catolicismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_24.10.09_Violência urbana_Catolicismo_2' 01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal	
				Enunciadores	
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [TONY RAMOS] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Mahatma Gandhi]		At:	Não existe um caminho para a paz, a paz é o caminho.
00:07	2	Manchete de jornal com o título: [Zona Sul refém da violência]		N:	Nesta semana O Sagrado coloca em foco a violência nas cidades. A violência não é um fenômeno da sociedade contemporânea
	3	Manchete de jornal (com foto) com o título: [Arrastão no túnel]			
	4	Manchete de jornal com o título: [Ladrões com granada assaltam restaurante]			
	5	Manchete de jornal com o título: [Mãos ao ALTO!]			
	6	Policial corre com arma em punho (situação de conflito)			
	7	Cenas (do telejornalismo) do caso do sequestro ao ônibus 174 no Rio de Janeiro. "Sequestrador" segura a vítima na janela do ônibus.			
	8	Câmera foca jovens armados andando em rua (efeito de câmera que ressalta os jovens)			
	9	Helicóptero da polícia em voo (ângulo da câmera de quem vê do chão)		Muitas atrocidades já foram cometidas pelo homem	

- 10 Manchete de jornal com o título: **[Menino morre ao ser arrastado por carro em assalto]** (manchete recortada e colada em destaque sobre a imagem de dois homens segurando um cartaz com a inscrição: **[João Hélio, os moradores de OSV Cruz também estão de luto. Viemos por meio desta homenagem pedir PAZ]**)
- 11 Foco no cartaz acima
- 12 Manchete de jornal com o título: **[Casal de idoso é morto a pauladas em Niterói]**
- 13 Pessoas andando em rua na subida de favela (no Rio de Janeiro)
- 00:31 14 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Cruz
- 00:35 15 Close-up médio no representante
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
- Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[PADRE ANTONIO MANZATTO]**
- Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Arquidiocese de São Paulo]**
- 16 Crianças descalças caminham em rua (de favelas)
- 17 Jovens sendo levados por policiais (?), saindo de delegacia (?)
- 18 Dois policiais carregam um menino pelas pernas e braços
- 19 Criança agachada bebendo água de uma torneira com as mãos
- 20 Manchete de jornais com o título: **[Quadrilha que matou idoso em Niterói planejava roubar R\$ 800 mil]**
- 21 Manchete de jornal com o título: **[Caso João Hélio: MP alivia acusações contra dois envolvidos]**
- contra o homem.
Devemos admitir que a violência é parte da natureza humana?
- 1RC: Violência não depende simplesmente do coração, da maldade, da crueldade das pessoas. Violência também se aprende. Nesse sentido, não basta a conversão do coração das pessoas, mas mudança de estrutura das sociedades que faça com que se coloque não valor na violência mas na convivência.
- N: Crianças e jovens são presas fáceis para o mundo do crime.
- Educação precária, maus tratos e abandono podem moldar adultos insensíveis à dor do próximo.

	22	Adolescentes negros com camisas brancas (de times) sentados assistindo a um jogo. (parecem estar em alguma instituição social)	É possível educá-los para o exercício da paz
	23	Sala de aula precária (câmera filma do fundo, as crianças estão de costas e a professora de frente)	
	24	Câmera 'caminha' em rua de cidade, vê-se prédios e o céu. (o ângulo é de quem está num carro e olha para cima pelo pára-brisas)	numa sociedade que segue praticando
	25	Câmera caminha por rua de favela, vê-se barracos (o ângulo é de quem está num carro e olha pela janela lateral)	a violência?
01:14	26	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PADRE ANTONIO MANZATTO] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Arquidiocese de São Paulo]	1RC: A violência se manifesta nas relações humanas. A violência se manifesta, portanto, na sociedade
01:19	27	Manchete de Jornal com o título: [Arrastão provoca pânico no Túnel Santa Bárbara] (manchete recortada e colada sobre imagens do trânsito)	Nesse sentido, a violência e
	28	Manchete de Jornal com o título: [Educação para salvar a vida de adolescentes] (manchete recortada e colada sobre imagens de jovens entrando na escola)	a superação desse problema tem relação com a educação,
01:23	29	Close-up médio no representante	com a formação das novas gerações, com a transmissão de valores, com a transmissão daquilo que pode dar sentido à vida humana. Nesse sentido, a superação da violência por parte dos jovens e a violência que se comete também contra os jovens e as crianças é uma questão de educação

questão de educação e é uma questão de perceber quais valores têm significado na existência humana.

- 01:49 30** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:58 31** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RC: 1º Representante Católico

N: Narrador

[**negrit**o] Texto escrito exibido

ANEXO C3 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Protestantismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_25.10.09_Violência urbana_Protestantismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [OSCAR MAGRINI]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Benjamin Franklin]</p>	At:	Nunca houve uma guerra boa ou uma paz ruim
00:03	2	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes matam motociclista em Ipanema]	N:	Esta semana a Série Sagrado trata da violência nas cidades
	3	Manchete de jornal com o título: [Quadrilha usa reféns como escudos humanos para assaltar banco em SP]		
	4	Manchetes de jornais com os títulos: [Traficante chefou assalto a prédio no Arpoador] e [Bandidos atacam novamente em viaduto]		
	5	Acesso de trânsito fechado pela polícia		Diariamente os noticiários nos colocam frente a frente com a violência.
	6	Conflito entre polícia e manifestantes (muita fumaça)		
	7	Close-up máximo em marca de tiro em carro		
	8	Conflito entre polícia e civis		Vítimas sofrem agressões físicas e torturas psicológicas.
	9	Comboio policial passando		Cenas que

- | | | | | |
|-------|----|--|------|--|
| | 10 | Ônibus em chamas | | chocam e revoltam |
| | 11 | Manchete de jornal com o título: [Empresário foi vítima de sequestro] | | A população carente de segurança |
| | 12 | Viatura policial em alta velocidade | | questiona a ação do poder público e a proteção divina. |
| | 13 | Diversas viaturas policiais saindo da delegacia | | |
| 00:26 | 14 | Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Bíblia com uma cruz na capa | | |
| 00:33 | 15 | Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PASTOR ISRAEL BELO DE AZEVEDO]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Igreja Batista de Itacuruçá] | 1REV | A religião começa com uma notícia ruim: todos nós somos violentos por causa de nossa condição de pecadores. Isso tem escrito nas nossas veias. Isso quer dizer que a violência está presente no nosso dia-a-dia por minha causa, por sua causa. Mas a boa notícia da religião é que eu posso, você pode se converter num pacificador, num promotor da paz. Essa é a minha tarefa, a sua tarefa, contra a minha natureza, contra a sua natureza. Nós podemos ser pacificadores. |
| 01:08 | 16 | Manchete de jornal com o título: [Assaltantes fazem 30 reféns em Copacabana] | N: | Parte da violência das grandes cidades está ligada ao crime organizado |
| | 17 | Manchete de jornal com o título: [Traficante de guerra no Dona Marta é preso] | | |
| | 18 | Manchete de jornal (com foto de policial andando no túnel) com o título: [Arrastão provoca pânico no Túnel Santa Bárbara] | | |
| | 19 | Imagem de favela vista de fora | | um poder paralelo, que usa o medo da população como grande aliado |
| | 20 | Policiais armados (em conflito) sobem escada de favela. | | |
| | 21 | Comboio policial passando no | | Numa cidade em que as |

- | | | | |
|-------|----|---|--|
| | 22 | Viatura policial em alta velocidade chegando à entrada de favela | |
| | 23 | Manifestantes com faixa pedindo justiça e paz | como a religião pode ajudar a reduzir a violência? |
| | 24 | Manifestantes com faixa LUTO pela PAZ | |
| 01:27 | 25 | Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PASTOR ISRAEL BELO DE AZEVEDO] | 1REV: Uma vez que a violência está inscrita no coração de cada um de nós, é ingênuo pensar que o Estado vai conseguir debelar o crime organizado a partir de políticas públicas. Precisamos ter uma visão que inclua a cada um de nós, a mim e a você, como parte desse problema. |
| | | Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Igreja Batista de Itacuruçá] | |
| 01:45 | 26 | Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa | |
| 01:49 | 27 | Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura. | |

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1REV: 1º Representante Evangélico

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO C4 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Espiritismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_26.10.09_Violência urbana_Espiritismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [CARLOS VEREZA] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Martin Luther King]	At:	Uma das coisas importantes da não violência é que não busca destruir a pessoa, mas transformá-la.
00:09	2	Manchete de jornal, câmera dá um close-up máximo em [Bandidos] e [invadem] (vai de uma palavra a outra rapidamente)	N:	A violência é o tema desta semana na série Sagrado
	3	Manchete de jornal com o título: [Assaltantes matam motociclista em Ipanema]		
	4	Manchete de jornal com o título: [Fachada de hospital é atingida por tiros]		
	5	Cenas (do telejornalismo) do caso do sequestro ao ônibus 174 no Rio de Janeiro. (Vítima escreve no vidro do ônibus)		A violência urbana não tem hora nem lugar para se manifestar
	6	Policiais, mulher sendo resgatada e amparada por homem		
	7	Trânsito, uma marreta e um pedaço de pau na rua, sobre uma faixa de pedestres		Nas esquinas, nos sinais de trânsito
	8	Pára-brisa com marcas de tiros		
	9	Parede com marcas de tiros		em locais públicos ou privados
	10	Perito analisando local de crime, carro com marcas de tiros		
	11	Pessoas de branco em manifestação com fotos de vítimas		O sentimento de indignação e perplexidade da população
	12	Manifestação com faixa pedindo paz e justiça		

	13	Manchete de jornal com o título: [Menino morre ao ser arrastado por carro em assalto] (manchete recortada e colada em destaque sobre a imagem de dois homens segurando um cartaz com a inscrição: [João Hélio, os moradores de OSV Cruz também estão de luto. Viemos por meio desta homenagem pedir PAZ])	é constante. A gravidade do problema
	14	Pessoas observando policial civil em um contexto de conflito	nos força a lutar dia a dia pela sobrevivência
	15	Fotógrafo (jornalista?) atravessando rua em área de conflito	
	16	Homem com as mãos sobre o próprio rosto, duas mulheres observando (o ângulo da câmera é o das mulheres que estão em foco, enquanto o homem está no fundo)	A vida deve ser resumida a apenas isso?
00:39	17	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Bíblia aberta	
00:42	18	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [CESAR PERRI] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Diretor da Federação Espírita Brasileira]	1RE: Nós espíritas entendemos que nós precisamos trabalhar para a profilaxia da violência. Isso se faz através de um processo educativo que se inicia desde o berço doméstico com o fortalecimento da família e também de todo ambiente escolar. É necessário trabalhar por uma cultura de paz.
01:04	19	Câmera de vigilância em prédio	N: Câmeras de segurança ou grades de ferro não inibem ações criminosas
	20	Grades em casa	
	21	Manchete de jornal com o título: [Empresário foi vítima de sequestro]	
	22	Manchete de jornal com o título: [Em São Paulo, assaltantes tomam família como refém]	

	23	Manchete de jornal com o título: [Ladrões com granada atacam restaurante]	Ataques à integridade física e moral
	24	Manchete de jornal com o título: [Bala perdida fere garota no Centro de SP]	
	25	Pessoas andando nas ruas	comprometem o
	26	Trânsito intenso	direito de ir e vir.
	27	Homens jogando baralho descontraidamente	Como cultivar a fraternidade
	28	Jovens sentados na calçada, próximo a escadaria	se vivemos com medo do outro?
	29	Pessoas sentadas em cadeiras nas calçadas de casa (favela)	
01:20	30	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [CESAR PERRI] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Diretor da Federação Espírita Brasileira]	1RE: O medo é, sem dúvida nenhuma, uma das grandes questões que atormentam a sociedade moderna. Para nós espíritas, não devemos manter o anseio e a insegurança, mas acima de tudo o dever cumprido, a consciência tranquila e a certeza de que somos espíritos imortais. E que Deus, o nosso bom pai, que a tudo prove, não permitiria que nada acontecesse sem que estivesse previsto em seus desígnios.
01:49	31	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa	
01:57	32	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.	

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RE: 1º Representante Espírita

N: Narrador

[**negrito**] Texto escrito exibido

ANEXO C5 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Judaísmo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.10.09_Violência urbana_Judaísmo_2' 01"

Localizações em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciados	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [NATHÁLIA TIMBERG]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Cícero]</p>	At:	Todo homem é atingido pelos próprios crimes
00:03	2	Pessoas lendo a Torá (close-up na mão, acompanhando a leitura)	N:	Várias religiões, muitos pontos de vista.
	3	Velas, mãe de santo (Ritual de matriz africana)		
	4	Homens de terno se ajoelhando		
	5	Budista manuseando incenso		
	6	Manchete de jornal com o título: [Bala perdida atinge menina em SP] (câmera abre foco da palavra "Bala" para a página do jornal)		Esta semana a violência é o tema da série Sagrado.
	7	Manchete de jornal com o título: [Para policiais, violência aumentou]		
	8	Trânsito		As grandes metrópoles do mundo começam a questionar seus princípios de organização e funcionamento
	9	Trânsito numa avenida movimentada, muitos prédios		
	10	Trânsito		
	11	Trânsito (viaduto)		
	12	Trânsito (ponte)		
	13	Trânsito (metrô)		
	14	Favela (vista de longe)		Superpovoadas, elas já não dispõem de condições dignas de moradia,
	15	Pessoas andando em feira livre		
	16	Barracos (ângulo de quem está olhando pela janela lateral de um carro em movimento)		
	17	Mulher com criança no colo andando entre os barracos		

	18	Homem empurrando carrinho com recicláveis (?)	trabalho,
	19	Metrô	transporte,
	20	Close-up em mão medindo pressão em paciente	atendimento médico
	21	Pessoas andando de bicicleta	e educação para todos.
	22	Conflito policial visto do alto ao longe	Tornaram-se cenários
	23	Manchete de jornal com o título cortado: [... sequestra e incendeia ônibus na Maré]	propícios para a prática
	24	Ônibus em chamas	da ilegalidade e da violência
00:34	25	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Bíblia aberta	
00:40	26	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Congregação Judaica do Brasil]	1RJ: Violência pra nós sempre fica associado aos assaltos e às balas perdidas. Mas também a violência, ela está na nossa alienação, ela está presente obviamente na nossa falta de gentileza. O ser humano, ele não nasce mau ou bom. O ser humano aprende, da mesma maneira que aprende a civilidade, aprende a violência.
00:59	27	Manchete de jornal com o título: [Saques e violência na capital]	N: Integridade
	28	Manchete de jornal com título: [Zona Sul refém da violência] (a câmera vai da primeira palavra à última palavra rapidamente, focalizando-as)	e honestidade são postos a prova
	29	Pessoas em situação de rua (dormindo na calçada, andando com trouxas de roupa)	quando o meio priva o indivíduo
	30	Barracos a beira de córrego	de seus direitos básicos.
	31	Pessoas em situação de rua (dormindo na calçada, cobertas por papelão)	As adversidades podem corromper
	32	Pessoas caminhando entre barracos	o caráter do homem?
	33	Jovens brigando (seus rostos estão com faixas pretas, menores (?)) (estão na rua)	Pobreza gera violência?
	34	Jovens brigando (seus rostos estão com faixas pretas, menores (?)) (estão num banheiro de escola (?))	

- 01:16** 35 Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[RABINO NILTON BONDER]**
- 01:34** 36 Crianças jogando bola em um clube
37 Crianças numa sala de aula (ângulo da câmera: da porta da sala de aula)
38 close-up em caderno de aluno aberto
- 01:40** 39 Close-up médio no representante

Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[RABINO NILTON BONDER]**
- 01:48** 40 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:55** 41 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.
- 1RJ:** Pobreza, ela não gera a violência. O que gera a violência é a carência que não é só material, ela acaba se manifestando como carência também emocional, afetiva às nossas crianças. E é isso que vai mais adiante aparecer como violências que a gente não sabe mais como evitar.
Então todos nós temos responsabilidade na educação e

e na formação das pessoas para que elas não sejam educadas em ódio e medo que é aquilo que se transforma mais adiante em violência.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RJ: 1º Representante Judeu

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO C6 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Religiões afro-brasileiras)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_01.11.09_Violência urbana_Religiões afro-brasileiras_2'01"

Localização	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
em minutos			
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [JULIANA PAES] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Carl Gustav Jung]	At: Onde acaba o amor, tem início o poder, a violência e o terror
00:06	2	Manchete de jornal com o título: [COLANDO OS CACOS DA CIDADE PARTIDA]	N: A violência nas cidades é o tema desta semana na série Sagrado.
	3	Manchetes de jornais com os títulos: [Traficante chefiou assalto a prédio no Arpoador] e [Bandidos atacam novamente em viaduto]	
	4	Manchete de jornal com o título: [Quadrilha usa reféns como escudos humanos para assaltar banco em SP]	
	5	Vista do alto de uma cidade com muitos prédios	
	6	Câmera caminha por rua de favela, veem-se barracos (o ângulo é de quem está num carro e olha pela janela lateral)	As cidades agregam pessoas
	7	Mulher com véu caminhando	de todas as crenças
	8	Homem com chapéu (?) islâmico andando na rua	
	9	Mulher com cabelo rastafári vista de costas andando na rua	lugares,
	10	Jovem asiático andando na rua	raças, classes sociais.
	11	Homem negro sobre um cavalo que carrega capim	
	12	Trânsito (carros)	

00:21	13	Manchete de jornal com o título: [ONG denuncia aumento da violência contra homossexuais no Iraque]	Diferenças que podem gerar violência
	14	Manchete de jornal com o título: [Hooligans reabrem conflito Leste x Oeste na Europa]	por meio de atos preconceituosos
	15	Manifestação de soldados (?) (imagem em preto e branco)	A intolerância com o
	16	Manchete de jornal com o título: [Bomba destrói mesquita turcomana em Mossul. Peregrinos xiitas são mortos em Bagdá] (manchete recortada e colada sobre imagens de destroços)	outro compromete o entendimento
	17	Bombas atingindo cidade no Oriente Médio	e a paz mundial.
00:30	18	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: CONSULTAR NOME	
00:35	19	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [terreiro Tanuri Junsara]	1RAB: Quem bate na porta de um terreiro candomblé, a gente não pergunta quem é, o que faz, vai ficar ou não vai, acredita ou não acredita. A agente só ajuda, se a gente pode ajudar, a gente acolhe.
00:49	20	Mulher caminha com insenso	Eu acho que a gente tem pra ensinar a sociedade é isso. Eu não quero ver
00:53	21	Close-up médio na representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA]	no meu país o que eu vejo através dos veículos de comunicação que acontece por aí pelo mundo. Guerra por causa de religião, por causa de credo, isso é, pra mim, absurdo.

01:08	22	Danças (Ritual de matriz africana)	N: Vivemos em um mundo de muitos deuses e crenças, mas o fanatismo e a intolerância ainda geram conflitos. Em nome da fé, o homem é capaz de discriminar.
01:22	23	Close-up médio na representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA]	1RAB: Uns estão chamando de intolerância religiosa. Eu chamo mesmo é de falta de respeito. Respeito ao direito que nós temos
01:30	24	Danças (Ritual de matriz africana)	de crer de forma diferente. De não ser de nenhum segmento cristão, de ter uma visão de mundo diferente, de conceber o mundo diferente tem que ser respeitado. Então, pra mim, isso é violência.
01:39	25	Close-up médio na representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	
01:46	26	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa	
01:55	27	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.	

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
 1RAB: 1ª Representante de Religiões afro-brasileiras
 N: Narrador
[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO C7 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: a violência urbana (Budismo)

		O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_02.11.09_Violência urbana_Budismo_2'	
Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [CHRISTIANE TORLONI] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação preferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Jean-Paul Sartre]	At: A violência, seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.
00:06	2	Manchete de jornal com o título: [Mãos ao ALTO!] (Em close-up máximo, câmera acompanha o texto como se estivesse lendo)	N: A violência nas cidades
	3	Manchete de jornal com o título: [Três mortos em operação da PM nos morros do Juramento e da Serrinha]	é o tema nesta semana
	4	Manchete de jornal com o título: [Zona Sul refém da violência]	da série Sagrado.
	5	Carro com marcas de tiros	A violência não faz distinção de raça
	6	Policiais, mulher sendo resgatada e amparada por homem	
	7	Bombeiros recolhendo corpo em saco plástico preto	classe social
	8	Manchete de jornal com o título: [Bala perdida atinge menina em SP] (Câmera abre da palavra "Bala" para a página do jornal)	ou credo. Estamos todos vulneráveis
	9	Manchete de jornal com o título: [Rio vive manhã de guerra e túnel pára com tiroteios]	seja por uma ação criminosa premeditada

	10	Manchete de jornal com o título: [Tráfico fecha comércio em Caxias]	
	11	Manchete de jornal com o título: [Briga de vizinhos e de casais superam registros] (Câmera acompanha o texto como se estivesse lendo)	ou pela falta de respeito em situações cotidianas.
	12	Mulher com marcas de agressão no rosto baixando a cabeça (close-up médio de lado)	Somos todos vítimas?
	13	Jovens sendo levados por policiais (?), saindo de delegacia (?)	A violência tem culpados?
00:30	14	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: CONSULTAR NOME	
00:34	15	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [LAMA PADMA SAMTEN] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Centro de Estudos Budistas Bodisatva]	1RB: A primeira forma de violência é nós não termos inserção dentro do mundo humano. Por exemplo, as crianças quando nascem são acolhidas pelas mães e pelos pais, mas nem sempre. Depois dessa etapa de ser acolhido, nós precisaríamos ser acolhidos pelo mundo,
00:55	16	Close-up em braços negros que fazem malabarismo no trânsito	mas nem sempre isso acontece
	17	Pessoas em situação de rua	também. Quando nós examinamos as situações de violência, nós vamos perceber que as pessoas,
	18	Mulher anda entre barracos	elas foram acolhidas dentro de uma forma desequilibrada. Então de um certo sentido, todos nós somos vítimas, não apenas os agredidos, mas também os agressores.
01:04	19	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	

01:14	20	Manchete de jornal com o título: [Polícia diz já saber 70% do ocorrido na noite da morte de Isabella]	N:	Relações conturbadas
	21	Manchete de jornal com o título: [Suzane Von Richthofen é dissimulada, diz laudo técnico]		e doentias
	22	Mulher agredida com braço enfaixado entra num carro, é amparada pela polícia		a violência doméstica é um mal silencioso
	23	Close-up máximo em barriga de grávida, a mulher acaricia a própria barriga		escondido pela vergonha, pela ameaça,
	24	Close-up máximo em mãos feridas que fazem trabalhos manuais		cultivado dentro das famílias,
	25	Close-up máximo em pernas femininas e infantis andando		famílias que deveriam estar unidas
	26	Close-up máximo em mãos infantis que desenham		pelo amor.
	27	Close-up máximo em mão masculina branca colocando aliança em mão feminina branca		
01:32	28	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [LAMA PADMA SAMTEN] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Centro de Estudos Budistas Bodisatva]	1RB:	Se nós agirmos de uma forma benigna, nós encontramos a felicidade e produzimos felicidade para os outros. Esquecendo isso, ao produzir sofrimento sobre os outros, nós colhemos também sofrimento e dificuldades.
01:46	29	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa		
01:55	30	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.		

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RB: 1º Representante Budista

N: Narrador

ANEXO D1 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Evangélicas)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_20.01.10_Liberdade de expressão_Evangélicas_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadores	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [ORCAR MAGRINI] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Confúcio]	At:	Ultrapassar os limites não é um erro menor do que ficar aquém deles.
00:05	2	Quadro com imagem de um santo esculpido	N:	Na série Sagrado
	3	Close-up máximo e mãos femininas idosas que seguram um terço		
00:07	4	Página de jornal com a manchete: [Associações de jornais se preocupam com a liberdade de expressão]		a liberdade de expressão
	5	Judeu orando		pelo olhar de
	6	Templo budista		diferentes religiões
	7	Mulher em trajes de religiões de matriz africana		
	8	Culto evangélico		
00:12	9	Close-up máximo seguindo a manchete de jornal: [Nunca houve tanta liberdade]		Nas sociedades democráticas manifestar opiniões e ideias é um direito garantido por lei.
00:18	10	Mulher (jornalista?) sentada diante de um computador		
	11	Máquina de impressão de revistas em larga escala funcionando		Mas as instituições religiosas
	12	Pessoas entrando em um templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus		estão abertas à crítica e ao diálogo mesmo quando feitas por outras religiões?

00:30	13	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Um livro (Bíblia) com uma cruz na capa	
00:31	14	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PASTOR RCARDO GONDIM] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Igreja Betesda do Brasil]	2REV: Jesus Cristo nunca foi dogmático, porque ele não colocava as pessoas a serviço das instituições. Repetidas vezes afirmou que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado. Portanto, Jesus nunca ensinou intolerância, ele não se des... considerava e nem marginalizava as pessoas que pensavam ou agiam diferente. A luta pela vida, pela liberdade, pela justiça não é cristã, é humana.
00:59	15	Close-up máximo em escultura religiosa	N: Nas produções artísticas,
	16	Título de abertura de uma série produzida pela emissora: A madona de cedro	o sagrado e o profano frequentemente se encontram
	17	Título de abertura de uma série produzida pela emissora: Tenda dos Milagres	As abordagens muitas vezes se chocam
	18	Manchete de jornal de 13/04/2004 com o título: [Filme que enfureceu judeus afrouxa censura árabe]	com os valores de diferentes crenças
	19	Manchete de jornal com o título: [Clérigo paquistanês pede assassinato de Salman Rushdie]	
01:11	20	Obra de arte (?)	Não deverá sempre
	21	Encenação de peça teatral	prevalecer o princípio
	22	Close-up na mão de um pintor trabalhando em tela	da liberdade de expressão?

- 01:18 23 Close-up médio no representante 2REV: Arte é uma forma de transcender o cotidiano. Através da pintura, literatura, música, nós criamos, vencemos o tempo, vencemos a decadência que nos leva à morte. Então não existe distinção entre arte sagrada ou profana, mas entre o que é bom e o que é ruim. Nos relatos da construção tabernáculo, por exemplo, Deus mandou que ornamentasse as paredes, os corredores, as janelas... e o texto é claro: só para beleza. As vestes do sacerdote eram bordadas para que tudo ficasse bonito.
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[PASTOR RCARDO GONDIM]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Igreja Betesda do Brasil]**
- 01:50 24 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:58 25 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
2REV: 2º Representante Evangélico
N: Narrador
[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO D2 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Espiritismo)

		O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_21.01.10_Liberdade de expressão_ Espiritismo_2"	
		Dimensão visual	Dimensão verbal
Localização em minutos	Cenas		Enunciadores
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [CARLOS VEREZA]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Horácio]</p>	<p>At: Há uma medida nas coisas. Existem, enfim, limites precisos, além dos quais e antes dos quais, o bem não pode subsistir</p>
00:14	2	<p>Manchete de jornal com o título: [Kirchner promove lei para garantir 'liberdade de expressão']</p>	<p>N: Liberdade de expressão</p>
	3	<p>Manchete de jornal com o título: [Fórum da ONU adota resolução contra difamação religiosa]</p>	<p>A série Sagrado</p>
	4	<p>Pessoas com vestes de religiões de matriz africana</p>	<p>debate o tema sob diferentes pontos de vista.</p>
	5	<p>Um homem islâmico se curvando</p>	
	6	<p>Sino sendo tocado</p>	
	7	<p>Pessoas em mesa de reunião espírita</p>	
	8	<p>Close-up em mão masculina retirando livro da prateleira</p>	<p>A liberdade de expressão deve garantir tolerância e respeito</p>
	9	<p>Padres (?) católicos em ritual</p>	<p>às diferentes formas de pensar.</p>
	10	<p>Manchete de jornal com o título: [Clérigo paquistanês pede assassinato de Salman Rushdie]</p>	
	11	<p>Manchete de jornal com o título: [Igreja crítica novo livro de Saramago]</p>	
	12	<p>Imagem de espíritas em reunião</p>	<p>Esse direito constitucional é compatível com a prática religiosa?</p>

00:32	13	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Um livro (Bíblia) aberto	
00:36	14	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [CESAR REIS] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Pres. do Instituto de Cultura Espírita do Brasil]	2RE: Não podemos imaginar uma prática religiosa divorciada das questões constitucionais. Na verdade, o exercício da religião faz parte do exercício da cidadania. Qualquer atividade que separe a cidadania da prática religiosa, portanto, é incompatível com os princípios da própria religião. Do ponto de vista da doutrina espírita, que é absolutamente respeitosa para com todos os direitos e coloca também todos os deveres, essa prática deve fazer parte da essência da vida.
01:06	15	Trânsito em cidade	N:
	16	Mesquita	Políticas governamentais submetidas a princípios religiosos inevitavelmente cerceiam as produções intelectual e científica.
	17	Manchete de jornal com o título: [Romance publicado em 1988 ofendeu muitos muçulmanos em todo mundo]	
	18	Manchete de jornal com o título: [ÓRGÃOS DE DIREITOS HUMANOS DA ONU CONDENAM "DIFAMAÇÃO" DA RELIGIÃO]	
	19	Pessoas em mesa de reunião espírita	Religião é incompatível com o direito da livre expressão?
	20	Pessoas em mesa de reunião espírita	

01:20	21	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [CESAR REIS] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Pres. do Instituto de Cultura Espírita do Brasil]	2RE: A liberdade de expressão faz parte da essência da criatura humana. Onde houver cerceamento dessa liberdade o ser humano não pode se colocar amplamente. E nós achamos que o processo evolutivo exige essa condição de a criatura humana colocar-se como efetivamente ela é. [?] a possibilidade de ela ter respeitado o direito a sua opinião, a sua posição, o seu entendimento, então as questões ficam todas muito difíceis na sociedade.
01:38	22	Close-up máximo em mão pintando	
01:41	23	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	
01:47	24	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa	
01:56	25	Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.	

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

2RE: 2º Representante Espírita

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO D3 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Judaísmo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_22.01.10_Liberdade de expressão_Judaísmo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciados	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [NATHALIA TIMBERG] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Machado de Assis]	At:	A verdade sai do poço sem se indagar quem está às bordas
00:06	2 3 4 5 6 7 8 9	Close-up máximo em sino tocando Manchete de jornal com o título: [Associações de Jornais se preocupam com a liberdade de expressão] Judeu lendo a Torá Símbolo de igreja cristã Mulher com defumador Mesquita Trânsito em cidade Palácio do Planalto	N:	Na série Sagrado a liberdade de expressão na visão de diferentes religiões. Nas sociedades democráticas o governo garante a livre manifestação cultural
	10 11	Texto (de jornal?) com o título: [Filme "Paixão de Cristo" tem problemas com a censura] Manchete de jornal com o título: [Publicitários fazem manifesto pela liberdade de expressão]		Usar a religião como limite não é uma forma de autoritarismo?
00:23	12	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: a estrela de Davi		

- 00:30** **13** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela:
Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[RABINO SÉRGIO MARGULIES]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Associação Religiosa Israelita]**
- 2RJ:** Relata a tradição judaica que os cinco primeiros livros foram entregues em 70 línguas. O que implica de modo simbólico a capacidade interpretativa, o livre pensar e questionar. Da mesma maneira o livro das leis judaicas também respeita todas as manifestações, as maiores ou as minoritárias. Dessa maneira, o pensar, o questionar, a livre manifestação das ideias é extremamente salutar e valorizada. O limite, no entanto, é quando uma opinião é utilizada para estimular o preconceito, para promover o ódio e para desdenhar o outro.
- 01:04** **14** lombadas de livros
15 mão pintando em tela
16 Capa do filme (?): **[O profeta da fome]**
- 17** Pessoa assistindo à filme no cinema/ ângulo da câmera é o ângulo dessa pessoa
- 18** Manchete de jornal com o título: **[CE: REAÇÕES QUE REJEITAM LIBERDADE DE EXPRESSÃO SÃO INACEITÁVEIS]**
- N:** O mundo intelectual artístico e cultural, geralmente trabalha com valores distintos dos religiosos. Mas isso pode justificar algum tipo de censura?

- 01:17** **19** Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[RABINO SÉRGIO MARGULIES]** Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Associação Religiosa Israelita]**
- 2RJ:** Religiosidade, manifestação intelectual e cultural ou artística não devem ser colocadas em categorias estanques. Uma enriquece a outra. Tanto a religião ganha através dos elementos de outras manifestações, quanto outras manifestações também se enriquecem com a vida espiritual. O enriquecimento existe através da troca, da troca e fundamentalmente também do respeito mútuo.
- 01:48** **20** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:57** **21** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

2RJ: 2º Representante Judeu

N: Narrador

[negrito] Texto escrito exibido

ANEXO D4 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Religiões afro-brasileiras)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_23.01.10_Liberdade de expressão_Religiões afro-brasileiras_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Enunciadões	Dimensão verbal
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [JULIANA PAES] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Provérbio chinês]	At:	Há três coisas na vida que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a palavra pronunciada e a oportunidade perdida
00:10	2 3 4 5 6 7	Clouse-up em mãos abrindo Bíblia Roda de pessoas dançando (Ritual de matriz africana) Clouse-up em mãos cruzadas de padre Manchete de jornal com o título: [CE: REAÇÕES QUE REJEITAM LIBERDADE DE EXPRESSÃO SÃO INACEITÁVEIS] Manchete de jornal com o título: [Liberdade de imprensa em questão] Foco no livro da Constituição e ao fundo está o Palácio do Planalto	N:	Diferentes religiões comentam o tema liberdade de expressão na série Sagrado
00:22	8 9	Palácio do Planalto Praça		As constituições nas nações democráticas dão ao cidadão o direito

- | | | | | |
|-------|----|--|---------------|--|
| | 10 | Manifestantes pela educação | | de manifestar ideias |
| | 11 | Duas mulheres de costas em mesas de trabalho | | e opiniões |
| | 12 | Mão masculina que escreve no computador em ambiente descontraído | | assim como buscar e receber informações |
| | 13 | Jovem em biblioteca (foco no livro, jovem está desfocado) | | |
| | 14 | Duas mulheres em mesa de trabalho | | |
| | 15 | Dança em grupo (Ritual de matriz africana) | | No terreno religioso esse direito é garantido? |
| | 16 | Dança em grupo (Ritual de matriz africana) | | Também é respeitado? |
| | 17 | Dança em grupo (Ritual de matriz africana) | | |
| 00:34 | 18 | Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: CONSULTAR NOME | | |
| 00:40 | 19 | Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PAI ETIENE SALES]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Sacerdote Umbandista Tenda dos Pretos Velhos] | 2RA B: | A liberdade de expressão é a base do estado democrático de direito. A Umbanda entende, em todas as suas representações e formas, que para garantir essa liberdade de expressão é necessário que haja o respeito. Respeito à dignidade, respeito à diferença, respeito ao outro. A sua legitimidade é construída basicamente com coerência, amor e comprometimento a si e ao outro. |
| 01:05 | 20 | Peça de teatro | N: | A livre expressão de ideias e pensamentos contribui para um maior entendimento entre cultura e nações |
| | 21 | Charge (Brasil doente procura Granja do Torto) | | |
| | 22 | Multidão andando na rua | | |
| | 23 | Pessoa assistindo a cenas de festa (imagem antiga), a câmera está a partir do ângulo dessa pessoa | | |

- 24 Manchete de jornal com o título: **[Jornalista que reproduziu caricaturas de Maomé é condenado na Bielo-Rússia]** mas casos de discriminação e intolerância
- 25 Grupo de pessoas queimando uma bandeira vermelha religiosa são recorrentes
- 26 Texto (de jornal) com o título: **[Filme "Paixão de Cristo" tem problemas com a censura]** nas sociedades contemporâneas.
- 27 Iemanjá ao lado de vaso de flores Religião não combina com liberdade de manifestação?
- 28 Mão preparando oferendas (ritual de matriz africana)
- 01:24 29 Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[PAI ETIENE SALES]** Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Sacerdote Umbandista Tenda dos Pretos Velhos]** 2RA A Umbanda por abraçar várias doutrinas religiosas entende e compreende e respeita a todas as religiões. Entendemos que a intolerância e discriminação religiosas são aberrações não compatíveis com a nossa crença e com nenhuma outra crença.
- 01:44 30 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:53 31 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
- 2RAB: 2º Representante de Religiões Afro-brasileiras
- N: Narrador
- [**negrit**o] Texto escrito exibido

ANEXO D5 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Budismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_24.01.10_Liberdade de expressão_Budismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal			
				Enunciados			
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [CHRISTIANE TORLONI] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Platão]		At:	Onde não há igualdade, a amizade não perdura.		
	00:04	2	Roda de pessoas dançando (Ritual de matriz africana)		N:	Na série Sagrado a liberdade de expressão pelo olhar de diferentes religiões.	
		3	Instrumento de percussão				
		4	Imagens congeladas em preto e branco de manifestação contra a Ditadura				
		5	Pessoa lendo a Torá				
		6	Mão benzendo com arruda				
		7	Manchete de jornal com o título: [Publicitários fazem manifesto pela liberdade de expressão]				A liberdade de expressão
		8	Mão pintando em tela				e manifestações artísticas
		9	Apresentação teatral				são direitos garantidos
		10	Pessoas andando na rua (câmera passa muito rapidamente)				nas sociedades democráticas.
		11	Manchete de jornal com o título: [Romance publicado em 1988 ofendeu muitos muçulmanos em todo mundo] (câmera segue título em close-up máximo, em sentido de leitura)				Essa garantia constitucional deve prevalecer mesmo quando envolve os valores religiosos?
00:27	12	Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: CONSULTAR NOME					

- 00:31** **13** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons
de laranja com o símbolo da religião
no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela:
Identificação do representante em
letra branca, maiúscula: [**LAMA
RINCHEN KHYENRAB**]
Abaixo do nome do representante,
em letra branca, minúsculo: [**Abade
do Mosteiro Sakya**]
- 2RB:** A liberdade de expressão
do ser humano não deve
ter nenhuma limitação. A
limitação quem dá é ele
mesmo, no sentido da
ética. Liberdade de
expressar seu
pensamento deve ser
sempre no sentido
construtivo e positivo e
nunca no sentido de
trazer tolhimento ou
sofrimento a qualquer ser
ou qualquer sociedade. A
religiosidade é
simplesmente um
norteador para que na
expressão de sua
liberdade ele nunca venha
a faltar com respeito à
liberdade do outro
- 01:04** **14** Altar de Buda
15 Recipiente com incensos
16 Pessoas se curvando ao altar de
Buda
17 Mão pintando em tela
- N:** A religiosidade não se
manifesta apenas nos
templos e nos lugares
sagrados
Também está presente
nas manifestações
culturais laicas
mas muitas vezes com
uma visão
crítica.
- 18** Quadro com imagem de Cristo
levando a cruz
Close-up máximo no rosto de Cristo
do quadro anterior
- 19** Pintura com imagem de multidão
20 Manchete de jornal de 13/04/2004
com o título: [**Filme que enfureceu
judeus afrouxa censura árabe**]
- 01:22** **21** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons
de laranja com o símbolo da religião
no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela:
Identificação do representante em
letra branca, maiúscula: [**LAMA
RINCHEN KHYENRAB**]
Abaixo do nome do representante,
em letra branca, minúsculo: [**Abade
do Mosteiro Sakya**]
- 2RB:** Todos os valores
religiosos devem ser
norteados à experiência
de felicidade,
contentamento e
liberdade do ser humano.
A expressão do ser, do
pensar, do falar, do
construir, do criar deve
ser sempre respeitada,
deve ser protegida pela
constituição, sim, mas
também os valores
religiosos devem permitir
que esta expressão seja
construtiva e positiva.

- 01:48** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:57** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
2RB: 2º Representante Budista
N: Narrador
[**negrit** Texto escrito exibido
o]

ANEXO D6 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Islamismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_27.01.10_Liberdade de expressão_Islamismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal	
				Enunciados	
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [STENIO GARCIA] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator]		At:	Liberdade, esse bem que nos permite desfrutar dos outros bens
00:06	2 3 4 5 6 7 8 9 10 11	Mão benzendo com arruda Mulher com trajes de mãe de santo Padre diante de altar católico Mão segurando terço Imagens congeladas em preto e branco de manifestação contra a Ditadura Manchete de jornal com o título: [Intimidação à imprensa argentina] Manchete de jornal com o título: [Kirchner promove lei para garantir 'liberdade de expressão'] recortada e posta sobre pessoas em praça Manchete de jornal com o título: [Mais de 100.000 pessoas se manifestam em Roma pela liberdade de expressão] recortada e posta sobre pessoas em praça Máquina de impressão em série funcionando Manchete de jornal com o título: ['Versos Satânicos' é acusado de blasfemar contra o islamismo] (câmera segue título em close-up máximo, em sentido de leitura)		N:	Diferentes religiões, vários olhares. A liberdade de expressão é o tema abordado na série Sagrado. Nas sociedades democráticas nada justifica o cerceamento da liberdade de expressão. No entanto, a religião tem sido adversária das artes profanas

- 12 Manchete de jornal com o título: **[Vaticano condena clonagem de embriões humanos]** e até mesmo da ciência.
- 00:30 13 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Lua e estrela
- 00:33 14 Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[SAMI ARMED ISBELLE]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Representante Islâmico]**
- 2RI: Diz Deus altíssimo no Alcorão: “Oh, humanos, em verdade nós os criamos em macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos para que reconhecessem uns aos outros”. E como se dá esse conhecimento? Através da comunicação e do diálogo. É para que haja diálogo é imprescindível que haja liberdade de expressão. Portanto, o Islã garante a liberdade de expressão para que as pessoas possam expressar seus sentimentos e suas ideias baseados em princípios como educação, o respeito e a justiça.
- 01:00 15 Imagens de jornais sem focalizar as manchetes
- 16 Máquina de impressão em série funcionando
- 17 Charge criticando o então presidente Lula (sobre apagão)
- 18 Máquina de impressão em série funcionando
- 19 Charge (Dia de Finados, túmulo da ética)
- 20 Máquina de impressão em série funcionando
- 21 Charge com a estrela de Davi suja de sangue e com um Cristo palestino em posição de cruz sobre a estrela.
- 22 Máquina de impressão em série funcionando
- 23 Manchete de jornal com o título: **[Jornalista que reproduziu caricaturas de Maomé é condenado na Bielo-Rússia]**
- N: Os meios de comunicação costumam fazer críticas sociais e políticas através do humor do riso, que provoca e questiona. Quando os valores religiosos são alvo dessas críticas o respeito ao sagrado é abalado?

- 24 Manchete de jornal com o título:
[Malásia aprova lei para controlar blogs]
- 25 Manchete de jornal com o título:
[CE: REAÇÕES QUE REJEITAM LIBERDADE DE EXPRESSÃO SÃO INACEITÁVEIS]
- 01:20 26 Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [SAMI ARMED ISBELLE]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Representante Islâmico]
- 2RI: Diz Deus Altíssimo no Alcorão: “Não há imposição quanto à religião”. Portanto é obrigatório ao muçumano respeitar a crença do seu semelhante. No que tange à liberdade de expressão, o muçumano deve exercê-la de forma respeitosa e educada a fim de não denegrir ou desmerecer a crença de quem quer que seja. Pois quando se ultrapassa esses limites acaba se ofendendo a outra parte, o que não é inerente à própria liberdade de expressão.
- 01:45 27 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:53 28 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

2RI: 2º Representante Islâmico

N: Narrador

[negrit o] Texto escrito exibido

ANEXO D7 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Liberdade de expressão (Catolicismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_28.01.10_Liberdade de expressão_Catolicismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
		Enunciados	
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [TONY RAMOS] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [provérbio hindu]	At: Pode-se cortar todas as flores, mas não se pode impedir o retorno da primavera
00:08	2	Manchete de jornal com o título: [Kirchner promove lei para garantir 'liberdade de expressão']	N: Liberdade de expressão é o tema da série Sagrado
	3	Manchete de jornal com o título: [Liberdade de imprensa em questão]	
	4	Mão acendendo velas	sob o prisma de diferentes doutrinas religiosas
	5	Foco nas mãos cruzadas de duas pessoas	
	6	Mãos cruzadas sobre uma mesa segurando uma corrente (terço ou guia)	
	7	Homem de joelhos	
	8	Mãos abrindo uma bíblia	
	9	Roda de pessoas dançando (Ritual de matriz africana)	
	10	Pessoa lendo a Torá	
	11	Reunião no Congresso Nacional	A democracia garante
	12	Esplanada do Planalto	por lei a livre
	13	Pessoa assistindo a cenas antigas de outras pessoas dançando (a câmera está no ângulo dessa pessoa)	manifestação artística
	14	Charge (Dia de Finados, túmulo da ética)	

- 15 Manchete de jornal com o título:
[**Alegoria de Escola de samba cria polêmica em Igreja**]
- 00:28 16 Fachada de uma igreja católica
17 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Cruz
- 00:31 18 Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [**MARIA CLARA BINGEMER**]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [**Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas/PUC-RJ**]
- 01:04 19 Peça teatral
20 Mãos desenhando
21 Pintura de Cristo levando a cruz
22 Grafite
23 Poemas nas colunas de viadutos do Rio de Janeiro
24 Desenhos de mãos escrevendo
25 Pintura de homem lendo com lupa
26 Pinturas e esculturas no teto de igreja
27 Manchete de jornal com o título:
[**Igreja critica novo livro de Saramago**]
- Em certos casos as religiões têm dificuldade em conviver com a liberdade de expressão?
- 2RC: Em muitos casos isso foi verdade ao longo da história, inclusive por parte da igreja católica, à qual eu pertença. Houve um índice onde muitos livros foram proibidos para os católicos. Houve filmes, peças de teatro que foram listados como proibidos para os católicos. Hoje em dia, isso praticamente acabou. A liberdade de expressão é um fato. Por outro lado, não se pode esquecer também que muitas vezes a igreja foi silenciada por órgãos políticos. Aqui mesmo, no Brasil, nós vimos isso. Dom Helder Câmara, não podia ser noticiado nada sobre ele, nem seu nome pronunciado.
- N: Através da expressão artística podemos manifestar desejos e aspirações individuais e sociais.
- Ainda que comum a todas as épocas, o encontro da arte e a religião pode gerar conflitos.

- 28 Texto (de jornal?) com o título: **[Filme "Paixão de Cristo" tem problemas com a censura]** (câmera segue o título como se estivesse lendo)
- 29 Homem carregando uma cruz
- 30 Abertura de série da emissora: **[O Pagador de Promessas]**
- 01:26 31 Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[MARIA CLARA BINGEMER]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas/PUC-RJ]**
- 2RC: Acho que em algumas épocas históricas ela se deu fortemente, sobretudo, na época medieval quando a igreja... o mundo era teocêntrico e a igreja tinha... exercia uma tutela forte sobre todo comportamento da sociedade. Isso acabou com a modernidade. A autonomia do pensamento humano, do conhecimento e da expressão artística se afirmou e hoje nós vivemos essa conquista que a modernidade nos trouxe, que é altamente positiva.
- 01:50 32 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:58 33 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
2RC: 2º Representante Católica
N: Narrador
[**negrit**o] Texto escrito exibido

ANEXO E1 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Catolicismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_03.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Catolicismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual		Dimensão verbal	
				Enunciadões	
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [TONY RAMOS] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Khalil Gibran]		At:	Ternura e bondade não sinalizam fraqueza, mas força e disposição.
00:07	2	Multidão caminhando na rua		N:	Esta semana a série Sagrado
	3	Praça com bandeiras e pessoas caminhando			examina que papel que foi reservado às mulheres
	4	close-up em pés femininos que caminham com sandália de salto alto e fino			
	5	Manchete de jornal com o título: [Homens assumem cada vez mais papel da mulher no lar, diz especialista] , ao fundo família (pai, mãe e filho) passeando de triciclo numa praça			na família
	6	Manchete de jornal com o título: [Nas últimas décadas, a mulher brasileira conquistou seu espaço] , ao fundo professora lecionando a crianças em uma sala de aula			e na sociedade.
	7	Close-up em cintura de mulher caminhando entre pessoas (a mulher veste blusa básica branca e calça social creme e segura uma bolsa também creme)			A presença feminina no mercado de trabalho cresceu muito nas últimas décadas.
	8	Mulheres caminhando (roupa social) a direção da câmera é de baixo para cima, ao fundo distante um prédio			

- 9 Mulheres em ambiente de escritório (uma vestida de vermelho caminha em direção à outra que está sentada atendendo - secretária)
- 10 Mulher olhando por microscópio (pesquisadora) Apesar disso, ainda lutam por respeito,
- 11 Manchete de jornal com o título: **[Dia 8 de março, o símbolo da luta das mulheres há quase um século]**
- 12 Manchete de jornal com o título: **[Parlamento do Irã aprova primeira mulher como ministra - Marzieh Dastjerdi é política conservadora e ocupará a pasta da Saúde]** reconhecimento
- 13 Mulher trabalhando em fábrica e igualdade salariais com homens
- 14 Altar de templo católico
- 15 Freiras sentadas no banco da igreja, assistindo à missa Mesmo na religião, ainda não ocupam papel inferior?
- 16 Padre levantando a hóstia e mulher levantando o cálice de vinho
- 00:31 17 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: cruz
- 18 Close-up médio no representante 1RC: Na religião, a mulher tem um papel fundamental. É ela que transmite os valores de vida, de convivência, de dignidade para as pessoas humanas, sobretudo para as novas gerações. Que seria de nossas comunidades sem a presença feminina?
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[PADRE ANTONIO MANZATTO]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Arquidiocese de São Paulo]**
- 00:51 19 Mulheres sentadas enfileiradas Ela que é o esteio que faz com que essas comunidades vivam, sobrevivam, encontrem seus caminhos
- 20 Mulher falando ao público religioso (câmera focaliza o público do ângulo da mulher que aparece no canto da tela)

01:01	Close-up em mulher distribuindo hóstia à multidão (câmera focaliza a multidão do ângulo da mulher que aparece no canto da tela) Close-up médio no representante	e afirmem seus valores.	
21	Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	O fato de não ter relação com o ministério não significa que ela não tenha importância, poder e influência na organização da vida religiosa.	
01:09	22	Mulher apertando parafuso (trabalho em montadora)	N: Ao ocupar novos espaços na sociedade
23	Mulher com toca e máscara manipulando produtos		
24	Página de revista com reportagem de título: [MULHER PARA TODA OBRA: ao colocar a mão na massa elas rompem a última barreira que as separava dos homens no mercado de trabalho]	a mulher passa também a atuar	
25	Manchete de jornal com o título: [Em quatro décadas, família brasileira encolheu e já é chefiada por mulher]	como agente transformadora da realidade.	
26	Missa		
27	Close-up em velas queimando	Mas por que nas hierarquias religiosas ainda ocupam um lugar subalterno?	
28	Mesquita vista de dentro do templo		
01:22	29	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [PADRE ANTONIO MANZATTO] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Arquidiocese de São Paulo]	1RC: Na religião católica as mulheres não fazem parte da hierarquia enquanto ministras ordenadas da estrutura eclesial. No entanto, elas estão presentes nas comunidades, elas são atuantes nos diversos serviços e ministérios da vida, da comunidade. Elas estão presentes nos conselhos, elas estão presentes nas assessorias, elas estão presentes no mundo da teologia, no mundo do pensamento, das coisas da fé e da organização religiosa.

- 01:46 30** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:55 31** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RC: 1º Representante Católico

N: Narrador

[**negrit**o] Texto escrito exibido

ANEXO E2 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Protestantismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_04.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Protestantismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal	Enunciação
00:01	1	Close-up no ator Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja. Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [OSCAR MAGRINI] Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator] Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Léon Tolstói]		At: Não alcançamos a liberdade buscando a liberdade, mas sim a verdade. A liberdade não é um fim, mas sim uma consequência.
00:09	2	Mulher correndo na praia		N: Esta semana a série Sagrado examina o papel das mulheres em diferentes pontos de vista. Graças ao reposicionamento feminino nos vários setores da sociedade,
	3	Mulher vendendo carro		
	4	Mulher amamentando (Close-up no seio e no bebê)		
	5	Hilary Clinton acenando ao público		
	6	Mulheres trabalhando com telefonia (<i>call center</i>)		
	7	Mulher analisando papéis		
	8	Close-up em mulher falando em rádio transmissor		
	9	Mulher colocando piso, ela está com lenço estampado com a bandeira norte-americana na cabeça		
	10	Mulher analisando pintura em quadro		
	11	Mulheres caminhando com sacolas no shopping		
	12	Mulher trabalhando em mesa de escritório (a câmera a vê de costas)		
00:25	13	Manchete de jornal com o título: [Parlamento do Irã aprova primeira mulher como ministra - Marzieh Dastjerdi é política conservadora e ocupará a pasta da Saúde]		

- 14 Manchete de jornal com o título: **[mulheres da classe C impulsionam vendas de produtos práticos, diz estudo: entre 2002 e 2009, gastos da classe C com alimentos semiprontos cresceram 15%]** e classes sociais.
- 15 Mulher preparando frutas na pia da cozinha Mas algumas atividades sempre estiveram associadas à figura da mulher,
- 16 Mulher fazendo criança dormir
- 17 Mulher fazendo compras de mercado
- 18 Close-up em mão feminina manuseando câmbio de trator enquanto outras são naturalmente destinadas aos homens.
- 19 Mulher ensinando um homem a operar trator
- 20 Homens e mulheres trabalhando em mesas de escritório (câmera em movimento) Até que ponto há diferenças essenciais entre homens e mulheres?
- 00:42 21 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Bíblia com uma cruz na capa
- 00:47 22 Close-up médio no representante **1RE** Todos são **V:** absolutamente iguais diante de Deus. No entanto, repito que por causa do pecado foi inventada essa diferença, essa hierarquia que não existe no projeto de Deus, segundo aprendemos na Bíblia, são iguais e complementares
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[PASTOR ISRAEL BELO DE AZEVEDO]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Igreja Batista de Itacuruçá]**
- 01:06 23 Mulher trabalhando em linha de montagem **N:** Por imposição do ritmo de vida contemporâneo
- 24 Mulher com toca e máscara cirúrgicas
- 25 Mulheres caminhando em meio à multidão (uma delas empurra um carrinho de bebê) ou mesmo por opção, muitas mulheres renunciam a maternidade, evento natural de suas trajetórias.
- 26 Mulher trabalhando na construção civil Mas
- 27 Mulheres caminhando de biquíni no calçadão

- 28 Mulher amamentando bebê recém-nascido em hospital
- 29 Mulheres que parecem estar conversando sobre o bebê que uma delas segura
- 30 Close-up em mão de bebê recebendo carinho de mão feminina
- 01:22 31 Close-up médio no representante
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[PASTOR ISRAEL BELO DE AZEVEDO]**
- 01:49 32 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:57 33 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.
- 1RE A mulher pode escolher os dois caminhos. Evidentemente que num tempo ou no outro um vai ter prioridade sobre o outro, mas sem esquecer as duas perspectivas. Nós, como sociedade, precisamos de mulheres que exerçam seu papel, se escolheram ser mães, com aquela grandeza, aquele desprendimento para que então tenham filhos felizes, logo uma sociedade cada vez mais feliz.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1REV: 1º Representante Evangélico

N: Narrador

[**negrito** Texto escrito exibido
o]

ANEXO E3 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Espiritismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_05.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Espiritismo_2'01"

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [CARLOS VEREZA]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Edgar Alan Poe]</p>	<p>Enunciadoras</p> <p>At: O corpo existe tão somente para que o espírito se manifeste</p>
00:06	2 3	<p>Mulheres passeando com criança</p> <p>Mulher (médica) medindo pressão de paciente (close-up nas mãos da médica)</p>	<p>N: Esta semana a série Sagrado coloca a mulher em foco.</p>
00:11	4 5 6 7 8 9 10 11 12	<p>Close-up máximo em olhos (de mulher) com muita maquiagem</p> <p>Manchete de jornal com o título: [Toma posse a primeira mulher a presidir o TJ-BA]</p> <p>Manchete de jornal com o título: [Britânica se torna primeira mulher a dar volta ao mundo duas vezes]</p> <p>Manchete de jornal com o título: [Unesco elge a candidata búlgara como diretora-geral]</p> <p>Mulher pilotando helicóptero</p> <p>Imagens de show da Madona</p> <p>Mulheres caminhando na multidão</p> <p>Mulher dando entrevista coletiva</p> <p>Manchete com o título: [Merkel, a 'menina da ex-RDA' se tornou a mulher mais poderosa do mundo], ao fundo imagem de Merkel falando</p>	<p>Mulheres contemporâneas vivem a possibilidade de colocar em prática ideologias e aspirações</p> <p>que até há pouco tempo seriam condenadas pela sociedade.</p> <p>Vivemos num tempo de mulheres à frente de países, estados.</p>

- 13 Manchete com o título: **[Mulheres no poder ao redor do mundo]** ao fundo mulher com trajes africanos caminhando em cerimônia solene seguida de Hilary Clinton discursando
- 00:30 14 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Bíblia com uma cruz na capa
- 00:33 15 Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[CESAR PERRI]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Diretor da Federação Espírita Brasileira]**
- 01:06 16 Close-up em bebê sendo alimentado por mãos femininas que seguram uma mamadeira
- 17 Menina brincando de balanço
- 18 Mulheres jogando futebol profissional
- 19 Manifestação feminina (imagem em preto e branco)
- 20 Bebês em incubadoras
- 21 Mulher orando sobre um homem
- 22 Reunião espírita
- mas elas têm esse papel de destaque na religião?
- 1RE:** A mulher tem tido um papel cada vez mais destacado na área política, da educação e das artes. Para nós espíritas, homens e mulheres somos espíritos encarnados, portanto temos direitos iguais, às vezes, assunções são diferentes. E nós não poderíamos também deixar de destacar que a “Meli Godê”, a esposa do codificador, do iniciador do espiritismo Allan Kardec foi a sua continuadora na administração e na divulgação das ideias espíritas.
- N:** Mulheres nascidas hoje já vivem sob a regência dos direitos conquistados por gerações passadas,
- mas nem todas elas. Como as religiões podem colaborar para garantir que esses direitos sejam exercidos?

- 01:22** **23** Close-up médio no representante
- 24** Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[CESAR PERRI]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Diretor da Federação Espírita Brasileira]**
- 01:48** **25** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:58** **26** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.
- 1RE:** Para nós espíritas, a mulher é o espírito reencarnado que tem plenos direitos igual ao homem, e nessas condições, inclusive, é que foi desenvolvido o movimento espírita brasileiro, onde temos inúmeros exemplos históricos e atuais da participação efetiva, da liderança, do carinho e da orientação de contribuição da presença feminina dentro de nossa ceara

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
1RE: 1º Representante Espírita
N: Narrador
[negrit o] Texto escrito exibido

ANEXO E4 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Judaísmo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_06.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Judaísmo_2'

Localiz ação em minuto s	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [NATHÁLIA TIMBERG]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Lopes de Veja]</p>	<p>At: Onde há amor não há senhor. O verdadeiro amor só conhece a igualdade</p>
00:07	2 3 4 5 6	<p>Mulheres com véu conversando</p> <p>Mulher com roupas de ritual africano</p> <p>Mulher com roupas indianas</p> <p>Mulher (rabina) lendo a Torá</p> <p>Manchete de jornal com o título: [O Avanço das Mulheres] A câmera se movimenta como se estivesse lendo.</p>	<p>N: Diferentes culturas, perspectivas contrastantes.</p> <p>Esta semana a Série Sagrado examina o papel das mulheres na família e na sociedade.</p>
00:41	18	<p>Close-up médio no representante</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER]</p> <p>Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Congregação Judaica do Brasil]</p>	<p>1RJ: As questões da mulher no nosso mundo hoje não são só questões de igualdade e cidadania, mas são questões de equilíbrio do próprio planeta. Nós estamos saturados de várias características masculinas que tem a ver com dominação, com triunfo, com conquista, e que estão inviabilizando o nosso próprio planeta</p>

- | | |
|--|---|
| <p>01:02 19 Merkel reunida com políticos</p> <p>20 Ministra acenando ao povo</p> <p>21 Mulher com trajes africanos caminhando</p> <p>22 Duas mulheres analisam documento</p> <p>23 Mulheres caminhando em na multidão (uma delas empurra carrinho de bebê)</p> <p>01:18 24 Close-up médio no representante</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [RABINO NILTON BONDER]</p> <p>Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Congregação Judaica do Brasil]</p> <p>01:28 25 Rabina discursando</p> <p>26 Rabina lendo a Torá</p> <p>27 Rabina discursando</p> <p>01:35 28 Close-up médio no representante</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito</p> <p>01:48 29 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa</p> <p>01:57 30 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.</p> | <p>N: Ao conquistar maior espaço na estrutura de poder, a mulher passa a reivindicar igualdade de direitos. Por que esta expectativa de igualdade não se reproduz também no contexto religioso?</p> <p>1RJ: Bastante importante e relevante a presença da mulher hoje na vida religiosa, espiritual do século XXI, trazendo aí conquistas importantes.</p> <p>Hoje na tradição judaica nós temos mulheres rabinas. Tantos espaços foram ganhos. Talvez a questão de maior sensibilidade seja, verdadeiramente, encontrar algo que manifeste a espiritualidade da mulher, do feminino, não simplesmente copiando, às vezes, modelos que foram construídos por homens, por séculos, às vezes até mesmo milênios.</p> |
|--|---|

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RJ: 1º Representante do judaísmo

N: Narrador

[negrit Texto escrito exibido

ANEXO E5 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Religiões afro-brasileiras)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_09.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Religiões afro-brasileiras_2'

Localiz ação em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [JULIANA PAES]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Friedrich Schiller]</p>	<p>At: Na terra há lugar para todos.</p>
00:03	2	Close-up em rosto de mulher negra com véu	<p>N: Diferentes sociedades, múltiplos pontos de vista. Esta semana a série Sagrado</p>
	3	Close-up em rosto de mulher asiática com trajes de cerimônia	
	4	Close-up em homem ajoelhando-se em templo religioso	
	5	Grupo de pessoas com trajes de ritual africano	
	6	Manchete de jornal com o título: [Em quatro décadas, família brasileira encolheu e já é chefiada por mulher]	examina o papel das mulheres
	7	Manchete de jornal com o título: [Homens assumem cada vez mais papel da mulher no lar, diz especialista]	na família
	8	Manchete de jornal com o título: [Brasil tem menos mulheres no poder que média mundial]	e na sociedade.
	9	Close-up em mulher operando máquina (trator)	A emancipação e independência conquistadas pela mulher
	10	Mulher dançando em festa à noite ao ar livre	

- | | | | |
|-------|----|--|---|
| | 11 | Close-up em mulher de biquíni caminhando na praia (a câmera focaliza no bumbum e abre o foco para a cintura e então para o corpo) | nas últimas décadas |
| | 12 | Mulher trabalhando na construção civil (engenheira) | mudaram as relações sociais no âmbito profissional e na dinâmica familiar. |
| | 13 | Mulher segurando bebê | Além de principais responsáveis pela educação dos filhos, muitas vezes, |
| | 14 | Mulher e criança passeando de bicicleta | elas assumem agora o papel de provedora do lar. |
| | 15 | Mulher trabalhando com rádio (controladora de voo?) | |
| | 16 | Mulher trabalhando em padaria | |
| | 17 | Mulher trabalhando em mesa de escritório | |
| 00:32 | 18 | Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado , em letra de mesmo tom e símbolo da religião: CONSULTAR NOME
Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [MAKOTA VALDINA]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Terreiro Tanuri Junsara] | 1RA B: O grande desafio pra mulher de hoje é ela manter, né, manter-se feminina nesses espaços que ela ocupa e que eram espaços antes somente masculinos. Ela tem que ir pra esses espaços, mas não se masculinizando. Ela tem que ir pra esses espaços como mulher. |
| 01:03 | 19 | Mulher trabalhando em mesa de escritório | N: Mulheres empresárias, |
| | 20 | Mulher com trajes africanos fazendo juramento em cerimônia solene | políticas, |
| | 21 | Mulher trabalhando como oleira | artistas, |
| | 22 | Mulher estudando | acadêmicas, |
| | 23 | Close-up em duas mulheres analisando papeis | socialmente atuantes |
| | 24 | Grupo de mulher pintando faixas de protesto | e participativas. |

- 25 Close-up em três mulheres conversando
- 26 Mulher e homem bebendo cerveja em bar
- 27 Close-up em mulheres andando em meio à multidão
- 01:17 28 Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[MAKOTA VALDINA]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Terreiro Tanuri Junsara]**
- 01:50 29 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 30 Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.
- 1RA O papel da mulher antes de tudo e antes de mais nada: de mãe, de acolhedora, daquela que gera, gera não somente um filho, pare não somente um filho, mas ela gera jeitos, ela gera ideias, ela pare, né, formas de se viver em comunidade. Isso é a mulher na visão da gente de candomblé.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

At: Ator ou Atriz

1RAB: 1º Representante de Religiões Afro-brasileiras

N: Narrador

[**negrito** Texto escrito exibido
o]

ANEXO E6 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Budismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_10.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Budismo_2'

Localização em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [CHRISTIANE TORLONI]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [atriz]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Platão]</p>	<p>Enunciados</p> <p>At: O amor é a causa do movimento do universo</p>
00:03	2	Pessoas andando em rua movimentada	<p>N: Esta semana a série Sagrado examina</p>
	3	Close-up em mulheres caminhando em meio à multidão	
	4	Mulher na janela	
	5	Família (mãe, pai, filhos) almoçando juntos em casa	<p>o papel das mulheres na família e na sociedade.</p>
	6	Mulher com máscara cirúrgica manipulando elementos	
	7	Manchete de jornal com o título: [Dia 8 de março, o símbolo da luta das mulheres há quase um século]	<p>Em muitas culturas</p>
	8	Close-up em mulheres asiáticas caminhando em meio à multidão	<p>mulheres contemporâneas ainda vivem sob a condição de dependentes da figura masculina,</p>
	9	Close-up em mulheres indianas servindo em cerimônia	<p>estigmatizadas pelo conceito de</p>
	10	Manchete de jornal com o título: [A voz da mulher: um dia de protestos, homenagens e comemorações pelo Brasil. Nas manifestações do Dia internacional da Mulher, um pedido unânime: não à violência]	

	11	Manchete de jornal com o título: [Sexo frágil? Que nada! Nas últimas décadas, a mulher brasileira conquistou seu espaço]	sexo frágil.
	12	Close-up em mulheres caminhando em meio à multidão	Mas as transformações sociais apontam para homens e mulheres unindo-se por objetivos em comum,
	13	Pai e mãe ajudando filho a estudar em casa	
	14	Imagem de um parto (sala com médicos)	livres para assumirem admiração, confiança e respeito mútuos.
	15	Mulher dando ordem em empresa	
	16	Close-up em homem e mulher se beijando	
00:34	17	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [LAMA PADIMA SAMTEN] Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Centro de Estudos Budistas Bodisatva]	1RB: O próprio Buda, ele teve o desafio da figura feminina que ele teve de ultrapassar para encontrar a própria iluminação. As mulheres, por sua vez, elas encontram nos homens mestres que estimulam e desafiam o seu próprio comportamento feminino.
00:57	18	Close-up de casal (homem e mulher) fazendo compras	Quando nós temos as relações entre homens e mulheres, nós vamos encontrar não só
	19	Close-up de casal (homem e mulher) dançando	
	20	Close-up de casal andando no shopping	
	21	Close-up em mãos dadas de homem e mulher	
01:04	22	Close-up médio no representante Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito	o apoio que um pode dar ao outro, mas também o desafio que um representa ao outro. Quando esse desafio se oferece, nós encontramos a oportunidade de aprofundar a compreensão espiritual da realidade. E Isso é maravilhoso. Isso é único.
01:19	23	Multidão caminhando	N: Homens e mulheres. O velho antagonismo
	24	Mulher com luvas de boxe soqueando um boneco masculino	

- | | | | |
|-------|----|---|--|
| | 25 | Homem cumprimentando mulher na feira | parece hoje estar começando a ser dissolvido. |
| | 26 | Família (homem, mulher e filho) comendo juntos | |
| | 27 | Mulher com trajes budistas tocando tambor | Mas espiritualmente existe essa igualdade? |
| | 28 | Mulheres lendo em cerimônia budista | |
| | 29 | Homens lendo em cerimônia budista | |
| 01:31 | 30 | Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [LAMA PADMA SAMTEN]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Centro de Estudos Budistas Bodisatva] | 1RB: Nos ensinamentos budistas não há diferença entre homens e mulheres. Qualquer um deles pode atingir iluminação, pode se tornar mestre. Pode dar ensinamento e auxiliar outras pessoas. Nos tempos em que nós estamos vivendo hoje, as mulheres têm assumido um papel preponderante. |
| 01:48 | 31 | Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa | |
| 01:57 | 32 | Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura. | |

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
 1RB: 1º Representante Budista
 N: Narrador
[negrito] Texto escrito exibido
o]

ANEXO E7 - Transcrição dos episódios que compõem os dados de análise: Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo (Islamismo)

O Sagrado (Rede Globo-Brasil)_11.11.09_Lugar e papel social da mulher no mundo contemporâneo_Islamismo_2'

Localiz ação em minutos	Cenas	Dimensão visual	Dimensão verbal
00:01	1	<p>Close-up no ator</p> <p>Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja.</p> <p>Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do ator pelo nome em letra branca, maiúscula: [STENIO GARCIA]</p> <p>Abaixo do nome do ator em letra branca, minúsculo: [ator]</p> <p>Canto inferior direito da tela: identificação do autor da citação proferida pelo ator em letra branca, minúsculo e itálico: [Epicuro]</p>	<p>Enunciadora</p> <p>At: Não podemos ser felizes se não formos justos, sensatos e bons e não podemos ser justos, sensatos e bons se não formos felizes</p>
	2	Multidão caminhando	<p>N: Esta semana a série Sagrado examina o papel social das mulheres sob diferentes olhares.</p>
	3	Mulher pegando água de rio	
	4	Mulher escolhendo fruta	
	5	<p>Foto de reportagem de revista com o título: [MULHER PARA TODA OBRA: ao colocar a mão na massa. Elas rompem a última barreira que as separava dos homens no mercado...] (foto de mulher vestida com equipamentos de proteção individual)</p>	
	6	<p>Manchete de jornal com o título: [Em quatro décadas, família brasileira encolheu e já é chefiada por mulher]</p>	
	7	Mulher escolhendo livro em biblioteca	<p>Mais acesso à educação,</p>
	8	Close-up em mulher assistindo aula	<p>aumento do nível de escolaridade.</p>
	9	Mulher trabalhando em mesa de escritório	<p>Mulheres de todo o mundo têm hoje mais oportunidades de mudar a sua história.</p>
	10	Close-up em mulher em meio a diversas pessoas em bancada com microfones e fones	
	11	Multidão caminhando	

- 12 Mulher com véu votando
- 13 Manchete de jornal com o título:
[Benazir foi a primeira mulher a governar um país muçulmano: o pai de Benazir foi deposto em um golpe de Estado e enforcado em 1979. Ela havia retornado ao país em outubro deste ano, após ficar exilada por quase nove anos]
- 14 Homens muçulmanos caminhando
- 15 Homem muçulmano orando
- 16 Homem muçulmano palestrando
- 00:33 17 Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: **Sagrado**, em letra de mesmo tom e símbolo da religião: Lua e estrela
- 18 Close-up médio no representante
- Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: [XEIQUE ARMANDO HUSSEIN SALEH]
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: [Mesquita Brasil]
- 19 Close-up em rosto de mulher falando ao celular e caminhando apressadamente
- 20 Mulher utilizando um computador
- 21 Mulher com máscara cirúrgica manipulando elementos
- 22 Mulher estudando
- 23 Homem, líder islâmico, discursando
- 24 Duas mulheres com trajes islâmicos se curvando
- Mas a religião, em alguns casos, não tem sido um obstáculo à igualdade?
- 1RI: Desde o ressurgimento do Islã, a mulher teve seus direitos preservados dentro da religiosidade. Tanto que o quarto capítulo do Alcorão Sagrado deu à mulher todos os direitos da qual ela necessita para viver este mundo social em que vivemos. Temos o exemplo de Cadija, a primeira esposa do profeta, era uma senhora, uma chefe de família, e era uma comerciante da qual tinha suas caravanas que comercializavam vários tipos de produtos no mercado.
- N: Num mundo em que mulheres estão cada vez mais capacitadas intelectualmente,
- a profissão de fé está pronta para a liderança feminina?

- 01:23 25** Close-up médio no representante
Fundo da imagem: mosaico em tons de laranja com o símbolo da religião no canto direito
Canto inferior esquerdo da tela: Identificação do representante em letra branca, maiúscula: **[XEIQUÉ ARMANDO HUSSEIN SALEH]**
Abaixo do nome do representante, em letra branca, minúsculo: **[Mesquita Brasil]**
- 1RI:** As mulheres muçulmanas também conquistaram seu espaço na área profissional e no trabalho de mercado. Também são executivas, governantes, conquistaram cargos públicos, também são donas de casa. Mas a sua sensualidade foi reservada para seus maridos e não aos olhares alheios, portanto o véu é sinônimo de proteção das mulheres.
- 01:47 26** Entrada de uma tela toda em mosaico tom laranja com a palavra: Sagrado, em letra de mesmo tom e símbolo do programa
- 01:56 27** Em fundo branco estão a marca da Fundação Roberto Marinho; Rede Globo e Canal Futura.

LEGENDA DA TRANSCRIÇÃO

- At: Ator ou Atriz
1RI: 1º Representante Islâmico
N: Narrador
[negrito] Texto escrito exibido
o]